

CÍRCULO



MATS STRANDBERG
SARA BERGMARK ELFGREN

intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



CÍRCULO



MATS STRANDBERG
SARA BERGMARK ELFGREN

TRADUÇÃO DE ÉRICO ASSIS



Copyright © Sara B. Elfgren e Mats Strandberg, 2011.

Publicado mediante acordo com Grand Agency

TÍTULO ORIGINAL

CirkeIn

CAPA

Pär Ählander

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Kim W. Andersson

MAPA

Karl Johnsson

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

REVISÃO

Carolina Ramalho

Guilherme Semionato

Marcela de Oliveira

Sheila Louzada

REVISÃO DE EPUB

Vanessa Goldmacher

GERAÇÃO DE EPUB

Simplíssimo Livros

E-ISBN

978-85-8057-430-2

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

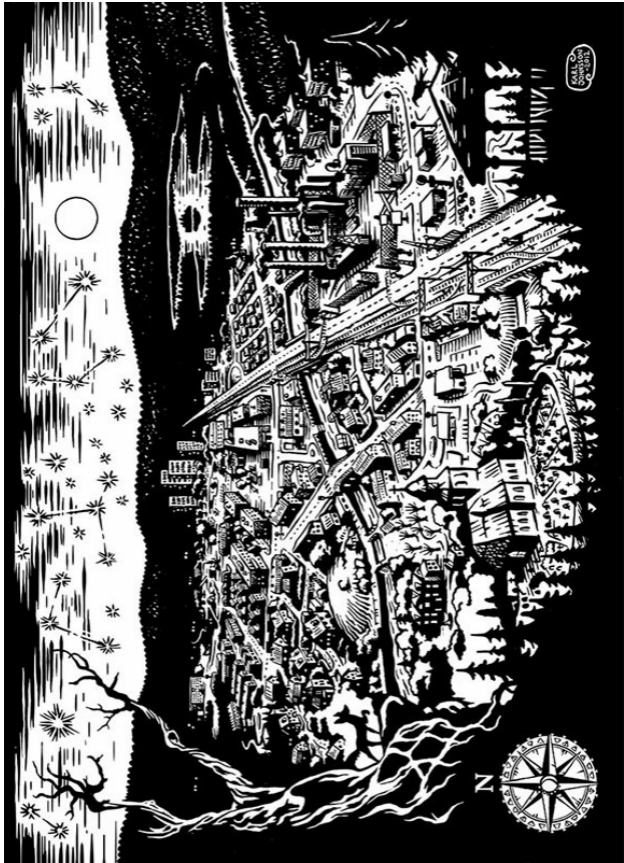
22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400



Este livro é dedicado aos nossos eus adolescentes.



KAL
COMPTON
CITY



Ela está aguardando a resposta, mas Elias não sabe o que dizer. Nenhuma resposta vai agradá-la. Ele fica olhando para as próprias mãos. À luz inclemente das lâmpadas fluorescentes, elas ficam tão pálidas que ele enxerga cada veia.

— Elias?

Como ela aguenta trabalhar nesta salinha patética, só com pastas, plantinhas e esta vista para o estacionamento do colégio? Como que ela se aguenta?

— Poderia me explicar o que se passa na sua cabeça? — repete ela.

Elias ergue a cabeça e olha para a diretora. É claro que ela se aguenta. Pessoas como ela não têm dificuldade para se encaixar no mundo. Sempre se comportam normal e previsivelmente. Acima de tudo, estão convencidas de que têm a solução para qualquer problema. Solução número um: adequar-se e seguir as regras. No cargo de diretora, Adriana Lopez é a rainha de um mundo que segue essa filosofia.

— Estou bastante preocupada com sua situação — diz ela. Mas Elias percebe que, na verdade, ela está irritada. Afinal, ele nunca se resolve. — Mal se passaram três semanas e você já perdeu metade das aulas. Estou tocando neste assunto agora porque não gostaria de vê-lo perder o semestre inteiro.

Elias pensa em Linnéa. Isso geralmente ajuda, mas no momento ele só consegue lembrar que eles passaram a noite anterior gritando um com o outro. Pensar nas lágrimas dela é doloroso. Ele não conseguiu fazê-la parar de chorar, e ele era a causa. É provável que ela esteja com ódio dele agora.

É Linnéa quem o mantém afastado das sombras. É ela quem o impede de usar outras rotas de fuga, aquela lâmina que o ajuda a controlar a angústia por um breve instante, o baseado que o faz esquecer. Mas ontem ele não conseguia se controlar, e é óbvio que Linnéa percebeu. É provável que ela esteja com ódio dele agora.

— O décimo ano era diferente — prossegue a rainha. — Você ganha mais liberdade, mas isso traz responsabilidades. Ninguém vai levá-lo pela mão. O que você vai fazer pelo resto da vida depende de si mesmo. É agora que tudo se decide. Todo o seu futuro. Quer mesmo jogar seu futuro fora?

Elias quase morre de rir. Ela acredita mesmo nessa ladainha? Para a diretora, ele não é uma pessoa, é só mais um aluno que “perdeu o rumo”. É impossível ele ter problemas que não dê para justificar só com “puberdade” e “hormônios” nem para resolver com “regras firmes” e “limites bem definidos”.

— Tem o Exame de Admissão Universitária, não tem? — deixa escapulir ele.

A boca da diretora vira uma linha.

— Até o Exame de Admissão Universitária requer bons hábitos de estudo.

Elias solta um suspiro. A conversa está demorando mais do que deveria.

— Eu sei — diz ele, desviando o olhar. — Eu não quero estragar tudo, de verdade. Queria que este ano fosse um novo começo para mim, só que está mais difícil do que eu pensava... e eu já estou bem atrasado em relação a todo mundo. Mas vou resolver isso.

A diretora parece surpresa. Um sorriso abre-se em seu rosto, o primeiro sorriso natural de toda a conversa. Elias disse exatamente o que ela queria ouvir.

— Que bom. Você vai ver que as coisas vão andar melhor assim que começar a se dedicar.

Ela se inclina para a frente e puxa da camisa preta de Elias um fio de cabelo, com que seus dedos ficam brincando. O fio, reluzindo ao sol que atravessa as janelas, é um pouco mais claro na raiz, onde a cor natural já tem um centímetro. Adriana Lopez observa, fascinada, e Elias tem a louca sensação de que ela vai enfiar o cabelo na boca e comer.

Ela percebe que ele não tira os olhos dela, e larga o cabelo na lixeira.

— Desculpe. Sou um pouco detalhista.

Elias sorri sem dizer nada. Não sabe ao certo como reagir.

— Bem, acho que por hoje é só — diz a diretora.

Elias levanta-se e vai embora. A porta não fecha por completo quando ele passa. Ele se vira e vê de relance a diretora na sala.

Ela está curvada sobre a lixeira, pescando alguma coisa com os dedos longos e finos. Depois põe a coisa em um envelope e o fecha.

Elias continua ali parado, sem entender o que acabou de testemunhar. Depois dos últimos dias, não confia mais nos próprios sentidos. Não fosse uma ideia pirada, diria que ela guardou no envelope justamente o fio de cabelo que tinha tirado da camisa dele.

A diretora ergue o olhar. Seu semblante fica duro. Mas ela então abre um sorriso artificial.

— Algo mais? — pergunta ela.

— Não — sussurra Elias, e bate a porta.

Quando ouve o barulho da porta batendo atrás de si, ele sente um alívio fora do comum, como se tivesse sorte de ter escapado com vida.



O colégio está deserto. Meia hora atrás, quando ele estava na sala da diretora, havia alunos por todo lado. Esse vazio parece anormal.

Elias liga para Linnéa enquanto suas botas descem pesadamente a escada em espiral. Ela atende assim que ele chega ao pé da escada e abre a porta para o corredor do térreo.

— Alô.

— Sou eu — diz ele.

O nervosismo chega a doer.

— Eu sei — responde ela, como sempre.

Elias relaxa um pouquinho.

— Estou me sentido mal pra cacete por ontem — diz ele depressa. — Desculpe.

Ele queria ter dito isso de manhã, assim que a viu, mas não teve oportunidade. Linnéa passou o dia distante. E sumiu antes da última aula.

— Sei — é só o que ela responde.

A voz dela não soa irritada. Nem mesmo triste. Está vazia, conformada, como se ela houvesse *desistido*. E isso deixa Elias mais assustado do que qualquer outra coisa.

— Não, é que... eu juro que não recaí. Não vou fazer de novo. Foi só um baseado.

— Você disse isso ontem.

— Acho que você não acreditou.

Elias segue a fileira de armários, passa por um grupo de bancos de madeira aparafusados ao chão, vazios, passa pelo quadro de avisos, e Linnéa ainda não respondeu. De repente ele nota outro som. Passos que não os seus.

Ele se vira. Não há ninguém.

— Você prometeu que ia parar — diz a voz de Linnéa.

— Eu sei. Desculpe. Eu decepcionei você...

— Não — interrompe-o Linnéa. — É você que se decepciona! Você não tem que fazer isso por *mim*. Aí você nunca...

— Eu sei, eu sei. Eu sei disso tudo.

Elias chega a seu armário, abre-o, enfia alguns livros na mochila preta e bate a porta fina de metal. Ouve os passos de novo, e depois silêncio. Olha para trás. Não há nada. Absolutamente ninguém. Mas ele sente que está sendo observado.

— Por que você fez aquilo?

Ela repetiu a mesma pergunta ontem, várias vezes. Mas ele não disse a verdade. A verdade dava medo. Era muita maluquice. Até para um maluco como ele.

— Já falei. Eu estava pirando — diz ele, tentando não soar irritado, para não estragar tudo de novo.

— Eu sei que tem outra coisa.

Elias hesita e fala baixinho:

— Tudo bem. Eu conto. A gente pode se ver de noite?

— Pode ser.

— Eu saio assim que meus pais forem dormir. Linnéa...

— Fale.

— Você me odeia?

— Odeio quando você faz perguntas imbecis que nem essa.

Ela bufa. Finalmente. Essa é a Linnéa que ele conhece. Elias desliga. Sorri no corredor. Existe esperança. Desde que ela não o odeie, existe esperança. Ele precisa contar para Linnéa. Ela é como uma irmã para ele. Ele não vai ter que passar por tudo sozinho.

E neste instante, as luzes se apagam. Elias fica paralisado. Uma luz fraca passa pelas janelas de uma das pontas do corredor. Uma porta bate ali perto. Então o silêncio volta a imperar.

Ele tenta se convencer de que não há o que temer.

Começa a caminhar rumo à saída. Se obriga a manter um ritmo calmo e constante. Não quer demonstrar o pânico crescente. Contorna a fileira de armários na esquina.

Tem alguém ali.

O zelador. Elias só o viu algumas vezes, mas é impossível esquecer. Os olhos gigantes, azul-gelo. Olhos que fitam Elias como se soubessem todos os seus segredos.

Elias olha para o chão ao passar por ele. E ainda sente os olhos penetrando sua nuca. Aumenta o passo, a náusea subindo até a garganta. É como se o coração estivesse batendo tão forte que ele fosse vomitar.

As coisas têm melhorado nos últimos seis meses. Ele sente que tem algo acontecendo por dentro, que está mudando. A nova psicóloga do Centro de Reabilitação não é imbecil que nem a outra, e parece entendê-lo de verdade. Acima de tudo, ele tem Linnéa. Ela o faz se sentir vivo, o faz querer deixar de lado as habituais trevas que o sufocam.

Por isso que é tão difícil entender por que isso *agora* — agora que ele consegue dormir à noite, agora que consegue até mesmo se sentir feliz.

Há três dias, o espelho mostrou seu rosto se transformando. O rosto se esticou, se contorceu até ficar irreconhecível. Foi quando Elias percebeu que estava perdendo a sanidade. Ouvia vozes, tinha alucinações. Ele se cagou de medo.

Passou três dias segurando-se para não usar as lâminas nem o bagulho do Jonte. Evitou os espelhos. Mas ontem ele se viu em uma vitrine, o rosto tremendo e se derramando como se fosse água.

Foi aí que ele ligou para Jonte.

Você vai pirar.

Um zumbido estranho na cabeça. Elias olha ao redor e nota que voltou e subiu a escada em espiral, voltou ao corredor que leva à sala da diretora. Não sabe por quê. As luzes piscam e se apagam.

A porta para a escadaria tranca-se lentamente depois que ele passa. Logo antes de ela se fechar, ele ouve. É o som de passos leves nas escadas.

Esconda-se.

Elias passa correndo pelo corredor escuro. Depois de cada fileira de armários ele espera que alguém *ou alguma coisa* apareça do nada. Assim que faz uma curva, ouve a porta da escadaria abrir-se ao longe. Os passos estão cada vez mais próximos, lentos mas decididos.

Ele chega aos degraus de pedra que constituem a espinha dorsal do colégio.

Suba as escadas, rápido.

As pernas de Elias obedecem, dois degraus por vez. Ao chegar no último andar, ele continua correndo rumo ao pequeno corredor onde fica aquela porta trancada que leva ao sótão. Não há saída, é um dos lugares esquecidos do colégio. Só tem banheiros que ninguém usa. Ele e Linnéa

costumam se encontrar ali.

Os passos ficam mais próximos.

Esconda-se.

Elias abre a porta do banheiro e entra. Fecha a porta com cuidado e respira tentando fazer menos barulho possível. O único som que ouve é de uma moto acelerando longe dali.

Elias encosta o ouvido na porta.

Não consegue ouvir nada. Mas sabe. Tem alguém ali. Do outro lado.

Elias.

O sussurro agora está mais alto, mas ele tem certeza de que é só em sua cabeça.

Finalmente aconteceu: perdi o controle, pensa, e imediatamente a voz responde: *Sim. Perdeu.*

Ele olha pela janela, enxerga o céu azul-claro. Os azulejos brancos brilham. Está frio. Ele é tomado por uma solidão imensa.

Vire-se.

Elias não quer, mas se vira mesmo assim. É como se não tivesse mais controle sobre o próprio corpo. A voz o controla, como se ele fosse uma marionete de carne e osso.

Ele está diante da fileira de três pias e espelhos. Quando vislumbra o rosto branco, tenta fechar os olhos, mas não consegue.

Quebre o espelho.

O corpo de Elias obedece. Ele segura bem as alças da mochila e a gira no ar.

O barulho do espelho se estilhaçando ecoa pelas paredes de azulejo. Cacos grandes soltam-se e quebram na pia, onde viram pedaços ainda menores com um tilintar.

Alguém deve ter ouvido, pensa Elias. Tomara que alguém tenha ouvido.

Mas ninguém vem. Ele está sozinho com a voz.

O corpo de Elias vai até a pia e pega o caco maior. Ele já sabe o que vai acontecer. Está tonto de tanto medo.

Você está arruinado. Não tem mais jeito.

Ele vai lentamente até as cabines abertas.

Vai acabar. Aí você nunca mais vai precisar ter medo.

A voz agora parece quase reconfortante.

Elias tranca a porta e afunda no assento da privada. Faz força para abrir a boca, tenta desesperadamente gritar. Aperta a mão em torno do caco, e as bordas cortam sua pele.

Nenhuma dor.

E ele não sente dor. Vê o sangue escorrer da mão e pingar no piso cinza, mas não sente nada. Seu corpo está dormente. Restam apenas seus pensamentos. E a voz.

A vida não vai melhorar. É melhor dar cabo dela agora. Poupar-se da dor. Poupar-se das traições. Nunca fica melhor, Elias. A vida é só um esforço degradante. Os mortos é que têm sorte.

Elias não tenta resistir quando o caco de vidro rasga a manga comprida de sua camisa, expondo as cicatrizes na pele.

Mãe, pai, pensa ele. Eles vão superar. Eles têm fé. Eles creem que vamos nos reencontrar no

paraíso.

Amo vocês, pensa ele enquanto o caco afiado começa a rasgar a pele.

Ele espera que Linnéa entenda que não foi uma escolha. Todos os outros vão achar que ele se suicidou, mas não tem problema. Desde que ela não pense assim.

Ele rasga a pele de um jeito diferente das outras vezes. Corta fundo, com determinação.

Já vai terminar, Elias. Só mais um pouco. Ai acaba. Vai ser melhor assim. Você sofreu demais.

O sangue jorra do braço. Ele vê acontecer, mas não sente nada. Manchas negras dançam à sua frente. Dançam e crescem até o mundo inteiro virar breu. O último som que ouve é dos passos no corredor. Quem quer que esteja lá não se dá o trabalho de continuar sendo silencioso. Não há mais motivo para isso.

Elias tenta continuar pensando em Linnéa. Como quando era pequeno e achava que poderia fugir de seus pesadelos se conseguisse se agarrar a um pensamento lúcido até cair no sono.

Me perdoe.

Não sabe se essas palavras vieram dele ou da voz.

É então que a dor começa.

Ao recobrar a consciência, ela está deitada encolhida no mesmo canto em que a deixaram.

A cela é uma escuridão absoluta. Seu corpo inteiro dói.

Ela se senta, puxa as pernas para baixo da camisola e abraça os joelhos. Ainda não consegue escutar com o ouvido direito e sente uma dor latejante atrás do olho, que está coberto de pus e sangue coagulado.

Passos ecoam lá fora, e a porta pesada se abre. A luz da tocha preenche o recinto; ela vira o rosto quando vê seus pés tomados por cicatrizes e presos a uma corrente pesada. Dois guardas a erguem do chão e prendem suas mãos para trás enquanto o que carrega a tocha observa. A corda machuca o pulso, mas ela se recusa a deixá-los perceber o quanto sente dor.

O homem com a tocha segue na frente com um sorriso arrogante. Não tem dentes, e seu hálito fede a carne podre. O calor da tocha queima o rosto dela quando ele a puxa para perto.

— Hoje você morre, meretriz — fala ele, e dá um tapa no rosto dela, e sua mão desce-lhe até os seios.

Um ódio fervoroso a preenche, deixando-a mais forte e determinada.

— Eu o amaldiçoo — sibila ela. — Seu pau vai apodrecer e cair! Lorde Satã virá a seu leito de morte, e que demônios o atormentem por toda a eternidade.

O homem puxa a mão como se tivesse queimado.

— Valha-me Deus — balbucia um dos guardas.

Para ela, é um pequeno consolo vê-los tão aterrorizados.

Alguém lhe cobre a cabeça com um saco e ela é arrastada pelas passagens labirínticas.

Um portão se abre, as dobradiças rangendo.

É o lado de fora. O cheiro do orvalho é fresco. Ela prepara-se para o ódio da multidão, mas só ouve passarinhos. A luz rubra da alvorada atravessa o tecido do saco que lhe cobre a cabeça. Um cuco grasna ao sul. É o sino da morte. O instinto animal assume o comando. Ela precisa fugir. Agora.

Tomada de pânico, ela sai correndo às cegas. Os grilhões de ferro batem nos tornozelos. Ninguém tenta detê-la. Não há necessidade. Ela não consegue ir muito longe antes de cair de cabeça no chão molhado. Os guardas riem e gritam seu nome.

— Parece que ela quer chegar logo ao Lorde Satã! — grita o desdentado, e ela ouve.

Mãos poderosas erguem-na pelos braços e alguém agarra seus pés. Eles a arremessam no ar. Por um instante ela plana, até bater em alguma coisa. É algo tão duro que ela perde o fôlego. Ouve um cavalo bufar e o mundo balança, para lá e para cá. Ela conclui que está deitada em uma carroça.

— Tem alguém aí? — sussurra ela.

Ninguém responde.

Tudo bem, pensa ela. Na morte, somos todos sozinhos.



Mínoo acorda tremendo. Está congelando, como se tivesse dormido a noite inteira com a janela aberta. Tem dificuldade para respirar — parece que há algo grande e pesado sobre seu peito.

Ela puxa as cobertas até o queixo e se encolhe até virar uma bola. Já teve muitos pesadelos, mas nunca havia somatizado tanto. Também nunca havia tido tanto alívio em rever o familiar papel de parede de seu quarto, de listras amarelas e brancas.

Passam-se alguns minutos; ela começa a respirar com maior tranquilidade e aos poucos volta a se aquecer.

Olha o celular. Quase sete horas. Hora de se levantar.

Ela desce da cama e abre o guarda-roupa. Queria ter mais variedade de roupas, não só a mesma combinação sem graça de calça jeans, blusa e casaco de todo dia. Tira do cabide uma blusa de manga comprida azul-marinho e sente nojo de si mesma. É tão terrivelmente... inofensiva. Sequer mudou o cabelo. Nunca. O que será que as pessoas diriam se ela chegasse no colégio vestindo algo diferente? O pessoal alternativo, aqueles que têm o estilo que ela admira de longe, a julgaria uma farsa.

Além do mais, ela odeia comprar roupas. Parece uma analfabeta na livraria. Nos outros, as roupas parecem ou feias ou encantadoras; ela vê quando uma roupa cai bem ou não na pessoa. Mas, quando folheia catálogos ou quando vai a uma loja, só faz as escolhas de sempre. Preto. Azul-escuro. Casacos compridos. Jeans não muito apertado. Cintura não muito baixa. Nada de estampa. Ela entende o idioma das roupas, mas não sabe falar.

Sai ao corredor levando consigo as roupas que escolheu. A porta do quarto dos pais está fechada. No banheiro, a lâmina de barbear do pai está caída em uma poça d'água ao lado da pia. Mínoo supõe que ele já esteja no trabalho. A toalha da mãe está úmida, ou seja, ela também deve estar acordada, mesmo hoje sendo seu dia de folga.

Mínoo larga as roupas em uma banqueta, entra na banheira e fecha as cortinas. De repente sente uma lufada de fumaça. Pega um tufo dos longos cabelos negros, leva ao nariz e cheira.

Ela precisa passar xampu duas vezes para aquele cheiro inexplicável sair. Depois enrola a toalha nos cabelos como um turbante e escova os dentes. Seus olhos encontram o mapa emoldurado de Engelsfors pendurado ao lado do espelho. No ano passado ela chegou a cogitar que seus pais a deixariam ficar com a tia Bahar em Estocolmo e se matricular no colégio de lá. Detesta ver aquele mapa toda manhã e lembrar que ainda está presa aqui. Em Engelsfors. Nome bonitinho, cidade de merda. No meio do nada, cercada de florestas onde as pessoas costumam se perder e sumir. Treze mil habitantes e alta taxa de desemprego. A siderúrgica fechou faz vinte e cinco anos. As lojas do centro vivem vazias. Só as pizzarias sobrevivem.

A rodovia federal e a estrada de ferro criam uma linha divisória na cidade. A leste ficam o Lago Dammsjön, postos de gasolina, oficinas, a fábrica fechada e conjuntos habitacionais deprimentes. A oeste fica o centro da cidade: a igreja e a residência do pároco, as ruas de casas geminadas, depois a mansão abandonada e as casas extravagantes e afastadas, próximas do canal idílico.

É aqui que mora a família Falk Karimi, em uma casa cinza-clara de arquitetura funcionalista com dois andares. As paredes são cobertas com papel de parede chique e a maioria dos móveis veio de lojas de design de Estocolmo.

Mínoo desce as escadas e encontra a mãe sentada à mesa da cozinha. Os jornais nos quais o pai passa os olhos pela manhã estão em uma pilha retinha na mesa. A mãe está absorvida em uma revista de medicina, acompanhada do café da manhã habitual: uma xícara de café preto.

Mínoo serve-se uma tigela de iogurte de morango e se senta à mesa, de frente para a mãe.

— Você só vai comer isso?

— Olha só quem fala — retruca Mínoo, com um sorriso.

— Iogurte, mingau, sanduíche, iogurte, mingau, sanduíche. Depois de um tempo enche o saco.

— E café não?

— Um dia você vai entender. — A mãe de Mínoo sorri. E de repente está com aquele olhar, aquele que a incomoda profundamente. — Dormiu mal?

— Tive um pesadelo.

Ela conta o sonho e como se sentiu ao acordar. A mãe toca em sua testa e Mínoo se afasta.

— Eu não estou doente. Não foi esse tipo de calafrio.

Mínoo percebe que a mãe entrou em “modo médica”. A voz fica mais séria, profissional, os gestos ficam mais formais. Era bem aparente até quando Mínoo era pequena. O pai a mimava quando ela estava doente, sempre cheio de balas e gibis, mas a mãe parecia um médico em uma consulta.

Aquilo costumava deixá-la triste. Hoje em dia ela suspeita que seja um mecanismo de defesa. Talvez sem isso fosse impossível suportar suas preocupações de mãe combinadas ao entendimento profissional dos mal-estares da humanidade.

— Seu pulso acelerou?

— Sim... mas depois diminuiu.

— Teve dificuldade para respirar?

Mínoo faz que sim.

— Pode ser ataque de pânico.

— Eu não tenho ataque de pânico.

— Não é algo tão inesperado, Mínoo. Você acabou de entrar no primeiro ano. É um período pesado de adaptação.

— Não foi ataque de pânico, mãe. Teve a ver com meu sonho.

Soa estranho, mas é exatamente o que sente.

— Não faz bem ficar segurando o que você sente — diz a mãe. — Uma hora esses sentimentos vão extravasar, de algum jeito. Quanto mais se tenta controlar, mais descontrolada é a saída.

— Agora a cirurgiã virou psicóloga, é? — brinca Mínoo.

— Eu já pensei em ser psiquiatra — responde a mãe, levemente mordaz. Então algo muda em seu olhar. — Sei que eu não tenho sido uma boa referência.

— Pare com isso, mãe.

— Não. Eu sou daquelas pessoas que sempre faz mais que o esperado. Não quero passar isso para você.

— Não passou — murmura Mínoo.

— Me conte se acontecer de novo. Promete?

Mínoo faz que sim. Mesmo que às vezes a mãe seja meio exagerada, é bom saber que ela se importa. E ela quase sempre entende Mínoo.

Meu Deus, que coisa triste, pensa ela enquanto engole a última colher de iogurte. Minha melhor amiga é minha mãe.



Vanessa acorda com o cheiro de fumaça.

Joga o edredom no chão, corre até a porta e a abre.

Mas a sala de estar está tranquila e silenciosa. Nada acontece. Não há chamas consumindo as cortinas. Não há nuvens negras cobrindo a cozinha. A mesa ainda está a mesma bagunça: caixas de pizza e latas de cerveja de ontem. O pastor alemão deles, Frasse, está dormindo no assoalho, aquecendo-se em um feixe de luz do sol. Sua mãe, o padrasto, Nicke, e o irmãozinho, Melvin, já estão na cozinha tomando café da manhã. Manhã absolutamente comum na Törnrosvägen 17A, quinto andar, primeira porta à direita do elevador.

Vanessa balança a cabeça e então percebe que o cheiro vem de si mesma. O cabelo fede igual à vez em que ela era pequena e ficou assistindo àquela fogueira imbecil no Primeiro de Maio no Morro Olsson.

Ela atravessa a sala e vai até a cozinha, onde Melvin está tocando bateria com duas colheres na mesa. Tem vezes que ele é muito fofo. É incrível que metade de seus genes venha de Nicke.

Ela joga a camisola no chão do banheiro e abre o chuveiro. O encanamento tosse e espirra um jato de água gélida. O chuveiro tem estado uma porcaria desde que Nicke insistiu que ele mesmo ia trocar o encanamento e instalar uma torneira nova. A mãe não havia concordado, mas no fim das contas sempre acaba cedendo às vontades dele.

Vanessa entra no boxe e quase é escaldada até conseguir ajustar a temperatura. Lava o cabelo com o xampu de coco da mãe. O misterioso cheiro de fumaça não sai. Ela pega mais

xampu e passa no cabelo pela segunda vez.

Volta para o quarto enrolada em um roupão e liga o rádio. Os comerciais fazem tudo soar um pouco mais normal. Ela abre um pouco as persianas e seu humor melhora. Vai dar para sair de camiseta! Ela quer sair ao sol o mais rápido possível.

— Abaixei isso! — berra Nicke da cozinha, fazendo sua voz de policial.

Vanessa ignora. A ressaca dele não é problema meu, pensa ela enquanto passa desodorante.

Já vestida, ela pega a bolsa de maquiagem e vai até o espelho de corpo inteiro encostado na parede.

Ela não está aparecendo.

Vanessa fica olhando para o espelho vazio. Ergue a mão à sua frente. Lá está, clara como o dia. Olha de novo para o espelho. Nada.

Ela leva um tempo para se dar conta de que ainda está dormindo.

Sorri. Mas se ela tem consciência de que é um sonho, deveria estar no controle.

Solta a bolsa de maquiagem e vai para a cozinha.

— Oi — diz ela.

Ninguém reage. Ela está mesmo invisível. Nicke está lá, sentado, sonolento, a cabeça apoiada nas mãos. Ele fede a cerveja velha. Sua mãe, que parece tão cansada quanto ele, distrai-se mastigando um sanduíche de presunto enquanto folheia o catálogo de uma loja chamada Caverna de Cristal. Apenas Melvin vira a cabeça como se tivesse ouvido algo, mas fica óbvio que ele não a enxerga.

Vanessa se coloca ao lado de Nicke.

— Ressaca de novo? — sussurra ela no ouvido dele.

Nenhuma reação. Vanessa dá uma risadinha. Sente-se estranhamente animada.

— Sabe o quanto eu odeio você? — pergunta ela a Nicke. — Cacete, você é tão medíocre que nem sabe o *quanto* é medíocre. Isto é o que você tem de pior: você *acha* que é perfeito!

De repente ela sente algo molhado e áspero na mão. Olha para baixo. Frasse está ali, lambendo-a.

— O que é que o Frasse está fazendo? — pergunta Melvin com sua vozinha petulante.

A mãe olha para o cachorro, que lambe o ar.

— A gente nunca sabe o que o Frasse está fazendo. Deve estar caçando mosca.

— Não me faça ir até aí e jogar essa porra de rádio no chão — grita Nicke na direção do quarto de Vanessa.

Vanessa dá risadinhas, e seus olhos vagam pela cozinha. A xícara predileta de Nicke está no balcão, aquela azulona estampada com NYPD em letras brancas e o emblema da polícia. Ele deve achar que ser policial em Engelsfors é a mesma coisa que patrulhar as ruas de Nova York.

Vanessa passa o braço no balcão e derruba a xícara, que se quebra em duas com um barulho gratificante. Melvin dá um pulo e começa a chorar. Ela se sente culpada na mesma hora.

— O que foi isso? — grita Nicke.

Ele se levanta tão rápido que sua cadeira cai no chão.

— Que pena que você não pode me culpar — diz Vanessa, triunfante.

Nicke olha bem na cara dela. Os olhares se cruzam. O choque faz a eletricidade percorrer a espinha dela. Ele a enxerga.

— E quem mais que eu vou culpar? — rosna ele.

Melvin começa a chorar de soluçar; Nicke o levanta, fazendo carinho no cabelo cor de chocolate do menino.

— Pronto, pronto, amigão, está tudo bem — fala ele, tentando confortá-lo, ainda com os olhos em Vanessa.

— Vanessa, o que você está fazendo? — pergunta sua mãe, com uma voz de exaurida.

Vanessa não consegue responder. Será que ainda é um sonho? Se não, o que é?

— Vocês estavam me vendo esse tempo todo? — pergunta ela.

De repente a mãe parece bem acordada.

— Você andou *tomando alguma coisa*?

— Vocês são uns babacas! — grita Vanessa, e vai para a sala.

Agora ela está com medo, morrendo de medo, mas não quer demonstrar. Calça o tênis e pega a bolsa.

— Você não vai a lugar algum! — berra a mãe.

— Então é para eu matar aula?

Vanessa bate a porta da frente com um estrondo que ecoa por toda a escada. Desce a escada como um raio, passa pelo portão do prédio e atravessa a rua até a parada número cinco, bem na hora em que chega o ônibus.

Graças a Deus ela não conhece ninguém dentro da condução. Ela se senta lá no fundo.

Só há duas explicações possíveis para esta manhã maluca. Uma é que ela pirou. A outra é que voltou a ser sonâmbula. Acontecia muito quando era menor. A mãe adora envergonhar Vanessa contando para os outros que uma vez ela se agachou no corredor e fez xixi no carpete. Vanessa ainda lembra como é estar naquele estado entre o sono e a vigília. Mas lá no fundo ela sabe que desta vez foi completamente diferente.

Acho que eu estava sonâmbula, conclui ela. A outra explicação dá muito medo.

Vanessa olha pela janela e, quando o ônibus entra no túnel, ela vê seu reflexo no vidro. Dois olhos sem maquiagem lhe devolvem o olhar.

— Ai, droga.

Ela remexe a bolsa. Só encontra um gloss velho. A bolsa de maquiagem ficou em casa, caída no chão. Vanessa não aparece no colégio sem maquiagem desde os dez anos e não tem intenção alguma de começar hoje. Para esta manhã, um trauma já basta.

O ônibus segue por zonas industriais desertas. A mãe às vezes conta que a velha siderúrgica era o orgulho da cidade quando ela era criança, que as pessoas tinham orgulho de viver em Engelsfors. Vanessa não entende do que se teria tanto orgulho. A cidade devia ser tão feia e chata quanto é agora.

O veículo atravessa a ferrovia e entra na zona oeste. Pela janela, Vanessa vê a região que sua

mãe chama, zombando, de “Beverly Hills do Bergslagen”: casas imensas e de cores vivas com belos jardins. É como se o sol brilhasse um pouco mais forte deste lado da cidade. É aqui que mora quem tem dinheiro. Médicos. Os poucos donos das lojas bem-sucedidas. Os herdeiros do moinho. Ainda falta muito até o colégio, que por algum motivo estranho fica longe do centro.

Isolado da civilização, que nem uma prisão.

Anna-Karin sente saudades do outono.

Ela está em frente aos portões observando o pátio onde perambulam estudantes em roupas de verão. Braços, pernas, decotes bronzeados por todos os lados. Ela só queria se esconder dentro do casaco comprido de feltro de lã e maltrapilho, puxar a touca de lã para baixo e vestir as meias tricotadas do vovô.

Hoje ela veste uma jaqueta esportiva folgada, camiseta extragrande e calça jeans. Já passou dos vinte graus, mas ela prefere sentir calor a expor a pele. Mas também não quer sentir *muito* calor. Abre os braços um pouquinho, para não ficar com mancha de suor nas axilas. No sétimo ano, ela foi empurrada e derrubou água na própria camiseta. Erik Forslund, de pé ao lado dela, na hora gritou que ela estava suando nos peitos. O apelido Vacalhau ficou tão famoso que durou até o décimo ano. Ela não quer dar a ninguém a oportunidade de voltar a usá-lo.

O pátio está ficando vazio. Anna-Karin junta-se ao fluxo, a cabeça baixa, os braços cruzados na frente dos seios de forma protetora. Ela começou a usar um sutiã que supostamente os deixa menores, mas no espelho não dá para ver a diferença.

Ao entrar no prédio ela dá de cara com Rebecka Mohlin, que é da sua turma, e com o namorado de Rebecka, Gustaf Åhlander. Eles estão ao lado da escada, um nos braços do outro. Anna-Karin olha para o outro lado, em um surto de autopiedade. Nunca um menino vai olhar para ela do mesmo jeito que Gustaf olha para Rebecka.

— Oi — diz Rebecka quando ela passa.

— Oi — repete Gustaf.

Anna-Karin não responde.

E só quando chega à sala de aula — sua mesa na primeira fileira, a mais colada na parede — é que ela consegue relaxar um pouco. Enfia a mão no bolso da jaqueta e sente o corpinho quente e as garrinhas afiadas de Pimenta. Seu pelo é macio e sedoso. Quando ela faz carinho na sua cabecinha, ele ronrona tanto que o bolso começa a vibrar. A autopiedade dissolve-se e dá lugar ao amor.

Anna-Karin sabe que não deve levar um gato para o colégio, mas não se sente forte o bastante para ir sozinha. Ainda não. Quem sabe na semana que vem.

Até agora as coisas andaram bem. Ela já aguentou duas semanas, e a terceira acabou de começar. Ninguém riu dela. Ninguém jogou sua mochila pela janela. Ninguém tentou empurrá-la na escada. Ninguém beliscou seus seios até ela chorar de dor. Erik Forslund e Ida Holmström já passaram várias vezes por ela no corredor sem lhe dirigir o olhar.

Faz nove anos que ela sonha com este momento, e ele finalmente chegou.

Ela finalmente é invisível.



Mínoo odeia ser adolescente. Principalmente por ter que fazer parte do mesmo rebanho que outros adolescentes. Vir para o colégio é como ser deportada para outro planeta — todos os dias. Ela não tem nada a dizer aos habitantes. Não pode sequer fingir que é um deles, porque não sabe como fazer isso.

Era para tudo ser diferente no ensino médio. Esse foi seu consolo durante todo o ensino fundamental. Era para os outros terem se aproximado dela — pelo menos aqueles que também optaram pelas ciências naturais.

Agora, no início da terceira semana do período letivo, ela começa a achar que era só um sonho.

Até o prédio lhe lembra os últimos anos: um edifício de tijolos vermelhos, com quatro andares e telhado plano. Uma dupla solitária de traves sem rede é o único entretenimento no pátio de asfalto. Em certo momento houve tentativas de enfeitar a superfície sem vida com árvores. A maioria morreu. Os galhos e ramos ficaram cinzentos.

As portas estão abertas para renovar o ar, mas quando ela entra o cheiro é o de sempre: pó e linóleo velho. Cheiro de colégio. A primeira pessoa que Mínoo vê ao passar pelas portas é Vanessa Dahl, que está ao lado de Jari Mäkinen, um dos garotos mais velhos. Ele fala animadamente, mas ela parece incomodada.

Vanessa é o oposto total de Mínoo: linda, atraente, cabelos descoloridos louros, escolhida a garota mais sexy do colégio no décimo ano. Ela está de calça justa branca e tênis combinando. A renda do sutiã aparece sob o decote da regata.

Evelina, uma das amigas de Vanessa, vem correndo e pula nas costas de Jari, jogando os braços em volta de seu pescoço. Ela estica um celular e tira uma foto dos dois. Quando Jari tenta se livrar de Evelina, ela se agarra com mais força a ele, os seios espremidos no pescoço dele. Ela guincha de tanto rir, e todo mundo no corredor se vira para ver.

Nove anos se exibindo ainda não foi tempo suficiente? Mínoo passa com pressa.



A primeira aula é de sueco. Vanessa entra na sala com Evelina. Michelle se apossou das cadeiras no fundo e está retocando o nariz.

— Cara, eu estou, tipo, exausta — diz Evelina, e afunda na cadeira ao lado de Michelle.

— Eu também. — Michelle boceja e se olha no espelho do reluzente estojo de maquiagem.

— Porra, hoje estou com cara de quem tem trinta anos.

Vanessa suspira. Michelle está com a mesma cara de sempre. Só quer ouvir que é linda, um

zilhão de vezes por dia. Agora ela está ajeitando os cabelos negros e brilhosos e fazendo beicinho para o reflexo no espelho.

— Você já tem, hmm, uns cinco centímetros de pó no rosto. Acho que deu — diz Vanessa, mordaz.

Michelle desce seu estojo de vagar e só então olha para ela.

— Qual é o seu problema? — pergunta Evelina.

— Eu só estava brincando.

— Não pareceu — diz Michelle, sem olhar.

— TPM, é? — pergunta Evelina. — Ficou de bate-boca com Wille?

— É — responde Vanessa. — Foi.

Assim é mais fácil. Como ela ia explicar o que aconteceu mais cedo? “Eu fiquei um tempo invisível hoje de manhã — ou talvez eu tenha pirado.” Problemas com meninos, por outro lado, é o idioma que Michelle e Evelina entendem. Elas parecem aliviadas. Tudo voltou ao normal.

— Ah, querida.

Evelina lhe dá um abraço. Michelle faz que sim, por compaixão. Vanessa sorri, grata, e pergunta se pode pegar a maquiagem emprestada.

Há um grupo de meninos sentados bem no fundo da sala, ouvindo hip-hop no celular. Kevin Månsson canta junto em inglês truncado. Mínoo sorri por dentro com puro desprezo.

Ela acena com a cabeça para Anna-Karin Nieminen, na fileira da frente, mas não recebe resposta. Como sempre, Anna-Karin está debruçada sobre a mesa com os cabelos negros emaranhados formando uma espécie de véu sobre o rosto.

Há certa desesperança, algo de partir o coração, em Anna-Karin. Mínoo tentou conversar com ela algumas vezes no ano passado, mas Anna-Karin só se espremia na parede, muda, como se quisesse que a parede a engolisse. Tanta passividade parecia pedir provocação. Mínoo tem alívio quase vergonhoso por pelo menos não estar *tão* baixo na hierarquia social.

Mínoo pega o livro de matemática na mochila. Até agora ela entendeu tudo o que já foi dado em aula, mas continua nervosa. Sempre foi a melhor da turma sem fazer esforço, mas apesar disso — ou talvez por conta disso — seu maior medo é de que um dia vejam que ela é uma fraude.

O sinal do início da aula soa e ela ergue o olhar.

Max está na porta com um copo de café. Ele tem vinte e quatro anos e se mudou para Engelsfors no início das férias. Ela não entende por que alguém viria para cá voluntariamente.

Max fecha a porta. Segundos depois, alguém vem bater.

— Quando você se atrasa, se atrasa *mesmo*, hein — diz Max, e pousa seu copo na mesa.

— Ah, fala sério! E se for por um bom motivo? — grita Kevin com sua voz que engrossou durante o verão.

Mínoo não acredita que vai ter que aguentar Kevin por mais três anos. Por que ele optou por ciências naturais? No oitavo ano ele perguntou se zebra era cruza de cavalo com tigre.

Max olha de relance para Mínoo ao abrir a porta. A expressão diz exatamente o que ele pensa sobre Kevin. É como se ele soubesse que ela é a única que consegue interpretar sua expressão. Ela é obrigada a baixar o olhar.

As pessoas costumam dizer que ficam ansiosas quando estão apaixonadas. Para ela não é assim. Primeiro seus pulsos formigam. Então seus braços ficam moles e ela vira uma boneca de pano.

Na primeira vez que viu Max, um choque elétrico percorreu suas mãos. Que patético ficar caidinha pelo professor. Ainda mais um professor que nem Max: bonito no estilo que sem dúvida meninas que nem Vanessa Dahl acham atraente — olhos castanho-esverdeados, cabelo escuro cacheado e braços musculosos.

Hoje tem dois tempos seguidos de matemática, e Mínoo se concentra no trabalho à sua frente. Ela adora matemática. As regras são claras. As respostas, cristalinas. Certo ou errado, sem tons de cinza.

De vez em quando ela ergue o olhar para espiar Max.

Ela lembra o que a mãe disse, que não é bom ficar guardando os sentimentos. Mas nunca que ela contaria a ninguém o que sente por Max. Muito menos a ele.

Quando a primeira aula está para terminar, Max esvazia o copo de café, fecha sua maleta e sai da sala.

Há um intervalo de dez minutos. Dez minutos sem ter o que fazer, fora ficar sozinha e patética para todo mundo ver.

Eles estão no terceiro andar. Há um corredor que leva ao sótão. Não tem saída, e Mínoo percebeu que ninguém usa os banheiros lá de cima. É o lugar perfeito para ficar em paz. Ela sobe as escadas correndo e faz a curva.

Quando abre a porta que dá para os banheiros, o cheiro de fumaça de cigarro a atinge. Há um espelho estilhaçado. Cacos de vidro estão espalhados por uma das pias. A janela está escancarada e tem uma menina encostada no batente, fumando.

Ela veste regata preta, saia evasê na altura dos joelhos com caveiras cor-de-rosa sobre fundo preto e meias brancas longas. Tem um caderno apoiado nos joelhos, no qual escreve concentrada com uma canetinha.

É só quando a porta bate, depois de Mínoo passar, que ela ergue o olhar. Sua franja quase cobre os olhos, contornados com uma linha grossa de delineador. O resto do cabelo está preso em duas marias-chiquinhas onduladas.

Linnéa Wallin.

Elas eram da mesma turma no sétimo ano. Todo mundo sabia que o pai de Linnéa era alcoólatra e que a mãe havia morrido. Linnéa sempre matava aula até que um dia, no início do oitavo ano, a professora avisou que ela não ia mais voltar. Circularam boatos de que ela havia ido morar com parentes distantes e até que havia morrido. Depois se soube que ela apenas tinha ficado em casa. Só gerou mais boatos: tentativa de suicídio, o pai era pedófilo, ela vendia drogas, era prostituta virtual, era lésbica. Desde então, Mínoo só a viu andando com o povinho alternativo.

E agora ela fita Mínoo com olhos de decepção.

— Oi — diz Mínoo.

— Achei que fosse outra pessoa — fala Linnéa.

Mínoo olha para o espelho estilhaçado.

— Não fui eu — diz Linnéa.

— Não pensei isso — mente Mínoo.

Suas orelhas enrubescem, como sempre acontece quando se sente envergonhada. Ela tenta a maçaneta de uma das cabines tentando parecer indiferente. Está trancada.

— Acho que não está abrindo — diz Linnéa.

Mínoo não responde e abre a outra cabine.

Ela tranca a porta e descansa a testa apoiada na parede. Ouve Linnéa acender outro cigarro.

Mínoo espera passar o devido tempo antes de dar descarga na privada que não usou e então sai. Olha-se no espelho e lava as mãos. Dá uma espiada em Linnéa e sente uma pontada de inveja. Ela é bonita, magra e, o pior, tem a pele lisinha. Mínoo sofre com acne desde os treze anos. No oitavo ano, Erik Forslund perguntou se ela havia levado um tiro com espingarda de sal. Os adultos sempre dizem que passa depois que você cresce. Assim como o muita coisa que eles falam, parece que não é verdade.

Linnéa interrompe os pensamentos dela:

— Você não precisa fingir.

As orelhas de Mínoo voltam a ficar em tom vermelho-vivo.

— Como é?

Linnéa deixa seu caderno de lado.

— Você só vem aqui para se esconder, não é?

— Eu gosto de ficar na minha — balbucia Mínoo.

Linnéa abre um sorriso inescrutável. Elas passam um instante se observando.

— Você não vai contar para ninguém, vai? — pergunta ela, mexendo o cigarro.

— O que você faz da sua vida não é da minha conta.

— Exatamente.

Linnéa joga o cigarro na pia. A ponta acesa chia e se apaga na superfície molhada. A garota se levanta de um salto de perto da janela. A caneta cai do caderno e sai rolando pelo chão, passa por Mínoo e vai parar sob a porta da cabine trancada.

Mínoo se abaixa para procurar a caneta, que está em uma coisa negra e pegajosa. Ela vê uma sacola preta e um par de botas negras lá dentro. Tem alguém sentado na privada.

Mínoo levanta-se tão rápido que sente tontura.

— Que foi? — pergunta Linnéa.

— Acho que tem alguém ali... — Ela começa a achar que é uma pegadinha. Talvez tudo aquilo esteja sendo filmado e a reação ridícula dela vai cair na internet. — Mas eu não sei...

Linnéa vai até a outra cabine e sobe na privada. Espia por cima da divisória. Mínoo aguarda uma reação que nunca chega. Os segundos passam, um de cada vez.

— O que é?

Linnéa desce da privada e some de vista.

— O que você viu?

Nenhuma resposta. A janela aberta deixa passar uma rajada de vento. Mínoo vai até Linnéa. Ela está recostada na parede, olhando para o nada.

— É o Elias — diz ela, enfim.

Elias Malmgren? Mínoo já o viu com Linnéa na cidade várias vezes. Ela deve estar falando dele.

— O que aconteceu? Ele está bem ou não? — pergunta Mínoo, embora já saiba a resposta.

Linnéa cai de joelhos e vomita na privada. Continua forçando o vômito até só restar saliva grossa. Mínoo permanece parada, estarrecida, até Linnéa se virar. O delineador começou a escorrer. Os olhos delas se encontram e Mínoo percebe que Linnéa está desmoronando.

— Venha cá — diz ela, e segura sua mão.

Linnéa segura-se nela e coloca-se de pé com dificuldade. Olha em volta com uma expressão desvairada.

— A gente tem que chamar alguém — diz Mínoo.

Linnéa a encara. Faz que não com a cabeça.

— A gente não pode deixá-lo aqui.

— Eu fico — diz Mínoo, arrependendo-se de imediato.

— A gente tem que tirá-lo daqui.

— E vamos — fala Mínoo, perguntando-se como consegue manter a calma.

Linnéa sai correndo pela porta e a janela se fecha com a corrente de ar. Por um instante Mínoo sente o *cheiro*, até que a janela volta a se abrir. É um cheiro que ela nunca havia sentido, mas que logo entende. É o cheiro da morte. Só que ela não pode ficar pensando nisso. Não agora.

Ela olha na direção da cabine. É muito sangue.

O pânico cresce dentro de si quando ela vê os cacos afiados na pia.

Mínoo dá um salto quando a porta do banheiro se abre. O zelador do colégio entra carregando uma caixa de ferramentas. Ele tem uns quarenta anos e um tufo de cabelos grisalhos. Seus olhos azul-gelo estão arregalados e voltados para ela. Ele resmunga algo que Mínoo não compreende, arria a caixa de ferramentas e começa a remexer lá dentro.

Linnéa retorna e vai até Mínoo para segurar sua mão, apertando-a convulsivamente. Um instante depois chega a diretora.

Mínoo só viu Adriana Lopez uma outra vez, quando os alunos novos foram recebidos no colégio. Ela parece ter entre trinta e quarenta anos, com cabelo curto e franja. Usa saia preta até os joelhos e blusa branca com todos os botões fechados. Atraente, mas sisuda. Não é uma diretora com quem se quer discutir problemas, sente Mínoo.

— Meninas, vocês não podem ficar aqui — diz ela.

— Eu vou ficar — afirma Linnéa.

A diretora a encara.

— Saíam, agora — ordena ela.

— Nós vamos ficar — diz Mínoo.

O zelador puxa uma chave de fenda. É fácil abrir essas portas pelo lado de fora.

Provavelmente foram feitas pensando-se nisso. Linnéa se aproxima de Mínoo e aperta a mão dela com ainda mais força.

— Não olhe — sussurra ela.

E Mínoo quer fechar os olhos. Quer ir embora. Mas fica ali, os olhos arregalados, enquanto a porta se abre.

O zelador vira-se e a diretora solta um suspiro. Mínoo não consegue se mexer. O choque é como gelo atravessando seu corpo.

A cabeça de Elias está caída para trás e os olhos, abertos, mirando o teto. Os braços, moles. Sua mão direita ainda segura um grande caco do espelho estilhaçado. Há um talho gigantesco no braço esquerdo.

Mínoo e Linnéa se abraçam. Simplesmente acontece. Mínoo não é de abraçar e sente que Linnéa também não. Mas, nesse momento, elas só precisam ficar próximas a outra pessoa, a alguém vivo.

Lá ao longe, no mundo real, ela ouve sirenes se aproximando.

Quase todos os alunos estão no pátio. Apinhados, acotovelando-se por espaço. A conversa ferve, mas só aos sussurros. Ninguém sabe quem morreu, mas os boatos apontam para Elias Malmgren. Os professores mandaram todo mundo para casa, mas está evidente que ninguém vai embora antes que retirem o corpo.

O cadáver. Rebecka sente um calafrio. Ela e Gustaf estão no portão principal. Ele atrás dela, envolvendo-a nos braços.

— Prometa que nunca acontecerá nada com você — pede ela, baixinho.

Gustaf aperta o abraço e leva os lábios até o ouvido dela.

— Prometo — responde ele, e a beija na bochecha.

Às vezes Rebecka ainda custa a acreditar que eles estejam juntos. Gustaf sempre foi o garoto mais popular do colégio. Aquele cujo nome as meninas escrevem várias vezes na margem do caderno. Rebecka já foi uma dessas meninas, mas nunca achou que ele fosse notá-la. Ela nunca se destacou, nunca foi especial em nada. Era como se a certeza de que nunca conseguiria nada com Gustaf lhe passasse certa segurança. Astro do futebol local. Um ano mais velho. Bonito como um ator de Hollywood e quase tão inalcançável quanto.

Mas então, no baile do nono ano, tudo mudou. Eles se beijaram. Uma semana depois, na noite seguinte ao fim do semestre, beijaram-se de novo. Rebecka tinha tomado duas garrafas de sidra e estava bêbada o suficiente para ter a coragem de perguntar:

“Nós estamos namorando?”

“Claro que sim!”, respondeu ele, com aquele sorriso tão lindo. “Claro que estamos!”

Durante o verão, a vida dela mudou totalmente. Agora todo mundo sabe quem é Rebecka. Mas, acima de tudo, *ela* mudou. Tornou-se tão dependente de Gustaf que chega a se assustar. Ele é tão lindo. Não há como cansar de olhar para ele, nem dos beijos.

O que a deixa mais aflita é ter se tornado “alguém”. É como se seu tapete pudesse ser puxado a qualquer momento. Ela pode ver diante dos olhos: um dia todo mundo vai perceber que ela não é nem inteligente, nem engraçada, nem bonita. Mais do que isso, ela tem medo do dia em que Gustaf vai perceber.

Um suspiro coletivo atravessa a multidão de estudantes quando as portas do colégio se abrem e os paramédicos surgem levando uma maca coberta. Enquanto passam rumo à ambulância, a multidão se fecha atrás deles. Alunos esticam o pescoço tentando ver de relance quem está embaixo do lençol. Os paramédicos erguem a maca, a colocam dentro da ambulância e fecham a porta. Então seguem com toda a calma até a frente do veículo e entram. As sirenes gemem. Deve ser para tirar as pessoas do caminho, pensa Rebecka. Não há por que ter pressa quando se carrega um corpo.

— É ele — diz uma voz ofegante.

Ida Holmström está acompanhada de suas sombras, Julia e Felicia. Juntas elas formam uma versão louca de Huguinho, Zezinho e Luisinho.

— É Elias Malmgren — continua Ida.

— Como você sabe? — pergunta Gustaf.

— Nós ouvimos os professores conversando — responde Julia.

Ida lança um olhar assassino a Julia, claramente chateada por ter sido interrompida. Esse é o momento dela. Ida olha para Gustaf com olhos de cachorrinho pídio.

— Triste, não é?

Antes de Rebecka e Gustaf começarem a namorar, Ida a tratava como se ela não existisse.

No dia seguinte ao fim das aulas, ela ligou para Rebecka e a convidou para nadar no Lago Dammsjön. Como se fossem amigas por toda uma vida. Embora Rebecka percebesse o absurdo da situação, não ousou recusar — porque Ida a deixava apavorada.

— Não entendo como alguém pode se matar — murmura Felicia.

Ida concorda.

— É tão egoísta. Quer dizer, imagine como os pais dele estão.

— Ele devia estar com depressão — diz Rebecka, sentindo uma vontade enorme de se socar por parecer tão banana.

— É óbvio que ele estava deprimido — responde Ida. — Mas todo mundo tem problemas.

Não precisa se matar. Se todo mundo sentisse tanta pena de si mesmo, não sobraria ninguém.

— Eu acho que ele era gay — declara Felicia.

— É, eu li que os gays são de se suicidar — acrescenta Julia.

— Pelo amor de Deus, ele estava sofrendo *bullying* — interrompe Gustaf.

Ida fixa os olhos nos dele e lança seu sorriso mais encantador.

— Eu sei, G...

Rebecka se esforça para não fazer cara feia. “G” é um apelido que Ida inventou. Mais ninguém usa.

— Mas, é sério — continua ela —, ninguém obrigava Elias a se vestir daquele jeito, nem a usar *maquiagem* para vir ao colégio. — Julia e Felicia concordam e Ida prossegue, incentivada pelo apoio de suas sombras: — Quer dizer, ele podia ter se esforçado mais para se enturmar, para parecer mais normal. Não estou dizendo que o *bullying* era culpa dele, mas ele também não fez nada para evitar.

Rebecka encara Ida, que mantém o olho em Gustaf como se esperasse uma reação.

— Nossa, Ida — diz ele. — Você nunca se cansa de ser tão escrota? Tire uma folga de vez em quando.

Os cílios de Ida tremem. Então ela solta uma risada forçada.

— Meu Deus, como você é engraçado, G. — Ela se vira para Julia e Felicia, que se encaram, sem saber como reagir. — Os homens têm um senso de humor tão mordaz.

Rebecka agarra a mão de Gustaf. Está orgulhosa, mas se mordendo por dentro por ela mesma não ter respondido.



Mínoo e Linnéa estão na sala da diretora, sentadas no sofá verde-escuro e puido. A diretora está na sala ao lado, onde costuma ficar seu assistente, e conversa com um policial fardado.

Linnéa abre o celular como se estivesse esperando uma ligação. Mínoo tenta não olhar para ela. A postura de Linnéa já diz em alto e bom som que ela não quer ser incomodada.

A sala é incrivelmente pequena. Há uma prateleira cheia de pastas coloridas. Na janela, vasilhos de plantas parecem esquecidos. As cortinas em xadrez branco e verde estão manchadas, e as janelas precisam ser lavadas. Os papéis na mesa estão dispostos em pilhas bem organizadas, próximo a um computador velho. A cadeira é feia, mas com certeza ergonômica. O único objeto que se destaca é uma luminária com cúpula de mosaico de libélula.

É a primeira vez que Mínoo entra na sala da diretora. As pessoas só vão ali quando se metem em confusão ou quando algo terrível acontece.

Quando Mínoo estava no ensino fundamental, ela costumava sonhar acordada com algum acontecimento dramático, como a escola pegando fogo ou todo mundo virando refém de algum ladrão de banco fugindo da polícia. Quanto mais velha ficava, mais percebia como era infantil. Mas só agora ela percebe o quão fora da realidade eram suas fantasias.

As coisas horríveis que acontecem na vida real não são nada parecidas com as coisas que são horríveis nos filmes. Não há emoção. Há apenas medo, horror e nojo. E o pior de tudo é que não dá para desligar. Mínoo já sabe que a imagem de Elias vai assombrá-la pelo resto da vida.

Se pelo menos eu tivesse fechado os olhos, pensa ela.

— Eu já tinha visto uma pessoa morta — declara Linnéa de repente.

Seus olhos estão fixos no celular, que ela gira entre os dedos sujos de tinta. Cada unha está impecavelmente pintada de rosa-neon.

— Quem? — pergunta Mínoo.

— Não sei o nome dela. Era uma velha. Uma bêbada. Teve um ataque cardíaco e morreu.

Assim, de repente. Acho que eu tinha uns cinco anos.

Mínoo não sabe o que dizer. É algo muito distante de sua realidade.

— Não dá para esquecer uma coisa dessas — balbucia Linnéa.

Sua maquiagem está horrível. Mínoo percebe que ela mesma não chorou. Linnéa deve achá-la a pessoa mais insensível do mundo. Mas Linnéa simplesmente a encara.

— Nós estudamos juntas no sétimo ano, não foi?

Mínoo faz que sim com a cabeça.

— Como você se chama mesmo? Minna?

— Mínoo.

Linnéa não se apresenta. Ou ela nem se deu o trabalho ou acha óbvio que Mínoo já a conhece. E como é que não ia conhecer? Todo mundo sempre falava de Linnéa Wallin.

— Meninas — surge a voz da diretora, fazendo Mínoo erguer o olhar. As feições harmoniosas de Adriana Lopez não transmitem nenhum sinal de emoção. — A polícia quer falar com vocês.

Mínoo olha para cima de relance e fica chocada ao perceber o ódio no olhar de Linnéa para a srta. Lopez.

A diretora também parece ter notado, pois se interrompe e fala:

— Você era amiga de Elias, não era?

Linnéa a encara em silêncio até que a diretora se vira e sussurra para o policial que entra na sala.

— Pode ficar — responde ele, e elas se sentam.

O policial, que Mínoo reconhece como o padrasto de Vanessa Dahl, não consegue achar uma posição confortável na cadeira de plástico. Por fim, acaba cruzando uma perna sobre a outra, com o pé apoiado no joelho. Não é uma posição muito digna.

— Meu nome é Niklas Karlsson. Primeiro preciso anotar os nomes de vocês duas.

Ele puxa um bloquinho e um lápis. Mínoo nota a ponta mastigada. Um policial que morde o lápis. Um roedor fardado.

— Mínoo Falk Karimi.

— Entendido. Você eu já conheço — diz ele para Linnéa.

A intenção pode ter sido amigável, mas não pareceu. Mínoo fica tensa ao ver Linnéa apertar o celular até o plástico rachar.

Não diga nada, pensa ela. Por favor, Linnéa, não faça nenhuma bobagem. Só vai piorar a situação.

— Entendo que essa situação seja horrível para vocês — diz Niklas, que volta ao papel de policial simpático —, e dispomos de acompanhamento psicológico.

— Estamos trazendo uma equipe de psicólogos — acrescenta a diretora. — Vocês podem falar com um deles imediatamente.

— Eu já tenho psicólogo — responde Linnéa.

— Entendi. Que bom — diz o policial. — Você conhecia Elias?

— Não — balbucia Mínoo.

Niklas olha para Linnéa. É óbvio que ele está tentando disfarçar o desdém que sente pela menina de cabelo negro e delineador falhado.

— Mas vocês dois eram amigos? — pergunta ele.

— Sim — responde Linnéa, abaixando os olhos.

— Ouvi dizer que Elias tinha alguns problemas.

Um aceno positivo com a cabeça é a única resposta.

— E que ele já havia tentado cometer suicídio.

— Uma vez — diz Linnéa, em um tom que é pouco mais que um sussurro.

— Entendo — diz o policial. — Então acho que não temos mais nada a conversar. É claro que o legista vai examiná-lo, mas parece que a situação é bastante óbvia.

Há algo de tão condescendente na voz do policial que Mínoo tem vontade de gritar. Se Elias

foi assassinado e o assassino armou a cena para parecer suicídio, a polícia nem vai notar. Porque as coisas são assim nesta cidade idiota. Você só é o que as pessoas acham que você é.

— Entendo — repete o policial, e levanta-se. — Vocês têm como ir para casa?

Mínoo não havia pensado nisso.

— Vou ligar para minha mãe — diz ela.

— E você? — pergunta a diretora para Linnéa.

— Eu me viro.

Mas a diretora ainda não encerrou a conversa. Mínoo percebe que ela está procurando as palavras certas. Mesmo antes de a diretora começar, Mínoo sabe que ela vai falar sobre Elias, e que será um equívoco terrível.

— Linnéa — começa a diretora —, sinto muito pelo que aconteceu com Elias. Ele parecia ser uma pessoa muito especial.

Quando Linnéa responde, sua voz sai rouca e nervosa:

— E por que você não falou isso para ele?

A diretora trava. A boca fica semiaberta, mas nada sai.

— Que tal a gente manter a calma, hein? — sugere o policial, olhando para a diretora e demonstrando estar a postos para protegê-la.

Linnéa se levanta e sai da sala sem dizer nada.

Mínoo olha para a diretora sem saber o que fazer.

— Você pode ir — diz a srta. Lopez.



Mínoo volta à sala de aula para buscar a mochila. As cadeiras foram postas em cima das carteiras. Partículas de pó rodopiam na luz que se projeta das janelas. Ela vai até sua carteira, mas a mochila não está lá.

— Mínoo.

Ela se vira.

Max está à porta, com a mochila.

— Guardei para você.

— Obrigada.

Quando ele estende a mochila, as mãos dos dois roçam, e ela quase deixa a mochila cair no chão. Seus braços estão fracos de novo.

Como é que eu consigo ficar assim depois de uma situação tão horrível?, pergunta-se Mínoo.

— Como você está? — pergunta Max em tom delicado.

— Não sei — responde Mínoo, surpresa pela sinceridade da resposta dada sem esforço.

Ele concorda com a cabeça, em tom compreensivo.

— Quando eu tinha a sua idade, uma pessoa próxima de mim cometeu suicídio.

Sua voz está calma, mas ele cerra o punho. Há dores que nunca vão embora.

— Eu não conhecia Elias — diz Mínoo. — Mas Linnéa conhecia.

De repente ela sente a mão de Max em seu ombro. O calor atravessa o tecido da camiseta.

— Se quiser conversar — sugere ele —, você sabe onde me encontrar.

— Certo.

Ela não ousa dizer mais nada. Não sabe se vai conseguir segurar a voz.

— Sinto muito mesmo. Ninguém deveria ver o que você viu. Se cuide, hein? — declara ele, e aperta o ombro dela antes de tirar a mão.

De repente Mínoo percebe que está tremendo. O pânico assume o controle, enfiando as garras em seu peito, dificultando a respiração.

— Eu preciso ir — diz ela. — Obrigada.

Mínoo sai com pressa da sala de aula e desce as escadas. A luz do sol a cega quando ela abre as portas que dão para o pátio. Linnéa está sentada com as pernas cruzadas, fumando, perto da entrada.

O coração de Mínoo bate forte, e ela está tão sem fôlego que tem dificuldade para falar. Olha para a rua e enxerga o carro vermelho da mãe. Consegue ver o perfil dela através do vidro.

— Quer carona? — consegue dizer Mínoo finalmente.

— Não.

— Tem certeza?

— Por que você está correndo?

— Eu... eu não sei. Só queria sair de lá.

Linnéa joga o cigarro fora.

— Ele não se matou — diz ela.

— Como assim?

— Eu falei com ele pouco antes de acontecer. Ele ia passar lá em casa na mesma noite. Ele queria conversar... — Ela para. — A gente tinha brigado. Mas não... Ele queria me contar alguma coisa... Ele não ia simplesmente... — Linnéa não termina a frase.

Ela não aceita que o melhor amigo a tenha abandonado, pensa Mínoo.

— Por que você não disse nada para a polícia?

— *A polícia.*

Linnéa bufa. De repente seu olhar fica pesado, mais forte.

— É, você não devia contar para eles? — continua Mínoo.

— Você acha que entende alguma coisa, é? Sempre teve um lar feliz com sua família feliz.

Mínoo percebe o olhar dela. Ela sente vergonha, porque é verdade. Ao mesmo tempo, pensa que a verdade de Linnéa talvez não seja a única verdade. Se Mínoo só passou pelo lado bom da vida, Linnéa só passou pelo ruim. Um é mais verdadeiro que o outro?

Linnéa sorri com desprezo.

— Não vai correr para a mamãe?

Mínoo sente um acesso repentino de raiva.

— Tenho pena de você — diz ela, e vai para o carro.

— Então pare de ter! — berra Linnéa em resposta.

Anna-Karin levanta-se, arrasta-se pelo corredor do ônibus sacolejante e vai decidida até a porta. Está muito cansada de ter medo de que alguém lhe diga algo desagradável enquanto passa. Ou ainda pior, de ouvir uma risadinha abafada. Quando nada disso acontece, ela ouve na cabeça os ecos de insultos antigos. Vozes que sussurram que ela é gorda e fede a esterco.

Mas hoje ninguém sequer ergueu o olhar. Todo mundo no ônibus está cochichando, mas o assunto não é ela. Hoje ninguém fala de nada que não tenha a ver com Elias.

O ônibus faz a última curva e para com um sacolejo que a faz tropeçar. Ela sente o estômago revirar no segundo em que acha que vai cair e que todo mundo vai rir, mas consegue se reequilibrar sem que ninguém perceba. A porta abre e ela desce no acostamento.

Ela respira fundo várias vezes enquanto o ônibus desaparece pela estrada. Assim que vê o pasto, seus pulmões dobram de volume. Já pode respirar tranquila.

Seus pés vão esmagando o cascalho no caminho para casa. Ao chegar no campo, ela vai até uma das vacas, uma de olhos grandes e castanhos.

— Olá, minha belezoca — murmura Anna-Karin, como vovô sempre faz.

Ela estende a mão, e a vaca a lambe com a língua comprida. Há moscas voando em volta do pelo quente. Sim, o cheiro é de esterco, e ela adora. Em casa, Anna-Karin é uma pessoa completamente diferente. Tem postura ereta e o medo de suar desaparece. Ela não precisa ficar pensando se o ângulo da cabeça está lhe deixando com papada nem se os seios estão balançando de um jeito que vá atrair um comentário maldoso.

Ela chega ao jardim. Duas casas de madeira pintadas de vermelho, uma de dois andares e outra térrea, formando um ângulo reto. O celeiro e outras construções menores ficam mais distantes.

Anna-Karin sobe os degraus até a entrada da casa de dois andares e abre a porta da frente. Tira os sapatos e pega Pimenta do bolso. Ele está adormecido e se remexe um pouco quando ela o solta cuidadosamente em um cesto no corredor, que ela fez com os trapos de um tapete velho e cuidou para que ficasse bem aconchegante.

Ouvem-se risadas vindo da sala de estar. Anna-Karin espia e vê a mãe deitada no sofá. Ela está dormindo de boca aberta. Há uma sala de estar americana na tela da tevê. Anna-Karin cogita pegar o controle remoto e baixar o volume, mas não quer correr o risco de acordar a mãe e levar uma bronca.

Em vez disso, decide ir na ponta dos pés até a cozinha. Pega uma caixa de bombons da geladeira e um saco de pãozinhos do cesto no balcão. Tira o miolo dos pães, coloca um chocolate dentro de cada um e amassa até virarem tortinhas. Come recostada no balcão, tomando leite. A sensação de estar de estômago cheio a deixa sonolenta.

Anna-Karin olha pela janela da cozinha, de onde dá para ver a casa do avô. Avista a silhueta

debruçada e acena. O avô faz sinal para ela ir até lá. Anna-Karin sai na mesma hora de sua casa assolada pelas risadas histéricas das celebridades na tevê.



A porta da frente da casa do vovô leva a um pequeno corredor onde se vê o macacão que ele usa na fazenda, pendurado em um gancho. À esquerda fica a cozinha. Perto da porta há um banco de madeira cinza-azulado. É o lugar em que os amigos do vovô geralmente se sentam quando vêm visitá-lo, antes de irem até a mesa da cozinha para tomar café. É lá que vovô está sentado, olhando pela janela enquanto beberica uma xícara de café.

Anna-Karin não gosta de café, mas ama o cheiro. A casinha do vovô sempre cheira a café, lenha recém-cortada e bicho. Hoje também cheira a roupa recém-passada, bem dobrada e empilhadinha em uma cesta ao lado da porta do quarto.

— Olá, querida — diz vovô.

— Olá — responde Anna-Karin, e se senta à mesa.

Vovô usa camisa xadrez vermelha e verde e calças de veludo. Ele sempre tira o macacão quando entra em casa. Não quer sujar lá dentro.

Ele olha para ela e faz cara de dúvida.

— Já voltou do colégio?

— Liberaram mais cedo.

— É mesmo?

É a deixa para ela contar, mas a garganta trava. Ela não quer falar sobre Elias, não quer nem pensar nele.

De repente ela deseja voltar a ser uma menininha. Quando caía e se machucava, era sempre no colo do vovô que queria se sentar. Agora quer voltar no tempo. Assim talvez tenha coragem de chorar, de deixar sair o que está preso e incrustado no peito. Anna-Karin não chora de verdade desde o ensino fundamental. Há motivos demais para chorar. É como se houvesse uma tampa de bueiro vedando suas lágrimas.

— Mamãe saiu hoje? — pergunta ela.

— Acho que não estava disposta.

— Pelo menos saiu da cama — declara Anna-Karin, sentindo por dentro a amargura da raiva.

— As coisas não são fáceis para Mia — diz vovô.

Anna-Karin arrepende-se de ter puxado o assunto. Oficialmente, sua mãe assumiu a fazenda, mas a maior parte do serviço ainda fica com vovô. Tem dias em que ela deixa tudo para ele. Mesmo assim, o avô nunca reclamou da filha.

Às vezes Anna-Karin é tomada por acessos terríveis de culpa por conta da raiva que sente da

mãe. Entende que ela esteja deprimida, que não queria assumir a fazenda e se sinta presa a esse compromisso. Mas, ao mesmo tempo, parece que ela só vive para reclamar. Afinal, o que faria se não pudesse reclamar? É sempre ela a mais injustiçada, a que mais sofre, a mais digna de compaixão. É assim desde as primeiras lembranças de Anna-Karin.

Anna-Karin se vira para o avô enquanto ele olha através da janela. É comum ele passar horas sentado ali. Às vezes ela se pergunta o que ele procura.

Vovô fez setenta e sete anos na última primavera, mas só começou a parecer velho no ano passado. Anna-Karin não quer imaginar como vai ser quando ele partir.



Vanessa estende a toalha no gramado em frente à casa de Jonte. A estampa é de flores amarelas e marrons meio desbotadas e não parece muito limpa. E daí? Ela só quer deitar e esquecer tudo. Sem ficar com a roupa suja de grama.

Ela olha para a casa vermelha, de dois andares, que também parece desbotada, com a tinta manchada de sol e descascando. Ela ouve o ritmo de um baixo vindo de dentro da casa. Faz os vidros da janela tremerem. Através da janela ela enxerga a tevê gigantesca com as silhuetas de Wille, Jonte e Lucky diante das explosões na tela.

Ela se deita, sobe a camiseta até a altura do sutiã e deixa o sol aquecer a barriga.

Wille estava de mau humor quando foi buscá-la no colégio.

“Não sou táxi”, resmungou ele.

“Então vai se ferrar!”, gritou ela, e abriu a porta com o carro em movimento.

Wille afundou o pé no freio e por pouco o carro de trás não bateu neles.

Vanessa ficou encarando-o, sentindo o medo pulsar.

“Feche a porta”, disse ele, com a voz controlada. Ela fechou na hora.

“Velho da porra.”

Aquela tinha doído. Wille tem vinte e um anos, e ela sabe que ele se envergonha da diferença de idade entre os dois.

Quando eles ficaram pela primeira vez, ela acabara de fazer quinze anos. Naquela época, ela já tinha ouvido falar muito de Wille. Vanessa se identificava com algo no jeito dele. Ele queria mais — sentir mais, ter mais experiências. Ela achava que com ele a vida seria uma aventura.

E agora ela está deitada, enquanto ele joga *video game* com os amigos vagabundos.

Mas ele ainda é o cara mais bonito que ela conhece. E ele beija com aquela firmeza de que ela gosta.

Vanessa fica nervosa tentando espantar uma mosca que se recusa a entender que não é bem-vinda naquele rosto. O sol está quente, mas ela consegue sentir os primeiros sinais do frio do outono. Grandes nuvens se formam no horizonte.

— Nessa — chama Wille.

Ela ergue a mão e acena.

— Vanessa — chama Wille mais uma vez.

— Ooooi! — grita ela, respondendo. — O que você quer?

Nenhuma resposta. Ela se senta na toalha. Wille está olhando para ela da janela aberta.

Não. Ele está olhando *através de mim*. Aconteceu de novo.

— Wille! — grita ela em pânico.

Nenhuma reação. Wille vira o pescoço e esquadrinha o gramado.

— Onde você está?

— Eu estou aqui! — grita Vanessa, abanando os braços.

Mas ele não a vê nem a ouve. Ela pega a toalha e começa a balançar. Ele não reage, então ela joga a toalha para o lado, frustrada.

Wille quase cai duro no chão. Ainda não está olhando para ela, mas para a toalha no gramado.

— Mas que... que droga foi isso?

Ele fica ofegante.

— O que foi? — pergunta Jonte, que veio até a janela. Lucky tenta se enfiar entre os dois.

— Aquela toalha — responde Wille. — Surgiu do nada. Eu juro! Não estava ali antes.

Jonte e Lucky ficam olhando para ele. Olham para a toalha, depois voltam a olhar para Wille.

Caem na gargalhada.

— Relaxe, Wille. Você está viajando demais! — berra Lucky.

Jonte diz alguma coisa e fecha a janela com um estrondo.

Vanessa fica parada por um instante à luz do sol. Consegue ver as próprias mãos à frente de si. As pernas bronzeadas. Mas falta algo. Alguma coisa está errada.

Ela quase começa a chorar quando percebe o que é.

Sua sombra não aparece no gramado.



A fumaça de cheiro doce a atinge em cheio quando ela entra na casa. Wille está sentado na poltrona, assistindo à tevê e fumando um baseado. Os raios do sol batem em suas costas, seu cabelo louro parece uma auréola. O coração de Vanessa dá cambalhotas. Às vezes ela se surpreende quando olha para ele.

Ela quer ir até lá e tocar nele. Mas tem medo. Precisa esconder essa bizarrice que está acontecendo. Pelo menos até saber o que é.

— Vanessa — chama Jonte.

Ela gira. Jonte observa a sala, mas não vê nada. Seus olhos, sob a touca azul-escura que ele

puxa até as sobrancelhas, estão mais focados e alertas que o normal.

— Você pegou o *Noaidi*, cara — balbucia Lucky.

— Tem alguém aqui — diz ele. — É sério, porra.

Lucky está com metade do corpo deitada no sofá, agarrado no controle do Playstation. Sua barriga gorda escapa por baixo da camiseta, que diz *Orgulho de Engelsfors*. Lucky, que na verdade se chama Lukas, era da turma de Vanessa no nono ano, mas nunca chegou ao ensino médio. Em vez disso, passa o dia sendo o garoto de recados de Jonte, bebendo cerveja, pedindo pizza e ajudando na plantação no porão.

— Vocês ficaram sabendo do filho da pastora? — pergunta Lucky, socando o controle freneticamente.

Vanessa percebe que Jonte fica um pouco tenso. Aos poucos Wille solta a fumaça que estava prendendo nos pulmões.

— O quê? — pergunta ele.

— Elias Malmgren. Filho da pastora. Se matou. Lá no colégio. Acharam hoje.

— Tem certeza de que era ele? — pergunta Wille, tentando soar blasé, mas Vanessa sente o desconforto em sua voz.

Ah é, ela lembra. Eles se conheciam. Elias vinha aqui pegar erva. Mas isso foi há muito tempo, ali pelo fim do nono ano.

— Certeza — responde Lucky.

— Droga — diz Jonte. — Ele veio comprar aqui anteontem.

— Será que ele tava numa bad trip ou coisa do tipo? — pergunta Lucky.

— *Bad trip?*

Jonte e Wille caem na gargalhada. Lucky sorri daquele jeito insinuante que faz a pele de Vanessa formigar.

— Ele já tinha tentado outras vezes — diz Jonte. — Acho que ele queria ficar bem fora de si quando tentasse de novo.

Vanessa percebe, porém, que ele se sente culpado. Fica se perguntando por quê. Jonte não costuma se importar com ninguém além dele mesmo.

— Mas, tipo, ele era um perdedor — diz Lucky. — Ficava cortando os pulsos e tal. Achei que só minas faziam esse tipo de coisa.

— Cale a boca — fala Jonte de repente.

Wille e Lucky o encaram, nervosos.

— Tem alguém aqui em casa — sussurra ele.

Os outros olham ao redor. Vanessa prende a respiração.

— Deve ser o fantasma do Elias, que veio assombrar a gente — brinca Lucky, que leva um pescotapa de Wille.

Vanessa sente os pelos dos braços se arrepiarem. De repente é como se o ar formasse uma onda dentro de si, como uma rajada de vento. Jonte olha direto para ela.

— De onde é que você surgiu?

Wille olha em volta e gargalha de nervoso.

— Você não devia aparecer assim do nada, Nessa. Seu tio Jonte vai ter um ataque cardíaco.

Lucky ri também, talvez um pouco mais do que deveria. Vanessa se esforça para dar um sorriso complacente.

Ela se senta no colo de Wille. Quer sentir os braços dele ao redor do corpo. Quer sentir que está *ali*. Ele encosta o nariz no pescoço dela. Ela se aninha nele.

Lá fora, começa a chover.

A chuva tamborila na janela da cozinha. Mínoo gosta do barulho, da sensação de que a casa é um casulo. A voz de Billie Holiday sai dos alto-falantes da sala. A luminária da cozinha lança um brilho cálido nos rostos cansados e ansiosos dos pais.

— Como você está, querida? — pergunta o pai.

É a terceira vez que ele pergunta isso desde que ela entrou em casa.

— Bem — responde ela, lacônica.

Acima de tudo, ela está cansada, exaurida. Passou algumas horas conversando com a mãe, mas ainda não sabe dizer o que “sente”. Só sabe que está exausta demais para pensar.

— Você vai escrever sobre isso? — pergunta ela.

O pai coça o nariz, fazendo os óculos subirem e descerem.

— Já conversamos. Se o pobre coitado tivesse se matado em casa, claro que não publicaríamos nada. Mas como foi no colégio... A cidade inteira já sabe.

A mãe balança a cabeça.

— Você vai ser criticado.

— Não criticar se não sair nada.

O pai de Mínoo é editor de um dos jornais locais. Só é impresso duas ou três vezes por semana e as manchetes costumam ser muito empolgantes, como “Rotunda inaugurada em Gnejsgatan”. Três em cada quatro casas da cidade assinam o *Engelsfors Herald*. Todo mundo sabe quem é o pai de Mínoo.

— Cissi já escreveu a matéria — prossegue ele. — Claro que eu tive que cortar metade, tirar os detalhes sórdidos. Vocês sabem como ela é. Suicídio é um assunto delicado, por mais que tentemos atenuar.

Mínoo fica olhando para o prato. Ela mal tocou na comida, e de repente o molho de tomate ganhou um aspecto repugnante.

— A polícia tem certeza de que foi suicídio? — pergunta ela.

— Não resta dúvida — responde o pai. — Mas isso fica entre nós, certo? Não vá comentar com ninguém no colégio.

— Claro que não.

Mínoo respira. Ela nunca deu motivo para o pai duvidar de sua capacidade de guardar segredo. Mínoo aprendeu bem cedo que a maioria das pessoas quer saber das fofocas para passar a informação adiante, mas a única maneira de conseguir informações *muito* boas é sendo confiável.

— Elias morreu ontem por volta das quatro e meia. Ele tinha acabado de falar com a diretora. Ele vinha matando aula, e a diretora quis “cortar o mal pela raiz”, como ela disse. Eles conversaram por meia hora.

Então Mínoo entende o que Linnéa quis dizer quando acusou a diretora. O que será que aconteceu naquela conversa?

— O que a diretora disse? — pergunta ela.

— É óbvio que ela ficou chocada.

— E ela não identificou nele nada de um potencial suicida? — pergunta a mãe.

— Claro que vão fazer essa pergunta. Como ela não viu?

— Pobre mulher. Não faz nem um ano que está lá e acontece isso.

— É natural que se questione a responsabilidade do colégio. Ainda mais por causa da forma como ele fez, parecendo que houve intenção de servir de mensagem para o próprio colégio.

— Erik — diz a mãe —, talvez não seja bom fazer Mínoo lembrar...

— Não era minha intenção, pelo amor de Deus — rosna o pai.

— A gente pode mudar de assunto? — pergunta Mínoo.

Os pais voltam-se para ela, com ar tenso. Depois trocam olhares.

— Eu não aguento mais ouvir falar do Elias — resmunga ela.

— Compreendo — diz a mãe, em um tom calmo.

Enquanto terminam o jantar, eles falam de cortes de custo no jornal. Mínoo faz um e outro comentário. Mas esquece toda a conversa assim que o jantar termina.



A mãe de Anna-Karin acende um cigarro com a boca ainda cheia de comida. Ela está sempre desesperada para encher o pulmão de nicotina e alcatrão. A comida é algo de que ela quer se livrar para fumar aquele delicioso cigarro pós-jantar. Faz tempo que Anna-Karin desistiu de reclamar. A mãe acredita que cigarros são o único luxo que ela pode se permitir, e é por isso que ela pretende “fumar mesmo, sem nenhum remorso”.

A chuva tamborila na janela. Poças se formam no jardim na frente de casa.

A salada de batata e o lombo de porco defumado incham na boca de Anna-Karin. Parece que na barriga só há espaço para o estresse. Ela tentou estudar antes do jantar, mas se pegou lendo e relendo o mesmo parágrafo.

Ela tem medo de não dar conta do curso de ciências naturais. Se quiser mesmo ser veterinária, precisa tirar notas bem altas. Não pode ficar para trás logo no início do primeiro ano.

— Recebi uma ligação — diz vovô de repente, olhando para Anna-Karin. — Do Åke. O filho dele é paramédico. Åke queria saber como você estava. Se conhecia o menino.

— O que houve? — pergunta mamãe, entre uma baforada e outra.

Eles a encaram. O melhor é contar logo.

— Um menino morreu no colégio hoje. Elias. Ele se matou.

Mamãe dá uma tragada, sem pressa, então de uma só vez solta a fumaça ultravioleta, que

cobre a mesa.

— E vocês só me contam agora?

Anna-Karin olha para o avô sem saber o que dizer.

— Não foi Elias filho da Helena, foi? — prossegue mamãe.

— Que Helena?

— A pastora! Qual era o sobrenome do Elias?

É fácil esquecer que mamãe já teve outra vida. Anna-Karin só lembra quando ela começa a falar dos amigos e conhecidos de antigamente.

— Malmgren — responde Anna-Karin.

— Minha Nossa Senhora, é ele. — Mamãe apaga o cigarro e imediatamente acende outro.

Sua expressão é de euforia. Ela sempre fica assim quando acontecem tragédias ou acidentes. É a única chance que tem de não chafurdar na própria dor. — Pobre Helena. Não é sempre assim? A pessoa é guia espiritual dos outros, mas parece ficar cega para o que acontece na própria casa. Como ele se matou?

— Eu não sei.

— Mas foi no colégio?

Mamãe está entusiasmada. Pela primeira vez na vida se mostra alerta, explodindo de energia.

Ela se inclina na direção de Anna-Karin como se fossem amigas fofocando no café.

— Quem o encontrou?

— Duas meninas. Uma delas é da minha sala. Mínoo.

— A filha do cara do jornal — diz mamãe.

Vovô permanece sentado sem dizer uma palavra. Então ele se estica por sobre a mesa e toca a mão de Anna-Karin.

— Este Elias, ele era seu amigo?

— Não. Eu só o conhecia de vista.

— Quem é jovem acha que o mundo gira ao redor de si e que qualquer contratempo é o fim do mundo — diz mamãe. — Vocês não sabem como a vida é boa nessa época. Tão pouca responsabilidade.

— Hoje em dia não está fácil para os jovens — contesta vovô.

— Ah, não? Eles ficam aí, esperando tudo de mão beijada — bufa a mãe.

Anna-Karin está com dificuldade de engolir outra vez. Sua raiva fica contida, como um caroço na garganta. Ela solta a faca e o garfo.

— Eles têm a vida toda pela frente — continua mamãe. — Eu não consigo entender.

Mas eu consigo!, quer gritar Anna-Karin.

Tantas vezes ela pensou que seria mais fácil acabar com tudo. A primeira vez foi aos oito anos, quando ela contou ao professor que sua vida era um inferno. Ele chegou a conversar com as crianças que a atazanavam, mas elas reagiram arrancando as roupas dela e deixando-a só de calça e camiseta, no pátio, em pleno inverno. “Da próxima vez a gente mata você, sua caipira”, disse Erik Forslund. Quando a mãe foi buscá-la, Anna-Karin disse que não tinha passado de uma

brincadeira. Se a mãe tivesse insistido um pouco mais, ela contaria a verdade. Mas o que a mãe fez foi brigar com Anna-Karin por ter que ir buscá-la no colégio.

Sim, Anna-Karin entende o que é ter vontade de morrer. Durante oito anos ela pensou nisso quase todos os dias, e então tirou a ideia da cabeça. Pois tem o avô. E os bichos. E os feriados, quando não precisa ir à cidade. E, às vezes, quando ousa pensar no futuro, ela sonha com outra vida, a vida na qual é uma veterinária e pode comprar a própria fazenda, no meio da floresta, bem longe de Engelsfors.

— Deve ter muita coisa que não sabemos da vida do menino — diz vovô a mamãe em tom diplomático.

— Não deve ter sido fácil, não é, com aqueles pais...

Mamãe balança a cabeça, mais uma vez deturpando as palavras de vovô.

Às vezes Anna-Karin não sabe quem a incomoda mais: vovô, que não julga ninguém, ou mamãe, que julga todos menos a si própria.

— Porque, veja só, Helena sempre trabalhou muito, e Krister... nem me fale do Krister. O grande chefe do governo... Acho que ele não tem tempo para coisas banais como a família. É, nem tudo é tão perfeito quanto parece.

Mamãe não faz questão de esconder que gosta de saborear os infortúnios de quem tem sucesso.

— É óbvio que eu não acho que a culpa seja dos pais. Mas é algo para se pensar. Quando os filhos vêm ao mundo, são como páginas em branco. São os adultos que começam a escrevê-los. E quando seu pai nos deixou, falei para mim mesma: “Anna-Karin não vai passar por...”

Mamãe continua falando, mas Anna-Karin não consegue mais ouvir. Tem vontade de gritar: *Você é pura maldade. Não sabe nada sobre a família do Elias, nem sabe sobre a sua própria família e fica aí julgando tudo e todos. Você não devia ter o direito de falar nada.*

CALE A BOCA!

O coração de Anna-Karin palpita. De repente ela percebe o silêncio.

Mamãe já apagou o cigarro. A guimba está amassada, ainda incandescente, em forma de V na beira do prato. Ela está de olhos arregalados, olhando para Anna-Karin. Ela limpa a garganta e tenta dizer alguma coisa, mas tudo o que sai é um sussurro.

Anna-Karin olha para o avô. Ele parece preocupado.

— Você está bem, Mia? Tem alguma coisa na garganta?

Mamãe pega seu copo d’água e engole depressa. Dá um pigarro alto, mas não consegue falar.

— Mamãe? — pergunta Anna-Karin.

— Perdi a voz — diz ela sem emitir som.

Ela se levanta e sai da cozinha pisando duro, levando os cigarros. Logo depois a tevê da sala de estar é ligada.

Vovô e Anna-Karin ficam se olhando. Anna-Karin começa a rir, descontrolada.

— Não é para rir — repreende-a vovô.

Anna-Karin fica calada. Mas tem vontade de dizer que é sim. É hilário.



Mínoo cospe a pasta de dente, lava a escova e seca a boca com uma toalha. Olha-se no espelho e sente um calafrio subir pela espinha. A superfície de vidro é dura, reluzente. Será que ela conseguiria quebrar com a mão? Será que foi isso que Elias fez?

Ela precisa parar de pensar nisso.

Sai do banheiro e vai para o quarto. O pequeno abajur de cúpula verde lança um brilho cálido da mesa de cabeceira. Mínoo veste pijama, roupão e pantufas, mas ainda está tremendo. Vai até a janela para conferir se está bem fechada.

E fica ali, parada.

As copas das árvores e os arbustos oscilam ao vento, irrequietos. Parou de chover. A rua asfaltada brilha à luz dos postes. Um dos arbustos lança uma sombra estranha.

Não. Tem alguém parado ali. Na escuridão, fora do alcance da luz.

Ela puxa as cortinas e espia pela fenda que as separa. Agora tem certeza absoluta. Tem uma pessoa parada no escuro, olhando para sua casa.

Mínoo vê a silhueta se afastar. Quando a figura passa pelo cone de luz do poste seguinte, a garota vê as costas da pessoa. Um suéter preto com o capuz erguido.

Mínoo fica absolutamente imóvel até a silhueta desaparecer.

De repente ela ouve o ranger de pegadas vindo por trás, e o pânico que carregou o dia inteiro sai todo de uma vez só. Mínoo grita de pavor. Ao se virar, vê a mãe à porta.

— Mínoo...

As lágrimas escorrem. No momento seguinte, ela sente os braços cálidos abraçando-a e inspira o cheiro da mãe. Mínoo chora até não haver mais lágrima.

— *Bashe azizam* — diz a mãe para consolá-la.

Naquela noite, a mãe fica sentada à beira de sua cama até Mínoo dormir.



Vanessa está sonhando com Elias. Ele está diante das árvores mortas no pátio, olhando para ela. Quando ela o vê, sente-se triste. Elias Malmgren morreu e será lembrado apenas como o menino que se suicidou no banheiro do colégio.

Ela é acordada pelo telefone de Wille vibrando forte no chão. Diabos. Caíram no sono em um colchão da casa de Jonte. Já é madrugada? Não dá para saber com as persianas fechadas.

O telefone de Wille ainda está tocando quando ela o abre para ver as horas. Ela recusa a

ligação, mas registra o nome na tela.

Wille, como sempre, puxou para si todos os lençóis, e ela fica tremendo de frio. Ela toca o peito de Wille e sente o calor da pele. Ele está se mexendo, inquieto... ele é tão diferente quando está dormindo. É como se ela pudesse vê-lo como um menino e um senhor ao mesmo tempo. Vanessa o abraça e puxa as cobertas sobre os dois.

“Linnéa W”, dizia a tela.

Linnéa Wallin.

A melhor amiga de Elias Malmgren.

A ex de Wille.

A carroça pula e sacode pela estrada. Ela está de joelhos e já conseguiu se livrar do saco que lhe colocaram na cabeça. A brisa da manhã refresca seu rosto suado. Ela olha para as costas curvadas e para o capuz de feltro do condutor.

Ela endireita o corpo e tenta se livrar das cordas. Estão bem apertadas.

De um dos lados da estrada se abre uma floresta escura e silenciosa. Do outro há um vasto campo aberto. Há choupanas cinza aqui e acolá, abrigadas pelo céu claro. Ao leste, a estrela-d'alva brilha sobre o rasgo rosado da alvorada.

Ela tenta encontrar coragem para pular da carroça. Mas até onde chegaria com o corpo machucado e os pés algemados? Será que sobreviveria à queda? Ela nem conseguiria se segurar com as mãos amarradas.

Mas o que a detém, acima de tudo, é o desespero.

Que vida ela teria se fugisse para a floresta?

Sozinha e banida. Caçada por aqueles em quem tinha confiança. Abandonada por aqueles que sempre prometeram protegê-la.

O sol vermelho vai limpar o horizonte a qualquer momento.

Eles estão quase chegando.



Rebecka abre os olhos. O cheiro de fumaça faz seu nariz arder, mais acre do que na tarde de ontem.

O chão sob seus pés está gelado. Ela coloca as meias de ontem, um top de ginástica, uma camiseta antiga e calças bem folgadas. Sai do quarto e fecha a porta em silêncio.

Ela espia o quarto das irmãs. Alma e Moa ainda estão dormindo. Rebecka ouve a respiração delas e é arrebatada pelo amor que sente pelas duas. É o que leva embora a tristeza e o medo que ela sentiu no sonho.

É apenas quando chega ao corredor que percebe que ainda são seis da manhã. Ouve o ronco suave da mãe atravessando a porta fechada do quarto, os zumbidos e estalidos da geladeira. Nem um som vindo do quarto dos irmãos. Rebecka amarra o cadarço do tênis de corrida, pega o casaco cinza da cadeira e sai do apartamento.

Só de descer as escadas ela já sente a endorfina no sangue. Quando sai à rua, a euforia borbulha por dentro. É mais um dia belíssimo. O sol banha os prédios sem graça de três andares com um brilho cálido.

Rebecka pega seu velho MP3 do bolso do casaco e coloca os fones de ouvido. Correndo, desce da rua e dobra à esquerda no final. Aperta o passo. Ela só ama o próprio corpo quando corre, quando sente o sangue circulando. É uma máquina de queimar calorias e oxigênio.

Ela queria ver o próprio corpo da forma que Gustaf diz que vê. Mas, para ela, qualquer reflexo é de um espelho esférico. Começou no sexto ano, quando ela e outras amigas começaram juntas uma dieta. As outras desistiram em questão de dias, mas Rebecka descobriu que lhe fazia bem. Bem até demais. Desde então, não se passou um dia em que ela não pensou no que comeu e no quanto se exercitou. Ela calcula de cabeça várias vezes por dia: café da manhã reduzido, almoço reduzido, jantar um pouquinho maior em troca de uma corrida mais pesada: quantas calorias dá isso?

O outono do nono ano foi o pior. Foi quando ela menos comeu e melhor disfarçou. Às vezes, nos fins de semana, ela se enchia de doces e salgadinhos, para que os pais não ficassem desconfiados. Para compensar, comia ainda menos nos dias úteis. Foi em uma dessas semanas que ela desmaiou na academia, e o instrutor a mandou para a enfermaria, onde ela fez uma confissão parcial de que andava um pouco *relaxada* na alimentação. Mas fazia poucas semanas. “Eu juro”, e a enfermeira acreditou. Uma garota inteligente que nem Rebecka não teria distúrbio alimentar, pensou a enfermeira.

As coisas melhoraram um pouco na primavera. E então ela conheceu Gustaf. Agora ela não passa fome, mas ainda tem os mesmos pensamentos. Mesmo que o monstro não se manifeste sempre, ele está lá, aos sussurros, aguardando.

As casas geminadas dão lugar às casas com quintal. Às costas delas fica o Morro Olsson, onde todos os anos é acesa a grande fogueira de maio. Ela aperta o passo para subir o aclave íngreme. Quando chega ao topo, desacelera até parar.

Seu coração palpita dentro do peito. O rosto está vermelho. A música explode na cabeça. Ela tira os fones de ouvido.

Lá embaixo ela vê a água correndo pelo canal. Mais à frente, a igreja. O cemitério. E o presbitério. Onde Elias morava. Onde seu quarto agora está vazio. Os pais perderam o filho.

Rebecka se dá conta de que eles vão ver o túmulo dele sempre que olharem pela janela. De repente ela começa a chorar.

Ela não conhecia Elias, tampouco quer se aproveitar da tristeza alheia, como fazem Ida Holmström e as amigas, mas sente uma grande melancolia pesar no peito. Porque o que aconteceu não faz sentido. Porque ele poderia ser feliz se tivesse aguentado só mais um pouco. E por causa de algo que ela não consegue colocar em palavras.

Ela limpa as lágrimas com as mangas e vira-se.

Há uma pessoa parada ao pé do morro, segurando o guidão de uma bicicleta. Ele ou ela está usando um casaco negro parecido com o dela, com o capuz erguido. Rebecka não consegue ver o rosto da pessoa, mas sabe que está olhando bem para ela.

Parece que passa uma eternidade até a figura de preto subir na bicicleta e ir embora pedalando. Rebecka espera mais alguns minutos antes de correr de volta para casa.



Quando Rebecka chega, Alma e Moa estão acordando. São quase sete horas, e ela começa a preparar o café da manhã, em silêncio para não acordar a mãe, que chegou em casa de madrugada, depois de trabalhar no turno da noite no hospital.

Ela coloca à mesa leite, cereais, uma fatia de pão e manteiga. Já que seu pai passou a viajar para Kóping toda semana, em várias manhãs ela tem que ajudar Anton e Oskar a se aprontar para o colégio e levar Alma e Moa para a creche. Na maioria das vezes não tem problema. Mas de vez em quando ela se sente Cinderela antes da transformação. Agora, com aquela figura de capuz preto a assombrá-la, está feliz por poder fazer algo tão cotidiano.

Rebecka vai ao quarto dos irmãos. Oskar enrugou o nariz e geme quando a luz do corredor bate em sua cama. Ele acabou de completar doze anos e ficou mais alto e mais esbelto no verão. Embora seu rosto ainda seja de criança, Rebecka já tem uma ideia de como ele vai ficar quando crescer. Anton, apenas um ano mais novo, não está muito distante. Mas quando estão dormindo eles parecem tão pequenos. Indefesos.

Ela vai à janela e abre as persianas.

Há milhares de razões plausíveis para aquela figura do capuz preto estar parada no morro. Não era necessariamente alguém perseguindo-a. Mas Rebecka não acredita nisso.



— Tem certeza de que quer ir ao colégio hoje? — pergunta o pai durante o café da manhã.

Ele e Mínoo estão sozinhos, já que a mãe foi para o hospital. As vozes do rádio dão as notícias do mundo. A mãe não suporta ouvir rádio de manhã, por isso o pai aproveita quando ela não está.

— Quanto mais eu esperar, mais difícil vai ser.

Ele balança a cabeça e faz sinal de que compreende, mas não tem ideia. Se ela ficasse em casa hoje, imediatamente começariam os boatos. Talvez dissessem que ela enlouqueceu. Ou que também cometeu suicídio. E então, quando enfim retornasse ao colégio, todos ficariam encarando-a mil vezes mais do que quando ela chegar hoje.

— É melhor enfrentar isso de uma vez — acrescenta ela.

— Quer carona?

— Não, obrigada.

O pai fica olhando para ela com ar preocupado, e Mínoo se sente forçada a mudar de assunto.

— Já decidi se vai ou não escrever sobre o assunto?

— Vamos esperar para ver o desenrolar das coisas. Talvez haja uma investigação sobre a

responsabilidade do colégio na tragédia. Os pais do menino podem exigir. Aí a situação muda de figura.

Mínoo fica aliviada. Mas por motivos egoístas. Quanto mais cedo esquecerem, mais cedo ela pode voltar ao anonimato.

Ela escova os dentes e vai ao quarto buscar sua bolsa. Olha pela janela e estremece ao pensar na noite de ontem. Na figura parada lá fora.

Seu pai a aguarda no corredor, as mãos cruzadas sobre a barriga, que cresceu consideravelmente nos últimos anos.

— Tem certeza de que quer ir?

— *Tenho* — responde ela, arrependendo-se imediatamente da irritação na voz, e dá um abraço no pai.

Mínoo às vezes fica preocupada, pois ele dorme pouco, trabalha demais e come muita porcaria. O pai dele, o avô que ela nunca conheceu, morreu de ataque cardíaco aos cinquenta e quatro anos. O pai de Mínoo tem cinquenta e três. De vez em quando ele e a mãe dela discutem por causa disso. Esses “debates”, como ele chama, são conduzidos a vozes baixas e acaloradas, que Mínoo não deveria ouvir, mas às vezes o pai perde a paciência. “Guarde seu diagnóstico para os seus pacientes!”, estoura ele.

Nesses momentos Mínoo odeia o pai. Se ele não cuida de si pelo próprio bem, deveria fazer isso pelo bem delas.

— Ligue para mim se precisar de alguma coisa — diz o pai.

Mínoo faz que sim e o abraça de novo, desta vez com mais força.



Mínoo não precisa compreender os sussurros do pátio para saber que todos tratam do mesmo assunto: Elias. Como ele se matou. As meninas que o encontraram.

— Olhem, lá vem ela — sussurram alguns meninos mais velhos quando ela passa.

Ela puxa a mochila para mais perto de si quando entra no colégio. Abaixa a cabeça e tenta ficar invisível enquanto se esgueira pelo agitado hall de entrada. O colégio inteiro foi convocado a se reunir no auditório para fazer um minuto de silêncio por Elias.

Os olhares e sussurros a acompanham. Suas orelhas ficam mais vermelhas a cada passo que dá. Mínoo não aguenta mais. Desce as escadas correndo até o refeitório no subsolo. A esta hora da manhã, apenas o pessoal da cozinha está lá. Ela vai ao banheiro das meninas.

É só quando fecha a porta que ela consegue respirar normalmente. Olha para o relógio. Se esperar alguns minutos e entrar no auditório quando a cerimônia estiver para começar, e se sentar no fundo, talvez ninguém a note.

Ela vai até o espelho e fica olhando o próprio rosto. Era assim que Elias estava antes de...

fazer aquilo? Ela fecha os olhos e abre de novo. Tenta enxergar seu rosto como se fosse outra pessoa, como Max o veria.

Toda vez que ela se olha no espelho vira uma obsessão.

Se perdesse as espinhas, talvez eu ficasse bonita, pensa ela. Pelo menos bonitinha.

Então a incerteza volta. Como é possível passar tanto tempo em frente ao espelho todos os dias e ainda não conhecer a própria aparência?

Ela pensa em quando ficou sozinha na sala com Max. Em como a mão dele era quente. Ela sente o calor mais uma vez, que se espalha pelo seu corpo. Por que ela saiu correndo? O que teria acontecido se ela ficasse?

A porta se abre com um estrondo. Mínoo vira-se. É Linnéa.

— Oi — diz Mínoo, questionando se o que ela estava pensando poderia estar escrito em sua testa.

— Oi — responde Linnéa, e entra. Ela usa jeans escuro e um grande casaco preto com capuz e olha Mínoo de cima a baixo. — Está se escondendo de novo? — pergunta ela com um pequeno sorriso.

Mínoo deveria ficar furiosa, mas não consegue. As palavras ásperas de ontem não contam: seria muita mesquinhez diante do que aconteceu.

— A gente pode esquecer o que eu falei ontem? — pergunta Linnéa, como se estivesse pensando a mesma coisa.

— Claro. — Mínoo tenta dar de ombros, como se fosse indiferente. — Como você está? — pergunta ela sem pensar. Não é a pergunta mais sensata a se fazer para alguém que encontrou o melhor amigo morto no banheiro.

Linnéa parece prestes a dar uma resposta sarcástica, mas então seu rosto suaviza.

— Eu não ia vir hoje — sussurra ela —, mas senti que precisava, pelo Elías.

Mínoo pensa nos motivos egoístas que a fizeram não ficar em casa, e se sente feliz por Linnéa não estar olhando para ela. Seu olhar está voltado para outro lugar, quase como se estivesse olhando para dentro de si. Ela rói a ponta da unha rosa-choque.

— Eu queria que as pessoas o conhecessem — declara ela. — Ele era tão engraçado. E querido.

Mínoo não sabe como responder.

— Vamos? — diz ela, depois de hesitar por um instante.

Linnéa faz que sim e sai na frente.

O hall de entrada agora está vazio, com exceção de alguns retardatários correndo rumo ao auditório.

— Você está bem? — pergunta Mínoo antes de elas entrarem.

O burburinho do auditório parece vir de uma colmeia gigantesca.

— Não — responde Linnéa, com seu sorrisinho plácido. — Mas eu nunca estou mesmo.

Rebecka e Gustaf estão sentados lado a lado na penúltima fileira. O auditório está praticamente igual desde a construção do colégio: um grande salão com o piso em declive que leva a um palco revestido de madeira. O sol entra pelas janelas altas e empoeiradas e desenha uma sombra na parede oposta. Colocaram um púlpito no palco, e os assentos estão apinhados de alunos.

Rebecka vira-se e vê Mínoo Falk Karimi e Linnéa Wallin entrarem e se sentarem na fileira atrás dela. Ela sorri sem saber bem se deve. Linnéa parece não enxergá-la, mas Mínoo sorri de volta.

Rebecka sempre gostou de Mínoo, mas ela é uma pessoa difícil de se aproximar. Aparenta ser tão adulta que faz Rebecka se sentir infantil e diminuída. Além disso, Mínoo é muito inteligente. Era imbatível nos debates em aula do ano passado. Ela encadeava vários argumentos brilhantes, sempre claríssima. Ninguém tinha chance contra ela, nem mesmo os professores. Às vezes, assim que a aula terminava, Rebecka percebia buracos na linha de raciocínio de Mínoo. Mas enquanto estava apresentando, os argumentos de Mínoo pareciam tão plausíveis que não havia outra possibilidade senão aceitar.

Deve ser ótimo ser assim, pensa Rebecka. Nunca duvidar de si mesma.

— O colégio inteiro está aqui — diz Gustaf em voz baixa.

— É tão horrível — sussurra Rebecka. — De uma hora para outra, todo mundo se importa.

— Acho que todo mundo quer mostrar que não eram eles que maltratavam Elias.

Rebecka olha para a expressão séria de Gustaf, seu perfil reto e o cabelo louro bagunçado. Muita gente no colégio o enxerga apenas como o cara bonito que joga futebol. Mas não o conhecem de verdade. Ele é inteligente, mais do que muita gente que Rebecka conhece. Mas não inteligente no sentido acadêmico: ele entende da vida. Ela pega a mão quente dele e aperta forte.

O burburinho no salão some e assim que a diretora sobe ao púlpito.

— Uma tragédia se abateu sobre nosso colégio — começa ela.

Os primeiros soluços vêm das fileiras da frente, mas Rebecka não consegue ver quem está chorando.

— Elias Malmgren foi encontrado morto, neste colégio. Não podemos sequer imaginar o que seus familiares e amigos estão passando, mas nos comove muito ver uma pessoa tão jovem tomar a decisão de tirar a própria vida.

Mais soluços. De repente Rebecka sente uma tontura. O ar está mais denso, fica difícil respirar.

— Rebecka — sussurra Gustaf.

A voz da diretora parece cada vez mais distante, como se ela estivesse falando debaixo d'água.

— Eu quero... — murmura Rebecka.

Gustaf já entendeu. Como sempre. Ele a ajuda a se levantar e a leva discretamente até a porta. Ela nota as cabeças se voltarem para os dois, mas não se importa. Precisa de ar.

Assim que eles saem do auditório, a tontura diminui. Ela respira fundo.

— Quer ir lá fora? — pergunta Gustaf. — Quer que eu traga um copo d'água?

— Obrigada — diz ela, e lhe dá um abraço, aninhando o nariz no pescoço dele e respirando fundo. — Agora melhorou. Eu fiquei um pouco tonta.

— Você comeu alguma coisa hoje?

— Comi. Por que essa pergunta?

Eles nunca falaram sobre o problema dela, mas Rebecka tem certeza de que Gustaf sabe. Dá para ver nos olhares, nas pausas, como se ele estivesse se preparando para perguntar mas não soubesse como.

— É que eu pensei... Você disse que estava se sentindo tonta.

Ela não devia ficar incomodada. Ele só quer mostrar que se importa.

Mas por que ele não me pergunta, ora?, pensa ela. Por que não pergunta o que ele quer saber há meses? É verdade o que dizem sobre Rebecka? Que ela vomita depois do almoço? Que no ano passado ela desmaiou na aula de educação física porque não tinha comido?

E por que *você* não fala com ele?, pergunta uma vizinha. É o seu namorado. Vocês se amam.

Rebecka já sabe a resposta.

Ela tem medo de que ele suma. Quem aguentaria ficar com alguém que dá tanto trabalho? Uma pessoa tão perturbada que não come, depois come demais, vomita tudo e volta a não comer. Uma pessoa que está sempre com medo de desabar. Meninos não querem meninas problemáticas. Querem meninas tranquilas, alegres, que estejam sempre rindo. Não é difícil ser assim com Gustaf, pois ele a faz feliz. Até agora ela tem conseguido esconder o outro lado.

Por que ele não poderia amar esse outro lado?, pergunta a voz. Deixe-o participar que você vai ver. Conte para Gustaf o que você nunca contou a ninguém.

Rebecka saboreia as palavras e o alívio que ela sabe que teria. Então pensa na ansiedade que voltaria assim que contasse. Confiar em uma pessoa é sinal de vulnerabilidade. Ela lembra que no passado segredos foram usados como armas em inúmeras guerrinhas pessoais. Que até as coisas mais inocentes podem ser usadas como veneno em mãos alheias.

Mas Gustaf não faria isso, faria?

Não de propósito. Mas basta um comentário distraído depois do treino — sobre como ele se preocupa com ela — para começar o zum-zum-zum.

Ela decide que não. Melhor guardar tudo consigo. Só assim ela terá certeza de que seu segredo está guardado.

— Acho que comi pouco no café. Sai para correr de manhã, devia ter me alimentado melhor. — Com certeza não é algo que uma pessoa com problemas diria.

Gustaf parece aliviado, praticamente convencido.

— Você precisa se cuidar — diz ele. — Você é muito importante para mim.

Rebecka beija aqueles lábios absurdamente macios.

— Você é *tudo* para mim — sussurra ela, pensando que aquilo não é inteiramente verdade, porque os outros também são importantes: a mãe, o pai, os irmãos e as irmãs. Mas é legal dizer. De certa forma, consegue expressar a imensidão do que ela sente por Gustaf, que ela considera impossível colocar em palavras.

— Quer voltar lá para dentro? — pergunta ele.

Ela faz que sim. Seria errado sair assim.

Quando eles retornam ao auditório, a diretora ainda está no púlpito. Agora, alunos de todas as idades estão chorando, gente que nem sabia que Elias existia. Ninguém olha para Rebecka e Gustaf quando eles voltam para seus lugares.

— Agora vamos ouvir um poema, e depois dele faremos um minuto de silêncio por Elias — declara a diretora em um tom delicado. — Então vamos ao pátio assistir à bandeira ser estendida a meio mastro.

A diretora dá a palavra a uma menina de cabelo claro que subiu no palco.

A boca de Rebecka seca na mesma hora. É Ida Holmström.

— Eu não acredito... — resmunga Gustaf baixinho.

Mas ninguém mais reage. E por que reagiriam? A maioria nem deve saber o nojo de pessoa que é Ida.

Ninguém obrigava Elias a se vestir daquele jeito, nem a usar maquiagem para vir ao colégio.

As palavras ecoam na cabeça de Rebecka. Ida se inclina para a frente e sem querer respira muito perto do microfone, gerando um eco nos alto-falantes. As lamúrias diminuem.

— Meu nome é Ida Holmström, e sou da turma de Elias desde que tinha nove anos. Ele era muito legal e a gente tentou ajudar quando ele estava mal. Agora que ele se foi, tudo ficou vazio. Gostaria de ler este poema em nome dos amigos dele.

Rebecka olha para Gustaf, que está rangendo os dentes tão forte que os músculos de seu queixo ficam tensos.

“Quando eu tiver partido, amor,
Não me cantes tristes melodias;
Não plantes rosas à minha lápide,
Nem sombrios ciprestes...”

Ida limpa a garganta quando sua voz começa a falhar. Ela está comovida? Ou fingindo? Recomeçam os soluços. O poema é lindo, mas não existe nada mais inadequado que ver Ida declamando-o para Elias.

Porque, tipo, ele podia ter se esforçado mais para se adequar, para ser mais normal.

Rebecka vira-se discretamente e olha para Linnéa, talvez a única amiga real de Elias neste auditório lotado.

Linnéa nem tenta esconder o ódio. Rebecka nunca viu um olhar como aquele antes, e percebe

na hora que algo vai acontecer.

“Sê apenas a grama verde acima de mim,
Sê a chuva e o orvalho;
Se quiseres, lembra,
Se quiseres, esquece.”

Ida olha para a plateia como quem espera aplausos. Então acrescenta:

— Agora vamos fazer um minuto de silêncio por Elias.

O salão fica em silêncio, mas apenas por alguns segundos. Rebecka ouve um assento com molas bater no encosto quando Linnéa se levanta e grita:

— Hipócrita de merda!

Ouve-se um estrondo no auditório quando centenas de alunos se viram.

— Você fica aí fingindo que se importava com Elias! Você, justamente uma das pessoas que infernizavam a vida dele!

Ida, de cima do púlpito, rebate o olhar como um cervo diante de faróis.

A diretora se levanta.

— Linnéa...

Mas Linnéa desce o corredor, chega perto do palco e fala mais alto que a diretora:

— No oitavo ano, Erik Forslund, Robin Zetterqvist e Kevin Månsson cortaram o cabelo do Elias... — Ela continua a falar enquanto se dirige ao palco, determinada. Ida está parada, agarrada ao púlpito. — Quando eles terminaram, só tinha sobrado uns tufo. A cabeça dele ficou sangrando. Você deu as tesouras para eles, Ida. Foi você! Eu vi! E vocês também, seus hipócritas de merda!

Surgem os gritos de apoio, vindos do fundo, onde ficam os outros excluídos.

Ida chega mais perto do microfone:

— É muito triste que Elias tenha sido vítima de *bullying*. — Sua voz está mais aguda que o normal. — Mas essa história não é verdade.

Tudo acontece tão rápido que ninguém tem chance de reagir. De repente, Linnéa está no palco se jogando contra Ida, que solta o púlpito e recua.

— Linnéa! — grita a diretora, com um tom de pânico na voz.

E Rebecka pensa: uma coisa horrível vai acontecer. Alguém precisa impedir, agora!

No instante seguinte, ouve-se um ranger vindo do teto. A viga de metal em que os refletores estão presos começa a tremer. Então cai no púlpito com um estrondo, exatamente entre Linnéa e Ida. Cacos de vidro das lâmpadas estilhaçadas explodem no palco.

Chiados agudíssimos ecoam nos alto-falantes, e todos tapam os ouvidos até o zelador desligar a energia. Então, silêncio. Silêncio mortal. As pessoas abaixam as mãos, mas ninguém diz nada.

Linnéa e Ida ficam se encarando, paralisadas. Por fim, Ida perde a batalha. Ela foge do palco

e tenta se proteger entre os amigos na primeira fila.

O burburinho volta. A diretora tenta conversar com Linnéa, mas ela desce do palco e corre para a saída.

Rebecka fica olhando para o pó ainda suspenso no ar e o vidro espalhado pelo chão.

Fui eu.

É uma ideia absurda, mas não lhe resta dúvida. Foi ela que fez aquilo acontecer. Era impossível, e mesmo assim aconteceu. Aconteceu na frente de todo mundo.

— Mantenham a calma — grita a diretora de cima do palco. — As fileiras da frente saem antes, depois as seguintes. Vamos nos reunir no pátio.

Rebecka não consegue tirar os olhos da viga. Ela nunca acreditou no sobrenatural, nunca conseguiu levar fantasmas ou horóscopos a sério.

Mas agora ela não só acredita. Ela também *sabe*.



Anna-Karin está entre os últimos a sair do auditório. Ficou sentada bem no fundo, o mais longe possível, para que ninguém a notasse. Era ainda mais importante fazer isso em um dia como este, já que ela decidiu deixar Pimenta em casa. Ou talvez tenha sido Pimenta quem decidiu: quando ela foi pegá-lo, ele correu para baixo do sofá e ficou enfiado lá até a hora em que ela devia sair para pegar o ônibus.

Anna-Karin ficou magoada... e assustada. Ela sempre teve jeito com animais. Eles a adoram.

Mas agora a realidade parece confusa, quando ela pensa no comportamento de Pimenta e na mãe, que perdeu a voz no meio de uma frase — não tinha voltado até a hora em que ela saiu para o colégio —, em seus sonhos estranhos e no fato de ela ter acordado dois dias seguidos com o cabelo cheirando a fumaça. Existe alguma ligação entre o caos no palco e tudo isso.

Ela desce as escadas como um robô e vai para fora. Por uma brecha na multidão de alunos, ela vê o zelador subir no mastro. Ao fundo, ela percebe a diretora. Seu rosto está retesado.

A bandeira é erguida lentamente, depois abaixada. Ela fica a dois terços do alto do mastro, frouxa, caída.

Todos ficam lá alguns minutos, sem saber o que fazer. Alguns voltam a chorar. Mas depois do drama no auditório, está tudo meio estranho. A diretora fala alguma coisa e os que estão mais próximos do mastro começam a dispersar e se dirigir às salas, onde professores e psicólogos já os aguardam para discutir a situação. A diretora disse no discurso: “É importante pôr em ordem as emoções que sentimos quando acontece uma coisa como esta.” Como se afastar as emoções ruins fosse tão fácil quanto se desfazer do lixo no pátio.

Anna-Karin fica olhando para a bandeira. Pobre Elias, pensa ela. Mas pelo menos ele tinha amigos que se parecem com ele.

Anna-Karin nunca fez parte de um grupo. Nunca gostou de nenhum tipo de música em especial nem teve um estilo específico. Ela não tem nada que a destaque.

— Aquela vaca da Linnéa...

A voz a sua direita soa familiar. Ela se vira. É Erik Forslund, com Kevin Månsson e Robin Zetterqvist. Os meninos que, segundo Linnéa, atacaram Elias com tesouras.

— A gente devia dar uma lição naquela sapatão — rosna Robin.

Os outros concordam.

A raiva de Anna-Karin começa a aumentar. Ela fixa os olhos em Erik Forslund até ele notar. Anna-Karin percebe que é a primeira vez que ela olha nos olhos dele desde o primário. Na época ela ainda não havia aprendido a olhar sempre para o chão, e assim passar incólume pela vida.

— Porra, tá olhando o quê, *Vacalhau?* — zomba Erik

É como se todos os anos de raiva voltassem ao mesmo tempo. Só que desta vez ela não volta tudo para si. Não está com raiva de si por ser feia, inútil, gorda, nojenta e patética. Em vez disso, está com raiva de Erik. Ela o odeia. É uma sensação boa: borbulha como gás de refrigerante.

Se mije nas calças!

Ela está fitando os olhos de Erik quando acontece. Algo nele muda. De repente uma mancha escura se forma na calça dele.

Erik fica olhando para os lados em pânico. Até agora ninguém notou. Ainda há salvação.

É quando aparece Ida, com Julia e Felicia a tiracolo. Ela acaba de ser humilhada diante de todo o colégio e percebe uma oportunidade de tirar a atenção de si. Olha para Erik e então baixa o olhar. Não consegue conter o sorriso.

— Ai, querido, o que houve? Você se mijou? — dispara ela, com uma preocupação fingida.

Ela fala alto o suficiente para que todos ao redor cheguem mais perto. Depois, os que estão ao redor dele. Todos riem. Uma daquelas gargalhadas genuínas, para liberar a tensão, exatamente do que estavam precisando.

— Ai, que nojo! — diz alguém.

Anna-Karin curte cada momento deste sonho realizado diante de seus olhos. Erik olha com desespero para Robin e Kevin, mas eles simplesmente riem junto com os outros. No meio da confusão, ele fita Anna-Karin mais uma vez.

— Erik Mijão — diz ela, calmamente.

Erik sai correndo. Seus sapatos chapinham a cada passo. Anna-Karin fica observando-o correr, e sua alegria não para de crescer. Como se houvesse mil corais de anjinhos a cantar.

Ela passou a vida inteira ouvindo vovô contar histórias de fantasmas e fenômenos sobrenaturais. Sobre rãdomancia, sobre o *noaidi* Sami, o velho que consegue estancar sangramentos com a mente. Por que não poderia acontecer com ela? Quem além de Anna-Karin Nieminen, a eterna vítima, merece poderes mágicos? Não seria justiça divina?

Vanessa tira as roupas aos poucos, uma peça por vez. Seu corpo está avermelhado à luz da fogueira. Lucky solta um *fiu-fiu*, e Wille lhe dá um soco no braço, um pouco mais forte que o necessário. Vanessa sorri.

Nossa, como ela adora ficar bêbada. Somem todos os espinhos, todos os problemas se tornam insignificantes. Aquelas merdas que aconteceram na frente do espelho e na casa de Jonte, nada tem importância. O fato de Linnéa Wallin ainda ligar para Wille: não interessa. Em breve, nada vai ter valor. Daqui a dois anos, ela vai ser adulta. Daqui a dois anos, o colégio acaba. Aí ela vai entrar em um carro, sair desta cidade e nunca mais olhar para trás. Nunca. Até lá, ela quer aproveitar tudo o que puder da vida.

Vanessa já está só de sutiã e calça. Pega a garrafa de Coca com cachaça da mão de Wille e toma uns goles. Então começa a dançar, bem devagar, como se pudesse ouvir uma melodia sensual na cabeça e tivesse que seguir aquele ritmo. Queria que Michelle e Evelina estivessem ali. Por outro lado, é divertido ser a única garota.

— Que isso! Você precisa fazer strip na frente de todo mundo? — resmungo Wille.

Ela ignora e volta-se para os outros:

— Alguém tem cigarro?

Os cinco começam a mexer no bolso. Mehmet, bonito mas baixinho, estende um já aceso. Ela se estica para pegar, e os dedos tocam os dele sem querer. Ele ri de nervoso. Ela quase consegue ouvir a ereção.

— Jonte está vindo? — pergunta Lucky, sem tirar os olhos de Vanessa.

— Ele não estava a fim — responde Wille.

— Que bom — diz Vanessa. — Eu não *aguento mais* o Jonte.

Risadas se espalham entre os meninos. Wille parece irritado.

— Vou nadar — diz ela, e sai em direção à água.

A lua cheia acende um grande holofote sobre o lago. As noites ganharam uma escuridão outonal e o ar cheira a terra e cogumelos.

Vanessa joga longe o cigarro, que chia ao tocar a água. Ela tira o sutiã e a calça, joga as roupas para trás e coloca o pé na água. Está mais gelada que o esperado, mas ela entra mesmo assim. Com a água na altura da cintura, ela mergulha.

Ela é tragada pelo Lago Dammsjön. O frio ajuda a esvaziar a mente, e ela dá algumas braçadas. Está escuro e silencioso. A água acaricia seu corpo enquanto ela desliza até a superfície e emerge.

Vanessa respira fundo. Mergulha e passa os dedos pelo cabelo, rente à cabeça. Então olha de volta para a praia. A fogueira é um ponto pequeno de luz em meio às trevas. A floresta é uma massa compacta que balança lentamente ao vento.

A camiseta branca de Wille brilha no escuro quando ele chega à margem do lago.

— Volte aqui! — grita ele.

— Venha você! — grita ela em resposta, e afugenta o mosquito que zumbe em volta.

— Tá um frio do cacete!

Ela não responde; em vez disso, mergulha de novo. Seu corpo já se acostumou ao frio. Ela dá cambalhotas debaixo d'água, girando e girando até não saber onde é em cima e onde é embaixo. Quando o ar dos pulmões está quase no fim, ela se lança para cima e sente a primeira pontada de pânico antes de chegar à superfície. Estava mais no fundo do que imaginava. Olha de novo para a praia.

Wille está só de cueca, com água pelos joelhos.

— Caceeeeeete! — berra ele, e Vanessa ri.

— Você parece uma velhinha! — grita ela para ele.

Wille avança mais e afunda até a água chegar aos ombros. Continua a praguejar.

— Vai ficar bem melhor quando você entrar, eu juro — provoca ela.

— Você e essas promessas que não cumpre!

Isso a faz pensar em Linnéa. Wille jurou que eles não se falavam mais.

Vanessa não é do tipo que sente ciúmes, exceto quando se trata de Linnéa. Foi ela que deu o pé na bunda de Wille. Se não tivesse sido assim, talvez ainda estivessem juntos. Mas Vanessa não tem nenhuma intenção de falar do telefonema. Ela não vai deixar ninguém saber que Linnéa a faz se sentir insegura. Além disso, ela detesta meninas que fiscalizam escondidas o celular do namorado.

Wille dá longas braçadas. Agora já consegue ver seu rosto. Ele chega até ela e a abraça. Os rostos molhados se encontram e se beijam. Os corpos deslizam facilmente um pelo outro sob a superfície.

— Putz, você é gostosa demais — sussurra Wille, com aquela voz. Aquela que a faz sentir calor.

— Olhe só quem fala — sussurra ela, passando o dedo pelo elástico da cueca dele. — Pegue lá um cobertor.

— No lugar de sempre? — pergunta Wille, com um sorriso ébrio.

Ela faz que sim, e eles se beijam mais uma vez.

— Rápido — sussurra ela, e então se afasta dando braçadas de costas.

Wille caçoa dela por estar sempre querendo transar, mas ela sabe que ele a ama por isso. Ele acha que é graças ao desempenho dele, que ele é incrível na cama e ela fica querendo mais. Mas Vanessa sempre adorou sexo. Até na primeira vez, quando todo mundo dizia que ia doer. Para ela, transar é como ficar bêbada: faz esquecer tudo em que não quer pensar. Ela se sente o centro do universo.

Vanessa fica toda arrepiada quando sai da água. Seu corpo parece mais pesado em terra. Ela não está tão sóbria quanto imaginava. Cambaleia ao se abaixar para pegar as roupas e se vestir.

Quando olha para a lua de novo, está vermelho-sangue. Nunca viu nada igual.

Wille está deitado no cobertor, a sua espera, quando ela vai para entre as árvores. O cantinho deles.

— Já viu a lua? — pergunta ela.

Wille não responde. Simplesmente dá batidinhas no espaço a seu lado, no cobertor. Ela se deita e ele vai imediatamente para cima. De repente, Vanessa sente a terra se mexer.

— Estou passando mal — diz ela, e o empurra.

Uma tontura momentânea, e de repente parece que algo toma conta do corpo dela. Vanessa se senta em um movimento involuntário.

— O que você está fazendo? — pergunta Wille, ao longe.

Vanessa está tonta de novo. Sua perspectiva está torta. É como olhar pelo lado errado do telescópio. Ela sente o corpo se erguer e puxa o cobertor com tanta força que Wille rola para fora dele. Então ela se enrola e começa a caminhar. Seus pés sabem o caminho, apesar da escuridão e do chão cheio de pedras e buracos. Suas pernas estão firmes.

Wille a segura pelo ombro e a vira. Ele parece preocupado; Vanessa quer acalmá-lo, mas não consegue falar. Ela se livra dele e segue noite adentro. Em algum lugar, um corvo grasna.

— Porra, então esqueça! — grita Wille para ela.

Acho que eu estou muito bêbada, pensa Vanessa.



Anna-Karin está sentada no quarto, em frente ao computador. Fica olhando para a tela e para os vários chats abertos.

No ensino fundamental, ela criou um perfil em uma rede social. Ainda fica com raiva quando pensa naquilo, raiva por ter sido tão imbecil a ponto de imaginar que faria amigos. Claro que a descobriram. Erik Forslund e Ida a fizeram entregar a senha. Ela nunca vai esquecer as fotos que eles postaram. As coisas que escreveram.

O perfil ainda existe. É óbvio que mudaram a senha, para ela não conseguir deletar a conta. Às vezes ela entra e dá uma olhada, só para lembrar que não pode confiar em ninguém. É uma casquinha de ferida a qual ela insiste em futucar.

Ela costuma ler os blogs de pessoas que escrevem sobre a própria vida. Gente que acha que o que comeu no jantar ou o que veste é tão importante que precisa compartilhar com o mundo.

Quando alguém reclama demais sobre problemas-que-não-são-problemas, ela fica tão incomodada que acaba fazendo um comentário implicando. Depois passa horas acordada, com medo de que o blogueiro vá descobrir quem ela é.

Agora ela está conferindo o blog de Evelina, amiga de Vanessa Dahl. No último post, ela escreveu sobre como é triste um cara do mesmo ano que ela ter cometido suicídio. No post anterior, ela publicou uma foto com Jari Mäkinen. Os rostos dos dois estão tão apertados que deve

ter doído. Parece que ela está segurando as costas dele. Anna-Karin a acha parecida com aquelas dançarinas de clipe.

Eu e o meu Jari... gostos@s D+!!!:P

As bochechas de Anna-Karin estão quentes diante da claridade da tela. É ridículo ver Evelina agarrada com meninos mais velhos. Mas Anna-Karin só queria estar no lugar de Evelina naquela foto.

Sozinha no quarto, ela estuda cada pixel do rosto de Jari. Nos últimos anos, ela olhou bastante para ele. Olhou, espiou, até encarou, quando tinha certeza de que ninguém estava olhando. De vez em quando, o pai de Jari ajuda a mãe e o avô dela na fazenda, e Jari vinha junto quando era mais novo. Anna-Karin se escondia no quarto até ele ir embora.

Ela está prestes a escrever algo desagradável para Evelina na caixa de comentários, quando sente um formigar nas pernas, como se estivessem dormentes.

Então ela se levanta tão rápido que a cadeira desliza pelo quarto. Não fui eu, pensa ela, horrorizada. Não fui eu.



Quando Minoο acorda, está de pé, no jardim, de pijama e pantufas. Sua última lembrança é de estar deitada na cama, estudando. Deve ter caído no sono.

Ela sente o pânico borbulhar dentro de si quando seus pés começam a se mexer por vontade própria. Ela atravessa o jardim e vai até a rua.

Será um sonho? Não. Ela tem certeza de que não é. Tenta parar, virar-se, correr para o outro lado, mas o corpo continua caminhando, implacável.

As ruas estão vazias; a noite, silenciosa. Ela só ouve a sola de plástico das pantufas raspando o cascalho e o som da própria respiração. Tenta gritar, mas sai apenas um ganido.

É bizarro tentar achar lógica em uma situação totalmente absurda, mas é tudo que Minoο consegue fazer para aliviar o pânico: tenta lembrar se já leu sobre alguma situação parecida com isso. Mas seus pensamentos continuam tomando rumos que a deixam ainda mais aterrorizada.

Doenças neurológicas. Possessão.

Por fim, ela resolve parar de pensar.

Minoο chega à rodovia federal e vê um caminhão vindo a toda velocidade à sua esquerda. Seu corpo não diminui o passo e segue pelo asfalto. O caminhão dispara a buzina. Minoο grita por dentro. O chão vibra sob seus pés, que continuam marchando, decididos, sempre em frente. Ela se retesa, esperando o impacto, quando seu corpo será esmagado e esparramado pela rodovia.

Mas não acontece.

Ela não consegue entender se o que a atinge é o monstro de metal ou o vácuo. O veículo dá uma buzina demorada, sem diminuir a velocidade, mas Minoο está segura, do outro lado da

estrada.

Seus pés começam a escalar o aterro íngreme que passa ao lado da rodovia. Ela escorrega na grama úmida e perde uma pantufa. Ela sente o chão frio na sola do pé enquanto segue subindo. A lua brilha no céu escuro. Tem um tom vermelho que não pode ser natural.

Tem alguma coisa errada, pensa ela.

Quando chega ao alto, ela começa a caminhar junto aos trilhos do trem. Após um tempo, acaba perdendo a outra pantufa.

A floresta é cerrada ao redor da ferrovia, o luar reluz nos trilhos. Mínoo estranha que a lua esteja vermelha mas seu reflexo, normal.

Ela ouve o trem chegando e fica nervosa.

É raro a ferrovia ser utilizada à noite, mas às vezes passam trens de carga, que ela consegue ouvir de casa.

Ela enxerga uma pequena barragem e, ao lado, a estrada de terra antiga, que quase nunca é usada, já que construíram a rodovia federal atravessando Engelsfors. Só catadores de cogumelos e pessoas a cavalo passam por ali.

De repente Mínoo muda de direção. Ela desce o aterro e vai até a estrada de terra. Suas pernas estão doloridas, mas seguem em frente.

O cascalho machuca os pés. Ela ouve asas baterem no alto. Mais à frente, vê o Kärngruvan, o parque de diversões há muito fechado. A cerca ao redor está quebrada em vários pontos. Os arbustos altos, que já foram bem podados para criar as mais diferentes formas, agora crescem livremente.

Mínoo passa pelo portão em arco sob o qual está escrito KÄRRGRUVAN e pela antiga bilheteria, que foi fechada com tábuas apodrecidas. Ela vê a pista de dança redonda, com o telhado cônico que faz parecer uma tenda de circo. Mais à frente há os restos de uma barraquinha vermelha que diz CACHORRO-QUENTE em letras brancas sobre a janela fechada de atendimento.

Parece que este lugar fica mais abandonado e ameaçador quando se sabe que já foi cheio de vida, sorrisos e expectativa.

Mas não está totalmente deserto, percebe Mínoo.

Há alguém nas sombras, ao lado do coreto.

Os pés de Mínoo param. A silhueta sai das sombras e ganha forma. Mínoo o reconhece imediatamente.

É o zelador do colégio.

— Meu nome é Nicolaus — fala o zelador em tom solene.

Ele usa um terno escuro com corte antigo, camisa branca, gravata listrada azul e vermelha e sapatos recém-engraxados. Parece ter se arrumado para um evento chique.

— Bem-vinda, Ó Escolhida — prossegue ele. — Você que adentra este local sagrado na noite da lua vermelho-sangue!

Ele ergue as mãos para o céu. Ao dar um passo para trás, por puro instinto, Mínoo descobre que recobrou o controle sobre o próprio corpo. Fica claro que o homem está completamente fora de si quando ele praticamente uiva:

— Veja! A profecia foi cumprida!

— Como é que é?

Ele segue falando no mesmo tom, sem sequer reparar que ela fez uma pergunta:

— Você e eu fomos despertados de nosso sono. E agora nossos olhos foram abertos! Anon será testemunha do momento em que nosso destino se cumprirá!

Ele olha para Mínoo, esperando alguma reação.

— Acho que você me confundiu com outra pessoa — diz ela baixinho.

O olhar intenso dele a prende ao chão.

— Diga-me: veio aqui por vontade própria ou foi trazida por força misteriosa, além da compreensão humana?

Mínoo não sabe o que dizer. Como ele sabe?

Nicolaus assente, satisfeito.

— Quem é você? — pergunta ela.

— Meu nome é Nicolaus Elingius. Sou seu guia. Você é a Escolhida.

— Escolhida para quê? — pergunta Mínoo.

— Ainda não sei — responde Nicolaus, impaciente.

— Então você está tão perdido quanto eu?

Ele discretamente olha para os lados.

— Não. É que... Precisamos ter paciência. Venho tentando recobrar minhas memórias, mas é como capturar um raio de sol. Como o bezerro recém-nascido, cego ao abrir os olhos e encontrar a luz, nós devemos...

— Eu vou para casa — diz Mínoo.

Nicolaus faz um sinal para que ela se cale. Os olhos dele observam, fixos, algo atrás dela. Um vento frio entra por baixo de seu pijama.

— Alguém espreita das sombras — sussurra ele.

Mínoo se lembra da silhueta à luz do poste e sente um calafrio.

Agora ela ouve o barulho do cascalho sob os pés de alguém, à entrada do parque. Ela se vira

lentamente.

Minoo não reconhece Vanessa de imediato porque o cabelo dela está molhado e colado à cabeça. A maquiagem, sempre perfeita em seus grandes olhos castanhos, escorreu para as bochechas. Ela está enrolada em um cobertor de lã cinza e, irritada, arranca as folhas grudadas no cabelo. Minoo consegue ver sob o cobertor uma calça com estampa de oncinha e o sutiã combinando.

— Não compreendo... — sussurra Nicolaus, encarando Vanessa com uma expressão horrorizada.

— O que está acontecendo aqui e quem diabos é você? — pergunta Vanessa.

Fica claro que ela não quer demonstrar que está morrendo de medo.

— Sou Nicolaus. É meu dever... guiar a Escolhida — responde ele, com o mínimo de autoridade que lhe resta.

Vanessa está cambaleando, tentando manter o equilíbrio. Deve estar bêbada. Por que outro motivo sairia correndo seminua pela floresta?

— Espere — diz Vanessa. — Você é o esquisitão, o zelador do colégio.

Nicolaus faz uma careta.

Vanessa olha para Minoo como se tivesse acabado de notar a presença dela ali.

— O que é que vocês dois estão fazendo aqui?

Minoo sente-se uma imbecil por estar ofendida pelo fato de Vanessa achar que ela está junto com Nicolaus. Será que ela não percebe que as duas estão passando pela mesma situação?

O cobertor de Vanessa desliza e seu sutiã fica à mostra.

— Ora, criança! Cubra-se! — exclama Nicolaus, horrorizado.

— *Você* pare de olhar, tarado! — Vanessa puxa o cobertor.

Ele recua, visivelmente chocado.

— Ninguém tem mais estima pelo sexo frágil do que eu. Por favor, conte se veio por livre-arbítrio ou se foi aqui trazida por força misteriosa, além dos limites da compreensão humana.

É a mesma pergunta de antes, só com alguns retoques. Minoo percebe que Nicolaus torce para que ela diga que veio por vontade própria.

— Se foi você que fez isso, eu mato você — diz Vanessa.

Nicolaus fica visivelmente sem ar.

— Aconteceu o mesmo comigo — explica Minoo. — Era como se alguém tivesse assumido o controle do meu corpo.

Naquele momento, ouve-se mais uma vez o ruído do cascalho.

É Anna-Karin. A bacia de sua camisola está toda desfiada. Seus pés e panturrilhas estão cobertos de lama e sabe-se lá o que mais. Ela está muito ofegante e com as bochechas vermelhas.

Não há dúvida de que é Anna-Karin. Mas há algo de diferente nela. Uma expressão eufórica, de um jeito que Minoo nunca a viu.

Os olhos de Nicolaus arregalam-se.

— Deus me ajude — murmura. — São três.

— Quatro — corrige Vanessa, apontando para Rebecka Mohlin, que aparece de repente atrás de Anna-Karin.

Rebecka está com sua calça folgada de ginástica e um blusão de lã. Ela fica parada, encolhida, olhando para as outras.

Alguma coisa pega no braço de Minoo. Ela se vira dando um gritinho patético. Linnéa está parada atrás dela. Está de casaco preto com capuz. Seus olhos estão injetados; o olhar, hesitante.

— Minoo, o que está havendo? — pergunta ela. — Isto está mesmo acontecendo?

— Parece que sim — responde Minoo.

— Estou ficando maluca — sussurra ela, olhando de relance para Vanessa e Nicolaus.

— Não está não.

Linnéa não ouve. Então aperta ainda mais o braço de Minoo quando percebe que há algo atrás dela.

Minoo se vira e vê Ida Holmström vindo na direção delas, o cabelo louro caído sobre os ombros e uma camisola branca de renda esvoaçante. Ela parece ter saído de um filme de terror em preto e branco, com um coração prateado no pescoço que cintila ao luar e os olhos vazios como os de um zumbi.

Minoo olha para Nicolaus, que resmunga para si mesmo enquanto passa os dedos pelo cabelo grisalho.

— Só devia haver uma! — exclama ele. — Como estava escrito: “A Escolhida há de comparecer ao local sagrado ao brilho da lua vermelho-sangue.” E eu lá estarei para recebê-la e guiá-la... — Sua voz vira um sussurro. — Só pode haver uma. Como vou saber qual é?

Ele se cala. Minoo se dá conta de que alguém tem que começar a fazer as perguntas certas.

— Todas vocês vieram até aqui como se fossem um robô teleguiado?

O silêncio diz tudo. Minoo sente um alívio imenso. Seja lá o que estiver acontecendo, não é só com ela.

— Ok. Isso significa que todas nós viemos aqui “ao brilho da lua vermelho-sangue”.

— Esperem — diz Nicolaus, parecendo sem fôlego.

Minoo percebe que ele está se esforçando para desanuviar a confusão em sua mente.

De repente ele começa a despejar palavras:

— Nós fomos despertados de nosso torpor por um motivo. A Escolhida deverá comandar a luta contra o mal, e eu hei de guiá-la. A Escolhida possui grande poder, e só ela pode salvar todos da destruição.

Anna-Karin tira o cabelo do rosto e olha para Nicolaus.

— Podem ir para casa — diz ela. — Eu sou a Escolhida.



O coração de Anna-Karin bate tão forte que ela acha que vai explodir quando todos olham para ela. Embora Nicolaus tenha falado de luta contra o mal e de destruição, ela está mais assustada por ter que falar diante das outras meninas. Mas precisa ser corajosa. Ela sabe que o que vai dizer é verdade.

— Eu consigo obrigar as pessoas a fazer coisas. Aconteceu ontem e hoje — diz Anna-Karin bem rápido. Sabe que o que diz parece tolice.

— Que tal alguém ligar para o hospício? — sugere Ida, dando uma risadinha.

Ela parece esperar que as outras entrem na brincadeira, mas ninguém a acompanha.

Ninguém ri de Anna-Karin. Somente Ida. A infame, desprezível Ida.

Então acontece mais uma vez. O medo de Anna-Karin se esvai e dá lugar a uma rocha de puro ódio, incrivelmente firme e poderosa. Ela é a Escolhida. E vai mostrar às outras.

Diga a verdade, ordena ela. *Diga por que você leu aquele poema no auditório.*

Ida fica pálida quando seus lábios começam a se mexer. Ela tenta fazê-los se fecharem, mas as palavras jorram de sua boca como vômito:

— Li o poema porque queria que todo mundo achasse que eu me importo. Mas não estou nem aí. Por mim, tudo bem que pessoas como Elias se suicidem.

Mínoo e Rebecka conseguem agarrar Linnéa antes de ela se atirar em Ida.

— Eu não queria... — sussurra Ida, e põe a mão no pescoço. Então olha para Anna-Karin: — Você me fez dizer isso, sua monstra!

— Você! — exclama Nicolaus, aliviado, olhando para Anna-Karin. — Você é a Escolhida!

— Com licença — diz Vanessa —, mas outro dia eu fiquei invisível.

Anna-Karin se irrita de novo. Vanessa não percebe que esta é a vez de Anna-Karin ser o centro das atenções?

— Não fiz por querer — continua Vanessa —, mas aconteceu. Duas vezes.

Nicolaus olha para ela, horrorizado. Ainda não pode descartá-la.

— Eu não sei explicar — diz Rebecka, lentamente. — Mas o acidente no auditório, hoje... fui eu que fiz aquilo.

É difícil Anna-Karin sentir raiva de Rebecka, pois gosta dela.

— Vocês também passaram por algo fora do comum? — pergunta Mínoo. — Quer dizer, fora estarmos aqui. — Ninguém responde, então ela prossegue: — Eu sonhei que estava trancada em um calabouço, em outra época. Em outro sonho, eu estava em uma carroça. E quando acordei meu cabelo cheirava a...

— Fumaça — interrompe-a Linnéa.

— Fora isso, não notei mais nada de diferente — murmura Mínoo.

Mínoo está acostumada a ser melhor em tudo, e Anna-Karin percebe que ela está frustrada por não ter um poder fantástico. Ela acha que consegue esconder, mas Anna-Karin pode ver. Ela é especialista nisso. Quem passa a vida no fundo da sala acaba virando ótima observadora.

— Nem eu — diz Linnéa.

Todas olham para Ida.

Por favor, que ela não tenha poderes, reza Anna-Karin em silêncio. Se ela tiver, este mundo não é justo.

— Eu vou para casa — diz Ida.

— Espere — pede Rebecka.

— Não! Eu não estou nem aí para você, suas anormais!

— Você não teve nenhum sonho estranho? — pergunta Rebecka.

Anna-Karin não entende por que Rebecka está perdendo tempo com Ida. Ninguém a quer ali.

— E daí se eu tive? — grita Ida. Então seu olhar fica mais tenso. — Rebecka, a gente ainda pode ser amigas se você vier comigo agora mesmo.

— Eu vou ficar — responde Rebecka sem hesitar.

— Espere só eu contar ao G — diz Ida, e sai caminhando.

Mas não consegue ir muito longe.



Quando para no meio de um passo, como se tivesse dado de cara com uma parede, Ida parece um personagem de desenho animado. Rebecka quase consegue ouvir o *boing* de quando o Coiote bate na porta desenhada em um penhasco. Fica esperando que uma nuvem de passarinhos comece a assobiar em volta da cabeça de Ida.

Ida cambaleia e fica ali parada, ainda de costas para as outras.

— Ida — chama Rebecka.

Ela não responde. Fica ali, parada, imóvel.

E de repente não está mais imóvel.

O corpo dela é arrastado até voltar para perto das outras, suspensa a alguns centímetros do chão, como se tivesse sido pega por uma mão invisível. Os dedos do pé resvalam no chão enquanto ela é arrastada pelo ar.

Rebecka se aproxima de Mínoo. Vanessa parece assustada, e Linnéa dá passos para trás. Anna-Karin vai até Nicolaus.

Juntas, elas formam uma espécie de círculo, com Ida no meio.

A cabeça dela está caída para a frente e o rosto, sem expressão. Sai vapor da boca semiaberta, como se estivesse muito frio ali onde ela está flutuando. Tudo volta a ficar estático. Um calafrio se alastra pelo corpo de Rebecka. Sua pele está toda arrepiada e os pelos dos braços, eriçados. É como se o próprio ar estivesse carregado de eletricidade.

Ida lentamente ergue a cabeça.

Não, percebe Rebecka. Alguém ou alguma coisa ergueu a cabeça dela.

Um fio branco, que parece um muco, escorre do canto da boca de Ida e pinga aos poucos do queixo, fica suspenso ali e então começa a gotejar no chão. Sua boca então se fecha e ela abre os

olhos. As pupilas se dilatam e ficam fitando, vazias, algo à frente. Mas parece que o olhar atravessa Rebecka, vê dentro dela coisas que nem ela mesma conhece.

— Não tenham medo. Vocês estão em um local seguro.

É a voz de Ida, mas não é. É mais suave, mais cálida.

— Aqui o inimigo não vai encontrá-las. Somente aqui terão segurança. Somente aqui poderão se encontrar. A amizade entre vocês deve ser mantida escondida de todos.

— No colégio também? — pergunta Anna-Karin.

O rosto de Ida se contorce até formar uma careta.

— Principalmente no colégio. O colégio é um lugar maligno.

— Disso eu já sabia — diz Linnéa baixinho.

Ida olha em volta.

— O Círculo é composto por sete pessoas — declara ela. — Falta uma.

Uma única lágrima escorre por seu rosto.

— Significa que a batalha já começou.

— Quem está faltando? — pergunta Nicolaus.

— Elias — sussurra Linnéa.

Ida faz que sim com a cabeça. Nicolaus fica consternado, e Rebecka acha que entende o sentimento dele. Falta uma peça. O quebra-cabeça nunca ficará completo.

— Se o mal triunfar, as chamas vão engolir o mundo — diz Ida. — Vocês não têm direito à dúvida. O mal está mais próximo do que se imagina. Ele está à sua procura. Vocês precisam treinar seus poderes, se tornar mais fortes juntas. Vocês precisam uma das outras.

Rebecka acha que ouviu sussurros de concordância vindos da floresta. Assim como vozes de criaturas invisíveis por todos os lados. No instante seguinte, Ida olha bem para Rebecka e uma voz preenche sua cabeça, um sussurro animador e querido:

Você deve guiá-las, Rebecka. Elas podem não gostar, mas precisam de você. É sua tarefa aprofundar o laço que as une. Mas este será nosso segredo. Ninguém pode saber que a encarreguei disto. Compreende?

Rebecka só consegue acenar com a cabeça. Ida olha para ela com gratidão e depois se volta para as outras:

— Confiem umas nas outras. Confiem em Nicolaus. Em breve ele vai se recobrar e poderá ajudá-las.

Ida lança um olhar triste para Nicolaus. Seus olhos azul-gelo estão cintilando.

— Não confiem em ninguém — prossegue Ida. — Nem nos pais, nem em irmãos e irmãs. Não confiem em amigos e amigas. Nem no amor de sua vida. E lembrem-se: o Círculo é a resposta.

Ida desaba no chão. Minoos corre até ela. Rebecka e as outras também. Todas se juntam em volta de Ida.

— Quem é você? — pergunta Minoos.

— Eu sou vocês. Vocês são eu. Somos uma. O Círculo é a resposta.

— Que tipo de mal é esse que nós vamos enfrentar?

Não há resposta. As pálpebras de Ida tremem quando a presença estranha abandona seu corpo. Tudo fica imóvel. Sente-se um leve cheiro de fumaça no ar.

— Ela... ela morreu? — pergunta Vanessa.

Com cuidado, Mino leva os dedos ao pescoço de Ida.

— Não.

— Então é possível — diz Nicolaus. — Vocês são A Escolhida. Todas vocês.

Rebecka olha para as outras. Seis pessoas que não têm nada em comum, unidas por algo enorme e incompreensível. De repente é natural elas estarem juntas. Como se devesse ser assim desde sempre.

Ida abre os olhos e as encara.

— Você está bem? — pergunta Rebecka, nervosa.

— Se vocês não me soltarem agora, eu grito — diz Ida.

Não havia espaço para todas no antigo Fiat amarelo-mostarda de Nicolaus. Como Rebecka e Mínoo estavam mais perto de casa, elas falaram que voltariam a pé.

Mínoo olha para Rebecka pelo canto do olho. Não abriram a boca desde que deixaram Kärngruvan. O silêncio começa a ficar desconfortável. A menos que isso seja paranoia de Mínoo. Às vezes é difícil perceber a diferença entre fantasia e realidade. É muito fácil sua mente dar volume a coisas mínimas, quase imperceptíveis.

No colégio, ela nunca tem medo de erguer a mão, porque sabe do que está falando. Mas agora, a sós com uma garota bonita e popular como Rebecka, ela fica em silêncio.

Não devia ser difícil achar assunto depois de tudo o que aconteceu esta noite. No entanto, quanto mais ela se esforça para achar algo a dizer, mais travada fica. Tudo soa tão bobo, tão imbecil. Como é que aquelas pessoas que falam sem parar conseguem ficar indiferentes ao fato de que o que dizem não tem sentido?

— Espero que a gente não encontre nenhum conhecido — diz Rebecka.

Mínoo faz que sim, aliviada pelo fato de o silêncio ter se quebrado.

— É. Ainda bem que não é fim de semana. Não que saia muita gente na rua quando é fim de semana, mas a chance de dar de cara com alguém seria maior. Agora deve estar tranquilo, ainda é muito cedo, a maioria das pessoas deve estar dormindo. Só se tiver alguém passeando com o cachorro...

Mínoo sente vontade de se dar um tapa. É bem típico dela. No início não consegue dizer nada porque começa a analisar cada palavra. Então o filtro some e ela começa a soltar o que lhe vem à cabeça.

— É, acho que só assim mesmo — diz Rebecka, sorrindo.

Elas chegaram à rodovia.

Mínoo se certifica de que não há nenhum caminhão vindo antes de atravessar.

— Você conhecia Elias? — pergunta Rebecka.

— Não. E você?

— Não. Mas é como se eu conhecesse...

Rebecka para e volta-se para Mínoo. Seu rosto é emoldurado por cachos soltos de cabelo louro-avermelhado. Os olhos passeiam entre o cinza e o azul. A pele e as feições são tão perfeitas que ela parece feita no Photoshop. É impossível não ficar olhando.

— Eu não sei como explicar — continua Rebecka —, mas não ia fazer diferença se nós fôssemos melhores amigas antes de isso acontecer. Ainda não nos conheceríamos tanto quanto vamos começar a nos conhecer agora. Entende o que quero dizer? Que estamos unidas de um modo que nada tem a ver com quem éramos antes desta noite.

Mínoo não sabe o que falar. Ela entende o que Rebecka está tentando dizer. A noite de hoje

foi, no mínimo, estranha. Mas Mínoo não tem nenhum poder misterioso de fazer os objetos mexerem, nem fazer as pessoas dizerem a verdade. Ela não se sente transformada.

— Estou só falando bobagem — diz Rebecka, fazendo um aceno como se não fosse para considerar sua última fala.

Elas voltam a caminhar.

— Queria saber que tipo de poder Elias tinha — declara Mínoo quando o silêncio volta a incomodar.

— Talvez ele não tivesse nenhum. Nem você, nem Linnéa, nem Ida notaram algo incomum, com exceção dos sonhos.

— Então você não achou nada de incomum em Ida hoje? — pergunta Mínoo.

Ao ouvir as próprias palavras, parece que elas saem com um tom rabugento que não era sua intenção. Mas Rebecka dá uma risadinha.

— Para ser sincera, estou com um pouco de inveja de você — confessa Mínoo. — Eu sempre quis ter um superpoder.

— Bom, talvez o seu seja a mente — diz Rebecka. — Você é incrível de tão inteligente. Talvez a gente precise de você por isso.

— Então você consegue fazer as coisas voarem e eu consigo... pensar?

Rebecka ri. Não é uma risada maldosa. Pelo jeito, sem perceber, Mínoo foi engraçada de novo. Isso lhe dá esperança: quando tenta, ela nunca faz as pessoas rirem.

— Eu só quis dizer que deve haver respostas para nossas perguntas. E se alguém pode descobrir, é você. Não podemos ficar esperando Nicolaus recuperar a memória. Temos que ir atrás nós mesmas — explica Rebecka. — Além disso, talvez você e Linnéa tenham poderes que ainda não conheçam. O meu surgiu de repente.

O que Rebecka diz faz sentido. Mínoo devia ser mais paciente. E se ela puder ajudar desempenhando o cargo de *studius maximus* a que já está acostumada, que seja...

Então lhe ocorre. Pode não ser o fim do mundo, mas é quase. Mínoo para no meio de um passo.

— O que foi? — pergunta Rebecka.

— Amanhã tem prova de química — diz Mínoo — e eu não acabei de revisar a matéria.



Linnéa mora em um prédio de oito andares perto do Parque Storralls. É um dos vários prédios da cidade em que metade dos apartamentos está vaga e com tábuas nas portas.

A entrada fede a urina. Vanessa torce o nariz e Linnéa dá um sorriso torto.

— Bem-vinda ao Engelsfors Hilton — diz Linnéa.

Ela abre a porta do elevador e as duas entram. Caberiam facilmente dez pessoas ali dentro, e

faz um barulho alto durante a lenta subida. Vanessa vislumbra seu rosto no espelho. Parece uma vítima de filme de terror que foi perseguida pela floresta: folhas presas no cabelo desgrenhado e a maquiagem escorrendo pelo rosto.

De repente ela lembra que precisa falar com Wille, mas não acha legal pedir emprestado o celular de Linnéa. Ela está começando a se arrepender de ter dito “sim” quando Linnéa ofereceu que elas passassem na casa dela para pegar roupas. Mas ela também não pode voltar para casa enrolada em um cobertor.

Linnéa abre a porta do elevador e elas saem. Vanessa nota imediatamente o nome na caixa de correio: “L. Wallin”.

— Você mora sozinha? — pergunta ela, acompanhando-a.

— Sim — responde Linnéa, como se fosse a coisa mais normal do mundo, enquanto abre a porta.

Ela chuta os sapatos no corredor, segue até a sala de estar e liga alguns abajures no chão. Todos têm cúpulas vermelhas e cor-de-rosa e dão um leve tom avermelhado à sala.

É um apartamento velho de dois cômodos, com assoalho de linóleo e papel de parede branco com florezinhas azuis. Mal dá para ver as paredes por conta de tantas pinturas, pôsteres e páginas de revistas. Na sala de estar, um grande pano vermelho que imita veludo cobre um sofá grande. À frente dele, uma caixa de madeira pintada de preto é uma mesinha de centro improvisada. Há uma grande pantera de cerâmica apoiada no sofá. Pequenas rachaduras formam uma rede branca que cobre todo o corpo do animal.

— Legal, não acha? — diz Linnéa. — Acredita que jogaram fora?

— Jogaram fora?

— Quase tudo que eu tenho peguei na rua.

Vanessa olha as fotos na parede mais de perto. Há uma série de imagens bizarras de animais vestidos com roupas de palhaço, e uma pintura a óleo que à primeira vista parece representar uma paisagem idílica até que se nota a silhueta de uma mulher de vestido branco pendurada em uma árvore pelo pescoço; ao lado, duas figuras sorridentes, com olhos sem pupilas, de mãos dadas. Vanessa gosta das fotos, mas nunca ouviu falar das bandas nos cartazes. A maioria é asiática, com nomes que ela nunca ouviu.

O celular de Linnéa toca. Ela o pega do bolso, olha para a tela e faz uma careta antes de colocá-lo de lado.

O olhar de Vanessa recai em uma grande cruz de madeira negra na parede. Está coberta de pedacinhos de um metal prateado.

— Legal — diz ela, só para falar algo.

Linnéa vem para o lado dela e passa um dedo na cruz. Suas unhas estão pintadas com esmalte rosa-choque, que está começando a descascar.

— Elias que me deu. É do México. Sabe esses símbolos? São as coisas das quais a cruz vai me proteger. Aqui por exemplo tem uma perna quebrada. Olhos chorando... e um cavalo doente.

Vanessa ri de nervoso e finge que olha, mas só consegue perceber que Linnéa está muito

perto dela, tão perto que Vanessa sente o calor do corpo atravessar o cobertor. O celular de Linnéa toca de novo.

— Que saco! — reclama ela. Ela volta ao telefone e recusa a ligação.

— Quem está ligando? — pergunta Vanessa.

— Um carinha aí que não sabe a hora de parar.

Vanessa vislumbra alguma coisa nos olhos de Linnéa. Algo parecido com... pena? Ela sente enjoo e olha para o lado. De repente percebeu quem está ligando, mas não vai se humilhar perguntando e diz apenas:

— Ah, é?

— Vá ali ver o que você acha no meu guarda-roupa — diz Linnéa, apontando para a porta do quarto.

As venezianas estão fechadas, e Vanessa tateia pela parede até achar o interruptor. A cama é grande e desarrumada. Mas o que chama a atenção de Vanessa é a máquina de costura no chão, ao lado de uma bancada com vários tecidos e potes de linhas e botões.

— Você costura? — pergunta ela a Linnéa, que acaba de entrar no quarto.

Linnéa faz que sim com a cabeça, e Vanessa percebe que foi uma pergunta imbecil. Por que outro motivo ela teria uma máquina de costura? O que Linnéa tem que a faz se sentir sempre falando tudo errado?

— Tem um espelho na parte interna da porta do guarda-roupa — avisa Linnéa, lhe entregando um pacote de lenços.

Vanessa abre o guarda-roupa. Tudo ali dentro parece ter saído de uma versão japonesa de terror de *Alice no País das Maravilhas*. Qualquer coisa que ela vestir vai deixá-la parecendo pronta para um baile em que ela se fantasia de Linnéa.

— Pode pegar o que quiser — diz Linnéa, e sai do quarto.

O telefone toca quatro vezes na sala de estar. Linnéa não atende.

Os cabides fazem barulho enquanto Vanessa percorre as roupas. Ela acaba apanhando as mais neutras que encontra: uma saia preta, um top branco e um blusão preto de tricô. Ela se veste, limpa a maquiagem e tira os restos de floresta do cabelo. Está quase apresentável.

— Devolvo as roupas amanhã, no colégio. Hoje, quer dizer — diz Vanessa quando volta à sala carregando o cobertor.

Linnéa está esparramada no sofá, com os pés sobre um dos braços.

— Vou ficar em casa hoje. Mas não tem problema, outra hora você devolve — avisa ela, sonolenta.

Outra hora, pensa Vanessa. Pois é. De hoje em diante seremos obrigadas a conviver.

Linnéa e ela, Mínoo e Anna-Karin, Rebecka e Ida. Se a salvação do mundo depender da capacidade delas de trabalharem juntas, bom, infelizmente vai dar merda. Perdão, bilhões de habitantes da Terra, Ida Holmström é tudo o que resta entre vocês e a aniquilação.

— Putz, como eu odeio aquela garota — resmungo Linnéa.

— Quem?

— Ida. Se as forças do mal estiverem vindo atrás de nós, espero que a levem primeiro — diz Linnéa.

Há um leve sorriso no canto de sua boca. Vanessa de repente se vê sorrindo também. Elas passam um instante se olhando.

— É Wille que não para de ligar, não é? — pergunta Vanessa.

— É.

— Vocês... vocês estão saindo de novo?

Passam-se alguns segundos. Linnéa se senta devagar.

— Não.

— O que ele quer, então?

Linnéa abaixa o olhar.

— Só me conte, ok? — pede Vanessa, tentando deixar a voz o mais forte que consegue, para esconder o medo.

Será que Wille está bravo por ela ter fugido? Por isso que resolveu ligar para Linnéa? É isso que ele faz sempre que eles têm uma briguinha? Se ele ainda estiver apaixonado por Linnéa, eu vou morrer, pensa ela.

— Ele está com raiva de mim — diz Linnéa.

Vanessa fica olhando para ela.

— Como assim?

— Eu não sei explicar. Nós brigávamos o tempo todo quando estávamos juntos. Às vezes ele mete na cabeça que temos contas a acertar. Tipo, por que eu falei sei lá o quê há um século. Essas bobagens.

Não é normal Wille ficar preso a coisas do passado. Ele nem passa muito tempo pensando no presente.

— A gente brigava o tempo todo. Vira um vício. Dá vontade de ganhar de uma vez por todas.

Vanessa não sabe o que dizer. Quando Evelina ou Michelle tentam mentir, ela percebe na hora. Mas Linnéa faz com que ela se sinta insegura. E não será por Wille que ela vai descobrir a verdade. Ela não pode confrontá-lo porque ninguém deve saber que ela e Linnéa se falam.

Se ao menos ela conseguisse pensar com mais clareza. Está acordada há tanto tempo que a embriaguez já deu lugar à ressaca.

Elas vão até a porta do apartamento. Vanessa pega emprestado um par de sapatos velhos e amarra os cadarços. Parece levar anos, e os olhos de Linnéa queimam sua nuca.

O trinco da porta está emperrado. Vanessa fica puxando a maçaneta para vários lados. Linnéa abre a porta para ela, e Vanessa quase voa escada abaixo.

Rebecka ainda está bem acordada quando ouve a chave na porta da frente, depois sua mãe pendurando o casaco e tirando os sapatos. A porta do quarto dos irmãos se abre, depois a do quarto das irmãs.

Rebecka conferiu todos antes. Só depois de deixar Minoo foi que ela lembrou que as crianças haviam passado a noite inteira sozinhas em casa. E se tivesse acontecido um incêndio? Ou uma delas tivesse acordado, não encontrado nem Rebecka nem a mãe, ido até a sacada, caído...

Ela correu o mais rápido que as pernas cansadas lhe permitiam. Tudo estava tranquilo, em silêncio, como ela havia deixado.

Os passos da mãe se aproximam no corredor e Rebecka se obriga a respirar normalmente. Sua porta não é aberta. Em vez disso, ela ouve a mãe entrar na cozinha.

Rebecka fica na cama, sentindo um estranho misto de alívio e melancolia. É óbvio que a mãe não a vê mais como criança. Mesmo quando Rebecka tinha cinco ou seis anos, era ela quem fazia Anton e Oskar ficarem longe de confusões; depois o mesmo com Alma e Moa. Sempre diziam que ela era excelente babá.

Ela se senta na cama e pensa na nova família, a que conheceu esta noite. Espera-se que ela cumpra o mesmo papel: ser aquela que lidera, que media e mantém o grupo unido. Será que vai conseguir? Será que vai ter ânimo?

Ela entra na cozinha, onde a mãe está preparando o café.

— Já se levantou, Beckis? — pergunta antes de dar um abraço na filha.

Rebecka fica um pouco mais animada. Não é sempre que ela e a mãe podem ficar a sós.

Enquanto arrumam a mesa juntas, a mãe conta sobre a noite movimentada que teve na emergência. Aconteceu uma briga no Götvändaren, o único hotel da cidade, e no final um homem precisou levar sete pontos. Outro acertou a esposa com uma frigideira quente porque ela havia queimado as costeletas de porco. Uma senhora que trabalhava no turno noturno da serraria acidentalmente cortou fora a própria mão esquerda. E uma criancinha sentia tanto medo do escuro que beirava a psicose. O menino estava convencido de ter visto, pela janela do quarto, monstros vagando pela rua.

— Não dá para negar que ontem foi uma noite de lua cheia — comenta a mãe enquanto coloca na mesa as tigelas do café da manhã.

A mãe é da teoria de que as pessoas se comportam diferente na lua cheia. Se ela influencia as marés, então influencia as pessoas também, já que elas são constituídas principalmente de água. No mundo da mãe, qualquer coisa que vá de um número incomum de partos a surtos de crimes violentos ou insônia pode ser atribuído à lua cheia.

— Talvez as coisas fiquem ainda mais malucas quando a lua fica vermelha — sugere Rebecka.

A mãe faz cara de interrogação.

— Como assim?

Rebecka fica sem saber o que fazer.

— Estava vermelha. Vermelho-sangue.

— Estranho você dizer isso. Alguns pacientes estavam dizendo que a lua estava vermelha.

Mas, quando as enfermeiras olharam para o céu, parecia normal.

A mãe se serve mais café.

Rebecka olha pela janela e enxerga uma lua transparente ainda pairando no céu claro da manhã. Ainda vermelha. Sua mãe acompanha o olhar sem reagir. Fica óbvio que ela não vê nada de estranho na lua.

— Eu devo ter sonhado — diz Rebecka baixinho. Ela fica um instante matutando. — Mãe, você já ouviu falar algo de estranho sobre Kärngruvan?

— Como assim?

— Sei lá... alguém já disse que aconteceram coisas estranhas lá?

— Do que você está falando?

— Do parque de diversões.

— Qual parque de diversões?

— Kärngruvan!

O cenho da mãe se franze.

— Não estou lembrando. Onde fica?

— Aqui, em Engelsfors.

A mãe costumava ir muito a Kärngruvan quando era menor, para as apresentações musicais e para dançar. Ela já falou sobre o parque, em tom de nostalgia. Agora ela simplesmente ri.

— Você deve ter tido uns sonhos bem estranhos ontem — conclui.

— É, acho que sim — murmura Rebecka.



Vanessa pensa em como é estranho estar na cozinha, tomando café da manhã como se nada tivesse acontecido. Mastigar, engolir, mastigar, engolir, tomar suco, repetir. Como se fosse um dia como outro qualquer.

A mãe surge do quarto e lhe dá um abraço. Vanessa fecha os olhos. É um abraço bom. Mas a mãe a solta quase de imediato. Os abraços entre elas andam tão curtos... Mais por culpa de Vanessa. Ela suspira demais quando a mãe tenta se aproximar. Como adivinhar que naquele momento tudo que Vanessa precisa é de um abraço?

— Abriu uma loja nova no shopping, Caverna de Cristal — diz a mãe.

— E eles vendem, deixe-me adivinhar... cristais?

A mãe não entende o sarcasmo.

— Sim, e óleos essenciais, essas coisas. Parece que leem a mão também. A dona se chama Mona Raio de Luar.

— Mona Raio de Luar? Uau, *será* que é um nome “artístico”?

A mãe ri e coloca água na cafeteira. Quando a máquina começa a crepitar, ela se alonga e abre um bocejo.

— Nicke ligou enquanto você estava no banho. Parece que ontem à noite a cidade ficou bem agitada — diz ela, enquanto começa a cortar uma fatia de pão.

— Defina agitado em Engelsfors.

— Aconteceu uma briga grande no Götvändaren, e várias brigas de bêbados pela cidade.

Nicke disse que nunca tinha visto nada assim. Ele estava quase vindo para casa depois do turno normal quando receberam o chamado de uma mulher que havia se enforcado no telhado de casa em Riddarhyttan, na estrada para o colégio. Ele estava indo para lá quando ligou e disse que demoraria a chegar.

— Ai meu Deus, como eu vou viver sem Nicke? Isso vai arruinar meu dia.

Vanessa se arrepende do comentário no instante em que vê o rosto magoado da mãe.

— Pelo amor de Deus, Vanessa, quanto tempo você vai continuar com isso? Nicke é pai do Melvin. Você tem que aceitá-lo em casa.

— Eu posso aceitá-lo quando ele me aceitar.

— Por que você não cresce?

O lampejo de bom senso de Vanessa se evapora. Ela precisa morder o lábio para não gritar.

A mãe estava namorando Nicke havia poucos meses quando engravidou e anunciou que Vanessa ganharia um irmão. Vanessa torcia por dentro que Nicke se esquivasse da responsabilidade. Mas não, ele queria ser pai, e eles começaram a morar juntos pouco antes de Melvin nascer.

Ela não tem como não amar o irmãozinho, mesmo que no início fosse cansativo ser acordada a toda hora por um bebê chorando. Mas ela odiou Nicke desde o início. Ele não faz esforço algum para ser legal com ela — é ela quem tem que se adaptar. E a mãe não percebe. Fica cega aos defeitos de Nicke e deixa que ele dite as regras.

— Você que cresça! — retruca Vanessa, e sai pelo corredor.

— Não fale assim comigo!

A mãe vai atrás dela.

Vanessa bate a porta na cara da mãe.



— Ouvia as vacas ontem? — pergunta vovô assim que ele e a mãe de Anna-Karin entram na

cozinha. Acabaram de fazer a ordenha matinal.

— O que foi? — pergunta Anna-Karin com a boca cheia de sanduíche.

— Elas ficaram mugindo no celeiro como se estivessem loucas — resmunga a mãe. A voz voltou, mas ainda não está normal. — Graças a elas, não preguei o olho. Não que eu consiga dormir com essa dor nas costas.

— Acho que eu estava muito cansada — sussurra Anna-Karin.

— É mesmo? — diz vovô. — Porque ainda parece cansada.

— Espero que você não tenha pegado o mesmo resfriado que eu — diz a mãe, acendendo um cigarro.

Vovô vem até a mesa e põe a mão na testa de Anna-Karin.

— Pelo menos você não está com febre.

A Anna-Karin de antigamente ficaria feliz em se fingir-se de doente e permanecer na segurança do quarto. Mas as coisas mudaram. Pela primeira vez na vida ela está ansiosa para ir ao colégio.

— Eu estou bem — diz ela.

Vovô lhe dá um soquinho no ombro; sua versão de um abraço.

— Foi aquela lua de sangue, foi isso que não deixou as vacas dormirem. Talvez tenha atrapalhado os sonhos de vocês também.

— Lua de sangue? — A mãe bufou. — Você e suas doidices. Eu não vi lua de sangue nenhuma.

Anna-Karin olha para o avô. Está louca para contar as coisas incríveis que vêm acontecendo, como sua vida mudou, mas não pode se esquecer do aviso: *Não confiem em ninguém.*

Ao voltar para o quarto, ela vai até o espelho. Sabe que não é bonita, mas os olhos são belos — grandes, e têm um tom de verde incomum — e a boca tem um formato bonito, principalmente ao sorrir. Ela faz um teste diante do espelho. Os dentes são brancos e retinhos. Pelo menos isso.

Ela pega um sutiã normal, diferente do que costuma usar para deixar os seios menores. Ela lembra que a maioria das meninas quer seios maiores.

Mas quando fecha o botão da calça jeans, sua autoconfiança estremece. Ela deve ter a maior bola de banha abdominal de todo o colégio. Prefere vestir uma camiseta bem folgada, escondida embaixo da jaqueta. Agora se sente segura novamente.

Anna-Karin dá um sorriso hesitante diante do espelho. De agora em diante, vai sorrir mais.



Mínoo está chegando ao colégio no momento em que um dos ônibus faz aquele barulho dos freios em frente ao portão principal. De longe, ela enxerga Anna-Karin entre os alunos que começam a

descer do veículo. Os olhos das duas se encontram por um instante. Anna-Karin abre um sorriso, que é tão fugaz que ela fica pensando se não foi fruto de sua imaginação, depois olha de novo para o chão e esconde o rosto atrás do cabelo.

— Minoo! — grita Rebecka, indo na direção dela.

É inacreditável que elas tenham se visto há poucas horas. Em circunstâncias tão extraordinárias.

— Achei que a gente não pudesse mostrar que se conhece — diz Minoo em voz baixa quando as duas se encontram.

— Mas nós somos da mesma turma.

— Isso não é motivo para a gente se falar, é?

Rebecka lhe lança um olhar estranho e Minoo percebe que está sendo boba.

— Desculpe. Exagerei. — Elas começam a caminhar juntas. — É que está tudo tão estranho.

— Eu sei. Minha mãe disse que a emergência ficou lotada ontem à noite, que aconteceram várias coisas estranhas. Seu pai não ouviu nada? Do jornal, quer dizer.

— Ele já tinha saído para o trabalho quando me levantei. Ou quando fingi que me levantei.

— Você também não dormiu?

Minoo balança a cabeça em negativa. Quase deixa escapar que se jogou no livro de química assim que passou pela porta, mas se controla a tempo.

— O mais estranho é que alguns pacientes disseram que a lua estava vermelha — prossegue Rebecka, e para na entrada do pátio. — Mas quando minha mãe e as outras enfermeiras olharam pela janela, nenhuma delas viu lua vermelha. E quando nós olhamos juntas para a lua hoje de manhã, eu ainda via vermelha, mas ela não.

— Então não foi todo mundo que viu? — pergunta Minoo.

— Parece que não. E minha mãe não sabia do que eu estava falando quando mencionei o Kärgruvan. Parece que ela esqueceu que existe.

Um arrepio percorre a espinha de Minoo.

— Talvez seja isso que faça dele um lugar protegido. Uma vez li um livro em que tinha uma árvore que só era vista por quem sabia que ela existia. Talvez seja a mesma coisa... — De repente Minoo para e fica vermelha. Está falando demais. — Mas era um livro para criança.

— Dá para acreditar que a gente está falando sério sobre isso? — pergunta Rebecka.

Minoo ri. Não, ela não acredita. Elas continuam caminhando e passam por Vanessa, que as acompanha com o olhar mas não diz nada.

— Parece que aconteceu alguma coisa — diz Rebecka.

Só agora Minoo percebe a quantidade de pessoas reunidas no pátio.

Gustaf vem até elas e dá um beijo tão íntimo em Rebecka que Minoo precisa desviar o olhar. Ainda bem que acabou rápido. Gustaf e Rebecka são daqueles casais perfeitos da tevê, e as pessoas tentam se consolar dizendo que ninguém é assim na vida real.

Como será o menino que vai me dar o primeiro beijo?, pensa Minoo.

Aquele pensamento paira pela mente dela em vários formatos, quase todos os dias. À noite,

quando está prestes a cair no sono, ela se permite acreditar que será Max. Mas à luz do dia é uma ideia que parece infantil e absurda.

— Vocês viram? — pergunta Gustaf.

Minoo e Rebecka trocam olhares.

— Vimos o quê? — pergunta Rebecka.

— Se tivessem visto, não estariam perguntando. Venham!

Ele pega Rebecka pela mão e faz sinal para Minoo ir junto. Minoo os acompanha. Os alunos estão mais ou menos separados em dois grupos, com uma boa distância entre eles, sendo que o meio do pátio está vazio.

— Ali.

Gustaf aponta. Uma rachadura se abriu no meio do pátio. Não é muito ampla, mas se estende do campo de futebol até as árvores mortas.

— Está rolando um boato de que um dos antigos túneis de mineração desabou — conta Gustaf.

— Não creio que eles construiriam um colégio em cima de um túnel de mineração — diz Minoo. — Além disso, as minas eram bem longe daqui.

— Talvez tenham feito algum teste de perfuração aqui no passado — sugere Rebecka.

Ela lança um olhar para Minoo enquanto Gustaf está distraído. Rebecka também não acredita naquela explicação. Mas por enquanto vai ter que bastar. A rachadura deve ter algo a ver com todas as outras coisas que aconteceram à noite, então é melhor elas não ficarem incentivando mais perguntas.

As portas do colégio se abrem e a diretora vem rápido descendo os degraus. Ela permanece de pé, calma, enquanto o burburinho baixa até acabar. Quando fala, cada palavra soa clara como se ela estivesse usando um microfone.

— Vocês devem sair do pátio agora. A escola ficará fechada enquanto investigamos a rachadura.

Vivas e aplausos de todos os lados. Minoo olha em volta. Rebecka e Gustaf estão à sua frente. Vanessa está nas traves com Evelina e Michelle. Ida e Felicia estão sentadas na balaustrada ao lado da escada da frente. O estranho é que Anna-Karin está perto delas, conversando com Julia.

Max está com alguns dos outros professores. A jaqueta pendurada no braço, a maleta na mão, e ele está absurdamente lindo. Atrás dele ela vê apenas Nicolaus. Somos todos peças em um tabuleiro de xadrez, pensa Minoo, preparadas para um jogo decisivo.

— A brigada de incêndio esteve aqui para inspecionar os canos de gás e de água, mas querem fazer mais testes — prossegue a diretora. — Amanhã vamos compensar as aulas que perdemos hoje.

Ela volta ao colégio. O pátio se esvazia.

— Então, vejo você amanhã — fala Rebecka, e sorri para Minoo.

— Até, Minoo — diz Gustaf.

Eles saem de braços dados. Minoo fica um instante olhando para os dois, depois se vira para o

colégio. Fita o prédio sem graça — fileiras de janelas idênticas, tijolos sem graça — e tenta imaginá-lo como um lugar maligno. Mas é difícil. Não é um local que ela adore, mas aqui ela sabe quem é e é boa no que faz.

Lá fora, ela não tem a menor ideia.

Enquanto ela desce os degraus rumo ao refeitório, é como se seu corpo inteiro estivesse sendo carregado em um movimento fluido. Ela nem precisa olhar onde põe os pés. O medo de escorregar se foi, como se nunca tivesse existido.

A fila do almoço se estende até a escada. As meninas do fundo se viram e, ao vê-la, lançam sorrisos bajuladores, que se abrem como uma onda enquanto ela passa. Vários meninos se viram para o lado com timidez quando seus olhares se encontram. Ela sabe que eles estão apaixonados.

Ela segue até chegar a Kevin Månsson e Robin Zetterqvist, que estão ao lado dos pratos e talheres. Percebe que Erik Forslund não está entre eles. Ele quase não tem sido visto no colégio desde que se mijou no pátio.

— Tome.

Kevin lhe entrega uma bandeja e deixa que ela passe na frente. Ela não responde. Simplesmente pega a bandeja e se serve.

Está sendo tão diferente viver naquele corpo. Ela se sente em casa. Está no controle. Seu passo é firme. Suas costas, eretas. Seu rabo de cavalo sacode a cada passo. Todo o seu ser parece mais leve, mais livre, mais natural. Ela está feliz.

— Você está gata hoje, hein? — diz Felicia quando ela chega à mesa.

Elas estão sentadas em uma sala lateral que fica um pouco afastada da área principal de mesas, uma espécie de apêndice sem janelas onde só cabem seis mesas. De acordo com a lei tácita, é aqui que senta a galera popular.

— Obrigada — diz ela, e se senta.

Tanto Felicia quanto Julia olham para ela com expectativa. Parecem cachorrinhos pulando aos pés do dono. Se Felicia e Julia tivessem rabos, com certeza estariam balançando.

— Felicia e eu estávamos dizendo que parece que nós somos amigas há anos — diz Julia.

— É, eu nem acredito que só tem umas semanas — acrescenta Felicia.

Anna-Karin sorri.

— Nem eu.

Kevin e Robin estão vindo em direção a elas. Sempre foram considerados os meninos mais legais e engraçados da turma, talvez do colégio inteiro. Anna-Karin se pergunta quem foi que decidiu isso. Quando foi que todos se reuniram para a coroação?

Agora não faz diferença. É coisa do passado. Anna-Karin deu um jeito.

Robin e Kevin chegam à mesa. Ela se volta para Julia e Felicia e revira os olhos. Elas também reviram.

— Estávamos pensando em sentar com vocês, se não se importarem — comunica Robin.

Kevin puxa a cadeira ao lado de Anna-Karin. Ela o encara enquanto Julia e Felicia prendem a respiração.

— Acho que não — informa ela, sem mais, e Kevin solta a cadeira como se tivesse queimado os dedos.

— Talvez na próxima — diz Robin.

— Talvez não — responde ela.

Robin está desapontado. Ele acha que ninguém nota, mas ela percebe.

— Tchau — diz ela, e faz um aceno exagerado para ele.

— Ok Tchau, Anna-Karin. — Robin suspira e sai com Kevin a tiracolo.

Felicia e Julia dão risadinhas.

— São uns medíocres — declara Felicia assim que eles estão longe demais para ouvir.

— *Tããã* infantis — diz Julia.

Anna-Karin pega a colher e começa a tomar a sopa de ervilha verde-amarronzada. A aparência dá nojo, mas ultimamente ela tem comido de tudo. Seu corpo grita por alimento. Ela começa a se perguntar sobre quanta energia seus poderes estão sugando, pois mal consegue se segurar para não levar a tigela até a boca e engolir tudo de uma vez.

— Onde vocês foram parar depois da aula de história?

Ida solta sua bandeja à frente de Anna-Karin, mas a ignora. Senta-se e fica encarando Julia e Felicia em tom acusatório.

— Viemos na frente — diz Julia.

— Para pegar uma mesa boa — acrescenta Felicia.

Ida bufa.

— Vocês podiam ter perguntado se eu queria vir junto em vez de saírem correndo.

— A gente não saiu correndo — retruca Felicia.

— Ah, nossa, *perdãããã* — diz Ida, e olha para Anna-Karin.

Os olhos dela são puro ódio. Mas fazer o quê? Ida sabe o que Anna-Karin pode fazer se enfrentá-la. Revelar seus segredos mais escusos, fazê-la tirar a roupa em cima da mesa. O que quiser. Ida bebe um pouco d'água e olha para o lado. Ela sabe que não tem como vencer.

Felicia e Julia estão pouco à vontade. Parecem procurar algo a dizer, qualquer coisa, para acabar com aquele silêncio desconfortável. Anna-Karin não ajuda. O embaraço da situação faz Ida se sentir ainda mais intrusa. A pessoa que ninguém quer por perto.

Os olhos de Felicia procuram um assunto para comentar. Pousam em Vanessa, que está perto das saladas.

— Que coisa é aquela que ela está vestindo? — debocha Felicia.

Julia e Ida começam a rir histericamente. Vanessa está usando uma camiseta cor-de-rosa e uma saia tão curta que mais parece um cinto.

— Não sei o que ela está fazendo aqui — diz Ida, olhando para ela quase com cobiça. — Porque, tipo, por que vir ao colégio? A única coisa que ela vai fazer da vida é colocar filho no mundo.

Vanessa se vira e as encara. Julia e Felicia quase desabam em um acesso de risos. Vanessa sequer pisca. Seu olhar prende-se a Anna-Karin, que é forçada a olhar para o lado.

A expressão dela disse tudo. Anna-Karin pode enganar as outras, mas é uma fraude. Vanessa sabe. E Anna-Karin também.

A velha e insegura Anna-Karin quer soltar o cabelo e se esconder atrás dele. Mas agora é outra pessoa. Está no controle.

— Vanessa é legal — diz Anna-Karin. — Ela tem o jeito dela.

— Claro. Ela faz tudo do jeito só dela — concorda Felicia rapidamente.

Anna-Karin olha para Ida, os lábios apertados em uma linha. Ela se levanta.

— Essa comida é tão nojenta. Eu é que não vou comer. Vocês vêm ou não vêm?

Julia e Felicia ficam encarando as tigelas vazias. Ida espera alguns segundos pela resposta, aí enrola no dedo a corrente de prata em volta do pescoço e solta, fazendo o coraçõzinho prateado girar. Há um toque de incerteza em seus olhos, algo que Anna-Karin nunca viu. E quando Ida vai embora, ninguém olha em sua direção.



As folhas vermelhas e amarelas da floresta ao redor de Kärgruvan parecem brilhar à luz da tarde. Mínoo está sentada à beira do palco, olhando para Rebecka, que está no meio do antigo coreto. Uma pequena torre de tijolinhos de madeira em cores fortes, que Rebecka pegou emprestada dos irmãos, está ao lado de Mínoo. Um retângulo verde paira no ar sobre a torre até aterrissar cuidadosamente sobre os outros, com um barulhinho.

Rebecka coça a testa. Então pisca e começa a treinar com a caixa de plástico. Um cubo amarelo-claro ergue-se no ar. Fica parado, depois segue devagar até o alto da torre.

No meio do caminho, ele bate em um tijolo azul. A estrutura balança, então vem abaixo. Os tijolinhos se espalham pelo palco. Rebecka solta um palavrão.

— Mas você está melhorando — incentiva Mínoo.

— Você não faz ideia de como é difícil — responde Rebecka.

Mínoo sente uma pontada na barriga. Não faz mesmo. Não faz ideia de como é ter um superpoder. E seu cérebro não tem sido muito útil. Ela passou horas na internet e na biblioteca, mas é difícil, se não impossível, filtrar tanta informação. Muito do que se escreveu sobre fenômenos paranormais é confuso, contraditório ou pura bobagem.

O poder de Rebecka parece encaixar-se no tópico “telecinesia”. Mas Mínoo não sabe onde começar a procurar qualquer pista da ligação entre ela, Rebecka e as outras. Como encontrar uma profecia secreta? Onde estão os pergaminhos e os livros antigos quando mais se precisa?

Nada aconteceu desde aquela noite no parque de diversões. Nenhuma misteriosa saída noturna, nenhum sonho estranho, nada de cheiro de fumaça pela manhã. Em vez de a mente de Mínoo relaxar com a tranquilidade, está ainda mais inquieta. Ela sente como se estivesse andando com um cofre prestes a cair sobre sua cabeça.

E seu autointitulado guia parece incapaz de dar luz sobre qualquer questão.

Alguns dias depois da noite com a lua vermelho-sangue, Mínoo foi mais cedo ao colégio para conversar com Nicolaus. Ele estava sentado em sua sala, cercado de pedacinhos de papel e documentos, suando no casaco azul-marinho e na gravata vermelho-clara.

Quando Mínoo entrou e fechou a porta, ele deu um pulo como se ela tivesse soltado fogos de artifício na sala.

Ele levantou-se e ela viu que ele usava calças de veludo marrons que contrastavam com a gravata.

“Vá embora!”, disse ele, em um sussurro estranho. “Aqui não estamos protegidos!”

“Podemos nos encontrar à noite? No parque de diversões? Temos umas coisas para conversar.”

Nicolaus parecia incomodado.

“Não posso... ou melhor... eu não sei de nada... não sei nem quem eu sou.”

De repente Mínoo percebeu uma sombra negra deslizando pelo chão. Olhou para baixo e viu um gato, negro como o breu, a encará-la. No lugar de um dos olhos havia um vazio com bordas denteadas. Mínoo não quis ficar olhando para o bicho. Achou que pegaria sarna nos olhos só de olhar para aquele pelo nojento, com tufo faltando e pele à mostra.

Nicolaus recuou quando o gato pulou para a mesa e começou a passear pelos papéis.

“Não entendo o que há com esta criatura”, reclamou ele. “Fica me seguindo aonde quer que eu vá.”

O gato, que havia se deitado perto do telefone, virou a cabeça e, com o único olho, fitou novamente Mínoo bem nos olhos.

“Como assim você não sabe quem é?”, perguntou Mínoo enquanto o gato sarnento começava a lamber o pelo emaranhado.

Nicolaus soltou um suspiro profundo.

“Meu nome é Nicolaus Elingius. É isso que diz meu contrato de trabalho, e nos registros que provam que há um ano sou proprietário de minha humilde moradia.” Depois sua voz ficou trêmula. “Que eu não me lembro de ter comprado. Não lembro nada sobre meu trabalho como zelador. Não me lembro de meu pai ou de minha mãe. Não lembro quem eu amava ou quem odiava, se tive filhos ou filhas... Não lembro onde morei... nem de onde vim...”

Com a cabeça apoiada entre as mãos, ele então murmurou frases com palavras arcaicas que Mínoo se esforçou para entender.

“Bem, você sabe de uma coisa: que deverá ser nosso guia”, disse ela, cautelosamente.

Nicolaus ergueu a cabeça e olhou para ela com tristeza profunda.

“Abri mão desse privilégio. Eu estava aqui, neste colégio, quando Elias foi condenado à morte, mas não fiz nada para impedir a atrocidade que ocorreu.”

“Você não sabia.”

“Minha cara criança”, interrompeu Nicolaus, “você pediria a um cego para guiar cegos?”

Desde então Nicolaus parece mais confuso cada vez que Mínoo o vê. Uma vez ele ficou em

um corredor olhando para uma lâmpada como se estivesse hipnotizado, enquanto os alunos riam às suas costas. Agora faz dias que ninguém o vê.

Rebecka vem à beira do palco e sobe com agilidade. Juntas elas recolhem os tijolinhos de madeira e os guardam na caixa de plástico.

— Não é certo não estarmos todas aqui — diz Rebecka.

Ela disse aquilo várias vezes nas últimas semanas. Mínoo solta o último tijolinho na caixa. Rebecka já tentou fazer todas se encontrarem no parque de diversões, mas a única que demonstrou interesse foi Mínoo.

— Uma hora elas vão entender — responde ela.

— Mas o que as fará entender? — questiona Rebecka, com um tom próximo à irritação. — Será que mais alguém terá que morrer? A morte do Elias não bastou?

Mínoo preferia que Rebecka não tivesse falado o nome dele. Aquilo trazia a imagem que ela vem tentando esquecer: o rosto pálido, o braço cortado, o sangue cobrindo o chão e os azulejos.

— Mas o que nós podemos fazer? — pergunta ela, tentando se livrar da imagem. — De repente nos vemos tendo que lutar contra o mal e a destruição do mundo. E depois... nada. Deveríamos ter uma tarefa para cumprir, pelo menos.

— Mas a questão é justamente essa — diz Rebecka. — Nossa tarefa é essa. O que estamos fazendo. Precisamos nos conhecer. E temos que praticar nossas habilidades. Foi isso que Ida disse. Quando não era Ida, no caso.

— Sabemos que Anna-Karin tem “praticado” — comenta Mínoo.

— Eu tenho que fazê-la entender como isso é perigoso. Vou conversar com ela de novo — diz Rebecka, e coça a testa.

— Você está bem? — pergunta Mínoo.

— Estou. Tenho aguentado bem mais. No início, em poucos minutos eu ficava com dor de cabeça. Agora tenho me recuperado bem mais rápido.

Mínoo puxa a jaqueta para fechá-la mais. O ar está forte e úmido, e o frio penetra profundamente na pele.

— Aconteceu outra coisa — declara Rebecka. Ela tira um dos tijolinhos da caixa e o solta no chão entre as duas. — Mas não sei se vou conseguir fazer de novo.

Os olhos de Rebecka estreitam-se com o esforço. Mínoo olha para o tijolo e começa a se perguntar o que vai acontecer. Ele não se mexe. Rebecka deve estar bem cansada. Então ela vê. O fio de fumaça é tão fino que a brisa leve o dispersa. Mas então aparece mais fumaça e o tijolo pega fogo em um canto.

Rebecka ergue o olhar para ela. Por um instante, Mínoo sente medo de que ela também pegue fogo por acidente. Ela precisa resistir à vontade de cobrir o rosto com as mãos.

— Bizarro, não é? — diz Rebecka em tom tranquilo.

Mínoo só tem a concordar. De início a pequena chama tem um leve tom azulado, mas logo fica totalmente amarela. Agora se espalha por dois lados do tijolinho. Rebecka se abaixa e apaga o fogo.

— Quando começou? — pergunta Mínoo.

— Ontem. Tinha uma vela acesa na mesa e eu meti na cabeça que tentaria apagar. Não foi difícil. Foi tipo... apertar a ponta do pavio com os dedos. Aí tentei acender. Depois me deu uma dor de cabeça horrível. Gustaf ficou bem preocupado.

— Ele não viu, viu?

— Não, claro que não — conta Rebecka. Seu olhar está distante.

Ela puxa as mãos para dentro das mangas da jaqueta. — Está quase impossível não dizer nada a ele. É muito surreal.

— Você *não pode* contar para ele! — A voz de Mínoo é estridente.

Ela não queria gritar. Mas entra em pânico com o que ouve de Rebecka. Ela não lembra? *Não confiem em ninguém... Nem no amor de sua vida.*

— Eu sei — diz Rebecka. Depois de um momento de silêncio prolongado: — É que tem tantos outros assuntos que a gente não conversa.

Mínoo percebe que este é um daqueles momentos marcantes em que duas pessoas estão prestes a virar amigas íntimas.

— Existem boatos sobre mim — continua Rebecka.

Mínoo hesita, incerta se deve admitir que ouviu rumores sobre Rebecka durante todo o ensino médio. Ela era daquelas meninas que todo mundo dizia ter distúrbio alimentar.

— Eram verdade? — pergunta ela.

— Eram. Acho que ainda são. Eu sei que às vezes volta. Anda melhor desde a primavera.

Apesar de eu ainda pensar. Com frequência.

— O que Gustaf acha?

— Nunca conversamos sobre isso, mas ele deve saber. — Rebecka olha nos olhos de Mínoo.

— Só tenho medo de que ele descubra e não queira mais ficar comigo. Você é a primeira pessoa para quem eu conto.

Mínoo quer dizer alguma coisa inteligente. Quer mostrar que é merecedora de confiança, quer ajudar Rebecka com bons conselhos e prometer que tudo vai ficar bem. Mas naquela hora ela percebe que é melhor ficar quieta. Deixar que Rebecka fale o que precisa falar.

— Quando me lembro de como eu era antes de ficar com Gustaf, parece um filme em preto e branco. Ele fez tudo ganhar cor. Mas eu sinto que ainda faço parte daquele mundo em preto e branco, e que a qualquer momento ele vai notar. Que eu não sou... colorida. Se ele notar, tudo virá abaixo.

— Mas ele ama você. Dá para ver. Talvez você tenha que confiar.

— Quem me dera se fosse tão simples — diz Rebecka.

— Você não adora me ver sentada aqui, lhe dando conselhos, eu que sou cheia de experiência com garotos e relacionamentos? — brinca Mínoo, e Rebecka ri.

— Então ok, agora é a sua vez. Você não tem nenhum segredo misterioso e profundo para dividir?

Mínoo hesita.

— Bom, eu sou caidinha por uma pessoa com quem eu nunca vou poder ficar — diz ela. — Que infantil, não é?

— Qual é. Quem?

— Você precisa prometer que não vai contar para ninguém. Ou melhor, eu sei que você não vai contar, mas tenho que dizer “não conte para ninguém”, só por dizer. Assim eu me sinto melhor.

Rebecka ri de novo.

— Prometo.

Mínoo mal consegue pronunciar o nome. Tem muito medo de parecer a virgenzinha boba que é.

— Max.

Sai como um suspiro. Ela quer que o chão se abra e trague seu corpo, depois que alguém venha e pregue tábuas sobre o buraco e a esqueça pelo restante da eternidade.

— Será que ele não sente a mesma coisa? — pergunta Rebecka, como se isso não fosse estranho.

— Claro que não — responde Mínoo. — Às vezes ele me dá umas olhadas, mas sou eu que devo estar vendo coisas.

— Por que você não conversa com ele fora do colégio um dia? Se você acha que existe algo entre vocês, deve ter razão. — Ela faz tudo parecer tão fácil...

— Obrigada. Mas acho que o melhor para mim é esquecê-lo.

— Boa sorte — fala Rebecka em tom de ironia, e Mínoo não consegue evitar um sorriso.

O shopping é o símbolo de tudo que Vanessa odeia em Engelsfors. É deserto, feio e, acima de tudo, um fracasso vergonhoso.

O shopping abriu há seis anos com muito alarde, distribuindo balões para as crianças. Agora só se veem lojas fechadas e a Sture & Cia., o lugar predileto de todos os pinguços da cidade. Vive na penumbra, porque ninguém se dá o trabalho de trocar as lâmpadas. A Caverna de Cristal é a primeira novidade por lá em mais de dois anos.

Vanessa abre a porta e um sininho soa. Há um cheiro forte de incenso. As paredes são de um tom de amarelo vivo e estão cheias de prateleiras, mesas com livros, apanhadores de sonhos, pinturas de golfinhos, velas aromáticas e jarros misteriosos. E, é óbvio, cristais de todas as cores e tamanhos.

Atrás do balcão há uma senhora folheando uma revista de fofocas. Sua pele é queimada de sol, e o cabelo louro e despenteado ficou horrível depois de infinitos permanentes. O batom é rosa-gelo, e as pálpebras sofrem com um reboco de sombra turquesa. As roupas jeans têm borboletinhas douradas bordadas aqui e ali.

Então essa deve ser Mona Raio de Luar. Vanessa não sabia o que esperar, mas não pensava em alguém que parecia ter saído de um clipe dos anos oitenta. Ao se aproximar do balcão, ela sente cheiro de fumaça azeda e um perfume enjoativo.

— Oi... — começa ela.

— O que você quer? — resmunga Mona, sem tirar os olhos da revista.

Vanessa fica incomodada. A loja deve precisar de clientes. Mona Raio de Luar devia comemorar e jogar pétalas de rosas aos seus pés.

— Estou atrapalhando?

Sem pressa, Mona Raio de Luar abaixa a revista e olha para ela.

— O que você quer? — repete.

— Minha mãe veio aqui e leram a mão dela. Jannike Dahl. Ela disse que havia uma promoção tipo duas por uma.

Vanessa coloca o recibo no balcão e Mona o puxa lentamente, como se quisesse enfatizar que não vai se apressar só por conta dela. Ela coloca os óculos que estavam pendurados no pescoço e examina o pedacinho de papel meticulosamente. Então olha para Vanessa e solta um suspiro longo e profundo.

Vanessa está prestes a dar meia-volta e ir embora. Mas já vem adiando isso há semanas, e a promoção termina hoje. A mãe ficaria decepcionada. Ela quer que Vanessa também se interesse por interpretações dos sonhos, pensamento positivo e fotografia da aura.

— Algum problema? — pergunta ela.

Mona bufá, se levanta e sai de trás do balcão. Há uma cortina de veludo vermelho-escuro

pendurada entre um armário cheio de livros sobre ocultismo e um dragão de cobre que chega até a cintura de Vanessa. Mona puxa a cortina e entra, acenando para que Vanessa a siga.

A sala é pequena e abafada. Lá dentro há mais cortinas de veludo pregadas descuidadamente nas paredes brancas, mas o piso de linóleo de cor pêssego acaba com qualquer tentativa de criar uma atmosfera mística. No meio da sala há duas cadeiras estofadas com pelúcia vermelha e uma mesa coberta com um tecido roxo-escuro e borda dourada. Mona faz sinal para ela se aproximar, e Vanessa entende que é para se sentar. Quando ela afunda na cadeira, uma mola de metal rompe o tecido e dá uma pontada em seu traseiro.

— Que porra é essa? — Vanessa se contorce para achar uma posição confortável. — A cadeira está quebrada.

— Você é que é muito ossuda — resmunga Mona, sentando-se em frente a ela.

Vanessa está prestes a retrucar com algum comentário sobre o traseiro bem acolchoado de Mona, mas se segura.

A pulseira de Mona faz barulho quando ela se mexe embaixo da mesa. Então ela passa algo nas mãos. Vanessa chega a pensar que é um óleo mágico, mas aí vê a garrafinha de álcool em gel.

Mona estende as mãos.

— Vamos ver essas mãozinhas — diz ela.

Desconfiada, Vanessa estende as mãos e as pouso sobre as de Mona. No instante em que suas peles se tocam, a jovem tem uma sensação estranha. É parecida com a sensação de quando está prestes a ficar invisível. Como se fosse uma rajada de vento nas entranhas.

Nas últimas semanas, ela consegue controlar cada vez melhor a invisibilidade. Consegue senti-la se manifestando e fazê-la parar. Também começou a aprender como fazer o poder despontar quando quer. Isso é bem mais complicado; da primeira vez que ela tentou, seu nariz sangrou.

Mona examina as mãos de Vanessa, que de repente fica nervosa. Afinal, ela não sabe nada sobre a mulher. Seu coração bate um pouco mais rápido quando ela conta as semanas e percebe que Mona deve ter chegado à cidade pouco antes de Elias morrer.

Que péssima ideia, pensa Vanessa consigo mesma. Péssima ideia.

— Vejo que você é uma jovem independente, que quer seguir o próprio rumo — diz Mona.

— É mesmo? Que adivinhação fantástica — diz Vanessa, sentindo o coração desacelerar.

— Meu trabalho não é adivinhação! — Mona lhe dirige um olhar irritado. — Você quer sair pelo mundo e conhecer tudo.

— Meu Deus! Eu devo ser muito especial.

Ela não tem com o que se preocupar. Tudo o que Mona diz seria verdade para qualquer garota da idade de Vanessa. Mona é uma charlatã, assim como os outros gurus da mãe. Então a charlatã pressiona os lábios, destacando todas as rugas de nicotina no lábio superior. Parece tomar uma decisão.

— Ok, então. Vamos fazer isso direito.

Ela segura a mão de Vanessa com mais força. Uma nova sensação a atinge. Ela se sente igual a quando Ida ficou levitando no parque de diversões: como se houvesse eletricidade no ar. Os pelos de seu braço se eriçam. Ela prende a respiração.

— Vejo um homem — fala Mona. — Vocês têm uma relação complicada.

— Jura? — responde Vanessa, tentando soar indiferente.

— Não vai durar.

— Você não pode dizer uma coisa dessas!

Mona abre um sorriso irônico.

— Quer que eu pare? Não aguenta ouvir a verdade?

Vanessa range os dentes.

Mona olha atentamente para a palma da mão direita de Vanessa e segue uma linha com o dedo indicador. Faz cócegas.

— Está vendo aqui? Estas duas linhas estão entrelaçadas até o fim. O amor da sua vida não é quem você imagina, e sim alguém que já conhece. Ah, querida, minha querida... Não vai ser um mar de rosas, mas há uma conexão entre vocês.

Mona ri. Ou melhor: Mona dá uma *gargalhada*.

— Qual é a graça? — pergunta Vanessa.

— Você vai ver. — Mona solta a mão direita de Vanessa e pega a esquerda. — Você está muito decepcionada com alguém. Vejo um pai que... — De repente Mona se inclina tanto que a ponta do nariz quase toca a palma da mão de Vanessa. — Arrá!

Vanessa fica com a boca seca. Sua língua está colada no céu da boca. Ela não consegue falar.

Mona lhe lança um olhar triunfal.

— Eu sabia. Espere um pouquinho.

Mona se levanta e vai até o gaveteiro pintado de preto. A gaveta do alto faz um rangido tão esganiçado ao abrir que Vanessa se assusta. A guru remexe na gaveta, fazendo muito barulho, até achar o que procura.

Vanessa vê de relance um saco plástico com pedrinhas amareladas, até que Mona some do recinto. A mulher volta com um cigarro aceso no canto da boca e um cinzeiro de mármore vermelho na mão. O saco pende da outra mão.

— Preciso de armas maiores — diz ela, abre o saco e despeja o conteúdo na mesa.

Vanessa gela ao perceber que não são pedras.

São dentes. Dentes humanos.

— Está vendo estas marcas? — pergunta Mona, erguendo dois dentes brancos.

Vanessa recua.

— Ah, não seja tão covarde. Fique grata por eu não usar vísceras nem excrementos.

O olhar de Vanessa desce à mesa. Os dentes têm linhas estranhas, que se entrelaçam. Cada dente tem um desenho.

— São caracteres Ogham — explica Mona. — Os druidas usavam há milhares de anos. Há

quem acredite que são mais antigos ainda, que a origem vem do antigo culto à deusa lunar no Oriente Médio.

Ela recolhe todos os dentes com as mãos em forma de concha e os balança várias vezes. Eles chocam e estalam uns contra os outros. Então ela abre as mãos e eles se espalham pela mesa. Vanessa sente o ar da sala ficar pesado mais uma vez. Como se alguém estivesse passando delicadamente um ralador em sua pele.

Mona vira alguns dentes para os caracteres ficarem à mostra. Ela avalia o resultado e dá algumas tragadas no cigarro, ainda preso no canto da boca.

— Este caractere, *úath*, significa terror ou medo — explica, apontando para um molar. — E este... Não. Acho que você não quer saber. — Ela olha para Vanessa com um ar de provocação.

— Claro que quero.

— *nGéadal* significa morte. A morte paira sobre você.

Mona dá outra tragada, fazendo o acúmulo de cinzas na ponta do cigarro ficar tão longo que parece que vai despencar a qualquer momento. Ela tira os óculos.

Vanessa está com dificuldade para respirar. A sala parece diminuir, como se a qualquer minuto as paredes fossem se aproximar e esmagá-la.

— Você não precisa interpretar tudo ao pé da letra — avisa Mona, como se tudo ali não fosse nada incomum.

Vanessa se levanta de repente, luta contra o amontoado de veludo na porta e finalmente consegue passar para o outro lado, de volta ao mundo onde o ar é respirável.

— Oi — cumprimenta alguém, e Vanessa procura quem é.

É Linnéa, atrás das prateleiras. Ela segura uma estatueta de um querubim em porcelana.

— Tão feia que é linda — diz ela.

Vanessa olha para o anjo rechonchudo tocando harpa. Só Linnéa conseguiria levar aquilo para casa e fazer parecer legal.

Mona volta para a loja e lança um olhar de cima a baixo no casaco de pele de leopardo falsa de Linnéa. A camiseta foi retalhada e presa com alfinetes de segurança. Para combinar, uma saia muito curta de tule cor-de-rosa e coturnos até o joelho.

— Esvazie os bolsos — resmungo Mona.

— Para quê? — pergunta Linnéa.

— Reconheço uma ladra quando vejo.

— Eu não tenho bolsos — informa Linnéa. Ela dá um giro completo e abre um sorriso arrogante.

Mona pega o casaco de pele falsa, o examina de perto e percebe que ela está falando a verdade.

Vanessa conclui que é exatamente de Linnéa que ela precisa agora, depois da velha maluca que mais parecia uma chaminé e suas imagens. As duas garotas deixam Mona Raio de Luar e sua lojinha abafada.

— O que é que você estava fazendo ali com a morcegon? — pergunta Linnéa, tirando um

maço de cigarros da bota enquanto saem do shopping.

Ela acende um cigarro e o estende para Vanessa, que aceita embora só costume fumar quando está bêbada. Linnéa acende outro para si e elas começam a caminhar.

— Minha mãe insistiu que eu viesse — responde Vanessa. Ela não quer falar de seu destino; prefere até esquecer. — O que *you* estava fazendo ali? — continua ela antes que Linnéa tenha a chance de fazer outra pergunta.

— Só pegando umas coisinhas — diz Linnéa, com um sorriso malicioso.

Ela mostra um pacote de incenso que escondeu na outra bota. Vanessa fica impressionada. Quando chegam ao Parque Storvalls, elas param ao lado da fonte.

— Você já voltou ao parque de diversões? — pergunta Linnéa.

Rebecka já tentou levar Vanessa até lá várias vezes, mas ela sempre diz que está com Wille, Michelle ou Evelina. Não quer pensar no que aconteceu aquela noite. Não quer aquilo na sua vida.

— Não. E você?

— Não — responde Linnéa, quase inaudível. — Quero saber por que Elias morreu, mas não sei o que fazer.

— Talvez a gente devesse se reunir com as garotas — conclui Vanessa, depois de uma pausa. — Tentar descobrir o que está acontecendo.

— Se eu fizer alguma coisa, farei sozinha — responde Linnéa, brusca.

Vanessa dá uma tragada e tenta fingir que não acha o cigarro nojento.

Atrás de Linnéa, ela vê um dos bêbados que estão sempre pelo parque. Ele faz uma dancinha esquisita na grama marrom-acinzentada. Totalmente absorto em si mesmo. Mas Vanessa sabe que ele é legal porque costumava pedi-lo para comprar bebida na loja de conveniência, antes de conhecer Wille.

Linnéa joga o cigarro no chão e o esmaga meticulosamente com a bota. De repente parece estar incomodada. Será medo de que Vanessa vá pedir para ir a sua casa?

— Tenho que ir — diz Vanessa, para deixar claro que não está querendo fazer amizade.

Linnéa não responde.

Atrás dela, o bêbado balança a cabeça. Ele cambaleia, chegando mais perto delas e se sacudindo todo.

— Olá! — diz ele.

— Oi — grita Vanessa em resposta, na esperança de que ele se contente com isso e vá embora.

Mas ele continua vindo na direção delas.

— Linnéa, luz e alegria da minha vida! — chama ele, com aquela voz arrastada que todo bêbado ganha com o passar do tempo.

— Amigo seu? — pergunta Vanessa, dando uma risadinha.

Linnéa não responde. Apenas sai caminhando.

— Linnéa! — grita o bêbado mais uma vez.

Ele para de repente e começa mais uma dancinha bizarra, se balançando para a frente e para trás, olhando para Linnéa com os olhos vazios e a boca aberta.

Linnéa fala com ele de forma tão suave que Vanessa mal consegue ouvir o que ela diz:

— Tchau, pai.

Ao abrir a porta da frente, Anna-Karin se depara com o cheiro de pão recém-saído do forno. Um sorriso lhe surge no rosto.

— Olá, querida. Já voltou do colégio? — chama a mãe da cozinha.

— Já! — grita Anna-Karin enquanto pendura a jaqueta no corredor. Mal teve a oportunidade de tirar os sapatos e a mãe já veio correndo abraçá-la. Ela não fede mais a cigarros porque parou de fumar. E a casa cheira a pão, sabonete e ar fresco.

— Como foi o colégio? — pergunta a mãe, soltando-a.

— Legal. Acertei tudo na prova de história.

— Minha menina inteligente — elogia a mãe, orgulhosa.

Anna-Karin não sente culpa de ter chutado tudo e usado seus poderes no professor. Ela tem algumas regras: evita manipular os professores o máximo possível, e nunca usa o poder nos professores de ciências. Só usa naqueles cujas disciplinas são inúteis, como história, alemão e educação física. Nada daquilo vai ajudá-la a ser veterinária. Qual é a necessidade de aprender um monte de coisas inúteis se depois vai esquecer?

— Eu estava assando uns bolinhos, então pensei que também podia fazer rolinhos de canela.

A mãe ri, limpando a mão cheia de farinha no avental claro. Seu sorriso não chega aos olhos, mas Anna-Karin não se importa. Logo a mãe vai descobrir como é bom *viver* a vida. Ela tem certeza de que então o sorriso será genuíno.

Pimenta vem descendo as escadas e para no último degrau.

— Olá, querido — diz Anna-Karin, agachando-se e esticando a mão. Os olhos de Pimenta têm uma luz verde-amarelada. Seu rabo balança cautelosamente para a frente e para trás. Ele não chega mais perto que isso. Ela não entende o que deu nele. O pequeno Pimenta, que costumava ficar no seu bolso e ronronar. — Venha, Pimenta, venha. Pss, pss, pss...

Ele não se mexe.

Venha cá, pensa Anna-Karin, olhando profundamente nos olhos de Pimenta. *Venha agora. Eu só quero fazer um carinho.*

Pimenta mostra os dentes e volta correndo escada acima.

— Que se dane — sibila Anna-Karin em resposta.

Nesse momento seu celular toca. É o número de Rebecka. Por que ela não desiste? Nenhuma delas entende o quanto Anna-Karin merece essa nova vida. E ela não vai ficar pedindo desculpas.



Não vai dar certo, pensa Rebecka. Nunca vou conseguir uni-las.

Ela enfia o celular no bolso e olha ao redor, à procura de Gustaf, pelo ermo shopping. Ele esqueceu o cachecol no quiosque da Leffe quando foi comprar chocolate.

“Espere aqui que vou buscar”, disse ele.

Faz tempo que ele saiu. Tempo demais.

Rebecka está alternando o peso de um pé para o outro, desejando que tivesse algo para ler. Algo além do livro de biologia. Ela vasculha as vitrines escuras, nas quais seu reflexo vira uma sombra. Parece um fantasma dentro das lojas vazias. A única luz vem da recém-inaugurada Caverna de Cristal.

Rebecka se aproxima. A vitrine atulhada de pirâmides de latão, cartas de tarô, incenso, estatuetas de anjinho e, é óbvio, cristais de todo tamanho, formato e cor imaginável. Há também um mostruário de joias, uma massa reluzente de prata e pedras baratas. A maioria parece meio vagabunda. Seus olhos são atraídos para um colar de prata com pedrinhas vermelhas. Com o gotinhas de sangue em volta do pescoço. Ela repousa os dedos sobre o vidro. O colar não faz seu estilo, mas ela sente uma atração. Quer comprá-lo agora, de uma vez, e usar o tempo inteiro. Se tivesse dinheiro...

Rebecka não sabe há quanto tempo está ali parada olhando o colar, então sente o pelo da nuca se eriçar. Alguém a está observando, ela tem certeza.

Ela olha para o próprio reflexo na vitrine. Há uma figura borrada atrás dela. Rebecka consegue distingui-la à luz fraca do sol, que se insinua pela entrada do shopping, mas a reconhece no mesmo instante.

Não ousa se virar. Alguns segundos se passam, e parece uma eternidade. A silhueta ainda está lá.

Percebe alguém se movendo dentro da Caverna de Cristal. Uma mulher com roupa jeans e cabelo louro curto. A mulher está andando e resmungando para si mesma. Se ela apenas olhasse para cima e visse Rebecka. Mas a mulher some atrás de uma cortina, e Rebecka se dá conta de que não haverá testemunha caso aquela silhueta venha atrás dela. Este shopping escuro é o lugar perfeito para atacar alguém, mesmo no meio do dia, no centro da cidade. Suas costas ficam tensas de tanto medo.

Rebecka luta para recobrar a coragem. Nada é pior do que ficar ali parada, esperando que algo aconteça. Ela tenta se convencer de que é forte. Tem um poder do qual nem sabia da última vez que essa figura a perseguiu.

Ela respira fundo e se vira. Na mesma hora, ouve as portas automáticas se abrindo. A pessoa sumiu. Gustaf está correndo em sua direção, seus passos ecoando no chão de pedra.

— Desculpe ter demorado tanto — diz ele. — Leffe leva o emprego dele muito a sério. Tive que descrever o cachecol para ele me devolver. Nunca tinha prestado atenção à cor dos quadradinhos...

Ele para de falar e fica olhando para ela, tentando entender o que há.

— Você está bem?

— Não é nada. Você viu alguém quando estava entrando?

Gustaf olha para ela, examinando-a.

— Não. Por que a pergunta?

Ela força um sorriso alegre e despreocupado.

— Achei que tivesse visto um conhecido, só isso. — Ela se volta para a vitrine da Caverna de Cristal. — Já viu essa loja nova? A maioria das coisas é horrível, mas tem umas bonitinhas.

— Gostou de alguma em especial?

Ela aponta para o colar.

— Eu sabia — disse Gustaf, e sorri satisfeito.

— Como?

— Nada, é que eu estava pensando... seu aniversário está chegando... Mas não era para eu ter falado.

Ele ri, e ela presente que ele já comprou o colar de presente, ou pelo menos planejou. Ele parece uma criança. Sua expressão diz tudo. É como se nunca tivesse nada para esconder.

— Só não vá me comprar nada caro — pede ela delicadamente, torcendo para que não o tenha magoado.

Eles já tentaram discutir a questão financeira, mas é difícil. Os pais de Gustaf têm de sobra e não se importam em dar. Por outro lado, na família grande de Rebecka nunca sobra nada. Gustaf sempre é muito sensível, diz que a família dela é generosa, que só se dá de acordo com o que você tem. Se ela tivesse muito, ela daria muito. Mas quando não se tem muito, é difícil receber qualquer coisa.

— Você está tão quieta — comenta Gustaf.

Ela percebe que não fala nada há algum tempo.

— Eu estava pensando.

— Às vezes eu queria ver dentro da sua cabeça — diz ele, e sorri.

— Você ia se entediar bem rápido — responde ela, e põe o braço em volta da cintura dele.



Rebecka fica analisando a foto dela e de Gustaf na parede, ao lado da cama. Foi ele que tirou. Segurou a câmera bem no alto e apontou para eles durante uma caminhada pelos portões da barragem, na primeira semana que passaram oficialmente juntos.

Ela descansa a cabeça no braço dele, deita-se mais perto e sente o calor de seu corpo.

— Eu amo você — sussurra ele, e sua respiração vem quente no ouvido dela.

— Também amo você.

Os pais de Gustaf foram jantar na casa do chefe da mãe. Mas ele e Rebecka transaram em silêncio como sempre. É inevitável, por saberem que devem ser cuidadosos, porque alguém pode

ouvir ou entrar no quarto de repente.

— Está confortável assim? — pergunta ele baixinho.

— Aham — responde Rebecka.

Ela se aconchega nele. Ela ama sentir a pele dele, quer apertar cada centímetro do corpo contra o dele. Gustaf coloca o outro braço em volta dela e a beija na testa.

O vento está aumentando. A casa geminada onde Gustaf mora fica na última rua antes de a floresta tomar conta deste lado da cidade. Ali perto há uma antiga vala comum para vítimas de uma epidemia de cólera. Eles passaram pela vala no verão: grandes blocos de pedra marcam o local. Sentiram frio mesmo no sol, e uma pedra estava presa à outra por uma grossa corrente negra.

A lembrança da vala traz de volta pensamentos indesejados. Rebecka relembra a silhueta refletida na janela e sente de novo os músculos tensos, como se estivesse preparada para se defender. Tenta relaxar mais uma vez, agarrar-se à alegria que carregava minutos antes.

— O que foi? — pergunta Gustaf.

— Como assim?

Gustaf se afasta só o bastante para conseguir olhar para ela.

— Parece que você... Não sei, parece que você estava meio distante nesses últimos dias. —

Rebecka abre a boca para retrucar, mas Gustaf pergunta: — Aconteceu alguma coisa?

Ela chega mais perto e pressiona a testa no peito dele. Prefere mentir olhando para ele.

— Não.

— Tem certeza?

— Tem muita coisa acontecendo no colégio — diz ela.

Ela ouve o coração de Gustaf bater no peito e se pergunta como é ser ele, tão calmo e confiante em qualquer situação.

— Você tem passado bastante tempo com Mínoo — comenta ele.

Rebecka fica surpresa, mas aliviada com a mudança de assunto.

— É. Eu gosto muito dela. Ela é tão inteligente. E legal. Às vezes também é engraçada. Acho que ela nem percebe que é assim.

— A gente devia fazer alguma coisa juntos, nós três, uma hora dessas.

— Aham.

— Será que ela ia gostar de um dos meus amigos? Do Rickard, talvez?

Rebecka imagina Rickard e Mínoo juntos e não consegue evitar uma risada. Rickard é um doce, mas só sabe falar de futebol. Ninguém tem menos a ver com Mínoo.

— Por que não?

— Mínoo está apaixonada — deixa escapulir ela.

— Por quem?

Ela prometeu guardar segredo, e agora está prestes a contar. Seria tão bom ter um segredo para dividir com Gustaf, para pensar todos os outros que ela esconde.

Mas não, pensa ela. O segredo não é meu, eu não posso contar, e Mínoo nunca me perdoaria.

— Não posso contar.

— Claro que pode.

— Não, eu prometi.

— Ah, pare.

— Por que tanta curiosidade? Quer que seja por você?

Ela ri quando Gustaf faz cara feia fingindo raiva. Então ele joga a perna por cima dela, prende-a contra o colchão e começa a lhe fazer cócegas. Ela solta um guincho e começa a rir.

— Conte!

Ele também está rindo. E ela só consegue negar com a cabeça. Mal consegue respirar.

As coisas acabam se acalmando. Ele começa a beijá-la, mas agora todo movimento dele provoca cócegas nela. A barba por fazer lhe roça no pescoço, fazendo-a dar outro gritinho e levantar o ombro para proteger a pele.

E enquanto está ali deitada, ela não entende como podia duvidar de que fosse amá-lo não importava o que acontecesse.

Rebecka chega meia-noite em casa e fica mais duas horas acordada para fazer o dever de francês. Depois não consegue dormir. Seus pensamentos não param de voltar à silhueta no shopping. E, quando ela finalmente cai no sono, a figura também aparece em seus sonhos.

Tenho que contar para Minoo, pensa ela ao acordar no dia seguinte.

Imediatamente ela se sente mais leve. Não está sozinha, afinal.

Uma música suave está tocando no rádio quando ela entra na cozinha. Anton e Oskar ainda estão dormindo. Alma tenta tirar Moa da cadeira de bebê, e Moa dá um grito tão agudo que os ouvidos de Rebecka doem. Sua mãe está na janela, com o velho celular colado à orelha, murmurando algo em tom sério.

Rebecka pega a caixa de leite da geladeira e olha para ela.

— Não, não posso fazer isso — diz ela. — Você que vai ter que contar para ela. — Ela estende o telefone para Rebecka. — É o seu pai.

Rebecka pega o telefone, sentindo que vai ouvir más notícias.

— Oi, Beckis. — Seu pai parece tenso. — Tenho más notícias. Tenho um congresso no fim de semana, então vou perder seu aniversário.

Ela não devia se importar com algo tão infantil como passar um aniversário sem o pai, mas se importa.

— Ah — diz ela, encarando a geladeira e um imã de uma abelhinha sorridente.

Sente que a mãe está olhando para ela.

— É muito importante que eu esteja lá. Se não você sabe que eu...

— Eu sei — interrompe Rebecka. — Depois a gente se fala. Tchau.

O pai tenta dizer algo mais, mas ela desliga.

— Beckis — chama a mãe, naquela voz fininha que lhe dá arrepios.

A mãe quer consolá-la, mas não sabe que aquele tom e aquela expressão de pena só pioram tudo. Rebecka só quer fingir que nada aconteceu para poder esquecer.

— Não tem problema — diz ela, evitando o olhar da mãe.

Ela coloca a caixa de leite de volta na geladeira. Está com fome, mas decide que vai resistir, o que lhe dá uma poderosa sensação de controle. A mesma sensação que ela sabe que é perigosa.

— Que tal a gente sair para comer? No Venezia, que tal?

— Vou comemorar com Gustaf — avisa Rebecka.

— Ele pode vir com a gente.

— Pode ser. A gente tem que decidir isso agora? Eu estou tão cansada...

A mãe toca o rosto de Rebecka, que tem que se conter para não recuar; isso a magoaria.

— Tudo bem. A gente fala sobre isso depois — diz a mãe.

— Vou tomar banho — murmura Rebecka, indo na direção do banheiro.

— Espere um pouco — chama a mãe. — A diretora também ligou. Quer conversar com você hoje depois da aula.

— Sobre o quê?

— Acompanhamento de rotina, foi o que ela falou.

— Ok — responde Rebecka, do modo mais casual que consegue.

Ela entra no banheiro, tira a camisola, liga o chuveiro e espera a água esquentar. Essa história de acompanhamento com a diretora é ridícula. Só pode ser para falar do distúrbio alimentar. Ela tem certeza. Não tem como ser outra coisa.

Rebecka entra no chuveiro e deixa a água cair. Só há uma pessoa que sabe sobre isso. Minoos.



Faltam cinco minutos para começar a primeira aula. Minoos está sentada no fundo da sala de aula de biologia, esperando Rebecka.

Elas não se sentam juntas em todas as aulas, mas isso está acontecendo com uma frequência cada vez maior. Minoos sabe que elas deveriam ter mais cuidado, mas o contato humano é viciante. Antes de conhecer Rebecka, era como se aquela parte de si estivesse congelada, a parte que desejava amigos e companheirismo. Mas então Rebecka apareceu e aquilo acabou. Agora Minoos entende que ficar sozinha quando não se tem amigos é uma coisa, mas que ficar sozinha quando se tem é outra, bem mais difícil.

Ela olha para Anna-Karin, sentada na primeira fileira e conversando com Julia e Felicia. Elas nem fazem esta matéria. Minoos tinha certeza de que em algum momento Anna-Karin pararia de fazer lavagem cerebral em Julia, Felicia e metade do colégio. Aquilo era tão errado, tão perigoso, que Anna-Karin uma hora ou outra ia entender.

Agora ela percebe que talvez a outra não vá parar. Afinal, se Minoos não pretende voltar a andar sozinha, por que Anna-Karin pensaria de forma diferente?

Rebecka entra na sala alguns segundos antes do professor de biologia. Não é do feitio dela se atrasar. Está sem maquiagem e tem olheiras escuras, mas ainda está linda. Minoos nunca se cansa de olhar para ela. Há tantas variações em seus traços, Rebecka é tão diferente de um momento para o outro, e ainda assim é ela mesma o tempo todo.

Rebecka senta-se ao lado de Minoos, mas mal retribui o sorriso. Em vez disso, se concentra em colocar o grafite na lapiseira.

O sr. Post, professor de biologia, vai até a mesa dele e se vira para a turma. Veste o suéter vermelho de sempre, o que tem manchas de ovo — pelo menos é o que Minoos espera que sejam —, o mesmo que ele estava usando em todas as vezes que ela o viu.

— Bom — diz ele —, hoje vamos falar sobre o fascinante mundo das plantas.

Ele chupa uma pastilha para garganta enquanto desenha uma célula vegetal no quadro. Alguém abafa uma risadinha. A aula anterior foi exatamente sobre o mesmo assunto. Todos sabem por que às vezes ele cai no sono e por que sempre tem uma pastilha na boca. De que outra maneira poderia esconder o hálito de álcool?

Minoo escreve no caderno e o passa para Rebecka. *Como você está?*

Rebecka fica olhando para aquilo como se fosse uma charada. Fica girando a caneta na mão. Hesita. Então começa a escrever.

— Alguém sabe o que são criptógamas? — pergunta o sr. Post, e Minoo ergue a mão automaticamente. — Milou?

Alguém ri. Minoo já desistiu de corrigi-lo.

— Criptógamas são plantas com esporos. Fanerógamas são plantas com sementes — diz ela.

Kevin dá um suspiro, e ela se arrepende de ter dado uma resposta mais longa do que o solicitado. Por que ela sempre tem que ser a sabe-tudo? Por que é tão importante para ela ver o sorriso contente do professor, se é isso que faz a turma toda odiá-la?

Rebecka empurra o caderno de volta e Minoo lê. Rebecka escreveu várias coisas mas depois apagou. A única coisa que restou foi: *Você contou para alguém o que eu falei para você no parque de diversões?*

Minoo congela por dentro. Ela olha nos olhos de Rebecka e fica vermelha. É inocente, mas fica tão nervosa que deve parecer a maior mentirosa do mundo. Pega a caneta e escreve: *Não! Por quê?*

Fui chamada na sala da diretora para um “acompanhamento de rotina”. Ela lança um olhar inquisitivo para Minoo e escreve: *Desculpe ter duvidado de você.*

Minoo a olha nos olhos e sussurra:

— Tudo bem.

Mais do que tudo bem. Ela se sente como quando conseguiu escapar de ser atropelada pelo caminhão. Rebecka faz que sim com a cabeça e começa a escrever de novo. *Tinha alguém me seguindo ontem. Não sei quem era, mas já vi essa pessoa antes, no dia depois do Elias.*

Minoo se lembra da figura que viu em frente de casa naquela noite. Ela rabisca que acha que tem alguém a seguindo também. Quando Rebecka termina de ler, ergue o olhar. Minoo sabe que elas sentem o mesmo: aliviadas por não estarem sós. Mas com medo, porque agora é mais real.

Rebecka escreve:

Nós precisamos nos encontrar. Todas. À meia-noite. Vou mandar mensagens para avisar as outras. Agora elas têm que entender. Não sei como, mas a gente precisa se ajudar.

Minoo faz que sim. Ela se pergunta se Rebecka sabe que é a única que consegue uni-las. Ela é a única de quem todas gostam. A combinação de Vanessa, Ida, Linnéa e Anna-Karin é um campo minado, e é Rebecka quem impede que tudo vá pelos ares.

— Não deve ser nada — diz Gustaf.

Eles estão parados na escada. Rebecka está um degrau acima, de forma que, pelo menos desta vez, estão na mesma altura. Conversam baixinho para que suas vozes não ecoem.

— Ela falou que era um acompanhamento de rotina, não foi? — completa ele.

— Você já teve um “acompanhamento de rotina” com a diretora? — pergunta Rebecka.

Jari Mäkinen, do segundo ano, está descendo as escadas correndo, com uma bolsa cor-de-rosa que parece muito sem sentido em seus braços. Ele e Gustaf se cumprimentam com um aceno.

— E então, teve? — insiste Rebecka assim que Jari sai de vista.

— Não. Talvez seja algum método novo que ela quer tentar. Depois do Elias e tal. Ela quer conversar com os alunos que...

Ele para. Rebecka engole em seco. É agora. É o momento em que eles vão falar sobre isso.

— Alunos que o quê? — pergunta ela.

Gustaf aproxima-se e cheira seu cabelo.

— Que cheiro bom — murmura.

Ela quase lhe dá um empurrão.

Ele fica olhando para ela, ansioso.

— O que foi?

— O que você ia dizer sobre alunos como Elias e eu?

Por que você mesma não fala?, ela ouve sua voz interior perguntar. Não fique esperando que ele fale alguma coisa. Conte a verdade. Minoo tem razão. Você tem que confiar nele.

— Só quis dizer que talvez ela queira ter uma conversa com todos os alunos novos do primeiro ano — diz Gustaf.

A frustração com ele e com ela própria, pela covardia dos dois, pesa no seu peito.

— Vou esperar você lá fora — avisa ele.

— Aham — resmungo Rebecka.

— Amo você — diz ele. — Não esqueça isso, ok?

Eles se olham, e Rebecka percebe que está com vontade de chorar. Só consegue responder com um menear da cabeça.



Está escuro na sala da diretora. As persianas estão fechadas e a única luz vem do abajur na

mesa. A cúpula do abajur é um mosaico de vidro, uma roda de libélulas unidas pelas pontas das asas. Não há papéis na mesa, nem mesmo uma caneta. O computador está desligado.

A diretora veste um terno cinza-escuro com um grande broche de prata na lapela. Parece antigo. Sua blusa cor de marfim está abotoada até o pescoço, e o cabelo negro, impecável. Seu rosto, como sempre, está bem-maquiado. Rebecka nota que muitos diriam que a diretora é linda.

— Sente-se — pede a diretora com um sorriso sério.

Rebecka ocupa a poltrona em frente à mesa. A diretora fita-a bem nos olhos, mas de repente se distrai.

— Com licença — diz ela, e estende o braço para pegar um fio de cabelo no casaco de tricô de Rebecka.

Rebecka não sabe o que dizer.

— Você deve estar se perguntando por que eu marquei esta conversa — começa a diretora, soltando o fio em uma latinha de lixo.

— Acho que eu sei o porquê.

A diretora tem olhos negros e inteligentes.

— É?

O peso ainda está em seu peito. Rebecka tem que fazer força para falar.

— Quem contou à senhora?

— Contou?

— Foi Julia ou Felicia? Ida? Ou foi a enfermeira? Ela pode falar essas coisas? Foi Mínoo?

Ela arrepende-se de ter dito o nome de Mínoo. Quer confiar nela. Precisa confiar, se elas vão ser amigas. Mas por que ela parecia tão culpada?

— O que elas teriam dito sobre você? — pergunta a diretora.

Ela vai começar a chorar se não fechar os olhos. Aperta as pálpebras.

De repente Rebecka percebe o alívio que seria entregar tudo. Deixar-se cair e ver se alguém a segura. Livrar-se do medo de ter aquele segredo exposto. De ela expor o segredo.

— É melhor começarmos do princípio — diz a diretora.

Rebecka abre os olhos. O espanto no rosto da diretora parece genuíno, e Rebecka percebe que podia estar enganada. Talvez seja mesmo um acompanhamento de rotina... será?

— Rebecka, sobre o que você achou que seria essa conversa?

Agora ela se sente incapaz de dizer qualquer coisa. O segredo volta a dominá-la. Ela levanta-se e pega a bolsa.

— Com licença, eu tenho que ir — diz ela.

— Espere! — diz a diretora antes de fechar a porta, e ela ouve.

Rebecka sai correndo pelo corredor em direção à escada principal. Gustaf está esperando por ela no portão de entrada. Esperando para fazer com que tudo volte a ficar bem. Mas ela não quer vê-lo agora. Não com aquele pânico ainda latejando dentro de si. Precisa ficar sozinha.

Ela continua subindo as escadas e atravessa um corredor. Então é como se suas forças se esgotassem. Ela se recosta em uma parede e desliza até ficar de cócoras.

Só agora ela percebe a velocidade com que seu coração está batendo.
Só agora ela percebe onde está.
Sentada em frente à porta do banheiro onde Elias morreu.
O banheiro está trancado e interditado desde que o encontraram. Está cheio de bilhetes e mensagens.

Descanse em paz.

Saudades!!!!

É melhor se extinguir do q sumir

Desculpe

Viva depressa, morra jovem e deixe um cadáver bonito

Desculpe por tudo, Elias

Me perdoe

E, raspado na parede, ainda legível apesar de alguém ter tentado apagar:

Veado bom é veado morto

Rebecka lê uma mensagem atrás da outra. Perto do chão, algo está escrito em uma bela caligrafia negra:

Os bons morrem jovens

As luzes fluorescentes do teto tremeluzem com um sutil som elétrico. Então se apagam.

É assim mesmo.

É uma voz que não é bem uma voz, parece mais um pensamento, mas não é. Não se parece nem um pouco com a voz que entrou em sua cabeça naquela primeira noite, quando recebeu a incumbência de líder. Aquela voz havia sido convidada. Esta voz *forçou* entrada em sua mente.

O que está escrito é verdade, prossegue a voz. Os bons não sobrevivem neste mundo. Você é boa demais, Rebecka.

Ela reconhece o medo que toma conta de seu corpo. É igual ao que sentiu quando estava sendo perseguida na manhã após a morte de Elias. O mesmo que sentiu ontem, quando percebeu que estava sendo observada.

É você, pensa ela. Sua pulsação lateja nos ouvidos. Quem é você?

Levante-se.

O corpo de Rebecka se levanta na mesma hora, como se ela mesma tivesse ordenado. *Abra a porta do sótão e suba os degraus.*

Seus pés começam a se mexer automaticamente. A porta do sótão está entreaberta. Ela tenta

concentrar seus poderes e fechá-la, mas de repente encontra uma resistência: algo a impede, com um poder bem mais forte que o seu.

Sua vista escurece e ela sente uma gota de sangue escorrer do nariz até a boca. O gosto é metálico, terroso e doce.

Não resista, diz a voz gentilmente. Não adianta.

Ela sobe a escada estreita que leva ao sótão.

O que você quer?, pergunta ela, mas já sabe a resposta. Foi assim que Elias morreu.

Ela chega ao último degrau. Há duas portas: uma de madeira frágil, que leva ao depósito no sótão, e uma de metal, que leva para fora, para o telhado. Rebecka vê seu braço se esticar e a mão abaixar a alavanca da porta de metal. Quando ela a abre, o vento atinge seu rosto com força. O céu está azul, com nuvens brancas perseguindo umas às outras.

Elias estava sofrendo. Eu o libertei da dor. Estou lhe fazendo um favor, Rebecka.

Por favor, implora ela. *Por favor, eu não quero morrer. Eu tenho quatro irmãozinhos. Meus pais... Gustaf... Mino...* O pânico dificulta a formulação de pensamentos.

Eles vão superar. É melhor deixá-los agora e ser perfeita nas memórias.

Os pés de Rebecka passam da soleira da porta. O telhado é forrado com folhas de betume fundido negras, que estalam sob seus pés à medida que ela se aproxima da beirada.

Você não precisa mais sofrer.

A voz agora é sedutora. Parece a única voz no mundo que realmente se importa com ela, e Rebecka tem que se esforçar para não ouvir.

Mas eu quero sofrer!, grita ela por dentro. *Eu quero viver! Eu quero viver!*

Seus pés param a um passo da beirada. Ela vê o pátio lá embaixo, as árvores mortas e o asfalto negro que foi usado para preencher a grande rachadura. Visto de cima parece uma cicatriz. Ela enxerga a rua onde o ônibus acaba de passar, com alguns alunos correndo para o ponto. Se apenas um olhasse para o alto...

Por favor, implora ela. *Por favor, me deixe viver.*

De repente ela sente a presença hesitar em seu corpo. Suas pernas não estão mais rígidas. Se fizer um pouco mais de esforço, ela pode se afastar da beirada. Se ela se concentrar...

Rebecka aperta os punhos. Está recobrando o controle.

Não. Eu preciso fazer isto.

A voz voltou. A hesitação foi embora. Rebecka sente aquilo tentando recobrar o controle sobre ela. Sente a pressão da vontade intrusa. Mas desta vez ela tem duas vantagens. Tem esperança, porque viu uma fraqueza no inimigo, e está preparada.

Ela faz força para trás. Sente uma dor absurda na cabeça, como se o cérebro quisesse estourar. A tensão se acumula dentro do crânio. Ela leva as mãos à cabeça, como se não quisesse deixá-la explodir, mas outro fio de sangue escorre do seu nariz.

A presença intrusa começa a ceder. Rebecka está balançando à beira do telhado. Seu estômago dá um nó quando ela olha para o pátio lá embaixo.

Ela se afasta da beirada e cai no telhado. Não tem forças para ficar de pé, quanto mais para

descer a escada.

Rebecka revira a bolsa atrás do celular. Primeiro pensa em ligar para Gustaf, mas nunca conseguiria explicar o que está fazendo lá em cima. Ela precisa ligar para Mínoo.

Ela ouve passos subindo a escada e se vira. O sol a cega, e ela tem que proteger os olhos da luz para ver quem está na porta.

Rebecka sorri sem entender.

— Oi — diz ela. — Como você sabia que eu estava aqui?

Um vento frio sopra no Parque Storralls. Mínoo está pensando nas palavras de Rebecka, rabiscadas no caderno: *Tinha alguém me seguindo ontem.*

Ela enfia as mãos nos bolsos e se curva. Corre em direção à casa amarelo-clara do outro lado da praça. Brilha *Engelsfors Herald* na fachada em grandes letras neon.

Desde que Mínoo começou o colégio, ela passa no escritório do pai pelo menos uma vez por semana. Em geral ele mal tem tempo de dar “oi”, mas ainda é bom sentar à mesa da copa, fazer seus deveres de casa, dar uma olhada nas revistas e sentir a energia do editorial.

Mínoo vira-se antes de abrir a porta da frente. Não há uma única pessoa na praça.

Isso mesmo, nem uma *pessoa*.

Um dos três bancos da cidade fica perto do *Engelsfors Herald*. O prédio é um dos mais impressionantes da cidade: uma robusta construção do século XIX, com colunas de mármore dos dois lados da entrada. Há um gato sarnento nos degraus que levam à entrada. Ele encara Mínoo com seu único olho verde. Põe-se de pé meio desajeitado — não parece algo que um gato faria — e sobe os degraus. Então volta a caminhar, subindo e descendo, antes de voltar ao lugar de origem e soltar um único miado.

Quando Mínoo entra no saguão, é recebida pelo cheiro de café que vem da redação. O pai sempre diz que, se o *Engelsfors Herald* viesse a fechar, o consumo de café na cidade cairia pela metade. Deve ser verdade. Às vezes Mínoo se pergunta se a mãe e o pai poderiam sobreviver só de café, como os carros vivem de gasolina.

Cissi e o pai estão de pé no escritório, gesticulando. É óbvio que estão no meio de uma discussão. Os olhos azuis de Cissi estão arregalados e seu cabelo louro e curto está mais espetitado que o normal, como um ouriço. Mínoo não consegue ver o rosto do pai, mas seu pescoço está bastante vermelho. Ele está furioso.

Cissi é assunto recorrente à mesa de jantar. Por um lado, ela é rápida e sabe se expressar. Por outro, é muito propensa ao sensacionalismo e a não checar as informações. Seu artigo sobre o suicídio de Elias não foi o primeiro que o pai de Mínoo teve que cortar.

Ela está em frente ao escritório. Ouve as vozes, abafadas pelo vidro, e aos poucos consegue entender o que estão dizendo.

— Você está tentando me sabotar! — diz Cissi. — Eu tenho a oportunidade de ser a primeira a chegar ao local. Os paramédicos ligaram faz menos de dois minutos.

— Pode ir se quiser, mas não vou publicar uma linha.

O pai está irritado. Mínoo não se lembra de já tê-lo visto tão irritado.

— Mas interessa a toda a comunidade — argumenta Cissi.

— Isto só diz respeito à família da menina!

Mínoo percebe que Cissi mudou de tática.

— Entendo que é difícil para você ver isso de forma objetiva — continua ela, em tom mais suave. — Você tem uma filha da mesma idade...

Ela para assim que percebe Mínoo.

O pai se vira:

— Mínoo...

Aconteceu alguma coisa. Alguma coisa terrível. Ela percebe no rosto deles. O pai vai até a porta e a abre.

— Entre — convida ele.

Cissi olha para ela com uma expressão que deveria transmitir dó e compaixão, mas sua ganância e curiosidade transparecem. O pai de Mínoo coloca a mão em seu ombro e lança um olhar incisivo para Cissi, que sai da sala.

— Aconteceu um acidente... — começa ele, e então fica olhando para os lados.

Está quente no escritório, pensa Mínoo. Quente e abafado. O perfume de Cissi paira no ar.

— Sua amiga Rebecka... morreu.

— *O quê?*

— Ela está morta.

Naquele instante, Mínoo quer corrigi-lo. Só pode ser um mal-entendido. Alguém morreu, isso é horrível, mas não foi Rebecka. Elas se despediram pouco antes de a amiga ir se encontrar com a diretora.

— Não pode ser ela — diz, e sorri para provar que não há com o que se preocupar, que ele se enganou.

— Sei que é difícil de aceitar.

— Não. Não pode ser ela. É impossível. Nós nos vimos faz pouquinho tempo.

— Acabou de acontecer — confirma o pai.

Mínoo sorri tanto que sua mandíbula dói.

— Não queria que você descobrisse assim — consola o pai. — Eu pensei...

Mínoo balança a cabeça.

— Não pode ser ela.

— Parece que ela estava... deprimida. Como se tivesse se convencido de que não queria mais viver.

Mínoo lembra que Linnéa disse aquele dia no pátio: *Ele não se matou*. Não acreditou em Linnéa. Achou que ela não conseguia aceitar a verdade.

— O que aconteceu?

O pai hesita.

— Vou ficar sabendo de qualquer maneira — acrescenta Mínoo.

— Ela pulou. Do telhado do colégio. Sinto muito, muito mesmo.

O pai a segura pelos ombros e olha em seus olhos.

Então Mínoo entende que é verdade.

— Minha criança.

O pai a abraça forte e por um bom tempo. De início ela só consegue ficar ali parada, mas então se agarra a ele. De repente está muito perto de se descontrolar e contar tudo. Sobre Elias. Sobre Rebecka. Sobre os Escolhidos. Que todos vão morrer, um a um.

Mas o que o pai poderia fazer? O que qualquer pessoa poderia fazer? Ninguém pode ajudá-las. Exceto, quem sabe, uma pessoa.

Ela sente como se um botão fosse apertado dentro de si, e que todas as suas emoções se desligaram. Ela tem que agir, resolver o problema, avisar as outras.

— Tem algum computador que eu possa usar?

O pai lhe lança um olhar estranho.

— Isso tem que ficar em segredo até a família ser avisada — diz ele. — Você entende, não é?

Ela assente, e ele a leva até uma estação de trabalho. Ela procura rápido por um endereço residencial, memoriza-o e depois apaga do histórico do navegador.

— Preciso ir ao banheiro.

Ela sente os olhos do pai nas suas costas enquanto se dirige ao banheiro.

Assim que sai de vista, ela finge entrar, abrindo e fechando a porta do banheiro, e prossegue pelo corredor rumo à saída de emergência. Sai à rua por uma entrada lateral.

Mínoo olha para as janelas, mas não enxerga o pai. Ele vai ficar preocupado quando notar que ela sumiu, mas não há como evitar.

Começa a correr.

Ela atravessa o Parque Storvalls e dobra na Gnejsgatan. Seu coração bate forte. Mínoo corre mais rápido e quase passa direto pelo número sete, um prédio de três andares com fachada de estuque verde. A porta se abre com um leve empurrão.

A única porta do térreo diz “Elingius”.

Ela toca a campainha e ouve pés se arrastando lá dentro. A correntinha de segurança não está presa. A porta se abre e Nicolaus aparece de roupão preto. Está tão pálido que sua pele parece transparente e seus olhos azul-gelo parecem ter perdido um pouco mais de cor. É como um animal noturno que nunca viu a luz do dia.

— Preciso conversar com você — diz Mínoo, e entra sem esperar resposta.



O apartamento é parcamente mobiliado. Apenas o essencial. Não há tapetes nem cortinas. As paredes da sala de estar são em um tom claro de marrom; há uma bela cruz de prata pendurada ao lado de um velho mapa emoldurado de Engelsfors, igual ao que Mínoo tem no banheiro.

— Mínoo? — pergunta Nicolaus, surpreso.

Ela se vira e encontra seu olhar questionador.

— Rebecka morreu — conta ela. Não há tempo para enfeitar a notícia.

Nicolaus está imóvel. Pisca uma única vez. Mínoo está prestes a explodir de tão impaciente.

Tem que fazer Nicolaus entender logo para que possam decidir o que fazer.

— Estão dizendo que ela cometeu suicídio, mas a gente sabe que não foi isso.

Nicolaus afunda em uma cadeira de vime.

— Mais um.

— O que vamos fazer? — pergunta Mínoo.

— A culpa é minha — murmura Nicolaus. — Eu devia tê-la protegido.

Mínoo está prestes a desmoronar. A única forma de se acalmar é continuar agindo. Não consegue pensar no que aconteceu com Rebecka, não importa o que faça.

— Você sabe tanto quanto nós a respeito do que está nos caçando — alega ela, se esforçando para manter a calma. — Não pode ficar se culpando.

— Eu fracassei!

— Pare com isso! — grita Mínoo. — Vim aqui porque preciso de ajuda.

— Como vou ajudar se não...

— Eu sei — interrompe Mínoo. — Você não sabe quem você é. Mas, no fim das contas, quem é que sabe?

Nicolaus a encara.

— Você não pode fugir — diz ela. — Nenhum de nós pode.

Ele pisca mais uma vez, como se acordasse de um sono profundo.

— Você tem razão. Eu me deixei consumir pela autopiedade. Deixei que meu coração se enchesse de bile negra...

— Exatamente — interrompe-o Mínoo, para fazê-lo se calar. — Temos que reunir as outras e montar uma estratégia. Sozinha eu não vou conseguir. Preciso de você. *Precisamos* de você.

— Olá?

Anna-Karin entra em casa. Ouve um leve zumbido vindo da cozinha. A mãe está cantarolando um roquezinho antigo, daqueles bem grudentos.

As bochechas de Anna-Karin ficam vermelhas, mas Julia e Felicia sorriem, insinuantes como sempre.

— Que linda a sua casa — elogia Julia.

— É *tãããã*o maneiro morar no campo — acrescenta Felicia. — Amo suas vacas. Elas têm, tipo, hum, um olhar tão inteligente. Até parece que elas sabem tudo.

Anna-Karin já pensou a mesma coisa várias vezes, mas quando Felicia fala, soa idiota.

Desde que entrou no colégio, Anna-Karin nunca levou amigos para casa. Mesmo agora, que tem controle total da situação, seu coração está disparado e bate ainda mais rápido quando a mãe sai da cozinha.

— Olá, meninas! Vocês que são Julia e Felicia?

Julia e Felicia cumprimentam a mãe de Anna-Karin, sorrindo e tentando agradecer.

— Eu fiz *kanelbulle* — diz a mãe. — Venham aqui na cozinha.

Elas se sentam ao redor da mesa e a mãe serve uma fornada de bolinhos de canela direto do forno, com uma jarra de suco de cassis.

— Vou deixar vocês a sós — gorjeia a mãe. — As vacas também precisam comer.

Ao sair da cozinha, ela retoma a cantoria.

— Fiquem à vontade — diz Anna-Karin, e empurra os bolinhos na direção de Julia e Felicia.

Cada uma pega um e morde, bem obedientes.

— Sabe, acho que Jari está apaixonado por você, Anna-Karin — declara Julia, depois que ouve a porta bater.

Anna-Karin sorri.

— Eu também acho.

As outras dão risadinhas com a boca cheia de bolo. Até hoje ela não ousou usar seu poder em Jari. Passou anos olhando para ele, mas sempre de longe. Depois da última aula, contudo, encontrou coragem assim que ele passou perto do armário dela.

“Jari, deixe minha mochila na sala de artes. Pode pegar para mim?”, perguntou ela.

Julia e Felicia estavam a poucos metros. Começaram a dar risadinhas altas demais.

Foi um instante de terror no qual Anna-Karin achou que Jari fosse reagir com um sorriso sarcástico, que seu poder não teria efeito sobre ele. Mas então ele sorriu do jeito que todo mundo tem sorrido para ela, alegre e meio surpreso por ela querer conversar.

“É claro”, respondeu ele. Três minutos depois, estava de volta com a mochila de Anna-Karin. Sua testa estava um pouco suada.

— Mas sei lá — diz ela agora. — A gente mal se conhece.

— É óbvio que ele está a fim — insiste Julia.

— *Muuuuuuito* óbvio — acompanha Felícia.

Anna-Karin está começando a entender como funciona. Ela gosta de ouvir as amigas prometerem coisas que nem tem como ter certeza.

Elas ouvem uma tossida vindo da porta da cozinha.

— Olá, meninas.

Anna-Karin não notou vovô entrando em casa. Está ali parado, com um sorriso caloroso.

— Oi — dizem Felícia e Julia em uníssono.

— Estas são Felícia e Julia — apresenta Anna-Karin.

— Muito prazer — cumprimenta vovô, dirigindo um olhar a Anna-Karin antes de ir embora.

Havia uma dúvida naquele olhar. Ele não entende o que está acontecendo com Anna-Karin e com a mãe dela. Ela tem recebido esses olhares há algumas semanas.

— Aquele era seu avô? — pergunta Julia.

Anna-Karin assente distraída e lembra que vovô notou a lua vermelha. Talvez ele saiba.

— Ele é *tããããooo* fofo. Dá vontade de abraçar — prossegue Julia.

— Eu também quero — concorda Felícia, e devora o resto do seu segundo bolinho, engolindo-o com tanta voracidade que faz um som nojento na garganta.

Elas ficam em silêncio.

Julia e Felícia olham para os lados, ansiosas. Quando uma mensagem de texto apita no celular de Anna-Karin, a distração é bem-vinda. Ela pega o telefone. É Mínoo. No início ela não entende. É como se estivesse escrito em outra língua. Ela fica olhando para as palavras. Então diz a Julia e Felícia:

— Vocês vão ter que ir embora. Agora.



Todas estão reunidas pela primeira vez desde a noite em que tudo começou. Até Ida apareceu. Ela está encostada no corrimão curvado que cerca o coreto, torcendo seu colar de prata entre os dedos. Usa calça de equitação bege, um suéter verde-escuro e botas pretas. Há um capacete de hipismo saindo da sacola ao seu lado, no chão. Mínoo não fazia ideia de que Ida gostava de cavalos. Ela percebe que sabe muito pouco da vida de Ida.

Só restam cinco dos Escolhidos. A ausência de Rebecka é tão forte que ela parece mais presente do que nunca. Mínoo percebe que as outras sentem o mesmo. É como se um ator tivesse sumido no meio de uma peça: o resto do elenco ficou ali, sem saber o que fazer.

Mínoo vira a cabeça e vê o gato sarmento passeando pelo coreto. Ele senta-se nos degraus e começa a lamber uma pata. O olho verde espia todas elas.

— Xô! — berra Nicolaus. O gato nem se mexe.

— Deixe-o em paz — pede Anna-Karin. — Ele não vai machucar ninguém.

O gato agradece com um sibilo.

O olhar de Mínoo cruza com o de Nicolaus. Ele assente. Ela se vira para as outras.

— Então: quem matou Elias matou Rebecka.

— Como você sabe que ela não se matou? — pergunta Ida. — É possível, sabe. Ela era, tipo, muito anoréxica, todo mundo sabia.

A raiva borbulha dentro de Mínoo.

— Cale a boca — diz lentamente.

Os olhos de Ida se arregalam. Algumas lágrimas escorrem pelas suas bochechas.

— Eu me recuso a acreditar nessa merda! — grita ela. — Não quero morrer! Não quero ficar aqui com vocês! — A voz dela penetra no ar outonal.

— Então o que vai ser? — pergunta Linnéa, fria. — Vocês vão ter que escolher.

Uma onda de gratidão atinge Mínoo; pelo menos Linnéa entende.

— Do que você está falando? — retruca Ida.

— Só temos certeza de uma coisa — diz Mínoo. Ela faz uma pausa para causar um impacto e olha para as outras, uma de cada vez. Elas têm que entender, e têm que entender agora. — Se não nos unirmos, vamos morrer.

Ida limpa as lágrimas nas mangas do suéter com tanta força que as bochechas ficam vermelhas.

— Estamos nos comportando como idiotas. Fomos alertadas e não ouvimos — discursa Mínoo. — Rebecka era a única que tinha entendido. Ela disse várias vezes que era um erro não estarmos unidas, e agora que ela... se foi... é a confirmação de que estava certa.

As outras parecem estar tristes e envergonhadas. Ignoraram as tentativas de Rebecka de unilas.

— Eu não entendo — diz Ida delicadamente. — Como ela pode estar... morta?

Mínoo engole o nó na garganta, aquele que dificulta sua respiração, porque tem coisas importantes a falar.

— Temos que começar a trabalhar juntas — diz ela. — Era isso que Rebecka queria. Alguém aqui se opõe?

Ida fica encarando as próprias botas.

— Podemos contar com você, Ida? — pergunta Mínoo.

— Sim — rosna ela.

— Estou dentro — diz Linnéa.

— Sim — acompanha Vanessa.

— Eu também — acrescenta Anna-Karin.

— E eu me esforcei ao máximo para ajudá-las — afirma Nicolaus.

Mínoo se lembra das palavras de Rebecka:

Mas o que as fará entender? Será que mais alguém terá que morrer? A morte do Elias não

bastou?

Não, não bastou. Mas ela não pode culpar as outras. Não vai levar a nada.

— Rebecka me disse hoje que alguém a estava seguindo — conta Minoo. — Acho que vi a mesma pessoa na frente lá de casa. Vocês notaram alguma coisa?

— Tinha algo de errado com Elias antes de ele morrer — responde Linnéa. — Ele andava com medo, mas nunca teve chance de me dizer de quê.

Minoo assente. Linnéa está fazendo um esforço notável para controlar as lágrimas, e a vontade de Minoo é de consolá-la. Mas se render às emoções neste momento acabaria com a ilusão: Minoo tem que fingir ser a líder do grupo, pelo menos por enquanto. Deve passar a impressão de que está no controle, para as outras não perderem as esperanças. Sente-se incrivelmente pequena e assustada, mas seria egoísmo deixar isso transparecer. O senso de unidade ainda é frágil e poderia sumir em um instante.

— Alguém percebeu alguma coisa? — pergunta ela.

As outras fazem que não com a cabeça, uma depois da outra. Minoo engole em seco mais uma vez. Se foram só Elias, Rebecka e ela... Quer dizer que ela é a próxima?

— Precisamos descobrir quem está nos perseguindo — conclui ela.

— Se não... — diz Nicolaus.

— E temos que ter muito mais cuidado. Anna-Karin...

Minoo faz uma pausa. É subitamente difícil de dizer. De repente ela percebe que tem certo medo de Anna-Karin, muito embora ela pareça inofensiva em seu casaco felpudo e sua touca de lã.

— O que foi? — pergunta Anna-Karin, irritada.

— Você sabe — responde Minoo.

Ida bufa, mas não se pronuncia.

— Ninguém sabe o que eu estou fazendo. Esse é o objetivo — explica Anna-Karin. Ela fecha a cara como uma criança resmungona.

— Como você tem certeza? — fala Nicolaus com toda calma. — Claro que é possível que sejamos os únicos vendo os bastidores da sua performance. Mas se alguém no colégio estiver atrás da Escolhida, você está se colocando em risco. — De repente a voz dele vem cheia de autoridade: — Já descobrimos que o colégio é um lugar maligno. Foi lá que tanto Elias quanto Rebecka foram mortos.

O rosto de Anna-Karin está totalmente vermelho.

— Como sabem que usei meu poder? É tão difícil me imaginar sendo popular sem ele?

Ida revira os olhos, mas continua calada.

— É — responde Vanessa, sem pestanejar. — Ninguém vira popular da noite para o dia. Não é assim que funciona.

— Você tem que parar — aconselha Minoo.

Anna-Karin lhe dirige um olhar furioso.

— Que diabos a gente vai fazer? Temos alguma pista? — pergunta Vanessa.

Mínoo olha para Nicolaus. Eles discutiram uma teoria. Agora que está prestes a apresentá-la, porém, parece forçada. Mas é a única que eles têm.

— Antes de Rebecka morrer, ela conversou com a diretora — diz ela.

Mínoo olha para Linnéa, esperando que ela entenda. E entende.

— Elias também — acrescenta ela.

— Adriana Lopez virou diretora do Engelsfors High School há mais ou menos um ano — prossegue Mínoo.

— Calma aí — interrompe Ida. — Você acha que foi a *diretora*?

— Não reuni muitas informações — continua Mínoo, ignorando Ida —, mas consegui desencavar algumas coisas sobre ela na internet. Antes de vir para cá, ela foi diretora-assistente em um colégio de Estocolmo. Antes disso, foi professora. Não há nada de estranho nisso. Precisamos descobrir mais sobre ela.

— Faz sentido — diz Vanessa. — Porque, tipo, o colégio é um lugar do mal e ela é a encarregada.

Mínoo assente, aliviada por não terem rido dela.

— É tudo que temos para começar. Mas precisamos ficar de olhos e ouvidos bem abertos. Vanessa, o seu padrasto é policial. Ele comentaria se estivesse acontecendo algo de estranho, não é?

— Talvez — responde Vanessa, sucinta.

É então que Mínoo é tomada pela exaustão. Ela fecha os olhos, tenta isolar o mundo, tenta tocar naquela força inexplicável que a manteve em movimento até agora. Mas não restou nada.

Rebecka está morta. O pensamento a atinge com força total, quase a derruba.

— Mínoo? — Ela ouve Nicolaus dizer.

— Acho que preciso ir para casa.



Pouco depois de Nicolaus e Anna-Karin deixarem Mínoo perto de casa, a chuva começa a cair, batendo no teto do carro enquanto saem da cidade.

Nicolaus estaciona no ponto de ônibus e insiste em acompanhar Anna-Karin pelo caminho que leva à fazenda. Ele tem um guarda-chuva preto que segura sobre eles enquanto chapinham na lama. Anna-Karin fica nervosa, preparada para se defender caso ele continue criticando-a. Mas ele nada diz.

Quando estão quase em frente à casa, ele para. A chuva tamborila no guarda-chuva e faz exalar um cheiro doce de terra.

— Anna-Karin, isto não pode continuar — diz ele. — Alguém pode se machucar.

Ele não parece irritado, mas sim aflito, como um pai que se preocupa com a filha. Anna-

Karin não se importa com o que os outros pensam, mas não quer decepcionar Nicolaus.

— Eu vou pensar nisso — promete ela.

— Ótimo.

Ele dá um tapinha no ombro dela e vira-se para ir embora.

Anna-Karin corre na chuva e se esconde embaixo do telhadinho que cobre os degraus até a porta da frente.

Ela ainda não quer entrar. Fica observando Nicolaus desaparecer na escuridão com seu guarda-chuva. Ela sabe que ele tem razão. Que Minoos tem razão. Que o que ela está fazendo é perigoso. Sabe desde o início. Sabe dentro de si.

No nono ano, um ex-viciado foi conversar com a turma. Ele disse que quando usou drogas pela primeira vez, foi como se sentir em casa. Agora Anna-Karin entende o que ele quis dizer. Seu poder a faz se sentir inebriada, drogada. Preenche o enorme vazio que vinha carregando por quase a vida inteira. E agora eles querem que ela abra mão disso.

Tudo bem, resolve ela. Não vale a pena correr o risco. Não vale a pena que mais gente morra.

Anna-Karin fica olhando para a escuridão do outono. Sente-se satisfeita com a decisão. Sente-se adulta.

Assim que eu ficar com Jari, pensa ela, eu paro.

Mínoo não lembra como chegou em casa. Recorda apenas que a mãe abriu a porta e que ela quase desabou na entrada.

Enquanto seus pais a ajudavam a ir para a cama, ela percebeu que demoraria muito tempo até conseguir ficar de pé novamente. Pensar em comida lhe dá náuseas. Chá quente e torrada com um pouquinho de manteiga é o máximo que consegue comer. A mãe se senta na beira da cama e tenta conversar, mas Mínoo está exausta demais para responder, mal tem forças para fitá-la. A mãe acaba desistindo. Antes de ir embora, abre a janela para deixar entrar um pouco de ar fresco. Mínoo não consegue nem encontrar forças para se levantar e fechar a janela quando começa a sentir frio. É seu pai que a fecha quando vem ao quarto. Ele fica um instante parado na cabeceira, murmura algo sobre estar preocupado com ela, que é só ela gritar se precisar de alguma coisa. Mínoo fecha os olhos. Quer ficar em paz. Está cansada demais até para chorar. O sono vem e vai durante a noite, e pela manhã ela se sente mais exaurida do que nunca.

Vanessa telefona para dizer que eles vão fazer um minuto de silêncio por Rebecka no colégio. Mínoo não tem intenção alguma de comparecer. Um minuto por uma vida é um insulto.

O restante do dia passa como um borrão. Ela passa parte dormindo, parte acordada. Faz pouca diferença. O pai aparece no horário de almoço para ver como ela está e preparar outra torrada. Ela não consegue comer toda e joga o resto na privada assim que ele volta para o trabalho.

Quando a escuridão chega, ela deixa as sombras tomarem conta do quarto. E cai em sono profundo.



Elas estão paradas no coreto do parque. As folhas nas árvores brilham com um tom incomum de vermelho. Rebecka usa uma longa camisola branca idêntica à que Ida vestia naquela primeira noite ali. Mínoo está apenas de calcinha e sutiã, envergonhada por se sentir nua.

— Você está atrasada — diz Rebecka.

Há algo de errado com o rosto dela. Tem uma coisinha andando por baixo da sua pele, deixando uma trilha em que a pele se desprende do músculo.

Rebecka dá um passo em direção a Mínoo, que vê a coisa começar a rasgar a pele da amiga. Surge uma pequena ferida na bochecha de Rebecka, que se expande. Algo com um brilho branco-amarelado faz força para sair. É uma larva.

— Me ajude — sussurra Rebecka, estendendo as mãos. As pontas dos seus dedos estão negras. — Me ajude — sussurra ela de novo, e chega mais perto.

Minoo tenta recuar, mas o ar faz resistência, como se ela estivesse imersa em águas profundas. A larva está saindo da ferida e se contorce até cair aos pés de Minoo. Então a pele do rosto de Rebecka se abre em vários outros pontos. Por baixo, há uma massa reluzente branco-amarelada que se contorce sob a pele morta.

Rebecka segura Minoo pelos ombros.

— Viu o que você fez? — diz Rebecka.

Seus dedos frios sobem até a garganta de Minoo e apertam, ao mesmo tempo em que a pele de seu rosto cai de uma vez.



Quando Minoo acorda, sua garganta está dolorida, como se ela tivesse gritado muito. Está encharcada de suor. Os lençóis estão úmidos, as cobertas também, e seu travesseiro está ensofado como uma esponja.

Mas ela recobrou as forças. A cada hora que passa deitada, ela decepciona Rebecka. Ela tem que encontrar o assassino, o monstro que matou Rebecka e Elias.

Minoo se levanta, toma banho e escova os dentes. O termômetro indica alguns graus abaixo de zero; ela veste um jeans preto e um cardigã preto sobre camiseta preta. Então se deita por um instante para recuperar o fôlego.

Os pais estão no trabalho; ela manda mensagens a eles para dizer que hoje vai ao colégio. Ela para na frente da geladeira, mas pensar em comida ainda a deixa enjoada. Melhor sair enquanto ainda está disposta.

O sol é ofuscante, mas não aquece.

Quando ela atravessa o campo, a grama congelada farfalha sob as botas.

Ela consegue ver o colégio ao longe. Seu olhar segue automaticamente para o telhado.

Quanto tempo Rebecka ficou no ar? Um segundo? Dois? Será que teve tempo de gritar?

Ao passar por um posto de gasolina, ela para. Letras negras sobre fundo amarelo. Todas em maiúsculas, como se as letras estivessem gritando.

NAMORADO DE REBECKA FALA SOBRE PACTO SUICIDA

Minoo entra na desagradável iluminação fluorescente do posto e compra um exemplar do tabloide nacional. Três páginas duplas. Todos os artigos são de Cissi, com exceção de um, que fala de “pactos similares” pelo mundo.

Os olhos de Minoo correm pelas páginas. Há uma foto pequena da diretora, que não quis falar

sobre o assunto. Uma foto de Elias. Uma imagem do colégio contra o céu escuro, cheio de nuvens, e uma flechinha pontilhada que indica onde Rebecka caiu. Um close das velas, das flores e dos cartões escritos à mão, com desenhos de corações, que os alunos deixaram no local onde ela faleceu.

Há também uma foto da mãe de Rebecka, sentada à mesa da cozinha com as mãos entrelaçadas. E ocupando uma página inteira: a foto escolar de Rebecka do nono ano. Mínoo sabia que ela odiava aquela foto. Ela passa os dedos pelo rosto de Rebecka. A foto é linda. Bem que Rebecka poderia gostar dela.

Mínoo passa as páginas até a entrevista com Gustaf enquanto caminha rumo ao colégio. Ele também aparece na foto do nono ano. Está sorrindo para a câmera com uma confiança que só tem quem passou a vida inteira ouvindo elogios à própria beleza. Ele aparenta não ter nenhuma preocupação. Em contraste com a manchete há uma frase dele que é de partir o coração: “Nunca a esquecerei.”

Mas quando passa os olhos pelo artigo, Mínoo fica irritada.

Ele descreve Rebecka como uma das alunas mais populares do colégio, mas a retrata como uma pessoa que “na verdade” era introvertida e deprimida. Gustaf fala que sempre sentiu que ela estava pensando em coisas sobre as quais não queria conversar. Ele comenta sobre os boatos de que ela sofria de um distúrbio alimentar (“acho que era verdade”) e se pinta como o namorado perfeito, que tentou ajudá-la de todas as formas possíveis. Então ele lava as mãos: “Mas não há como ajudar quem não quer ser ajudado.” O que mais irrita Mínoo é a última frase: “Ela deve estar melhor onde quer que esteja.” Como se o que aconteceu fosse algo bom.

Mínoo amassa o jornal e o joga no lixo em frente ao portão do colégio.

— Com licença, posso fazer algumas perguntas?

Mínoo olha para cima e dá de cara com a lente cintilante de uma câmera preta da tevê. Um microfone é enfiado sob seu nariz. A repórter se apresenta e diz para qual canal trabalha. Vários jornalistas estão atrás dela. Os rostos transmitem um misto de impaciência e grande expectativa. Eles vêm de rádios, jornais locais, tabloides nacionais e canais de tevê.

— Sei que você era uma das melhores amigas de Rebecka — declara a repórter.

O cabelo dela é tão perfeito e brilhante que parece falso. Mínoo nunca viu um cabelo como aquele na vida real. Os outros jornalistas se aproximam. Alguns estão com bloquinhos e canetas a postos, caso Mínoo diga algo interessante.

O cérebro de Mínoo trava. A câmera chega mais perto.

— Você é Mínoo, não é? — pergunta a mulher.

Mínoo vê um anuário do colégio na mão dela. Vê a si mesma circulada com canetinha vermelha. Rebecka também está circulada.

— É tão horrível isso que aconteceu. O que você sabe desse pacto suicida de que ela fazia parte?

— Não havia pacto suicida — responde Mínoo.

A lente da câmera percorre seu rosto. Parece uma boca, pronta para engoli-la.

— Você também faz parte do pacto? — pergunta a mulher.

Mínoo fica olhando para ela. A repórter não ouviu o que Mínoo acabou de dizer?

— Quantos fazem parte?

Seu coração está acelerado e a tontura voltou. Mínoo abaixa a cabeça e atravessa os portões, tapando os ouvidos para a mulher que grita seu nome.

— Que comportamento desprezível — diz um homem que ela nunca viu na vida.

Mínoo olha para ele. É jovem, alto e tem a barba por fazer. Deve ser bonitinho para quem gosta do tipo.

— É gente como ela que faz com que nós, jornalistas, tenhamos fama de abutres — comenta ele.

O olhar de Mínoo recai nas flores e velas que marcam o ponto onde Rebecka morreu. Ela prossegue até a entrada principal do colégio. O cara de barba a segue. Diz que é de um dos tabloides. Não o que saiu com as matérias de Cissi.

— Pode nos falar de sua amiga para eu fazer justiça a ela no jornal? — pergunta ele.

Ela se pergunta se os jornalistas voltarão para questionar outros alunos se conheciam Mínoo, a vítima mais recente do pacto suicida.

— Você pode pelo menos me contar se sabia do pacto? Você compreende que isso precisa acabar! Ou quer que mais jovens morram?

Mínoo para ao pé da escada e se vira. O cara de barba olha para ela com avidez, como se fosse um labrador e ela estivesse segurando uma bola de tênis. Está quase babando.

— Qual é, Mínoo. Pode falar comigo. Faz pouco tempo que saí do colégio. Eu lembro como era.

Mínoo tira a mochila e fica segurando. Está tentada a atirá-la no repórter. O livro de química é bem pesado. Ia doer.

— Não existe nem nunca existiu pacto algum — diz ela, e sobe os degraus.

Vanessa está próxima à porta falando no celular, dentro do colégio. Os olhos delas se encontram por um instante. Vanessa abaixa o telefone, mas Mínoo não para. Segue em marcha pelo corredor até seu armário, passando por Anna-Karin no caminho. Ela está apoiada em uma mesa, cercada de admiradores que parecem venerá-la. Anna-Karin para no meio de uma frase ao perceber Mínoo, parece perder a linha de raciocínio, mas então se volta novamente para as outras e continua a falar. Julia e Felícia riem alto.

Mínoo pega o livro e o caderno de matemática, os enfia na mochila e fecha o armário.

Ao se virar, Anna-Karin está ali.

— Como você está? — pergunta ela.

Mínoo dá de ombros.

— Hoje vou investigar o escritório da diretora — diz Anna-Karin baixinho. — Nicolaus disse que ela vai passar a tarde toda com um conselho. Vou convencer o assistente da diretora a me deixar entrar.

Mínoo hesita. Anna-Karin não devia se expor ainda mais. Por outro lado, que opção ela tem?

— Vou fazer isso durante o horário vago, depois do almoço — conclui Anna-Karin, retornando à sua corte.

Mínoo caminha pelo corredor. O suor escorre por suas costas e pela calça quando ela sobe as escadas.

Ao chegar ao segundo andar, ela está cansada demais para continuar andando. Precisa se sentar para recuperar o fôlego. Olha para os degraus de pedra, para os fósseis brancos presos ali pela eternidade. *Orthoceras*. Lembra que é assim que se chamavam as criaturinhas. Com o canto do olho vê pernas de jeans passando por ela nos degraus, ouve gritos, risos e frases desconexas: “*Acho que ele gosta de mim, mas não sabe demonstrar... Não brinca! Nem de sacanagem! Está brincando?... Ela sempre diz que não estuda, né, mas tipo, acertou vinte e oito de trinta na prova.*” E quando se levanta é como se seu coração estivesse fraco demais para bombear sangue para o cérebro. O joelho vacila e ela fica atônita ao descobrir que o clichê é verdade: eles realmente cedem. As trevas se aproximam e parece que ela está enxergando por um tubo estreito. Então cai.

Mas alguém a segura. Ao abrir os olhos, ela está olhando para o rosto preocupado de Max. Ela está sentada nos degraus, encostada na parede, e ele está tão perto que ela inspira o ar dele. E ele inspira o dela? Mínoo sente um gosto estranho na boca, o que provavelmente significa que está com mau hálito.

— Você está bem? Quer que eu chame a enfermeira? — pergunta ele.

Ela se vira para o lado para ele poder respirar de novo.

— Estou bem, é que eu não comi nada — explica ela baixinho.

De repente ela percebe que há pessoas à sua volta, encarando-a.

Max abre a pasta e puxa lá de dentro uma banana. Ela a pega e tenta se levantar, mas sua visão começa a escurecer.

— Coma antes — pede Max.

— Obrigada — agradece ela. — Agora eu me viro.

Mas Max permanece no mesmo lugar.

Mínoo começa a entrar em pânico. Não consegue se imaginar comendo alguma coisa na frente de Max enquanto ele a observa tão de perto, ainda mais uma fruta com aparência fálca. Ela começa a descascar a banana, tão devagar que torce para que ele se entedie e saia dali. Mas ele não se mexe.

Ela leva a banana aos lábios. Não, não tem como. Resolve parti-la em pequenos pedaços, leva à boca, torce para que as mãos não estejam muito sujas. Será que dá para ele ir embora?

— Sinto muito pelo que aconteceu com Rebecka. Vocês eram amigas, não eram? — pergunta Max.

— Éramos — responde Mínoo, com a boca cheia de banana.

Max olha como se fosse dizer alguma coisa, mas se senta ao lado de Mínoo e coloca um braço em seus ombros.

Há algo no jeito como ele faz aquilo, tão espontâneo, que a faz chorar pela primeira vez

desde que Rebecka morreu. O calor de seu braço derrete o nó na garganta e faz as lágrimas rolares. Alguém assobia para os dois. Ela não dá bola. Não dá bola para o fato de que deve estar parecendo um babuíno deprimido quando franze o rosto e chora, segurando uma banana mordida.

Por favor, não diga nada, pensa ela. Não há nada a dizer, e se você tentar vai estragar o momento. Isso é a única coisa que ajuda.

Max fica quieto. O sinal toca e os alunos ao redor deles somem para suas salas. O braço de Max fica no mesmo lugar. A respiração dele é calma e regular.

Passado um tempo, ela limpa as lágrimas com a manga. O rimel deve estar nas bochechas.

— Tenho que lavar o rosto — diz ela.

— Leve o tempo que precisar — responde Max, e se levanta.

Ele sobe a escada. Quando está prestes a sair de vista, vira-se e dá um pequeno sorriso para Mínoo. Ela acena com a cabeça, como se quisesse dizer que está bem. Assim que ele sai de vista, ela assoa o nariz e se apoia nas pernas bambas.

Quando Tommy Ekberg, o assistente da diretora, volta do almoço, Anna-Karin está esperando em frente à sala dele. Ele leva um susto quando a vê. Então dá um sorriso caloroso.

— Opa, tudo bem?

O subordinado imediato de Adriana Lopez é um homem baixo com careca brilhosa e bigode espesso. Usa uma camiseta berrante com estampa psicodélica. Sua barriga fica pendurada sobre a calça jeans levemente apertada.

— Achei que você pudesse me deixar entrar na sala da diretora — diz Anna-Karin.

Ele olha para ela com espanto. Vai abrir a boca para falar.

Me deixe entrar, ordena Anna-Karin.

Tommy Ekberg dá um pequeno suspiro de resignação. Tira um grande molho de chaves que alargou para sempre o bolso da calça.

— Agora? — pergunta ele, balançando as chaves.

Anna-Karin faz que sim. Ele caminha à frente dela, rumo à sala da diretora.

E depois volte para a sua mesa e pense em alguma coisa bem diferente até esquecer que me fez esse favor, ordena ela, olhando atentamente para a nuca dele. Alguns flocos de caspa balançam na penugem que envolve sua careca.

— Beleza, você que manda. Seu desejo é uma ordem! — responde ele animadamente enquanto destranca a porta. Ele a escancara e faz um sinal para convidá-la a entrar. — Agora vou voltar à minha mesa e pensar em outra coisa.

Anna-Karin fecha a porta depois de passar. Então vai até a janela e fecha as venezianas. A sala escurece; ela acende o abajur da mesa, o das libélulas na cúpula.

A mesa é simples e envernizada. Ela liga o computador, um modelo pré-histórico. A tela pisca até ganhar vida. Começa um zumbido arrastado vindo de seu interior, e surge a imagem de um pôr do sol. Junto surge uma janela pedindo a senha. Anna-Karin sabe muito pouco sobre Adriana Lopez para arriscar qualquer senha, então desliga o computador.

Ela vai até a estante, tira algumas pastas aleatoriamente e começa a folhear. São cronogramas de aulas, relatórios financeiros, solicitações de vaga e notas fiscais. Nada de importante.

De repente ela ouve passos do lado de fora. O pânico vem em sua direção como um trem descarrilhado. Mas ela se mantém firme, pensa em Rebecka. Rebecka, que só queria fazer o melhor para todo mundo, uma das poucas que sempre foi legal com Anna-Karin. Que tentou manter o grupo unido. Anna-Karin se sente culpada quando pensa em como ignorou as ligações e as mensagens dela. Está tentando compensar.

Ela se depara com uma bolsinha preta na poltrona. É a que a diretora costuma carregar embaixo do braço sempre que chega ao colégio pela manhã.

As mãos de Anna-Karin estão suadas. Tão suadas que pingaria suor de seus punhos se ela as fechasse. *A Vacalhau.*

Ela vai até a bolsa com cuidado, como se tivesse medo de que fosse mordê-la. Ergue-a pela alça. É bem pesada.

Anna-Karin espalha o conteúdo cuidadosamente na mesinha de centro. Entre maquiagens, absorventes e lencinhos, há uma agenda preta e um chaveiro com a palavra “Hermès” gravada. Anna-Karin olha ao redor. Parece até fácil demais. E se Adriana Lopez não estiver na tal reunião com o conselho?

Talvez ela tenha caído em uma armadilha.

Anna-Karin resiste à tentação de sair correndo da sala. Em vez disso, limpa as mãos na calça e abre a fivela da agenda.

A letra da diretora reflete sua personalidade: contida e perfeita. Anna-Karin folheia o material. Ela registrou as conversas com Elias e Rebecka. Mas não encontra nenhum pentagrama ou anotações sobre matá-los.

Anna-Karin prende a respiração ao chegar à data de hoje. Tudo certo: ela tem uma reunião na prefeitura da uma às quatro da tarde.

Ela continua folheando as páginas. Na sexta-feira há um único registro: *Trem para Estocolmo, 17h42. Reserva XPJ0982U.* E no domingo: *Trem para Engelsfors, 1h18.*

Significa que a diretora vai passar o fim de semana fora. A casa dela vai ficar vazia. E é lá que elas precisam investigar se querem alguma chance de descobrir quem Adriana Lopez realmente é.

Anna-Karin pega o chaveiro da mesa. Ele balança um pouco quando ela o coloca no bolso.



Vanessa está toda encolhida no sofá. O laptop de Wille está tão quente que quase queima suas coxas.

— Caramba, você gosta mesmo de socar essas teclas. Assim vai quebrar — diz Wille.

— Seu computador já está quebrado — retruca Vanessa. — O cooler nem funciona.

— Quando foi que você virou gênio da informática?

Vanessa range os dentes. Apenas me deixe salvar o mundo em paz.

Mínoo fez todas elas criarem e-mails alternativos para conversar entre si. Vanessa não sabe até que ponto isso é necessário. Será que uma antiga força maligna aprenderia a usar a internet?

Mas quem é que sabe que medidas de segurança são necessárias? Rebecka morreu. Cada vez que Vanessa se lembra disso, é como um tapa na cara.

— O que você está fazendo de tão secreto, hein? É pornografia? — pergunta Wille.

Ele chega mais perto dela no sofá.

— Pode me deixar em paz por cinco minutos? — Ela o empurra para longe.

Ida assumiu a discussão na tela com sua constante implicância. Exige que elas votem quanto a arrombar ou não a casa da diretora no fim de semana. Quando não tem resposta no segundo seguinte, ela manda a pergunta de novo, repetidamente, como uma criança de cinco anos mal-educada.

Sou a favor, digita Vanessa, e descobre que todas concordam.

Wille engatinha para perto e tenta colocar a cabeça no colo dela.

— Pare com isso, seu idiota! Será que não posso ter um pouco de espaço? — diz Vanessa.

— Mas o que tem aí de tão importante? — reclama Wille.

— É particular!

Wille se arrasta até a outra ponta do sofá.

— Você está de papo com seu outro namorado — diz ele.

Ele tenta soar como se fosse uma brincadeira, mas não engana. Ela nem se dá o trabalho de responder. Ele começa a apertar as coxas dela com seu dedão coberto pela meia. Na tela, Mino pergunta se elas não devem levar Nicolaus junto. Só de pensar em tê-lo por perto durante um arrombamento faz Vanessa sorrir. Wille interpreta mal, é claro, e acha que ela está achando aquilo engraçado.

— Qual é, me diz quem é! — implora ele. — Me diz, me diz, me diz!

Seu dedão aperta tanto a perna dela que o computador dá um pulo. Ela desliga o chat e fecha o computador com um estrondo.

Tenta lançar um olhar sério para Wille, mas ele está tão bonito que ela perde a linha de raciocínio. O cabelo dele está todo desgrenhado, e o sorriso é amplo. Ele está com a calça de moletom cinza de que ela gosta, mesmo sendo feia e folgada.

— Vanessa — chama Sirpa, a mãe de Wille, da cozinha. — Quer ficar para o jantar?

— Sim, por favor!

Às vezes Vanessa queria que Sirpa fosse sua mãe. Sirpa é sempre gentil e atenciosa e faz as melhores comidas que Vanessa já provou. Ela não fica criticando nem enchendo o saco de ninguém.

— O que tem para jantar, mãe? — grita Wille.

— Espaguete à bolonhesa.

Wille olha para Vanessa e solta um assobio.

Eu o amo, pensa Vanessa. As outras coisas não importam. A gente vai ficar bem.

Porque existem “as outras coisas”. É o lado negativo do charme infantil de Wille. Ele ainda mora com a mãe. Não tem emprego. Claro que existem poucos empregos na cidade, mas a questão não é essa: a questão é que ele parece feliz com tudo do jeito que está. Ele ganha algum dinheiro traficando para Jonte em Engelsfors e nas grotas mais escondidas da floresta. Gasta tudo em roupas, jogos de computador e presentes para Sirpa. Wille gosta de comprar coisas boas para a mãe. E Sirpa sempre fica contente e com os olhos marejados quando ele lhe dá um perfume caro ou um rádio novo para a cozinha. Contribuir com o aluguel ou comprar comida não passa

pela cabeça de nenhum dos dois.

Mas quando Vanessa vê Wille em momentos como esse, acha que há esperança. Ela só precisa fazê-lo perceber que ele é bom demais para andar com gente como Jonte e aquela turminha medíocre. Bom demais para ficar preso a Engelsfors pelo resto da vida.



Mínoo desconecta e fecha o computador.

Ela já esperava que Ida fosse causar problemas, mas ainda se sente incomodada.

A mãe de Mínoo diz que toda pessoa tem sua “explicação”: uma mistura de química, ascendência, experiências na infância e comportamentos adquiridos. Mesmo quando Kevin Månsson era o terror do maternal, a mãe explicava que devia existir alguma razão para aquilo.

Mínoo se pergunta se é possível explicar Ida. Será que seus pais a perturbavam assim como ela perturba os outros? Ou ela acha que está sendo engraçada quando é maldosa? Ela sabe o quanto magoa os outros? Deve saber... não?

Ela percebe que nunca conversou com Ida direito. Só quando o grupo está reunido, e é óbvio que ninguém gosta dela. Talvez não seja tão estranho ela ter assumido a defensiva já de saída. Talvez elas não tenham lhe dado chance de ser mais que uma vaca.

Mínoo pega o telefone e liga para Ida. O telefone toca. Mínoo está aliviada: Ida não vai atender. Mas então um dos toques é interrompido e ela ouve um farfalhar no aparelho.

— Alô?

Mínoo pensa em desligar.

— Alô? — repete Ida, impaciente.

— Oi, sou eu... Mínoo.

— Sim, e daí?

— Estou atrapalhando?

Ida suspira.

— Não, estou animadíssima por você ter me ligado.

Mínoo se arrepende de ter ligado para ela de forma tão improvisada. Devia ter se preparado, armado uma estratégia.

— Você vai ficar só fungando no telefone ou o quê? — Ida suspira.

— Podemos parar com isso? — pede Mínoo.

— Como é que é?

— Sei que nunca seremos amigas, nós cinco, mas a gente precisa passar o tempo todo brigando?

— Se alguém discute comigo, eu revido.

Falar com Ida é como bater a cabeça na parede. Em uma parede bem dura.

— Mas isso não leva a nada — responde Mínoo.

— Por que não diz isso para a gorda, a vadia e a viciada?

Parece que um relâmpago atingiu sua cabeça.

— Dá para você parar de ser tão infantil? — berra Mínoo.

Ida ri, e Mínoo percebe que não há salvação.

— Eu estou falando sério — replica Ida com a voz bastante tranquila. — Se as pessoas não aguentam, o problema não sou eu.

— Sabe de uma coisa? — diz Mínoo. — Espero que você seja a próxima. O mundo vai ficar bem melhor se você morrer.

Ela desliga e quase joga o telefone na parede. Resolve jogar na cama, onde o aparelho dá um pulo. Queria ser o tipo de pessoa que rasga cortinas, joga copos e pratos, derruba estantes, destrói a casa inteira só para descarregar a raiva.

Ela estava tentando manter o grupo unido por Rebecka, mas acabou dizendo a pior coisa que poderia dizer no mundo. Nem Linnéa ou Anna-Karin, que têm muito mais motivo para odiar Ida, disseram algo assim para ela: aquilo que nunca se deveria dizer a outra pessoa.

O corpo de Mínoo está cheio de adrenalina enquanto ela caminha rumo à casa de Adriana Lopez, que fica a mais ou menos dez minutos do colégio, em uma região chamada Lilla Lugnet.

Aqui, as casas são mais afastadas umas das outras, e há mais terrenos baldios. As ruínas de uma casa incendiada esperam para ser demolidas. É uma coisa tenebrosa sob o luar. Dizem que havia uma casa de swing no porão. Pelo jeito, casais se encontravam ali à noite para trocar parceiros e fluidos corporais. Dizem também que foi uma mulher ciumenta que colocou fogo no lugar. Parece que algumas pessoas morreram no incêndio, e em algumas noites dá para ouvir os espíritos gemendo e suspirando de dor e prazer.

Mínoo sente um calafrio e fecha o zíper da jaqueta até o queixo. Quando passa pelos restos carbonizados da casa, fica de ouvidos bem abertos, mesmo sem querer, mas não ouve nenhum fantasma obscuro.

Seu coração quase para quando uma figura de preto sai das sombras no fim do terreno. Mínoo quase começa a correr, mas a silhueta ergue a mão para cumprimentá-la.

É Linnéa.

Elas seguem juntas pela rua. Mínoo presta muita atenção a cada janela pela qual passam, aos olhos curiosos que podem observá-las. Começa a lamentar que tenha concordado em arrombar a casa com Vanessa invisível.

O acordo era que Mínoo também iria porque é a “mais esperta” de todas. A lisonja venceu o medo. Quão desesperada por atenção uma pessoa pode ser?, pergunta-se ela. De repente percebe que Linnéa está sorrindo.

— Qual é a graça? — pergunta ela em um sussurro.

— Eu só estava pensando que esse não deve ser o tipo de coisa que você normalmente faz no fim de semana.

Mínoo sabe que é meio filhinha do papai, mas odeia quando os outros dizem isso.

— É o que você faz normalmente?

— Relaxa. A gente sabe que ela só volta amanhã — sussurra Linnéa, parecendo empolgada como se estivesse em uma aventura.

Elas dobram outra esquina e veem Ida agachada em um arbusto, de sentinela. Se vir alguém chegando, ela vai avisar Anna-Karin, que está de guarda mais perto da casa. Anna-Karin é a mais importante, pois pode fazer um transeunte se decidir por outro caminho. Mas elas não ousaram contar com Ida, por isso ela acabou ficando com uma tarefa meio desnecessária.

Mínoo está aliviada por não enxergar o rosto de Ida, escondido nas sombras. Não consegue olhá-la nos olhos desde aquele telefonema.

— Ela não podia ter ficado em casa? — resmunga Linnéa.

— Precisamos fazer isso juntas — diz Mínoo, e se sente uma grande hipócrita.

A rua por onde andam é estreita, e as casas são cada vez mais esparsas e mais antigas. Anna-Karin está em uma pequena passagem entre duas cercas altas. Olha para Minoos e Linnéa com nervosismo quando elas passam.

— Olhe — murmura Linnéa, apontando com a cabeça para o carro de Nicolaus, escondido à sombra de uma grande árvore.

Ele está de prontidão caso elas tenham que fazer uma fuga rápida. Ele não gosta do plano, mas sabe que não tem outro jeito.

Elas seguem por mais dez metros; ali, no fim da rua, fica a casa da diretora.

A propriedade é rodeada por uma cerca de madeira branca recém-pintada, que quase brilha no escuro. O jardim parece descuidado de uma forma quase intencional. Há um caminho de pedras que começa no portão, passa por baixo de uma grande bétula e leva à porta da frente. A casa branca de madeira tem dois andares e é enfeitada com cornijas esculpidas muito elaboradas. Duas janelas do andar de cima têm vitrais com desenhos abstratos, como janelas de igreja.

O trinco do portão gira para baixo e o portão se abre sozinho. O coração de Minoos quase para, mas aí ela percebe que Vanessa está do lado de dentro, invisível.

— Vocês estão me ouvindo? — sussurra Vanessa.

Ela treinou para ser ouvida, mas não vista, nesta noite. Minoos faz que sim, olhando para o lugar onde acha que Vanessa está.

Elas param em frente à porta, e Minoos pega um par de luvas de borracha que roubou do consultório da mãe.

— Vocês acham que ela tem alarme? — sussurra enquanto pega uma lanterna.

— Acho que estamos prestes a descobrir.

Linnéa dá um sorriso maroto e pega a chave.

Minoos não pode evitar admirar a coragem de Anna-Karin. Ela roubou a chave da diretora, correu até o chaveiro a poucas quadras do colégio, fez uma cópia e ainda deu um jeito de devolver a original sem que ninguém notasse.

Linnéa vira a chave, e a fechadura abre facilmente. Ela gira a maçaneta e faz um aceno irônico, convidando as outras a entrar.

— Bem-vindas à Casa dos Horrores. Vou ficar aqui de sentinela — diz ela, assumindo um tom mais sério quando cruza olhares com Minoos.

Vanessa se faz visível do outro lado de Minoos, que lhe dá um aceno de incentivo, e então some de novo para vagar pela casa no escuro.

Minoos pensa em Rebecka e acompanha Vanessa.



Mínoo acende a lanterna e aponta o facho de luz para o chão, para diminuir as chances de alguém ver o brilho pela janela. Há um cabideiro com casacos no canto do corredor. Elas andam e as tábuas rangem. Mínoo torce para que não deixem pegadas.

— Ela *mora* aqui de verdade? — murmura Vanessa quando entram na sala de estar.

Mínoo entende perfeitamente o que ela quer dizer. O lugar parece perfeito demais. Os móveis são escuros e pesados, como se pertencessem a um castelo. Retratos e paisagens antigas em cores sóbrias estão pendurados nas paredes. A lareira parece nunca ter sido usada, apesar do cesto de lenhas de tamanho uniforme perfeitamente organizadas. Não há livros nem revistas.

Tudo cheira a total limpeza. Demais até. Como se o ar nunca tivesse sido maculado pela presença humana.

Elas atravessam um corredor e veem uma cozinha, um banheiro e um quarto de hóspedes. Tudo é mobiliado no mesmo estilo. Em frente à escadaria que leva ao segundo andar, há uma saleta que é usada como escritório. Uma estante está cheia de livros comuns: literatura, biografias, poesia. Não há pergaminhos nem manuscritos em latim.

— Vamos subir — sussurra Mínoo.

Ninguém responde.

— Vanessa — sussurra ela, um pouco mais alto, apavorada com a ideia de ficar sozinha naquela casa grande e escura.

— Desculpe. Esqueci que você não está me vendo. Eu fiz que sim com a cabeça — diz Vanessa, atrás dela.

Elas se esgueiram pela escada, que range a cada passo que dão. Mínoo se dá conta de que, se a diretora entrasse em casa agora, elas ficariam encurraladas no andar de cima. Ao contrário de Vanessa, ela nunca conseguiria sair sem ser vista.

O patamar da escada está banhado pelo luar que entra por uma claraboia, então Mínoo desliga a lanterna. Há sombras à espreita em cada canto.

— Vamos começar pelos quartos da direita? — sussurra ela.

Silêncio.

— Vanessa?

— Desculpe. Sim.

Uma passadeira abafa os passos das duas. Mínoo abre a porta no final do corredor, onde as sombras estão mais densas. Entra no quarto e acende a lanterna mais uma vez. Do outro lado do cômodo há uma cama arrumada e um simples abajur de chão, e um guarda-roupa embutido preenche uma das paredes. Não há qualquer indício de que alguém durma ali.

— Ela deve ser psicopata — sussurra Vanessa.

Uma das portas do guarda-roupa se abre. Uma coisa preta e disforme sai voando, como um pássaro desesperado libertado da gaiola. Mínoo sufoca um grito. Quando a forma negra para de se mexer, ela vê um vestido elegante flutuando.

— Uma psicopata rica — sussurra Vanessa, e coloca o vestido de volta no armário. — É Prada.

Mínoo abre a porta para o banheiro da suíte. Há toalhas grossas penduradas em um suporte de aço escovado. As prateleiras e os armários estão tomados por um batalhão de cosméticos e produtos para a pele muito bem arrumados, todos com as etiquetas para a frente.

— Uau! Quanta maquiagem. Será que ela ia notar se alguma sumisse? — pergunta Vanessa. O entusiasmo indiscutível na voz dela faz Mínoo balançar a cabeça, apavorada.

— Brincadeirinha — diz Vanessa.

Mas Mínoo não ousa sair da frente do armário até Vanessa deixar o banheiro.

A porta seguinte leva a um quarto vazio.

Assim como a seguinte a essa.

A terceira está trancada.

Mínoo força a maçaneta. Se há algo importante nesta casa, pode apostar que vai estar neste quarto trancado.

— E agora, o que a gente faz? — pergunta Mínoo.

Ela ouve um som estranho, um leve arrastar metálico, vindo da porta. Como pequenas garras arranhando. Mínoo dá um passo para trás. Se a diretora for uma espécie de Rainha Má, talvez tenha lacaios maléficis escondidos pelo palácio, sentinelas silenciosas a postos para defender seus segredos.

A maçaneta é baixada e a porta abre um pouco.

Algo se materializa na sua visão periférica, e Mínoo dá um giro.

Vanessa sorri para ela.

— Você ouviu... — começa Mínoo, e então nota o grampo de cabelo na mão de Vanessa. Ela percebe que a porta não foi aberta pelo lado de dentro. Vanessa, a fantástica Vanessa, arrombou a fechadura. Mínoo sente vontade de abraçá-la, mas ela sumiu de novo.

As duas entram no quarto. Mínoo mal ousa respirar. O luar entra pelos vitrais, criando um efeito onírico, e as vidraças coloridas projetam formas irregulares no assoalho. Diferentemente do resto da casa, há algum cheiro de vida ali, de papel poeirento e couro. Há também um traço de madeira queimada e um cheiro pungente que Mínoo não consegue identificar.

É o maior quarto do andar de cima. Também tem uma lareira que parece ter sido usada com frequência, a julgar pelos tijolos enegrecidos. Uma estante cobre toda a parede oposta, com três pássaros empalhados no alto — duas corujas e um corvo negro com bico afiadíssimo. O conteúdo das prateleiras é protegido por portas de vidro com grandes cadeados.

A maioria das lombadas dos livros está tão gasta que os títulos são ilegíveis, mas Mínoo fixa o olhar em um, *Unaussprechlichen Kulten*. Ela estremece, como se houvesse tocado em algo antigo e decididamente maligno.

— Cadê você? — pergunta ela.

— Perto da mesa. Olhe — sussurra Vanessa, e sua mão surge do nada para apontar para algo.

Sob uma pilha de livros em vários estágios de decomposição há um antigo mapa de Engelsfors. Ao lado há um estranho objeto de ferro com um grande parafuso no meio. E duas

fotografias, ampliadas das fotos das turmas do ano passado. Uma de Elias. E outra de Rebecka.

— Vou tirar uma foto para mostrar para as outras — diz Vanessa em voz baixa, soando tensa.

Mínoo vai até a prateleira ao lado da lareira. Está cheia de jarros de vidro marrom, cada um identificado com um numeral romano. Ela escolhe um qualquer, com o número XI, e desenrosca a tampa.

De início ela não consegue distinguir o que são as pequenas esferas ressequidas.

São olhos.

Ela fecha a tampa de novo, com força, e coloca o jarro de volta no lugar de onde o tirou.

Pequenos flashes iluminam o quarto quando Vanessa fotografa a mesa com a câmara do celular.

De repente Mínoo percebe um movimento próximo ao teto. Seu olhar se volta para os pássaros. Ela fica imóvel, esperando que um deles abra o bico, bata as asas. Mas eles não se mexem. Claro que não.

Ela se concentra na tarefa que precisam fazer. Achar pistas. Evidências. Não pode se deixar levar pelo medo. Ela tem que pensar em Rebecka e Elias. Está aqui por causa deles.

Mínoo vai até uma mesinha de madeira perto de uma poltrona de couro antiga. Há uma caixa redonda de madeira vermelho-escura em cima da mesa. Mínoo aponta a lanterna. A tampa é dividida ao meio por uma linha vertical. Em um dos lados há uma cidade cuidadosamente entalhada, sua arquitetura estranha e diferente de tudo que Mínoo já viu. Na outra, galáxias turbilhantes e formas viperinas não identificáveis. No meio, um homem estende as mãos para os dois lados como se formasse uma ponte entre as metades. A linha divisória corta seu corpo em dois. Seus olhos estão fechados.

— Mínoo...

A voz de Vanessa vem de trás. Mínoo dá a volta. Vanessa está visível de novo.

— Olhe para baixo — diz ela.

Como ela não percebeu aquelas linhas quando entrou? Ou elas apareceram quando as duas já estavam lá dentro?

Há um grande círculo branco desenhado no chão. No meio dele há um círculo menor, de aproximadamente meio metro de diâmetro. Dentro do círculo menor há um símbolo estranho. Mínoo e Vanessa estão dentro do círculo maior.

Mínoo se agacha e toca a linha externa com a ponta do dedo. É gordurenta e quente. Mínoo puxa a mão de volta.

— A gente tem que sair daqui — balbucia Vanessa.

O ar na área do círculo menor começa a tremular, como o asfalto em dias quentes de verão. Mínoo tenta correr, mas não consegue se mexer. Ouve um som pulsante vindo do teto acima delas.

Uma onda de ar quente adentra o quarto, e o calor dificulta a respiração. Os baques abafados ficam cada vez mais altos, causando uma vibração no peito delas como o som de um baixo.

— Eu não consigo me mexer! — grita Vanessa.

Mínoo faz força, mas é como se seus pés estivessem grudados no chão. O calor faz o suor escorrer dos seus cabelos à testa. Vanessa estica a mão.

— Eu não consigo me mexer, porra! — grita ela em meio ao barulho.

Assim que elas se tocam, a pressão que prende seus pés ao assoalho cede o suficiente para elas se mexerem.

— Corra! — berra Vanessa.

Ao saírem correndo do quarto, Mínoo se vira para dar mais uma olhada e vê algo inacreditável antes de correr para a escada.

O barulho abafado ganha mais intensidade enquanto elas disparam pelo corredor, descendo as escadas e passando pelos cômodos do andar de baixo. As vidraças estão tremendo e um quadro cai no chão da sala de estar. Vanessa abre a porta da frente e elas se lançam na noite.

Mínoo corre com ela até o portão aberto.

Pelo canto do olho, ela avista Linnéa, que não faz perguntas e apenas se junta a elas.

As três se jogam de qualquer jeito dentro do carro de Nicolaus.

— Você viu também? Na luz? — pergunta Vanessa a Mínoo, as duas sentadas no banco de trás.

Mínoo assente. Ela sabe o que Vanessa viu: uma forma humana se formando dentro de uma coluna de luz.

Quando Minoo e Vanessa contam às outras o que viram na casa da diretora, Anna-Karin fica em choque. É tão inesperado que ela se sente como se tivesse que ver para crer. Ela deveria ser a última pessoa a precisar ser convencida da existência de algo sobrenatural. Mas o que as duas contam mais parece uma história de fantasma já ouvida um milhão de vezes.

Ela está sentada no palquinho do coreto do parque, o olhar vagando ao redor. Os pais dela se conheceram ali, há muitos anos. Ela não sabe muito mais que isso. A mãe costuma descrever o pai como um homem bonito que dançava bem. Mas termina a história com uma risada amarga, dizendo: “Se eu soubesse como ele era ruim no resto, teria saído correndo o mais rápido possível.” Ao que parecia, sua mãe gostaria de ter fugido, mesmo que isso significasse que Anna-Karin nunca teria nascido.

Uma chuva leve começou a cair e está tamborilando delicadamente no telhado do coreto. As goteiras formaram diversas poças no chão de madeira. O gato preto e caolho se acomodou aos pés de Nicolaus, que parece ter se acostumado ao bicho e até o batizou, muito criativamente, de Gato.

— Então agora sabemos que a diretora é a assassina — diz Vanessa.

— Não exatamente — retruca Minoo.

— Vocês precisam de *mais* provas? — pergunta Linnéa.

— Esperem aí — diz Ida. — Vocês três esqueceram uma coisa muito importante.

— Que coisa? — questiona Linnéa.

— Bom — diz Ida, com uma doçura venenosa —, o problema não é nós sabermos que foi ela. É que ela sabe que estivemos lá.

— A gente não sabe se ela nos viu. Se é que era ela — diz Vanessa.

Ida revira os olhos.

— Não estamos totalmente indefesas — diz Minoo, sem transmitir muita segurança.

— Sinto dizer que contra ela é bem provável que estejam sim — responde Nicolaus.

Antes, ele estava vendo as fotos do celular de Vanessa em silêncio. Agora olha para o nada.

— Acho que a diretora tem um pacto com demônios.

Minoo pega um pequeno caderno e começa a escrever freneticamente.

— Demônios? De onde você tirou essa? Agora, assim, de repente, você sabe das coisas? — reclama Vanessa.

— Deus tende piedade de vossas almas — murmura Nicolaus, cambaleante.

Minoo para de escrever.

— Tudo bem?

A confusão voltou aos olhos de Nicolaus.

— Do que estávamos falando mesmo?

— Da diretora — responde Anna-Karin. — E de algo a ver com demônios.

— Ah, sim! Demônios. A diretora. — Ele volta a olhar as fotos. — Eu conheço isso. Que Deus nos ajude.

— Ok.. — diz Vanessa.

Anna-Karin se levanta e vai até ele, que ergue o celular para mostrar uma das fotos, a que tem o objeto de ferro com o parafuso no meio.

— Bem que achei que já conhecesse isso. É um rasga-língua — explica Nicolaus.

— Um o *qué?* — pergunta Ida com voz estridente.

— Você força a língua da vítima a entrar por essa abertura, aí prende bem rápido, depois puxa a língua assim... — Ele demonstra esticando a língua o máximo que consegue. — Então você gira a manivela para puxar a língua cada vez mais. E continua até ela sair por inteiro. A língua humana é incrivelmente longa.

Anna-Karin olha para a imagem, inconscientemente recolhendo a língua o mais para dentro da boca que consegue, como se quisesse protegê-la. Agora não tem dificuldade alguma em acreditar na história de fantasma.

— Ela nos viu — diz Mino, baixinho. — Eu tenho quase certeza. Será que ela vai fazer alguma coisa no colégio?

— Foi lá que Elias e Rebecka morreram — lembra Linnéa.

— Acho que vamos ter que esperar para ver qual de nós que vai ser na segunda-feira — responde Vanessa.

Talvez tenha sido uma tentativa de piada, mas ninguém ri.

Na segunda-feira de manhã, Vanessa cogita não ir ao colégio. Os acontecimentos de sábado a assustaram, mas ficar sentada em casa esperando que algo terrível aconteça parece ainda pior.

Ela não ouviu Nicke mencionar arrombamentos em Lilla Lugnet. Se a polícia tivesse sido chamada para algo tão empolgante, com certeza ele teria comentado durante o jantar. Mas, claro, isso não significa que elas estejam a salvo. Vanessa não imagina que uma pessoa que está de conluio com demônios se daria o trabalho de ligar para a polícia se alguém entrasse em sua câmara de torturas secreta.

A mãe dela está lendo um livro grosso sobre como fazer o próprio horóscopo. É seu dia de folga, e ela está cantarolando ali sentada, fazendo anotações enquanto folheia o livro. Seu rosto está tranquilo, o que a faz parecer mais jovem. Tinha apenas dezessete anos quando teve Vanessa, e hoje, aos trinta e três, ainda é bem jovem. Às vezes Vanessa acha que a mãe jogou a vida fora. Ela se desgasta muito, e para quê? É mãe de dois filhos e auxiliar em uma casa para idosos. É tudo que ela quer da vida? Será que não tem nenhuma ambição? Vanessa não vai cometer o mesmo erro. Ela será jovem o máximo que puder. Quer aproveitar a vida. A vida de verdade. A que existe longe de Engelsfors. Se sobreviver até lá.

— Estou indo — diz ela.

A mãe sorri. Para alguém que jogou a vida fora, parece bem feliz.

— Ah, quase que eu esqueço — começa ela. — Como foi na Mona?

Por que a mãe tem esse talento de sempre mencionar o assunto sobre o qual Vanessa não quer conversar?

— Bom — resmungo Vanessa.

— Fiquei muito impressionada — elogia a mãe. — O que ela lhe disse?

— É particular.

— Tudo bem, Nessa. Entendo que você não queira me contar tudo. Talvez eu também não queira saber.

Ela fala com um sorriso compreensivo, como se soubesse pelo que Vanessa está passando, que entende como é ser adolescente. Mas ela não tem ideia do que a filha está passando. E Vanessa não pode lhe contar.

— Não, não quer — diz ela baixinho, e dá um abraço apressado na mãe.



A primeira coisa que Vanessa vê ao chegar ao colégio é Jari. Ele está com Anna-Karin, que joga

o cabelo e ri de maneira exagerada.

— Você é maluco — diz Anna-Karin, e ri de algo que Jari disse; Vanessa apressa o passo para não ter que ouvir mais.

Ela passa as aulas da manhã com os nervos à flor da pele, se assustando o tempo inteiro. Evelina e Michelle a olham como se ela devesse estar em uma camisa de força, entupida de calmante. Talvez tenham razão.

Quando desce até o refeitório, ela vê a diretora perto do bufê de saladas. Adriana Lopez está fazendo uma montanha de cenoura ralada no prato. De repente tudo parece bobo e irreal.

Talvez a diretora seja um demônio. Mas uma manhã inteira é o limite máximo de tempo para o medo de Vanessa, ainda mais de um demônio que ama cenoura.



A segunda se arrasta até virar terça, depois quarta, quinta e enfim sexta-feira. Nada acontece. Elas se reúnem no parque de diversões para definir estratégias. Linnéa quer que elas usem o poder de Anna-Karin para obrigar a diretora a se revelar. Minoo é contra: Rebecka tinha o poder bem desenvolvido e isso não a salvou.

Vanessa quer gritar de tão frustrada. Não há ninguém a quem possam pedir ajuda ou conselhos. Elas estão só esperando a vez de morrer, como animais no abate, sem sequer *tentar* revidar. Uma tarde, quando ela viu a diretora entrando no carro, sentiu vontade de correr até lá, abrir a porta e gritar:

— Pode vir! Venha! Está esperando o quê?

Ela pretendia era passar o fim de semana com Wille, para tentar esquecer tudo, mas ele disse que tinha que ajudar Jonte com “um lance aí”. Michelle e Evelina foram a um show em Köping, e Vanessa não tinha dinheiro para ir junto.

No sábado, chega a tempestade. As últimas folhas do outono são arrancadas das árvores, e um vento uivante agride a cidade junto com a chuva.

Vanessa fica prisioneira em casa. À tarde, surge a claustrofobia. Parece que Nicke está em todos os lugares. Se ela vai à cozinha, ele está lá fazendo café. Se ela entra na sala de estar, ele está deitado no sofá, lendo um romance policial, resmungando que tem que pesquisar alguma coisa. Vanessa resolve arrumar o quarto só para ter o que fazer.

— Já que está arrumando aí, que tal arrumar a casa inteira? — pergunta a mãe, tentando ser engraçada.

Mas Vanessa resolve fazer o que ela diz. Na pior das hipóteses, vai ser legal irritar Nicke com o barulho do aspirador de pó. Ele não vai poder reclamar.

Mais tarde, Vanessa se senta na frente do computador. Ninguém está conectado. Ela tenta ligar para Wille. Sem resposta. Vai até a janela.

O melhor jeito de olhar para Engelsfors é no escuro, de longe, quando só se veem as luzes dos postes e nas janelas. Vanessa nota o pináculo da igreja. É lá que Rebecka será enterrada na segunda. Vanessa queria poder ir, mas isso está fora de cogitação. Ninguém pode saber que Rebecka e ela eram próximas.

Frasse arranha a porta e ela o deixa entrar. Ele se deita na cama e dá um suspiro de satisfação. Vanessa olha o celular na mesa e o pega.

Linnéa parece sem fôlego ao atender.

— Aconteceu alguma coisa?

Vanessa está um pouco confusa. Então percebe que Linnéa não esperava uma ligação “normal” dela.

— Não, eu só queria...

— Tô ocupada.

— Esquece — diz Vanessa, e desliga.

A inquietação cresce no peito. Ela liga para Wille. Chama, mas ele não atende.

Frasse boceja com a boca tão escancarada que parece que sua mandíbula vai sair do lugar. Vanessa larga o celular e baixa um filme de terror. Vai ser bom ver monstros de mentira. Qualquer coisa que a faça parar de pensar nos que já vivem em sua mente, sussurrando que o namorado está traíndo ela naquele momento com Linnéa Wallin.



A janela chacoalha com o vento.

Minoo está pesquisando sobre demônios na internet. De novo. Como sempre, não descobre nada. As histórias que encontra mais parecem contos folclóricos. Ela tenta compará-las, mas não chega a nenhuma conclusão a não ser que criaturas malignas aparecem na maioria das religiões e culturas. Mas originalmente a palavra demônio não tinha nada a ver com o mal. Vem da palavra grega *daimon*, que quer dizer apenas “espírito”, “deus” ou “ente”. Demônios malignos só apareceram com o surgimento do cristianismo.

Minoo suspira, frustrada. Tem certeza de que quem alimenta esses sites sabe tão pouco quanto ela. Grande parte daquilo tudo é obviamente baboseira, outras são invenções de metidos a satanistas, mas a maior parte é coisa de fanáticos religiosos fazendo divagações sem sentido. Eles assustam tanto quanto os próprios demônios.

Minoo se levanta e massageia os ombros, tensos. Seu olhar recai sobre o vestido preto pendurado na porta do guarda-roupa.

Elas compraram a roupa do velório ontem, depois do colégio. Minoo adiou o máximo que pôde, até a mãe lhe forçar a ir com ela na Borlänge. Minoo enjoa só de pensar no funeral. Vai ser depois de amanhã, e ela queria se livrar da obrigação. Mas a mãe insiste: “Você tem que ir.

Faz parte do luto. Depois vai entender o que eu digo.”

Os pais de Rebecka não querem que o funeral vire um espetáculo, portanto convidaram apenas a família e amigos próximos.

Minoo não sabe se vai aguentar. O que vai dizer à mãe de Rebecka? Como vai conseguir ver os irmãozinhos de Rebecka? Será que Gustaf vai estar lá? Eles não se falam desde que Rebecka morreu. Desde que ela leu no jornal a entrevista que ele deu a Cissi.

Minoo pega a roupa e a pendura dentro do guarda-roupa, longe da vista.

Então pega um exemplar muito gasto de *A história secreta* e se deita na cama. Mas não consegue se concentrar nas palavras já familiares. Seu pensamento vaga, da diretora a demônios, ao colégio e a Max.

Max é um refúgio das trevas, e ela se detém em seu rosto. Seus pensamentos dão lugar ao desejo, aos sonhos que preencheram tantas noites solitárias de sábado.

As árvores desenham uma silhueta contra o céu acinzentado. É um daqueles dias de clima indefinido, nem úmido nem ensolarado. O cinza parece um domo sobre a cidade.

Mínoo anda pelo caminho que leva à porta da igreja, seus pés esmagando o cascalho. Sente o vestido novo apertado no peito, dificultando sua respiração. Algumas senhoras de casaco preto estão nos degraus da igreja, conversando em voz baixa. Mínoo olha para os cabelos grisalhos e rostos enrugados: Rebecka nunca vai ficar assim.

Os pais se ofereceram para tirar folga do trabalho e acompanhá-la, mas Mínoo recusou. Mal consegue lembrar por quê. Está arrependida.

Ela se tortura fazendo várias projeções tenebrosas. E se ela fizer algo errado, como chorar demais, rir histericamente, tropeçar ou desmaiar? E se ela arruinar o funeral de Rebecka? Ela tem direito de estar aqui? Fazia tão pouco tempo que conhecia Rebecka.

Aos poucos ela sobe os degraus e passa pelas senhoras, adentrando as portas abertas. As pessoas já estão sentadas. Todos estão de costas para ela. Ninguém notaria se ela desse meia-volta e fosse embora.

Então ela vê o caixão branco. Ao lado do altar, há uma foto ampliada de Rebecka sobre um cavalete. É uma foto bonita. Ela está no Lago Dammsjön, apertando os olhos para o sol, sorrindo para a pessoa que tira a foto. E Mínoo entende que tem que ficar.

Ela é a única ali que sabe por que Rebecka morreu. A única que sabe que não foi suicídio. Por algum motivo, isto torna sua presença um dever. Pelo menos uma pessoa no funeral sabe a verdade.

Enquanto caminha pelo corredor, ela lembra que os noivos e os pais que vão batizar os filhos também entram na igreja desse jeito. Os pais de Mínoo não são religiosos, mas de repente ela entende para que serve a igreja: aqui, nascimento, vida e morte ocupam o mesmo espaço.

Mínoo se senta em um banco no meio da igreja e tenta ficar invisível.

Os sinos começam a soar.

Há muita gente chorando baixinho.

Ela olha de novo para a foto de Rebecka, seu rosto sorridente, que parece tão vivo, e é como se percebesse pela primeira vez que Rebecka não vai voltar. Nunca. É como olhar para um buraco sem fundo. É impossível compreender. Para sempre. Eternidade. De repente as lágrimas lhe escorrem pelo rosto. Ela fica com medo de perder o controle. Esconde o rosto com as mãos e pensa em tudo que Rebecka foi e tudo que podia ter sido, e nas coisas que ela nunca vai sentir, ver, ouvir, amar, odiar, desejar ou achar engraçadas. Uma vida inteira. Encerrada.

Helena Malmgren, mãe de Elias, não está conduzindo a missa. Claro que não. Como ela iria aguentar, sendo a morte do filho tão recente? Quem a substitui é um padre mais jovem. Ele não tem a mesma firmeza. Fala baixo e balbucia ao longo do sermão. Mínoo ouve só algumas

palavras: ... *tão moça... Deus escreve certo... após a morte...* mas nenhuma a consola. Quando o padre fala sobre Rebecka, parece que está falando de outra pessoa, e Mínoo tem vontade de mandá-lo calar a boca. Deixe-os em paz. Ela o odeia por estar tão despreparado. Odeia os salmos sobre almas que vão para o Paraíso. Como alguém pode fingir que existe algo de belo ou significativo depois da morte de Rebecka?

Música começa a ser tocada no órgão. Sons cautelosos que preenchem a igreja.

Os pais de Rebecka se levantam e vão até o caixão. O pai, um homem alto e de ombros largos que Mínoo nunca tinha visto, está com o rosto vermelho de tanto chorar. Vez ou outra suas fungadas ecoam pela igreja, atrapalhando os sons do órgão. A mãe tem a expressão fechada das pessoas em choque. Eles se apoiam um no outro. Atrás deles, os dois irmãozinhos de Rebecka; são tão parecidos com a irmã mais velha que é doloroso olhar para eles. Usam terno preto e estão de mãos dadas enquanto acompanham os pais até o caixão. Mínoo fica se perguntando o quanto eles entendem do que está acontecendo. Há um homem mais velho atrás deles, com as mãos sobre seus ombros.

O jovem padre acena em sinal de respeito à família, e há uma empatia genuína em seu rosto. A raiva de Mínoo desaparece. Ele tenta consolá-los: é uma tarefa impossível, mas pelo menos ele está tentando.

Quando as pessoas sentadas no banco em frente a Mínoo ficam de pé, ela faz o mesmo. Suas pernas não estão firmes enquanto ela caminha até o caixão. As lágrimas se acumulam de novo quando chega mais perto, e isso lhe parece apropriado. Está certo ela chorar com a família de Rebecka e todos que a conheciam. Ela não pode livrá-los da aflição, mas pelo menos pode compartilhar dessa dor.

Mínoo vê uma grande coroa de lírios com fitas brancas na qual está escrito: DESCANSE EM PAZ — SUAS AMIGAS. Elas escolheram a dedicatória mais genérica, para não despertar suspeita. Mas Mínoo sabe quem enviou, e isso a fortalece.

Um a um, os convidados sobem e depositam uma flor no caixão. Mínoo não tem uma flor. Não sabia que deveria trazer. Ao chegar perto do caixão, prefere deitar a mão sobre ele. Ela quase esperava sentir algo: um sinal, um choque elétrico. Mas a madeira é fria. É impossível imaginar que Rebecka esteja deitada ali dentro.

Rebecka, diz Mínoo para si mesma, prometo que vou encontrar a pessoa que fez isso. E ela nunca mais fará algo assim. Eu prometo.



Após a cerimônia, servem café na casa paroquial. Mínoo não aguenta ficar mais. Não consegue imaginar como deve ser para os pais de Rebecka lidar com tantas perguntas, tanta culpa, tanta raiva e tristeza. É terrível não poder contar a eles que a filha não cometeu suicídio.

Ela desce a escadaria da igreja e olha para a nova ala do cemitério, que se estende para o outro lado de uma longa cerca viva. Elias, o sétimo Escolhido, está em algum lugar por ali.

Ela segue pela trilha de cascalho. Fica pensando naquele quarto na casa da diretora, as coisas assustadoras que viu lá dentro. Como derrotar uma inimiga dessas?

— Oi.

Ela olha para cima. Gustaf está encostado em uma árvore. Parece meio perdido no terno preto. Os olhares se encontram e Mínoo apressa o passo. Gustaf é a última pessoa com quem ela gostaria de conversar.

— Mínoo...

Ela não responde, apenas caminha mais rápido. Ele a segue.

— Por favor... a gente não pode conversar? — pede ele.

— Não! — rosna ela.

— Não é o que você está pensando.

Mínoo para tão de repente que Gustaf quase lhe dá um encontrão. Vê-lo tão de perto faz a raiva diminuir um pouco. Ele não é mais o menino de ouro que nunca enfrentou dificuldades. Seus olhos estão vermelhos, e a pele, pálida.

— O que não é o que eu estou pensando?

— Aquela entrevista. É por isso que você não quer falar comigo, não é?

— O que você acha?

Gustaf olha para ela, procurando palavras que não lhe ocorrem.

— Você falou que morrer foi o melhor para ela!

Gustaf fecha os olhos. Quando os reabre, estão marejados de lágrimas.

— Eu estava no portão principal esperando por ela. Eu a vi cair e bater no chão. Não pude fazer nada... — Ele engasga. As lágrimas escorrem. Mínoo também chora. Um corvo passa sobre suas cabeças e pousa em uma árvore. — Cissi veio na minha casa na mesma noite — prossegue Gustaf, mais calmo. — Sim, ela disse que era jornalista, mas não parecia quando a gente conversou. Parecia que ela se importava mesmo. E eu disse um monte de coisas que não devia. Eu mal me *lembro* do que falei. Minha mãe fez uma queixa contra o jornal, mas já está publicado...

Mínoo sabe como Cissi é, consegue entender o que aconteceu na entrevista. E não há nenhum vestígio de mentira no rosto de Gustaf. Ela tem certeza de que ele diz a verdade.

Os resquícios de raiva que ela sentia dele evaporam, deixando apenas a tristeza dos dois. Mínoo mal suporta a dela própria, e não consegue nem começar a imaginar o vazio que Rebecka deve ter deixado em Gustaf.

— Eu tenho que saber — diz ele. — Ela comentou com você se andava infeliz? Você notou alguma coisa com desse a entender que ela não... que ela não queria mais viver?

— Não — responde ela. — Mas de uma coisa eu sei. Você a fazia feliz.

Gustaf olha para o lado.

— Não o suficiente.

— Você não pode pensar assim.

— Claro que posso. Eu sabia que algo estava errado. Às vezes sentia que ela queria falar. Se eu tivesse perguntado...

— Ela podia ter falado por contra própria — diz Mínoo, gentilmente.

— Mas preferiu pular do telhado do colégio.

Não há o que dizer. Mínoo não pode contar a verdade.

— Os pais dela devem me odiar — prossegue Gustaf. — Não tive coragem de ir ao enterro.

Não quero estragar mais do que já estraguei.

— Vá conversar com eles. Talvez compreendam mais do que você imagina.

Gustaf faz que não com a cabeça.

— Não posso. — Ele olha para Mínoo, e seu rosto forma um sorriso repleto de dor. — Ela foi a melhor coisa que já me aconteceu. Eu me sinto sozinho pra cacete sem ela. Nem reconheço a minha própria vida.

Ele suspira, e Mínoo faz a única coisa que pode: envolve-o com seus braços. Com o canto do olho, ela enxerga o corvo bater asas e levantar voo rumo ao céu cinzento.

Vanessa está parada no escuro, em frente à porta de Linnéa, há mais de uma hora. Dentro do apartamento, Linnéa ouve *grindcore* pesado. O vocalista se alterna entre cantar e gritar. Vanessa sempre achou esse tipo de música muito chata, mas, depois de ser forçada a ouvir, começou a entender o propósito. No começo era estressante, só que quando ela se deixou levar pela música, descobriu que a relaxava. É como se todo o estresse e medo se transformassem em raiva, que a música ajuda a aliviar.

Eu não devia estar aqui, pensa ela.

Mas não pode ir embora. Não até ter certeza.

Na noite passada, bem tarde, ela recebeu uma mensagem de texto: “Exausto. Durma bem



.” Quando tentou ligar, o telefone tocou mas ninguém atendeu. Ela não dormiu nada.

Sabia que Wille ia ficar puto por ela acordá-lo às sete da manhã pedindo para ser levada ao colégio. Ela precisou tentar todas as estratégias — desdém, zombaria, sensualidade, fúria, fragilidade — até ele finalmente ceder. E aí ela não se sentiu vitoriosa. Pelo contrário. Sentiu-se humilhada.

Achava que, se pudesse vê-lo, saberia se ele tinha se encontrado ou não com Linnéa. Por isso era tão importante encontrá-lo assim que acordasse. A princípio, Vanessa tinha pensado que o silêncio de Wille no carro era um sinal de que não a havia traído. Porque, se tivesse, ele ficaria puxando o saco dela. Mas então passou a se perguntar se o silêncio não significaria que ele estava cansado dela.

Quando chegaram ao colégio, ela bateu a porta ao sair do carro. Não estava nem aí se as pessoas iam ficar olhando enquanto ela atravessava o pátio, e ignorou Evelina e Michelle quando a chamaram. Assim que entrou na escola, correu para o banheiro das meninas ao lado do refeitório.

Todas as cabines estavam vazias. Vanessa ficou invisível e começou a chorar baixinho, furiosa.

Foi então que Linnéa entrou.

Vanessa prendeu a respiração. Não se atreveu nem a pensar. Mas Linnéa estava ao telefone e parecia preocupada. Suspirou profundamente para quem quer que estivesse do outro lado da linha. Ficou em frente ao espelho, alisou o cabelo preto e mostrou os dentes como se quisesse ver se havia comida entre eles.

“Pare com isso. Não posso falar sobre essas coisas aqui na escola”, dizia. “Não, mas agora eu estou aqui... Não quero nem saber. Problema seu. Ok.. Eu sei... Aham... Sei lá... Ok.. Pode passar lá em casa, então. Às nove. E não me ligue mais hoje.”

O relógio do celular de Vanessa marca 21h34. Ela precisa fazer xixi. Um número de telefone

aparece na tela. Mino. Ela já deve ter tentado ligar umas sete vezes só hoje à noite, mas Vanessa decidiu que a amiga vai ter que esperar. Linnéa não saiu correndo para o parque de diversões, então não deve ser tão importante assim.

Às 21h46 ela diz a si mesma que vai embora se não aparecer ninguém até as dez. Às dez ela decide esperar mais quinze minutos, apesar de estar prestes a fazer xixi nas calças.

Às 22h09, a porta do prédio se abre e a luz da escada se acende. Os cabos do elevador rangem, e Vanessa olha fixamente para a janelinha. O elevador aparece e para. Ela vê uma silhueta lá dentro.

As portas se abrem.

Não é Wille.

É Jonte.

Ele vai até a porta de Linnéa e toca a campainha.

A música no apartamento para. Ele toca a campainha de novo.

Linnéa abre a porta. Não está maquiada e usa short de ginástica e uma camiseta preta justa com um morcego desenhado no peito e as palavras DIR EN GREY por cima da imagem. Lança um olhar sério para Jonte.

— Você está atrasado.

— Desculpe — diz ele, mas sem sinceridade.

Linnéa se afasta para deixá-lo entrar.

Vanessa o segue. Apenas acontece, sem que ela perceba. Assim que termina de passar, Jonte fecha e tranca a porta.

Agora ela está na sala de Linnéa e não tem a menor ideia de por que entrou, ou por que seguiu Jonte e Linnéa até a sala de estar.

Merda, pensa ela. Merda, merda, merda, MERDA.

Linnéa para de repente e olha estranho para Jonte.

— Que foi? — pergunta ele.

— Por que você está cheirando a coco?

Jonte ri e se deixa cair no sofá, que range alto. Está vestindo um agasalho preto desbotado e calça jeans folgada. Pega um saquinho de erva, tira um pacote de papel Rizla do bolso e enrola um baseado com habilidade. Linnéa se senta ao lado dele e encosta a cabeça em seu ombro.

Vanessa sorri. Jonte não é tão feio, mas é... repugnante. E tem quase a mesma idade da mãe de Vanessa.

De repente, Linnéa encara fixamente um ponto da sala. É como se estivesse olhando Vanessa nos olhos. Mas é impossível. Não é?

Jonte acende o baseado e dá uma tragada.

— Por que você está tão travada? — pergunta ele a Linnéa, passando o baseado para ela.

Fumando, Linnéa se levanta e vai até seu laptop, que está ligado. Põe uma música lenta. A vocalista parece triste, frustrada.

— Venha cá — chama Jonte, e Linnéa vai até ele, solta o baseado aceso no cinzeiro e senta

ao seu lado.

Ela o beija. Vanessa estremece, mas não consegue desviar o olhar. Linnéa tira a camiseta. Jonte abre seu sutiã preto e começa a passar as mãos pelas costas dela até chegar aos seios.

Linnéa se deita no sofá, mantendo uma das mãos no pescoço de Jonte. Ele fica por cima dela e estica o braço para pegar o baseado. Eles continuam se beijando, alternando tragadas. Linnéa tira o short com um único movimento fluido. Sua calcinha é rosa-shocking com corações pretos. Jonte põe a mão dentro de sua calcinha. Linnéa começa a sorrir. De repente ela levanta a cabeça e olha para Vanessa.

— E aí, já está bom? — pergunta ela.

— De jeito nenhum — murmura Jonte, beijando o pescoço da garota.

Vanessa fica tão chocada que tropeça na sala e derruba um dos abajures.

— Que porra foi essa? — questiona Jonte.

— Vou dar uma olhada... tenho que ir ao banheiro mesmo — diz Linnéa.

Vanessa está tentando destrancar a porta quando sente algo tocar de leve sua nuca. Ela se vira. A camiseta de Linnéa está no chão. A garota está lá parada, com os braços cruzados cobrindo os seios nus. Não há luz iluminando seu rosto.

— Eu sei que você está aí — sussurra ela, de modo quase inaudível.

Vanessa abre a boca para dizer alguma coisa, mas não sai nada.

Linnéa se aproxima dela e Vanessa fica grudada na parede, tentando parar de olhar para os seios de Linnéa enquanto destranca a porta.

— Fora daqui — rosna Linnéa, e Vanessa corre.

Linnéa bate a porta com tanta força que o som ecoa pelo prédio. Vanessa desce as escadas correndo e sai pela porta da frente.



A primeira coisa que ela faz é se agachar em um arbusto para fazer xixi. Só assim vai conseguir raciocinar direito. Vinha agindo como uma maluca por causa do fim de semana de isolamento.

Ela fica pensando no assunto durante a caminhada apressada para casa. O que vai dizer da próxima vez que se encontrarem? “Oi, me desculpe por ser uma tarada que gosta de ver as amigas transando. Bom, quer dizer, nós nem somos amigas, mas mesmo assim foi divertido. Foi bom para você?”

O que ela gostaria mesmo de perguntar a Linnéa, porém, é por que ela está com um cara como Jonte. E, por sinal, ela devia se perguntar por que se importa. Desde que Linnéa não esteja dormindo com Wille, ela deveria ficar feliz.

Mas algo em Linnéa faz Vanessa se comportar de forma imprevisível. Por que ela entrou no apartamento junto com Jonte? Não sabe a resposta. A única explicação plausível é que ela é uma

tarada doente.

São quase onze e meia quando Vanessa enfia a chave na porta. Torce para que a mãe já esteja dormindo. Nickie foi fazer um curso em Borlänge, então não precisa se preocupar com ele.

Mas assim que entra, ouve vozes na cozinha. Tira os sapatos e o casaco fazendo o mínimo de barulho possível. Frasse vem até a entrada e lambe sua mão. Felizmente, não late. Ela está tão concentrada em não fazer barulho que não nota um carrinho de Melvin no chão, à sua frente. Pisa no carrinho, fazendo-o voar e bater com força na parede, o que causa um estrondo.

— Nessa? — Wille aparece na porta da cozinha. — Passei a noite inteira esperando. Onde você estava? — Não há sinal de reprovação na voz, apenas preocupação.

— Na casa de Evelina — mente ela, e faz uma anotação mental para avisar ao álibi. — Por que não me ligou?

— A gente pode conversar no seu quarto? — pergunta Wille.

Vanessa espia a cozinha. A mãe está lendo seu livro sobre horóscopo, estudando-o com penetração para mostrar que não está ouvindo a conversa dos dois.

Vanessa assente com a cabeça, e eles vão para o quarto. Ela tranca a porta. Quando se vira, Wille a abraça. Ela o aperta mais forte, sente o calor e aquele cheiro só dele.

Ele é meu, pensa ela. Meu e de mais ninguém.

— Desculpe por ter sido tão babaca hoje de manhã — diz ela baixinho.

— Entendo por que você estava tão chateada comigo. Desapareci o fim de semana inteiro. — Ele se afasta. — Eu não estava na casa do Jonte... fui à cabana do meu pai.

— Sozinho?

— Eu precisava pensar. Ando meio deprimido.

Vanessa se sobressalta.

— Com a gente?

— Com tudo. Não tenho emprego. Moro com a minha mãe. Não faço nada desde que terminei o colégio.

Vanessa morde o lábio. Ela vinha torcendo para que ele percebesse que precisava dar um jeito na própria vida. A pergunta é se haveria espaço para ela nessa nova vida.

— Tentei pensar de quais aspectos da minha vida eu gosto e de quais não gosto. E eu vi que não tem muita coisa de que eu goste.

Os olhos de Vanessa se enchem de lágrimas. Lá vem. Eles vão terminar. É aqui que tudo acaba.

— Só você — continua Wille. — Você é a única coisa boa na minha vida. Você e a minha mãe. Merda... essa frase ficou estranha.

Vanessa começa a rir e chorar ao mesmo tempo.

— Nessa?

— Achei que você ia me dar um pé na bunda — diz ela em tom choroso.

— Não, não! Claro que não! É que... Eu quero ser o homem que você merece. Você é incrível. Eu amo você. E estava pensando... E se a gente noivasse? — Wille enfia a mão no bolso

e pega um anel fino de prata. — A gente pode esperar para casar. Uns dez anos, se você preferir. Só quero que todo mundo saiba que nós pertencemos um ao outro.

Vanessa fica tonta. Não sabe mais o que sentir.

— Você aceita? — pergunta Wille.

Sim. Mas uma coisa Vanessa sabe: ela o ama, goste disso ou não. E quer que todo mundo saiba que eles pertencem um ao outro. Que escolheram um ao outro. Que decidiram ir contra todos. Ele põe o anel no dedo dela. Então pega outro anel, mais grosso, e entrega a ela para que coloque no dedo dele.

— Agora somos eu e você — diz ele.

— Somos eu e você — repete Vanessa. — Eu amo você.

Ela beija a boca cálida de Wille e aperta o corpo dele contra o seu. As mãos dele se enfiam no top dela e descem até a base das costas.

Uma batida na porta.

— Vanessa! — chama a voz estridente da mãe.

Wille tenta tirar a mão, mas Vanessa se agarra a ele.

— Ignore — pede ela baixinho.

Um instante depois, uma fresta da porta se abre.

— Wille, Vanessa tem aula amanhã. — A mãe está com a voz séria, aquele tom que não aceita discussão.

— Puta que pariu! — estoura Vanessa.

— Não tem problema. Eu tenho que ir para casa mesmo — diz Wille.

Ela o acompanha até a porta. Tenta beijá-lo, mas Wille fica tímido na frente da mãe. Em vez disso, ele a abraça.

— Eu passo aqui amanhã para buscar você depois da aula — promete ele.

Ela fecha a porta assim que ele sai. Quando se vira, vê que a mãe está com cara de preocupação. Vanessa mostra a mão esquerda.

— Você não é nova demais para usar aliança?

O comentário estraga seu humor. A mãe não consegue nem fingir que ficou contente.

— Não vamos nos casar amanhã. É só um símbolo de que ficaremos juntos.

— Eu só não entendo por que essa pressa em se comprometer com alguém quando se é tão jovem.

— Você engravidou de mim quando tinha dezesseis anos, porra! De alguém que conheceu em um encontro de estudantes em Götvärdaren! E estava tão bêbada que nem lembra o nome dele.

— Não fale comigo nesse tom de voz — diz a mãe.

— Não fale comigo nesse tom de voz — imita Vanessa.

A garota percebe na hora que não é assim que vai parecer madura o bastante para ficar noiva.

A mãe lhe lança um olhar furioso.

— Então tudo bem. Pode brincar de adulta. Quem sabe vai morar com Wille? Assim a gente ganha mais espaço na casa.

É como levar uma apunhalada.

— Você bem que ia gostar, não é? Para você e Nicke *treparem* em paz. Ou já achou outra pessoa para ter outra gravidez indesejada? Dessa vez é melhor ter papel e caneta em mãos, para pelo menos anotar o nome.

Por um instante Vanessa acha que a mãe vai lhe dar um tapa. Nunca aconteceu, mas nunca esteve tão perto de acontecer. Mas a mãe se vira de repente e vai para a cozinha.

— Vai ser exatamente como você quer! — grita Vanessa. — Eu vou morar com Wille!

— Pode ir! — grita a mãe em resposta. — Quero ver quanto tempo você aguenta!

— Eu odeio você! Sirpa é uma mãe muito melhor, coisa que você nunca foi!

Ela entra no quarto e bate a porta, esperando ouvir a mãe esbravejando atrás dela, esperando que ela abra a porta para gritar que Vanessa tem que pensar nos vizinhos, se por acaso quer ser despejada.

Mas nada acontece.

Vanessa fica parada no meio do quarto. Sente-se vazia por dentro. Ela passou o dia inteiro em uma montanha-russa emocional, indo de um extremo a outro. Agora só quer dormir. Faz menção de puxar as cobertas para se deitar na cama.

Alguém bate na porta. Vanessa se pergunta se tem energia para fazer as pazes com a mãe. Mas a mãe não entra. Fala do outro lado da porta mesmo:

— Ligaram hoje para o meu trabalho. Você não precisa ir à primeira aula amanhã. A diretora quer falar com você. Disse que é um acompanhamento de rotina.



Mais tarde, na mesma noite, Minoο enfim tem notícias de Vanessa e confirma que as cinco foram chamadas para comparecer à sala da diretora de manhã cedo.

Meia hora depois, ela abre a porta do quarto. A casa está em silêncio. Ela se esgueira pelo corredor, passa pela porta fechada do quarto dos pais. Ao ouvir um barulho vindo de dentro do quarto, congela. Mas é apenas o pai roncando.

É só quando fecha a porta da frente de casa que começa a respirar normalmente. Uma neblina densa cobre o jardim, fazendo todas as formas parecerem vagas e indistintas. Não há vento, e seus passos parecem ecoar por toda a vizinhança.

Nicolaus está esperando por ela no carro, escondido em meio à névoa, cem metros adiante. Ela senta no banco do passageiro. Ele veste um casaco fino e está tremendo. Quando fala, seu hálito se transforma em vapor.

— Boa noite — cumprimenta ele. — Embora não seja o melhor adjetivo, considerando a

noite de hoje.

Por um instante eles ficam em silêncio. Mínoo olha para as mãos dele, apoiadas no volante. Estão vermelhas e ressecadas.

— Você precisa comprar mais roupas — diz ela. — Um casaco acolchoado, luvas e um chapéu. O inverno está chegando. Vai ficar doente se não comprar roupas.

Nicolaus lhe dirige um olhar de gratidão.

— Você é gentil demais, muito atenciosa. Não mereço tanto. Queria poder ajudar. Sei que há uma solução, mas... não consigo lembrar... — Ele franze a testa. — É como se uma mariposa estivesse voando no limite do meu campo de visão. Só tenho um vislumbre das asinhas cinzentas.

Ele suspira e se vira para Mínoo.

— Não posso deixar vocês irem direto para o covil do leão — diz ele.

— Não temos escolha. O leão já foi conversar com nossos pais.

— Vocês podiam... matar aula. Não é assim que vocês dizem?

— Não podemos matar aula para sempre. Além disso, é improvável que ela planeje nos matar se quer nos encontrar na sala dela durante o dia, com o colégio cheio de gente.

— Talvez seja isso que ela queira que vocês pensem.

— Entrem, por favor — diz a diretora.

Adriana Lopez está com um vestido verde-escuro até os joelhos, estilo anos sessenta, e sapatos pretos de salto alto feitos da pele de algum réptil.

Ela senta na poltrona próxima à mesinha de centro. Há mais duas cadeiras dobráveis a postos. Mínoo se senta no sofá, entre Vanessa e Anna-Karin. Ida e Linnéa ficam com as cadeiras. Assim que todas estão sentadas, o silêncio toma conta da sala.

Há um relógio pendurado acima da porta da sala do assistente da diretora. O ponteiro dos segundos faz um barulho alto, um por um. Mínoo pensa em uma bomba relógio. A qualquer momento o mundo pode explodir.

— Sei que vocês estiveram na minha casa — diz a diretora.

Mínoo empalidece.

— Encontraram o que estavam procurando? — prossegue ela.

Ida se levanta tão rápido que a cadeira cai para trás.

— Eu não tenho nada a ver com isso!

A sala volta ao silêncio mortal. Nenhum som fora *tic, tac, tic, tac*.

— Não tenho nada a ver com *elas* — prossegue Ida, a voz falhando de desespero.

— Sente-se — manda a diretora.

A voz dela é o exato oposto da de Ida: controlada, confiante, impossível de desobedecer. Ida levanta a cadeira de plástico e se senta, obediente.

A srta. Lopez cruza as pernas e entrelaça os dedos, pousando a mão no joelho.

— Eu sei quem vocês são — diz ela.

— E nós sabemos quem você é — retruca Linnéa.

Mínoo prende a respiração.

Os olhos da diretora perfuram Linnéa. Ela dá um sorrisinho.

— Perdão?

— Eu falei que nós. Sabemos. Quem. Você. É — diz Linnéa, encarando-a bem nos olhos sem piscar.

A diretora ri. Não uma risada de verdade, mas do tipo condescendente, típica dos adultos quando não levam alguém a sério.

— Vocês sabem? Que interessante. Então me diga, Linnéa. Quem eu sou?

Mínoo quer fazer tudo parar e começar do zero. É um erro atacar a srta. Lopez.

— Foi você que matou Elias e Rebecka — acusa Linnéa.

Agora não tem mais volta. É tarde demais para desistir. Passam-se exatos três segundos. *Tic, tac, tic*.

— Não é verdade.

— Você está mentindo — diz Linnéa, fria.

— Só quero deixar claro que eu não tenho *nada* a ver com elas — repete Ida.

A diretora a ignora:

— Mas vocês têm razão em acreditar que Elias e Rebecka não cometeram suicídio.

Leva algum tempo para as meninas absorverem o que ela disse.

— Se não foi você quem os matou, quem foi? — pergunta Anna-Karin.

— Com licença — interrompe Linnéa —, acho que você está aceitando tudo isso muito rápido. Esqueceu que achamos instrumentos de tortura na casa dela?

— Eu coleciono artefatos medievais — responde a diretora com toda a tranquilidade. — Infelizmente, instrumentos de tortura entram nessa categoria. Pode ser um hobby macabro, mas não faz de mim uma assassina.

— Você foi a última pessoa que Elias e Rebecka viram antes de morrer — diz Linnéa.

— E estou prestes a contar por que precisei conversar com eles — fala a diretora, e se vira para Anna-Karin: — Mas, respondendo a sua pergunta, Anna-Karin, não, não sei quem os matou. Minha diretriz primária era encontrar vocês.

— O que quer dizer com “diretriz”? — questiona Vanessa.

A diretora alisa uma dobra invisível no vestido. Seu rosto é inexpressivo. Mínoo tem a impressão de que é uma máscara que ela pode tirar a qualquer momento.

— Eu trabalho para o Conselho. Minha tarefa era vir aqui e investigar o quanto a profecia sobre esta cidade é verdadeira.

— Profecia? Sobre Engelsfors? — pergunta Mínoo.

— Engelsfors é um lugar muito especial — diz a diretora. — Fica perto de outras... podemos chamar de dimensões. Não sabemos por que, mas as fronteiras que nos separam de outras realidades são mais tênues aqui. A profecia fala de um Escolhido, aquele que será despertado para proteger nosso mundo quando um mal de outro plano tentar atravessar para nossa realidade. Fui enviada aqui para encontrar o Escolhido. Minha busca ficou mais difícil porque vocês são muitas. Eu estava procurando uma única pessoa. Havia acabado de identificar Elias quando ele faleceu.

— Elias não “faleceu”. Ele foi *assassinado* — diz Linnéa.

— Sim — concorda a diretora.

— Por que você não o protegeu, se já sabia que ele era o Escolhido?

— Em primeiro lugar, o Conselho investiga uma média de setecentas e sessenta profecias por ano, em todo o mundo. Apenas 1,7 por cento é verdadeira. Eu não tinha certeza de que esta profecia em particular tinha alguma base real. Na verdade, as estatísticas refutam isso. Não tive tempo de confirmar se Elias era mesmo o bruxo que eu estava procurando.

Vanessa vira a cabeça tão rápido que seu rabo de cavalo roça no rosto de Mínoo, deixando um leve aroma de coco no ar.

— Peraí, peraí — diz Vanessa. — Você falou *bruxo*?

A diretora assente, impaciente.

— É isso... que a gente é? — pergunta Anna-Karin.

— Estou ciente de que é um termo que carrega significados sombrios. Foi associado erroneamente a todo tipo de baboseira absurda. Mas, sim, vocês são bruxas. Assim como eu. Alguns nascem com poderes especiais, que costumam aflorar durante a puberdade, mas a maioria consegue aprender magias simples por meio do estudo.

Magia. Mínoo sente um arrepio quando ouve a palavra. Claro que existe uma palavra para tudo o que aconteceu. É uma palavra que ela leu mil vezes em contos de fadas e fantasia, mas soa nova e desconhecida quando dita pela diretora. Assustadora, mas atraente. O fantástico é possível.

— Como Linnéa corretamente expôs, tive uma conversa a sós com Elias pouco antes de ele ser assassinado — prossegue a diretora. — O propósito desse encontro era descobrir se ele era o Escolhido. Eu poderia ter aguardado a lua de sangue, mas já tinha outros indicativos. De qualquer forma, peguei um fio de seu cabelo e enviei para nossos laboratórios. Na manhã seguinte recebi os resultados, que confirmaram minha suspeita, mas já era tarde demais. Achei que estava tudo acabado. Como mencionei, eu tinha convicção de que estava procurando por uma única pessoa. Mas durante a homenagem a Elias, notei atividade mágica no auditório. Foi quando percebi que poderia haver mais de vocês.

— Mas como soube que éramos nós? — pergunta Mínoo.

Há outra pergunta que Mínoo não ousa proferir. Se a diretora conseguiu encontrá-las, será que a força maligna que está atrás delas também consegue?

— Algumas de vocês têm sido menos discretas do que as outras. — Lopez olha para Anna-Karin, que se afunda envergonhada no sofá, ao lado de Mínoo. — Vou aproveitar a oportunidade para avisá-las de que há leis a que devemos obedecer.

— Leis? — pergunta Anna-Karin baixinho.

— Três diretrizes simples. Não pratique magia sem autorização expressa do Conselho. Não utilize a magia para desobedecer as leis dos não mágicos. E não se revelem para o público não mágico. — Ela se volta novamente para Anna-Karin: — O Conselho vai ignorar as transgressões que vocês cometeram até o momento, já que não conheciam as leis. Mas recomendo que se abstenham imediatamente de praticar qualquer magia dentro da escola.

— O que é esse Conselho, e por que temos que obedecê-lo? — pergunta Linnéa.

— Pelo mesmo motivo que você obedece as leis da sociedade antes de seus poderes despertarem — responde a diretora. — Vocês fazem parte da sociedade mágica, e nesta sociedade é o Conselho que decreta as leis e governa. Deveríamos ser gratos por ele existir.

Linnéa bufa.

A diretora a ignora e prossegue:

— Então, voltando a como as descobri. Parte da profecia se refere a eventos sazonais, entre eles que o Escolhido seria despertado em uma noite de lua de sangue. A maioria das pessoas não consegue ver a lua de sangue, eu mesma não a vejo a olho nu, mas ela acompanha um ciclo bem particular, e havia sinais que consegui interpretar. Enviei meu familiar...

— Seu o quê? — interrompe Vanessa.

— Por meio de um processo complexo, um bruxo pode criar uma conexão com um animal. Geralmente um gato, um cachorro, um sapo ou pássaro. Eu escolhi um corvo. Ou melhor: ele me escolheu. Para simplificar, nós compartilhamos partes da consciência um do outro. Meu familiar pode agir como meus olhos ou ouvidos quando os meus não estão disponíveis. Eu o enviei, e ele viu vocês se reunirem no parque de diversões. Relatei ao Conselho, que ordenou que eu me reunisse com vocês, uma de cada vez. Comecei por Rebecka. Coletei um fio de cabelo dela para análise, para ter cem por cento de certeza de que era uma Escolhida. Infelizmente, ela também faleceu antes de eu receber a resposta.

— Ela foi assassinada! — Linnéa levanta-se da cadeira. Está tão agitada que chega a tremer.
— Eles foram assassinados! Eles foram mortos e você não fez nada! Podia ao menos ter avisado!

— Depois da morte de Rebecka, entrei em contato com o Conselho para ser autorizada a agir, e não apenas observar. Minha solicitação provocou intensa discussão...

— A gente também podia ter morrido! — interrompe Linnéa.

— ... mas após o arrombamento o processo foi acelerado. Agora podemos elaborar um plano de ação conjunto — explica a diretora.

— *Um plano de ação conjunto?* É a mesma coisa que os palermas da Assistência Social falam — diz Linnéa. — Mas a noção deles de “conjunto” é que eles tomam as decisões e a gente obedece. Não é isso que você tinha em mente também?

— Esse comportamento não vai nos levar a lugar algum — responde a diretora.

— Vai pro inferno! — berra Linnéa. Todas pulam nos seus lugares, com exceção da diretora.
— Não precisamos de você! Nunca pedimos ajuda!

A diretora olha friamente para Linnéa. Então se levanta, vai até a porta, o som dos saltos ecoando pela sala, e abre-a totalmente. Nicolaus quase cai no chão.

— Pode entrar também — convida ela, friamente.

— Eu... — Nicolaus procura os olhos de Minoo.

— Ela não é a assassina — diz Minoo calmamente. — Pelo menos não parece ser.

Nicolaus dá alguns passos para dentro da sala. A diretora fecha a porta depois que ele passa e volta a se sentar na poltrona. Nicolaus parece perdido ali, de pé. Seus olhos encontram os de Anna-Karin.

— É verdade? — pergunta ele. — Ela é...?

— Ela é uma bruxa — diz Anna-Karin. — Todas nós somos.

— Bruxas — murmura Nicolaus. — Claro. Bruxas.

— Então, você alega ser o guia das meninas? — pergunta a diretora, cruzando novamente as pernas.

— Sim, é meu dever sagrado.

— Que estranho. A profecia não menciona guias. Você é um fenômeno interessante que precisamos examinar com mais atenção. Mas, por enquanto, peço que se afaste das meninas.

Daqui em diante serei guia e professora delas.

— Não — protesta Nicolaus, mas sem força. — Não, eu não posso permitir...

— Por ordens do Conselho, liberto você de seu dever. Você está convidado a dar sugestões ou informações, mas, daqui em diante, tudo terá que passar por mim.

Minoo percebe que Nicolaus está se esforçando para entender tudo aquilo.

— Mas não é uma tarefa — diz ele, tentando explicar. — É minha *vocação*.

— Você se importa com as meninas, não é? — pergunta a diretora com uma calma forçada.

— Quer o melhor para elas?

— É claro.

— Temos conhecimento e recursos, Nicolaus. O que você tem a oferecer?

Nicolaus desvia o olhar.

— Nada — murmura ele. — Exceto a minha vida.

O coração de Minoo quase se parte.

— Me desculpem.

Ele faz uma reverência curta e desaparece no corredor, de cabeça baixa.

— Nicolaus! — grita Anna-Karin. — Espere!

A porta bate. Minoo olha para a diretora, que permanece plácida. Para ela, é como se aquilo fosse algo extremamente comum.

— Vocês devem começar o treinamento o mais rápido possível. Vamos determinar exatamente que poderes possuem e a melhor maneira de usá-los.

— Usá-los? — pergunta Linnéa.

— Na batalha vindoura — explica a diretora. — Junto a seu treinamento, o Conselho vai intensificar a pesquisa sobre a profecia e fazer de tudo para descobrir quem é o culpado pelas mortes de Rebecka e Elias. — Ela observa as cinco atentamente, uma de cada vez. — E vocês não podem, de maneira alguma, fazer experiências com seus poderes por conta própria.

Ida levanta-se mais uma vez. Desta vez a cadeira permanece no lugar.

— Eu não aguento mais! Vocês não podem me obrigar! Eu não vou me envolver!

A diretora olha para ela sem demonstrar preocupação.

— Tem certeza?

— Sim!

— Então você vai tirar nota baixa em todas as matérias.

— Mas a senhora não pode fazer isso! — explode Ida.

— Eu sou a diretora do colégio. E bruxa. Quer pagar para ver? — Adriana Lopez encara Ida sem se abalar, e a garota volta a se sentar. Então se vira para o grupo. — Por hoje é só. Acredito que seja muita coisa para absorverem em um único dia. Antes de irem, peço que deixem um fio de cabelo nos envelopes previamente identificados e preencham o formulário sobre os poderes mágicos que já identificaram. Nos encontraremos às nove horas da manhã de sábado, no parque de diversões.

Vanessa bate as unhas na mesa gasta do Café Monique.

Clic-clic-clic-clic. Clic-clic-clic-clic. Clic-clic-clic-clic.

Um casal idoso lhe dirige olhares irritados. Vanessa devolve o olhar.

Clic-clic-clic-clic. Clic-clic-clic-clic. Clic-clic-clic-clic. Eles retornam sua atenção aos seus doces. Meu Deus, como ela odeia pensar que vai ficar velha. Mas a alternativa seria pior: não envelhecer. Ela para de batucar. Esvazia mais um saquinho de açúcar no café. Ela trabalhava meio período aqui até o verão anterior, quando Monika disse que não tinha mais com o pagar seu salário. Mas ela ainda pode vir para tomar café de graça.

Um armário de vidro contém pilhas de revistas de fofoca velhas, e arranjos empoeirados de flores secas ficam em cima do móvel. E é claro que Monika está aqui, com seus vestidos exagerados e a eterna carranca. Ela não é muito simpática, mas Vanessa a respeita porque ela consegue manter a cafeteria aberta em uma cidade onde a maioria das pessoas prefere tomar café em casa.

Vanessa toma um gole. O café está morno. Ela ouve uma sineta, e uma lufada de vento gelado atravessa o ambiente. Linnéa entra e se senta à sua frente.

— Oi — diz Vanessa.

Linnéa não responde. Ela cheira a ar fresco, e Vanessa nota que ali dentro deve estar abafado.

— Quer alguma coisa? — pergunta Vanessa.

— Não.

Os olhos pretos de Linnéa brilham, e várias imagens indesejáveis surgem na cabeça de Vanessa: a pele nua dela, a mão de Jonte agarrando seu seio.

— Então — diz Linnéa. — O que você queria?

Vanessa se preparou para a conversa, testou várias coisas que podia dizer até compor um discurso de defesa completo. Não é seu estilo, e agora ela entende por quê. Quando chega a hora do discurso, sua mente está em branco.

— Desculpe — diz ela.

— Pelo quê?

— Você sabe.

— Eu quero que você diga.

Vanessa sente tanta vergonha que quer sair correndo.

— Eu só queria ter certeza de que você e Wille não...

— E por isso seguiu Jonte até meu apartamento? Ou já estava lá?

— Não. Fiquei esperando do lado de fora. Não sei por que o segui até lá.

Linnéa se recosta na cadeira e cruza os braços.

— Está bem — diz ela, então. — Entendo que seja tentador. Mas, se me espiar assim de novo, eu mato você.

Vanessa faz que sim. Ela nunca mais fará algo assim.

Elas ficam se olhando por um instante. As janelas atrás de Linnéa estão embaçadas. Vanessa gira seu anel de prata no dedo. Linnéa não diz nada, só fica olhando para o anel.

Vanessa se pergunta se ela entende.

— Wille e eu ficamos noivos.

— Parabéns. Sério — diz Linnéa.

Vanessa fica nervosa.

— Por que você está transando com Jonte, porra?

— Hein?

— Eu não entendo. Sério. Ele é velho demais. E você é tão bonita.

— Obrigada... acho — diz Linnéa, abrindo um enorme sorriso.

Vanessa também não consegue evitar um sorriso.

— Você entendeu o que eu quis dizer.

— É difícil explicar o lance com Jonte. Ou talvez seja óbvio demais. — Ela se inclina sobre a mesa. Vanessa faz o mesmo. — Quando eu tinha onze anos, fiquei bêbada pela primeira vez, e foi Jonte que me vendeu a birita. Comecei a me chapar aos treze. Aí ele já vendia erva. Quando passei para coisas mais pesadas, ele vendia também.

Vanessa já tinha ouvido muitos boatos sobre Linnéa, mas se surpreende por ela falar daquilo tão abertamente.

— Aí eu parei. Mas Elias... não consegui. Fiz Jonte e Wille prometerem que não iam mais vender para ele. Mas eu descobri que eles tinham quebrado a promessa logo antes... de Elias morrer.

— Eu sei — diz Vanessa baixinho.

Ela nunca vai se esquecer daquela tarde. *Vocês ficaram sabendo do filho da pastora?... Acho que ele queria ficar bem fora de si quando tentasse...*

— Naquela primeira noite no parque de diversões — diz Linnéa —, eu estava na casa de Jonte para conversar com ele, mas não tive oportunidade.

Ela balança a cabeça. Seus olhos estão brilhando, mas ela tensiona o maxilar. Não quer expor mais do que precisa. Vanessa sabe como é. Meninas choronas nunca são levadas a sério.

— Eu fiquei tão sozinha depois que Elias morreu — fala Linnéa baixinho. Ela pisca para impedir as lágrimas de caírem. — Caramba, que nojo de mim mesma.

— Não diga isso.

— Você não sabe nada sobre mim — retruca Linnéa, feroz. — E não sabe nada sobre Wille também. Às vezes ele me liga, me quer de volta. Desculpe eu ter mentido. Não queria magoar você, mas agora que eu vi este anel... Não confie nele.

Desta vez, Vanessa fica muda. Sente-se vazia, agora que tem a confirmação.

— Eu não quero nada com ele — diz Linnéa, agora em um tom mais suave. — Só para você

saber. E, na verdade, acho que ele também não me quer. Só quer saber se tem chance. Só para inflar o ego.

— Talvez antes fosse assim, mas ele mudou. Ele me ama — diz Vanessa.

— Você merece alguém melhor.

— Você também.

Elas se olham, e Vanessa cogita que devia se sentir deprimida. O que Linnéa disse devia ter resolvido tudo. Mas de alguma forma ela se sente aliviada. Como sempre acontece quando Linnéa está por perto, ela não sabe por que se sente assim.



Anna-Karin olha atentamente para o caderno de matemática, no qual está resolvendo problemas com o Teorema de Pitágoras. Vovô está do outro lado da sala de estar, folheando o jornal. Vez por outra dá uma olhada para a cozinha. De lá vêm incessantes tinidos, pratos batendo e outros ruídos.

— O que ela está fazendo? — pergunta ele.

— Ela ia ferver a prataria — responde Anna-Karin —, para esterilizar.

Vovô dobra o jornal bem certinho e o deixa na mesa ao lado da poltrona.

— Eu sei que devia estar contente em vê-la tão animada — diz vovô. Anna-Karin finge estar absorta na relação entre a hipotenusa e os catetos. — É muito estranho — prossegue ele. — Antes ela mal tinha disposição para nada. Agora ela não consegue parar. — Ele suspira e tira os óculos de leitura. — Mas não há por que reclamar. É que nem no inverno, quando a gente reclama que é frio, úmido e escuro, aí chega o verão e a gente reclama que está quente demais.

Agora ela não consegue parar. Anna-Karin poderia fazê-la parar. Assim que ela ficar com Jari, vai parar com tudo. O que a diretora disse sobre o Conselho já a convenceu.

Se ao menos sua mãe não parecesse tão saudável. Seus passos têm mais força. Ela dá risadas e está cheia de ânimo. Não é melhor ser assim em vez da mulher que passava a noite inteira grudada no sofá, fumando sem parar? Anna-Karin não quer que ela volte a ser quem era há poucos meses.

— A mamãe era assim antes de papai ir embora? — pergunta Anna-Karin.

— Como assim?

— Talvez ela finalmente esteja feliz de novo. Talvez fosse assim que ela era antes de papai... destruir tudo.

Vovô se levanta lentamente da poltrona. Vai até o sofá onde Anna-Karin está reclinada. Ela recolhe as pernas para abrir espaço para ele.

— Às vezes eu esqueço que você não lembra como eram as coisas — diz ele, e dá um tapinha no joelho da neta. Então olha para ela, refletindo. — Nunca vi Mia desse jeito. Nem

quando Staffan ainda morava aqui.

Por um instante ela pensa em forçá-lo a contar mais sobre seu pai. Seria tão fácil, do mesmo jeito que foi fácil fazer Ida contar a verdade a respeito de Elias. Mas Anna-Karin fica enjoada só de pensar nisso. Ela nunca, nunca faria isso com vovô.

— Eu nem me lembro da cara do papai — diz ela. Já viu as fotografias, claro. Olhou tanto para algumas que parece ter lembranças de quando foram tiradas, mesmo sabendo que essas cenas são só frutos de sua imaginação. Além do que aparece em cada foto, porém, não há nada. Ela não vê o rosto do pai se mexer, não ouve sua voz. — Eu simplesmente não entendo como que alguém pode deixar a família assim, de uma hora para outra.

Vovô abre a boca para responder, mas a mãe começa a cantar na cozinha.

Anna-Karin e vovô se entreolham.

É como se a mãe tivesse ouvido a conversa e quisesse garantir a eles que está tudo simplesmente maravilhoso. Ela pronuncia cada palavra de forma decidida, cantando em uma voz alta, vivaz, meio que jovial demais.

De repente a cozinha fica em silêncio. Nenhuma cantoria. Nenhum barulho.

Um grito corta o ar. É penetrante, cheio de dor, e faz Anna-Karin se lembrar de algo que ela já ouviu.

Vovô dá um salto do sofá, mas ela continua sentada, petrificada. Aquele grito. Quando Anna-Karin era pequena, havia porcos na fazenda. Quando eles iam para o abate...

Vovô abre a porta da cozinha e Anna-Karin finalmente sai da paralisia. Ela corre atrás dele.

A mãe está parada diante do fogão, e se vira para eles com um sorriso. Está limpando as mãos freneticamente no avental.

— Meu Deus do céu, o que... — começa vovô.

— Rá! Eu sou uma tonta mesmo — diz a mãe, animadamente. Mostra as mãos, que estão de um vermelho muito escuro, quase roxo. Os dedos estão tão inchados que os anéis rasgam a pele. — Eu estava só tentando tirar os talheres da água fervente — fala com um riso envergonhado.

A debilidade do vovô sumiu. Ele pega as mãos da filha e as enfia debaixo da torneira, sob a água gelada. Anna-Karin olha para a panela no fogão e só então percebe o som borbulhante. O vapor.

Eu vou parar, pensa ela. Eu vou parar com isso. Logo. Eu juro.

Mas, lá no fundo, ela não sabe se consegue.

Mínoo caminha com pressa pela estrada de terra batida que leva ao Kärgruvan. Há uma camada de gelo no chão e o ar cheira a neve. De macacão, casaco acolchoado, gorro e luvas de lã, ela se sente tão grande quanto um lutador de sumô.

Nos fins de semana ela normalmente dorme até as dez, às vezes até meio--dia. Esta manhã ela desceu para tomar café às sete e meia. A mãe estava sentada à mesa da cozinha com sua amada xícara de café e uma revista incompreensível para quem não conhece pelo menos dez mil termos em latim. Ela ergueu as sobrancelhas ao ver Mínoo.

“Caiu da cama?”, perguntou, virando a página.

“Estou tentando criar hábitos saudáveis”, respondeu Mínoo, e quase vomitou com a efusividade do que disse.

“Mínoo. Você não precisa se esforçar tanto para...”

“A gente vai ensaiar uma peça”, disse Mínoo, para encerrar o sermão.

“Meu Deus, eu faria de tudo para ter um pouco de cultura aqui”, disse a mãe, deixando a revista de lado. “Qual é a peça?”

Mínoo queria voltar no tempo. Sua imbecil, pensou.

“*Romeu e Julieta*. É para a aula de inglês.”

“Vocês vão montar *Romeu e Julieta*?”

“Só algumas cenas.”

“Mesmo assim, Shakespeare no primeiro ano. Professor bem ambicioso. Qual vai ser seu papel?”

“A gente ainda não decidi. Acho que uma árvore.”

“Vai ser uma árvore linda”, disse a mãe, sorrindo.

Ela se levantou e deu um abraço rápido na filha.

“Merda para você, querida.”

Assim que a mãe saiu da cozinha, Mínoo foi até a cafeteira e encheu uma garrafa térmica com café com leite.

Agora ela o toma aos goles, mas o café não a deixa mais acordada. Ao chegar ao parque de diversões, está tão cansada que podia deitar no coreto e dormir. E talvez tivesse mesmo dormido se Linnéa já não estivesse lá. Ela parece ainda mais cansada que Mínoo, sentada no palquinho, escrevendo em seu diário. Usa uma jaqueta acolchoada azul-escuro muito acima do seu tamanho e bem diferente de seu estilo habitual.

Mínoo sobe os degraus até o palco. Linnéa não olha para cima.

— Oi — diz Mínoo.

— Oi — diz Linnéa, e continua escrevendo.

Mínoo bebe seu café e se força a não ficar tagarelando. Em vez disso, encosta-se

tranquilamente no corredor.

Não que a mente de Minoos consiga ficar parada: listas de coisas a fazer, obrigações e cenários possíveis e impossíveis que se desenrolam constantemente. E sempre há um comentário imbecil ou uma coisa vergonhosa que ela tenha feito e que não consegue deixar de analisar obsessivamente. Às vezes pensa em coisas de centenas de anos atrás que a deixaram com vergonha, e o constrangimento volta com tudo. Como a vez em que ela e a prima Shirin fingiram que Barbie e Ken estavam transando e tia Bahar entrou no quarto. Shirin disse imediatamente que tinha sido ideia de Minoos. E tinha sido mesmo. Tia Bahar riu, mas Minoos ainda tem vontade de se esconder embaixo de uma pedra toda vez que se lembra.

Linnéa de repente dá uma risadinha.

— O que foi? — pergunta Minoos.

— Você está com uma cara engraçada, só isso.

Minoos abre um sorriso hesitante.

— Isso aí é café? — pergunta Linnéa.

— Quer um gole?

Ela vai até Linnéa, que pega a garrafa térmica e a vira de uma só vez.

— Ops. Acho que tomei tudo — diz Linnéa, com um sorriso.

— Tudo bem.

Linnéa enfia seu caderno em um dos bolsos da jaqueta desproporcionalmente grande.

— Este grupo está começando a ficar com muita gente detestável. Não sei se consigo ouvir aquela mulher sem estrangulá-la.

Minoos não sabe o que responder.

Depois da reunião na sala da diretora, os dias transcorreram tranquilamente bem, como não acontecia havia muito tempo. Enfim elas têm alguém para lhes mostrar o caminho. Ela não precisa se preocupar com demônios, e pode se concentrar em fazer os deveres de casa e em sofrer por Max.

Minoos sabe que Linnéa acha que a diretora deixou Elias e Rebecka morrerem, mas ela mesma não tem certeza. Deve haver outros motivos que elas desconhecem. Ela não acredita que alguém ia deixar duas pessoas morrerem só porque há regras a seguir.

Minoos quer dar uma chance à diretora. Não há alternativa, e ela deseja saber mais. E torce para que a diretora descubra que Minoos também tem um poder.

— Você acha que tem algum poder, só não descobriu ainda qual é? — pergunta ela a Linnéa.

Linnéa a encara.

— Por quê? Você acha?

— Não. Mas eu estava pensando nisso, já que todo mundo parece ter... Você sentiu alguma coisa?

Os olhos de Linnéa se voltam para a entrada do parque de diversões, e a garota vê Vanessa chegando. Ela está com uma jaqueta leve demais, como se não quisesse aceitar a chegada do inverno. Vanessa deve achar que as estações deveriam se adaptar a ela, não o inverso. Minoos

sorri consigo mesma.

— Minha nossa, que ressaca — diz Vanessa, arrastando-se pelo palco aos suspiros. Quando percebe a garrafa térmica, seus olhos reluzem. — Isso aí é café?

— Está vazia — diz Linnéa.

Vanessa revira os olhos.

— Minha nossa, que merda de manhã — diz ela, e se senta ao lado de Linnéa.

Minoo percebe como as duas estão próximas. Devem ter virado amigas.

— Cadê a Vossa Bruxulência? — pergunta Vanessa, enfiando um chiclete na boca. — Achei que ela já estaria aqui esperando, de chicote na mão.

Linnéa dá uma risadinha. Ela e Vanessa começam a falar dos amigos em comum. Não demora e estão totalmente absortas no papo. Não é que queiram excluir Minoo de propósito, mas também não fazem nada para incluí-la. Como sempre, ela não sabe o que dizer para se intrometer sem parecer uma sabichona precoce ou uma irmãzinha chata.

Minoo se senta no coreto e pega o livro de biologia da mochila. Finge que está lendo, mas só consegue pensar no quanto sente falta de Rebecka.



O ponto de ônibus é feito de aço corrugado vermelho. Alguém teve a ideia de pintar janelas na estrutura, com vista para um jardim florido. Logo a palavra PUTA apareceu em canetinha preta sobre as flores. Anna-Karin sempre achou que a palavra fosse para ela.

Apenas dois ônibus passam por ali aos sábados, mas a diretora disse que ia buscá-la. Anna-Karin não ousou recusar. Aquela mulher dá medo. Ela teme que Adriana Lopez adivinhe o que ela fez com a mãe só de olhá-la.

Anna-Karin não dormiu nada à noite. Assim que fechou os olhos, viu a panela de água fervente e as mãos da mãe. É óbvio que não queria que ela se machucasse. Claro que não.

O mais assustador, porém, é que Anna-Karin não sabe como seu poder influencia a mãe. No início, ela o usava com tanta frequência que perdeu o controle. O poder passou a agir sozinho, como uma bola de neve rolando barranco abaixo. É a mesma coisa com Julia, Felícia e os outros no colégio. Exceto Jari. Nele, Anna-Karin ainda tem que usá-lo conscientemente.

Um carro azul-escuro que parece caro vem na direção dela. A diretora está ao volante. Anna-Karin sente um frio na barriga.

Recomponha-se, Anna-Karin.

O carro encosta no meio-fio. A garota se levanta e abre a porta do carona.

— Olá — diz a diretora, com um sorriso frio. — Desculpe o atraso.

— Tudo bem — balbucia Anna-Karin, e entra.

— Precisamos conversar — diz a diretora enquanto acelera.

Ela tem novamente aquela sensação ruim no estômago. Anna-Karin não consegue olhar para a diretora, então fica encarando o para-brisa, o céu cinzento, as árvores sombrias e a sinalização da estrada.

— Você está abusando de seus poderes — diz a diretora —, como bem sabe.

— Eu não...

— Não é uma pergunta. É uma constatação. Há circunstâncias atenuantes, já que não havia quem lhe guiasse. Mas regras são regras. É minha função informá-la que o Conselho abriu uma investigação.

— Investigação?

— Você está cometendo um crime, Anna-Karin.

Anna-Karin se vira para ela. Ela está sentada ali, com seu rosto perfeito, seu casaco perfeito, no carro perfeito. E está julgando Anna-Karin.

— Vocês não entendem nada. Nem a senhora nem aquele Conselho.

A diretora solta um longo suspiro. Elas seguem em silêncio, passando pela área nobre de Engelsfors. A diretora estaciona em frente a uma grande casa verde.

— Você ainda não é considerada culpada, mas precisa parar imediatamente.

— Eu faço o que eu quiser.

Anna-Karin está em parte fascinada com o quanto consegue ser grossa com alguém que lhe dá calafrios.

A diretora lhe dirige um olhar penetrante.

— Anna-Karin, responda sinceramente: você acha que consegue parar?

— Claro. Mas não estou fazendo nada de errado — diz, teimosa.

A diretora abre um sorriso desdenhoso.

— Conversamos melhor depois. Ali está Ida.

Anna-Karin vê uma silhueta loura correndo na direção delas. Ela afunda no assento e olha para as mãos. Não vai deixar que Ida perceba o quanto está assustada.

Às nove e meia, elas ouvem os pneus de um carro esmagando o cascalho. Mínoo deixa o livro de biologia de lado e se levanta quando um Mercedes azul-escuro estaciona no parque de diversões.

Assim que o carro para, Anna-Karin desce e marcha furiosamente em direção ao coreto.

Fica longe das outras, de braços cruzados.

— Oi — diz Mínoo, mas Anna-Karin só olha para o chão.

— Bom dia — diz a diretora, que caminha em direção a elas com Ida ao lado.

Ida está rangendo os dentes, tanto que Mínoo fica se perguntando se ela ainda consegue abrir a boca por vontade própria.

— Deve ter sido uma viagem agradável — diz Linnéa.

Vanessa dá uma risadinha, mas Mínoo fica irritada. Elas não podem levar isso a sério?

Adriana Lopez vai até o meio do coreto, seu casaco longo de inverno esvoaçando ao redor de seus pés. Está usando luvas de couro e um elegante gorro de pelo. Mínoo pensa, admirada, que ela parece uma personagem de um romance russo do século XIX. A diretora segura uma bolsa de couro preta, que deixa ao lado.

— Sinto muito pelo atraso — diz ela. Então se dirige a Ida, que parou nos degraus do coreto:

— Venha para dentro do círculo.

Mínoo fica se perguntando do que a diretora está falando. Quando entende, fica irritada com a própria burrice. O coreto é um círculo.

Ida sobe, evidentemente relutante.

— Vamos esquentar as coisas, que tal? — diz a diretora. Ela olha para Vanessa e Linnéa. — Sugiro que você duas desçam do palco.

As duas se levantam devagar. Mínoo conclui que estão tão curiosas quanto ela, mesmo que tentem esconder.

A diretora pega do bolso um pequeno cilindro negro, parecido com um batom, e tira a tampa. Quando ela desenha um círculo no meio do coreto, Mínoo se lembra de ter visto alguns dos símbolos na casa. Tenta fazer contato visual com Vanessa, mas ela está olhando para a diretora.

Totalmente concentrada, Adriana Lopez desenha um símbolo no centro do círculo. Quando se ergue, ela tira uns fios brancos grudentos do marcador e põe a tampa de volta.

— O que é isso? — pergunta Vanessa.

— Ectoplasma — responde a diretora com frieza.

Mínoo se pergunta se isso tem algum significado extra para as outras e não para ela.

A diretora pega um livro da bolsa. Tem capa de couro negro gasta e é do tamanho de um livro comum. Ela o abre e pega um objeto brilhoso que escondeu sob o casaco. Parece uma lupa de prata, presa a uma longa corrente que ela usa no pescoço. Ela gira a lente da lupa, como se fosse ajustar o foco do binóculo, e a leva ao olho.

Mínoo fica aguardando que ela comece a entoar um feitiço, mas ela só balbucia consigo mesma. De repente, uma chama se acende dentro do círculo.

Não é uma labareda qualquer, pois tremula em tons variados de azul, de cobalto na parte de baixo a azul-celeste no alto. Mínoo leva um instante para entender o que torna a chama tão misteriosa. Não é pelo azul, nem por estar queimando a alguns centímetros do chão, mas porque é completamente silenciosa. Depois de alguns segundos, ela sente o rosto se aquecer.

A diretora tira o casaco, chapéu e luvas, e solta tudo no chão, em uma pilha organizada ao lado do corrimão. Por baixo ela veste um terno cinza-escuro de corte impecável.

Mínoo também tira o casaco e o deixa no chão. Agora nota que o ar no pavilhão está tremeluzindo. Ela estica a mão cautelosamente e encontra uma leve resistência, como se houvesse tocado uma membrana invisível.

— Tente — diz a diretora.

Mínoo se vira. A diretora assente, incentivando-a. Mínoo tenta de novo — e atravessa a membrana. Do outro lado, o ar está frio.

— Um círculo externo — diz a diretora, e faz um gesto amplo em torno do coreto circular, então aponta para o círculo menor, onde queima a chama — e um interno. O círculo externo nos une. O círculo interno guarda a fonte de poder.

— *Qual é a fonte de poder?* — pergunta Vanessa.

— O símbolo no círculo interno.

— Mas que tipo de símbolo é esse?

— Um passo de cada vez. E vocês devem confiar em mim.

— Claro — diz Linnéa em tom de ironia. — Enquanto isso, a gente é assassinada.

— Eu já lhes expliquei a situação. E há outra questão que o Conselho me pediu para esclarecer.

Mínoo pega o caderno e a caneta que sempre carrega consigo. Sim, ela é mesmo nerd.

— De acordo com a profecia, a força maligna não consegue localizar a Escolhida, pelo menos não até estarmos diante da grande batalha. E isso ainda vai levar anos. Achamos que vocês tivessem algum tipo de proteção mágica, que fossem imunes ao mal.

— A senhora então afirma que a grande batalha vai demorar anos para acontecer — diz Mínoo, anotando. — Quantos?

— Não se sabe. Pelo menos dois, mas provavelmente em torno de dez, de acordo com nossos cálculos.

— Então talvez o Armagedom aconteça quando sairmos do colégio. Que incentivo para tirar notas boas — diz Linnéa.

— Isso não tem nada a ver com o apocalipse bíblico — diz a diretora, seca.

— Pode nos dizer contra o que a gente vai lutar nessa batalha? Já não está na hora de a gente ouvir essa profecia? — insiste Vanessa.

— Não é tão simples assim.

— Por que você nos trouxe aqui se não vai responder a nenhuma pergunta? — pergunta

Linnéa.

— Já chega. — A diretora ergue a mão. — Talvez Nicolaus permita que vocês o importunem desta forma, mas vocês não vão chegar a lugar nenhum fazendo isso comigo. Estou aqui para ensiná-las a dominar e desenvolver seus poderes, mas vocês se comportam como crianças. Não posso ensinar fundamentos de magia a crianças.

Ninguém reage.

— Seus poderes são uma dádiva maravilhosa — prossegue a diretora —, mas também podem ser perigosos, para vocês e para outros. Seus dons ainda estão engatinhando, mas, quando amadurecerem, vocês terão dificuldade de controlá-los.

Ela se volta para Vanessa:

— Um dia você vai ficar invisível e descobrir que não consegue reverter o processo. Pode ser forçada a passar a vida como uma sombra.

Vanessa para de mascar o chiclete na mesma hora.

Deve ser o maior pesadelo de alguém tão apaixonada pela própria imagem, pensa Mino.

— O mesmo vale para as demais — diz a diretora. Ela deixa seu olhar se demorar em Anna-Karin antes de passar a Ida, Mino e Linnéa. — Mesmo aquelas cujos poderes ainda não se revelaram.

Talvez Mino devesse se sentir assustada, mas esse “ainda” a deixa feliz. Talvez ela tenha um poder. A diretora parece achar que sim.

— Sempre houve certa dose de magia no mundo. E com o passar do tempo as fronteiras que separam nosso mundo dos outros variaram a força.

— Quais “outros mundos”? — interrompe Vanessa.

— Nosso mundo não é o único. Há outros, incontáveis. Não me interrompa de novo — diz a diretora em tom severo. — Nos últimos séculos, vivemos uma estiagem de magia com acessos ocasionais. Um desses acessos aconteceu há trezentos anos. Seus sonhos devem estar canalizando o que aconteceu naquela época.

— Como a senhora sabe dos nossos sonhos? — pergunta Vanessa.

— Meu corvo viu e ouviu tudo o que foi dito na noite de seu despertar. É opinião do Conselho, e minha, que quem falou por intermédio de Ida naquela noite foi a Escolhida do século XVII.

— Quem era? — pergunta Mino. — E o que aconteceu com ela?

— Não sabemos. A igreja e o presbitério pegaram fogo em 1675, e muitos documentos importantes se perderam. — A diretora lhes dirige um olhar solene. — Se comparei os últimos dois mil anos a uma estiagem de magia, então o que está por vir se assemelha a uma enchente. Pessoas com poderes como os de vocês são incrivelmente raras, mas agora têm aparecido em diversos lugares do mundo. A batalha que está por vir pode afetar toda a nossa realidade.

— É por isso que Nicolaus falou de nosso destino — diz Anna-Karin.

A diretora franze os lábios.

— Prefiro chamar de tarefa.

— Então a senhora está dizendo que o destino do mundo vai ser decidido em Engelsfors? —

pergunta Vanessa.

— Eu sei, é difícil de imaginar — diz a diretora, com um pequeno sorriso —, mas talvez seja isso mesmo. Este lugar tem um alto nível de atividade mágica, que vai continuar crescendo.

Minoo ouve, fascinada.

— Então não existe magia em qualquer lugar?

— Não. — A diretora lança um olhar de aprovação para Minoo, como se tivesse achado aquela uma boa pergunta. — Acreditamos que a energia possa vir a se espalhar por regiões maiores, mas no momento estamos diante de fenômenos bem localizados.

— Quer dizer que nossos poderes não vão funcionar em qualquer lugar? — pergunta Vanessa, pensativa. — Por exemplo, se eu for para Ibiza no fim do ano, lá eu posso ficar invisível?

— Ibiza, por acaso, tem alto nível de atividade mágica — responde a diretora —, mas você entendeu corretamente. O poder não vem de dentro de vocês. Vocês têm que estar conectadas, por assim dizer, a uma fonte. E a fonte está aqui. Vocês precisam de Engelsfors, assim como precisam uma da outra, e assim como Engelsfors precisa de vocês. Ainda não sabemos por que havia... por que vocês eram sete. Mas, juntas, vocês formam um círculo. Faz eras que as bruxas atuam em círculos. Vocês não vão conseguir fazer nada de importante se não aprenderem a trabalhar juntas.

Ela está enganada em reduzir aquilo a uma “tarefa”, pensa Minoo. “Destino” parece uma definição melhor.

Rebecka tinha entendido isso. É algo muito maior do que elas, um dever que estão destinadas a cumprir. De qualquer forma, elas estão ligadas a Engelsfors. E uma à outra.

— Mais alguma pergunta? — indaga a diretora.

Todas ficam em silêncio.

Ela sorri de satisfação.

— Ótimo — diz. — Vamos falar de magia. Teoria e prática.

— Esqueçam tudo o que pensam que sabem sobre magia e o mundo sobrenatural — diz a srta. Lopez. — Vocês estão enganadas, posso garantir. Nós fazemos com que seja assim.

— Como assim? — pergunta Linnéa.

— Entre outras coisas, o Conselho possui um departamento especial responsável por verificar cada informação disponível na internet. Pode até haver grãos de verdade no que se encontra por lá. Há verdades sobre magia escondidas no folclore e nas tradições, mas que ficam tão misturadas a ideias absurdas que acaba sendo quase impossível distinguir uma coisa da outra. Nós retiramos da rede tudo o que for próximo demais da verdade, e deixamos só o lixo, para despistar. Os lunáticos e amadores, na verdade, nos prestam um grande serviço.

— Então vocês também censuram? — pergunta Linnéa, e seu tom de voz mostra desdém.

— Estamos adentrando uma nova era de magia, então precisamos controlar todo o conhecimento existente. Você não imagina o perigo que isso poderia causar se caísse nas mãos erradas.

Mas Linnéa é irredutível:

— E quem decide quais são as mãos erradas? Você e o Conselho? Quem supervisiona *vocês*?

A diretora dá um sorriso forçado.

— *Quis custodiet ipsos custodes?* Quem nos protege de nossos protetores? Os antigos filósofos fizeram essa mesma pergunta, e não vou discuti-la agora com vocês.

Mínoo lança um olhar suplicante para Linnéa, que responde com uma careta. Mínoo quer ordem, e não mais caos ainda.

A diretora abre sua bolsa, retira dali de dentro cinco livros pretos idênticos e cinco lupas de prata e entrega tudo para as adolescentes.

Mínoo pega o livro e o acha absurdamente pesado para algo tão pequeno. Depois examina a lupa: é segmentada em oito partes, das quais seis são muito finas, como um metal canelado, e ajustáveis.

— Este é o *Livro dos padrões* — explica a diretora. Erguendo a lupa, ela continua a explicação: — E esta é uma das ferramentas que temos para interpretá-lo. Esta é a outra — completa ela, e dá um tapinha na têmpora.

Vanessa solta um grunhido.

— Abram seus livros — instrui a diretora.

Mínoo abre o seu.

Há seis símbolos alinhados na primeira página.



Ela vira a página. Depois outra, e mais outra.

— Não estou vendo padrão nenhum — diz Ida.

É a primeira vez que ela se manifesta hoje.

Minoo não fala nada, mas concorda com Ida. As páginas estão cheias de símbolos incompreensíveis de tamanhos variados. Alguns parecem seguir determinada ordem, enquanto outros parecem dispostos de modo aleatório. Há páginas em branco. Parece o teste de Q.I. mais difícil do mundo, e Minoo fica sem saber o que fazer.

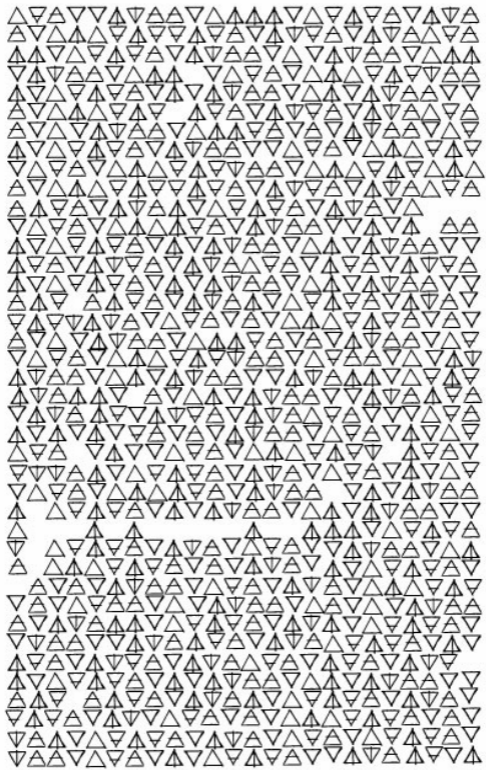
— Seis símbolos organizados em constelações mágicas — diz a diretora. — Só é possível aprender o significado deles por meio de uma reflexão profunda e continuada, e com o auxílio disto aqui.

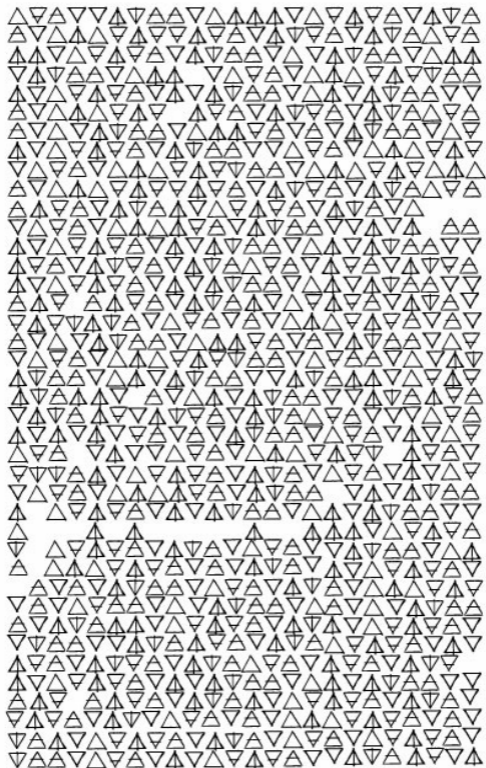
Ela ergue a lupa mais uma vez.

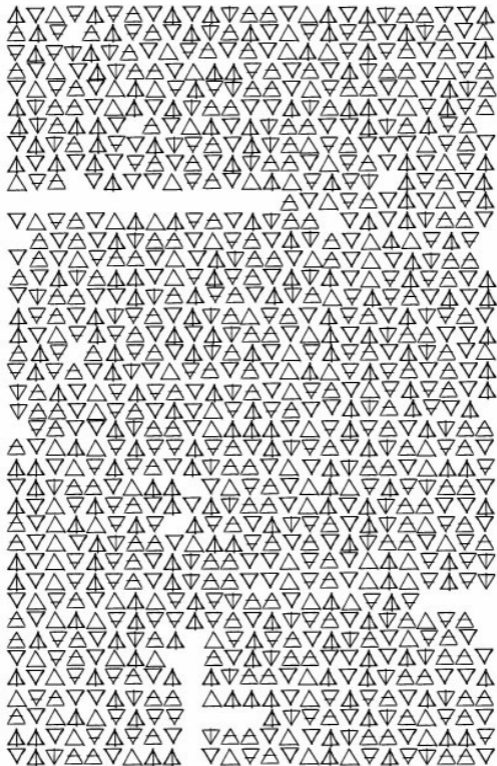
— O Visor de Padrões.

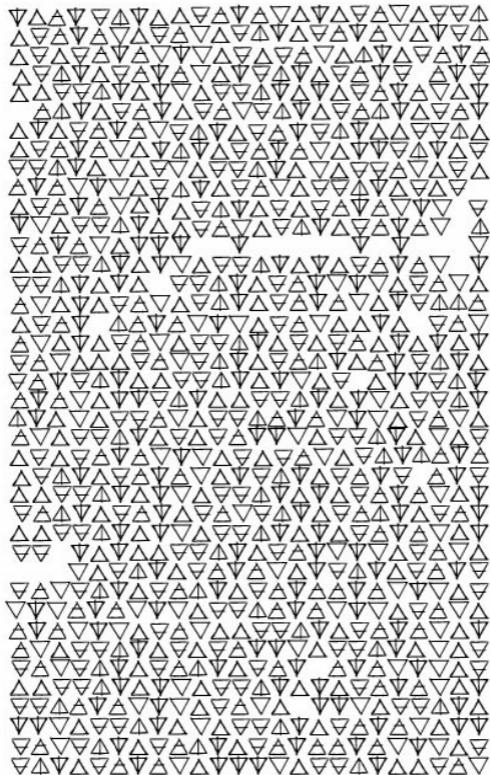
— Afinal, o que tem neste livro? — pergunta Anna-Karin.

— Depende de quem estiver lendo — responde a diretora. — Nenhuma bruxa enxerga o mesmo que a outra. O *Livro dos padrões* funciona como transmissor e receptor. A bruxa que o lê precisa saber o que procura. Só então o livro vai mostrar o que ela precisa ver. É como achar a frequência certa em um rádio antigo.









— E o que se usa para sintonizá-lo é... isso? — pergunta Ida.

— Sim. Mas ele é inútil se seus sentidos não estiverem focados na busca. — A diretora assume uma expressão sonhadora. — Muitas vezes o livro sabe do que precisamos mais do que nós mesmas. É como se pudesse enxergar nossas almas.

— Bregaaaaa — cantarola Vanessa.

A diretora a fuzila com o olhar.

— Pelo contrário. O livro contém todo o conhecimento de que uma bruxa pode precisar. O que você enxerga depende tanto do nível de desenvolvimento de seus poderes quanto de a que símbolo você pertence. Ele contém fórmulas e ritos mágicos, profecias e contos do passado.

— Quer dizer que a nossa profecia está escrita assim? — questiona Linnéa, apontando para uma página na qual parece que os símbolos foram bagunçados por um tornado.

Adriana Lopez assente.

— É por isso que não é possível simplesmente ler a profecia a vocês. Quando chegar a hora, vocês vão conseguir enxergar, mas não vão enxergá-la da mesma forma.

— Então como a *senhora* sabe o que a profecia diz? — pergunta Mínoo. — Já que todo mundo enxerga de um jeito diferente.

— Várias gerações de bruxas leram a profecia e anotaram exatamente o que enxergaram. Os textos coincidem em diversos pontos. É uma questão puramente estatística.

— Então a maioria sempre tem razão? — pergunta Linnéa.

— Já percebi que você é uma filósofa — responde a diretora, mordaz.

Mínoo vê os olhos de Linnéa escurecerem e percebe que tem que intervir.

— O que foi mesmo que a *senhora* falou sobre os símbolos?

Adriana ergue os livros.

— Há seis símbolos neste livro, dispostos em constelações distintas. Eles lembram pictogramas asiáticos no sentido de poderem ter vários significados, e cada símbolo representa um conceito. Porém, para ficarmos em termos simples, vocês podem dizer que eles representam os seis elementos.

— Quatro — interrompe Ida, girando seu colar. — São quatro elementos.

A diretora dá um suspiro de irritação, e Mínoo fica aliviada de não ter falado antes de Ida.

— Como acabei de dizer, vocês devem esquecer tudo o que achavam que sabiam. O conceito dos quatro elementos foi proposto pelo filósofo pré-socrático Empédocles. Na China e no Japão fala-se em cinco elementos. Mas na verdade são seis. E toda bruxa está mais ligada a um elemento do que a outro.

Seis elementos, mas sete Escolhidos. O que isso quer dizer? Que duas delas têm o mesmo elemento? Ou será que uma ficou sem? Mínoo teme que tenha sido ela.

— A *senhora* sabe quais são os nossos elementos? — pergunta ela.

A diretora dirige ao grupo um olhar insondável.

— Sei. Os resultados da análise chegaram hoje. Por isso me atrasei. Quero começar dizendo que os poderes que vocês têm são típicos de seus respectivos elementos. Mas isso não quer dizer

que um dado poder não possa ser encontrado em vários elementos. Por exemplo, bruxos do ar e da água podem aprender a controlar tempestades. Bruxos do fogo e do metal são capazes de criar relâmpagos, mas não chuva. Há toda uma ciência em torno disso.

— Posso chutar? — pergunta Vanessa. — Eu sou do ar.

— Correto — responde a diretora.

— Quer dizer que eu posso aprender a voar?

— Depende de como seus poderes vão se desenvolver — responde a diretora com certa impaciência.

Faltam cinco elementos, pensa Mínoo.

— Com licença, mas agora *eu* posso adivinhar? — pergunta Ida. — Anna-Karin é terra?

— É.

Ida dá uma risada de desdém, que cessa abruptamente quando a diretora lhe dirige um olhar de reprovação.

Faltam quatro, pensa Mínoo, e começa a anotar.

— A terra é associada a uma conexão forte com a natureza e os seres vivos — prossegue a diretora, olhando para Anna-Karin. — E força. Tanto física quanto mental. Você, Ida, é metal.

Faltam três.

— A conexão de Ida com o elemento metálico a torna um conduíte perfeito, como se viu na noite de seu despertar. A arte da adivinhação e das premonições são suas habilidades naturais.

Por um maravilhoso instante a diretora olha para Mínoo antes de se voltar a Linnéa:

— Você, Linnéa, é água. Você poderá aprender a controlar os elementos em várias formas...

— Elias era o quê? — interrompe Linnéa.

— Madeira — responde a diretora. — É típico dos bruxos da madeira conseguir controlar e mudar de forma vários tipos de matéria viva. E Rebecka era fogo, assim como eu — conclui ela.

Mínoo costuma ter pesadelos nos quais está na escola e de repente percebe que está nua. É exatamente assim que se sente quando todas elas se voltam para ela. É a única que sobrou.

— Eu sou repetida? — pergunta ela. — Quer dizer, eu tenho o mesmo elemento que outra?

A diretora fica olhando para ela. Parece passar uma eternidade até Adriana responder:

— Não. Infelizmente não consegui ver sua ligação com nenhum dos elementos. Na prática, você nem deveria estar aqui.

É pior que os pesadelos em que ela descobre que está nua. Ela olha para o teto, como se alguém lá em cima pudesse salvá-la. A única coisa que vê é o ar levemente tremeluzindo sob o teto do coreto, de forma que parece haver um domo ali. Mais magia. Magia que ela nunca vai dominar.

— Que besteira — diz Linnéa. — Mínoo teve os mesmos sonhos que todas nós. Ela veio aqui na mesma noite que nós.

— Mínoo — diz a diretora.

Mínoo abaixa o olhar relutantemente para examinar a bela mulher morena, tão confiante em seu saber e autoridade.

— Eu não sei explicar. Assim como não sei explicar por que vocês são sete e não um. Tampouco o papel de Nicolaus. Mas tenho certeza de que vamos descobrir mais.

Nicolaus, pensa Mino. Eu e Nicolaus. Os fracassados. Os que não pertencem a lugar nenhum.

E Mino faz algo que nunca fez. Ela junta suas coisas no meio da aula e vai embora. Ignora os chamados de todas e põe-se a caminhar até chegar em casa.

Mino esperou o colégio inteiro para ser desmascarada. E agora aconteceu. Mino Falk Karimi é uma fraude. É um nada. Está confirmado, de uma vez por todas.



Lasanha — *faça todo dia virar uma festa!*, está escrito no alto da folha que Vanessa segura.

— Eca! Que nojo! Aqui diz que tem que colocar o fígado da galinha no molho — diz ela.

Evelina imita um som de vômito e finge que está enfiando os dedos na garganta.

Normalmente Vanessa riria, mas está nervosa demais. São tantos passos para seguir. Seu repertório normal de cozinha consiste em macarrão com ketchup ou ovo frito.

— Deve dar para deixar isso de fora sem que faça muita diferença na receita — diz ela, precisando desesperadamente de ajuda. — Ou precisa colocar mais picadinho?

— Como é que eu vou saber? — pergunta Michelle, sentando-se no chão e começando a coçar a barriga de Frasse.

Que grande ajuda, pensa Vanessa, e abaixa o fogo para que o molho bechamel não grude na panela.

— Peraí — diz Evelina —, você ficou puta porque a gente não comprou fígado de galinha?

Você não colocou na lista.

— Eu sei — diz Vanessa. Ela tenta não perder a paciência com a reclamação de Evelina. — Mas aipo estava na lista.

— Pelo amor de Deus, eu nem *sei* o que é isso.

Vanessa também não sabe, mas não tem a menor intenção de admitir. A frigideira chia quando ela acrescenta as cebolas.

— Não faz mal — diz ela. — Vai ter que dar certo sem.

— Onde você conseguiu essa receita? — pergunta Evelina. — Na Idade Média?

— Não dá para me dar uma ajuda?

Evelina arregala os olhos.

— Como é que é? Já fizemos as suas compras enquanto você arrumava as coisas. Ou já esqueceu?

— Que tal você calar a boca? — estoura Vanessa. Quando vê o rosto furioso de Evelina, ela se arrepende. — Desculpe! É que eu estou nervosa.

A expressão de Evelina se suaviza, compreensiva, e Michelle se levanta e vai até as duas.

— Diga o que eu tenho que fazer.

— Vai ficar tudo bem — diz Evelina.

Vanessa sente um amor enorme pelas amigas — as amigas de *verdade*, aquelas que ela mal tem tempo de ver —, mas então o estresse a domina de novo e ela volta à receita.

— Michelle, você pode descascar a cenoura e o aipo, mas não o aipo, por motivos que não vêm ao caso? Evelina, pode picar tudo bem picadinho?

Como boas soldadas, elas se posicionam em frente ao balcão da cozinha com os utensílios e as cenouras.

— Então, como você acha que vai ser? — pergunta Michelle.

Ela descasca na mesma velocidade em que fala, bem devagar, um puxão do descascador de cada vez. Vanessa sente vontade de arrancar a cenoura da mão dela, mas fica mexendo o molho lenta e cuidadosamente, tentando respirar no mesmo ritmo.

— Nicke odeia Wille. Ele acha que Wille é, sei lá, um total criminoso — conta ela. — E minha mãe acredita em tudo que Nicke diz. E odeia meu noivado.

É óbvio que a mãe só tolerou Wille até agora porque achou que o relacionamento não ia durar. Mas desde o noivado ela anda em pânico total e se tornou totalmente antiWille. Não para de falar que Vanessa é jovem demais para tomar decisões tão importantes, como se *ela* não tivesse tomado uma decisão bem mais importante quando tinha dezesseis anos e ficou grávida da primeira trepadinha bêbada que teve.

Vanessa espera que esta noite possa ser um novo começo. Ela vai preparar a maldita lasanha. Vai ficar uma delícia e todos vão ficar impressionados e achá-la muito mais adulta do que pensavam. E Wille vai encantar a mãe dela. Ele prometeu que vai se esforçar.

— Bom, Wille é traficante — lembra Michelle. — Tipo, Nicke o prendeu.

— Não foi por tráfico. Foi por fumar maconha no Parque Storvalls — contesta Evelina.

— Minha mãe acha que se você fuma uma vez vira viciado em crack no dia seguinte — diz Michelle. — Ela sempre acha que eu estou me drogando. Tipo, quando fico meio cansada ela já vem com “você está usando drogas?”, ou se estou chateada ou alegre demais, “você está drogada?”. Fica de olho em mim sempre que eu me comporto de um jeito que na cabeça dela não é normal.

— Meus pais são iguaizinhos — diz Evelina.

— Devem ter saído da mesma fábrica que minha mãe — diz Vanessa.

Michelle sorri. Começa a falar do novo corte de cabelo que está pensando em fazer, e então ela e Evelina se começam uma discussão profunda sobre os prós e contras da franja. Vanessa se controla para não gritar de tédio.

Normalmente o cabelo de Michelle seria um assunto normal de conversa; não tão empolgante, mas aceitável. Agora anda difícil para Vanessa demonstrar algum interesse nesses assuntos quando tem tantos itens na lista de coisas a fazer. Ela tem que (1) salvar a cebola, prestes a queimar na frigideira; (2) salvar seu futuro com Wille preparando a lasanha perfeita; e (3)

salvar o mundo.

A última coisa deveria ser seu foco principal, mas, comparada às outras, no momento não parece a mais urgente.

Frasse cruza o corredor latindo sem parar quando a campainha toca. Seu rabo fica batendo nos pés de Vanessa enquanto ela abre a porta. É Wille, trazendo um buquê de flores. Seu cabelo está penteado para trás, e ele veste uma calça jeans preta e uma camiseta preta por baixo da jaqueta. Parece um adulto, distinto e até meio bem-vestido demais. O coração dela se derrete. Ele realmente se esforçou por ela.

— Trouxe até flores?

— Para sua mãe — diz Wille, e deixa Frasse lambe sua mão.

Vanessa o beija alegremente na boca.

— Você é o melhor — sussurra ela, e quase tropeça no cachorro ao voltar para a cozinha.

A mãe e Nicke estão sentados à mesa, aguardando. Seus rostos estão rígidos e cheios de reprovação, e continuam assim quando Wille entra. Melvin, sentado no chão e brincando com Legos, é o único que sorri.

— E aí, pirralho? — diz Wille, passando a mão no cabelo de Melvin. Então estende as flores para a mãe de Vanessa. — Obrigado por me convidar para jantar.

— Foi Vanessa que convidou... Obrigada — agradece ela em tom mecânico, e tira o embrulho com uma explosão de ruídos.

Wille aperta a mão de Nicke, que se recosta na cadeira e olha para ele com um sorrisinho condescendente. Vanessa sente ódio disso, mas não diz nada. Com este jantar, ela quer provar que é adulta, não importa o que a mãe e Nicke achem.

A mãe procura no armário por um vaso apropriado. Enche-o de água e põe as flores dentro. São gérberras, as preferidas de Vanessa. Parecem flores de desenho animado.

— São muito bonitas — diz a mãe, e põe o vaso na mesa que Vanessa já preparou para o jantar.

— Fico feliz que tenha gostado — responde Wille.

Um silêncio desconfortável toma conta da cozinha, e Vanessa fica contente em ter o que fazer. Ela põe um par de luvas térmicas. O ar quente atinge seu rosto quando ela abre o forno. A travessa da lasanha está tão quente que quase a queima mesmo com as luvas. Ela morde os lábios para não soltar um monte de palavrões e larga a travessa sobre o forno com um leve estrondo.

— O cheiro está bom — diz Wille.

— Vanessa passou o dia na cozinha — diz a mãe —, e as meninas vieram ajudar.

— Eu nem sabia que você cozinhava — diz Wille a Vanessa.

— Nem eu — diz ela, cortando pedaços da lasanha.

Está borbulhando e chiando nos cantos, e o queijo no topo ficou marrom-escuro, mas Vanessa encontra uma resistência inesperada ao tentar cortá-la. Ela torce para que seja a faca

que esteja cega. A lasanha passou um bom tempo no forno.

Ela pega alguns talheres da gaveta e os posiciona na salada.

— Que apartamento bonito — diz Wille.

Que coisa mais adulta de se dizer. Vanessa fica comovida com a tentativa dele de iniciar uma conversa, mas sua mãe e Nicke não querem colaborar.

— Bom, pelo menos temos um teto sobre nossa cabeça — diz a mãe por fim.

— Mas é muito bonito. Gostei do papel de parede... — A voz dele vai diminuindo até sumir.

Por sorte, Melvin começa a choramingar porque está com fome. A mãe o coloca na cadeirinha de bebê e diz que o jantar está pronto. Ele bate palmas e todos riem, ainda um pouco tensos.

Por fim, a lasanha está soltando fumaça no meio da mesa. Salada, pão e manteiga estão ao alcance de todos. Vanessa se senta. Serve o primeiro pedaço para Wille. Afinal, ele é o convidado.

— Parece deliciosa — diz a mãe, quando Vanessa lhe passa um prato cheio.

— Você não estava de dieta, Jannike? — pergunta Nicke, e Vanessa controla a vontade de gritar com ele.

Ela olha nervosa para Wille enquanto ele leva o garfo à boca. Para seu horror, ela acha que ouve um *crec* quando ele começa a mastigar. Ele faz uma cara estranha, e Vanessa não sabe dizer se é porque a comida está muito quente ou muito ruim.

— Acho que devíamos fazer um brinde a meu noivado com Wille — diz ela. — Sei que nem todo mundo aqui está feliz como nós, mas espero que mudem de ideia.

A mãe ergue o copo. Dá um sorriso rápido, como se quisesse que aquilo acabasse logo.

— Parabéns — diz ela.

Nicke faz um breve aceno no ar com sua cerveja, toma um grande gole e segura um arrote, que vai soltando lentamente com os lábios comprimidos.

Wille está tomando refrigerante, assim como Vanessa, tudo para enfatizar que é um jovem bem-comportado. Ela toma um gole e olha para ele do outro lado da mesa. Ele mastiga cuidadosamente e sorri para ela. A atmosfera está mais tensa do que nunca. Até Melvin parece notar. Ele está mexendo na comida com seu garfinho.

Nicke e a mãe de Vanessa estão comendo, olhando para os pratos como se eles tivessem algo de fascinante, quem sabe uma passagem secreta que leva até a China. O tinir dos talheres parece mais alto do que o normal. *Clic. Raspa. Tic. Clic. Raspa. Tic. Raspa. Clic.*

Vanessa não está com muito apetite, mas corta um pedacinho da lasanha e coloca na boca. Está dura, difícil de mastigar e sem gosto. Se bege tivesse um sabor, seria o dessa lasanha. Ou talvez cinza.

— Isso aqui está intragável — diz ela, e afasta o prato.

— Como assim? Está ótimo — fala Wille.

— Aham — concorda a mãe, de boca cheia.

— Eu vou repetir — diz Wille.

Nicke vai até a geladeira e volta com ketchup, e quase esvazia a embalagem inteira no prato.

— Então — diz ele —, onde você trabalha, Wille?

Wille olha para Vanessa. Nicke sabe que ele não tem emprego.

— Está difícil conseguir alguma coisa nesta cidade.

— É, eu imagino. Você terminou o colégio sem nenhuma qualificação, não é? — diz Nicke.

— Eu passei nas provas — diz Wille.

Ele parece envergonhado, pois passou raspando. Vanessa queria que ele estivesse sentado ao lado dela, para poder apertar a mão dele bem forte sob a mesa.

A mãe limpa a garganta.

— Como está Sirpa?

— Tudo bem. Só um probleminha no pescoço.

— Ah, que pena — diz a mãe.

Vanessa se pergunta se a mãe está pensando na mesma coisa que ela. Que Vanessa disse que preferia ter Sirpa como mãe.

— O emprego dela é bem pesado — diz a mãe de Vanessa. — Parece até que ela mora naquele supermercado. Não interessa a hora que eu vá, ela está sempre no caixa.

— É mais difícil do que parece — comenta Wille.

Nicke passou o tempo inteiro da conversa olhando para Wille com desprezo. Agora ele se vira para a mãe de Vanessa e diz em um tom completamente normal:

— Claro que ela trabalha sem parar. Tem que sustentar um filho adulto. Um jovem forte, sadio. Ela vai estragar a coluna só por ele.

O silêncio que se segue é tão tenso que até Melvin para de brincar com a comida e ergue os olhos. Estão arregalados e absorvem tudo.

— Não precisava ter dito isso — diz a mãe de Vanessa a Nicke.

Mas ela não parece incomodada. Não diz como se fosse um “que injustiça, não concordo”, mas mais um “isto é o tipo de coisa que se diz quando a pessoa não está presente”.

— Como eu disse — fala Wille baixinho —, está difícil achar emprego nesta cidade.

— Não tem nada impedindo você de se mudar — diz Nicke. — Tem?

Nicke olha para Vanessa, mas ela se recusa a encará-lo. Ela olha para Wille. Eles pertencem um ao outro. Ela nunca havia tido esta sensação até agora. São eles contra o mundo. E por que, se pergunta Vanessa, ela deve ficar ali sentada, quietinha, toda polida e madura, quando os ditos adultos estão bancando as criancinhas implicantes?

As flores que Wille trouxe de repente parecem patéticas no meio da mesa.

A garota se volta para Nicke:

— Você não podia fingir que é um ser humano normal só desta vez?

— Por favor, não vão começar a brigar agora — diz a mãe dela, como se fosse Vanessa quem estivesse criando caso.

A raiva toma conta de Vanessa. Ela não consegue mais segurar. É muita injustiça, não dá para acreditar.

— Com licença, mas por acaso você não notou como Nicke está se comportando desde que o jantar começou? E, quando eu digo alguma coisa, sou eu que provoco?

— Vanessa...

— Você sempre fica do lado dele! Que belo time, você e Nicke. Nunca fazem nada de errado. Eu sou sempre a culpada de tudo, sou a pedra no seu sapato.

— Temos visita — diz a mãe.

— Ah, ok! Agora, de repente, você notou que temos visita! Mas quando Nicke ataca *meu noivo*, tudo bem, não é?

— Não foi o que eu disse.

É um dos bordões da mãe dela, geralmente acompanhado de um olhar triste. Ela se acha esperta pra cacete: fica dando indiretas e depois se faz de vítima e de inocente quando é acusada.

— Mas que merda! — berra Vanessa. — Não sei como que eu fui ter esta ideia de um jantar de comemoração, convidar Wille e achar que alguma coisa ia mudar. Vocês já estão decididos.

A mãe a observa com olhos arregalados, ofendidos.

— Você só fica aí parada, tendo pena de si mesma — prossegue Vanessa —, mas sou eu a obrigada a conviver com esses caras medíocres que você traz para casa. Wille é melhor do que qualquer homem que você já teve. Ele é mil vezes melhor que este traste aí! — diz ela, apontando para Nicke sem lhe dirigir o olhar.

— Nessa braba — diz Melvin.

— Estou braba mesmo — fala Vanessa, olhando para o irmãozinho. — E você também vai ficar brabo quando crescer e souber os pais que tem.

— Acho melhor eu ir embora — diz Wille.

— Fique sentado aí — diz Vanessa. — Esta casa também é minha.

— Eu concordo com Wille — diz Nicke. — É melhor ele ir embora.

— Não, é melhor *você* ir embora!

— Já chega, cacete! — grita Nicke, e dá um soco na mesa.

Melvin começa a chorar, e Vanessa corre para pegá-lo no colo, mas sua mãe chega antes. Ela o tira da cadeirinha, vira o rosto dele para seu peito e faz carinho na cabeça do bebê. O choro se transforma em berros estridentes, de partir o coração e furar os tímpanos.

— Passou, passou — diz a mãe com um olhar de acusação para Vanessa.

— Não fui eu que o assustei!

— Já chega, Vanessa — retruca a mãe. — Wille, é melhor você ir embora.

— A gente se vê por aí — diz Nicke, com um sorriso afetado. — Na delegacia, sem dúvida.

— Obrigado pelo jantar — diz Wille.

Ele se levanta da cadeira e leva o prato até a pia.

— Eu vou junto — diz Vanessa.

— Você não vai a lugar algum antes de conversarmos — fala a mãe mais alto que os berros de Melvin.

Vanessa olha para ela e sente uma onda de puro ódio atravessá-la.

— Vai se foder — diz ela, e vai para a entrada, onde Wille está calçando os sapatos. Ela coloca os seus, veste uma jaqueta e pega a bolsa.

— Se você sair agora, não precisa mais voltar! — berra a mãe.

— Eu não vou voltar! — retruca Vanessa.

— Nessa, não vai! — grita Melvin.

Ela quer tapar os ouvidos. Não quer ouvi-lo agora. Ela ama Melvin demais. Mas precisa se esforçar para ser dura e fria.

Vanessa desce a escada atrás de Wille, olhando para a nuca dele. Ela pode estar saindo de casa pela última vez. Mas está convencida de que aquilo vale a pena — de que *ele* vale a pena.

Mínoo já fantasiou bastante andar por esta rua. O que a impediu até agora é que ela sabe o quanto seria patético. Hoje, porém, parece o dia perfeito — ela se encontra em um estado tão deplorável que não se importa em se humilhar um pouco mais. Não tem mais nada a perder.

Dos dois lados da rua há construções idênticas de um andar, nas quais os poucos residentes tentaram desafiar a uniformidade colocando leques decorativos e lanternas de cores chamativas. Ela segue pelo lado par da rua, olhando para as casas de números ímpares. Para sob um poste, do outro lado da Uggelbovägen número trinta e sete.

Mínoo olha para a casa amarela. Tem telhas e uma grande chaminé preta. A porta da frente é ladeada por duas janelas: à esquerda, uma janelinha de banheiro quadrada com vidro fosco, e, à direita, uma maior com a veneziana fechada. Está escuro lá dentro.

Ela tenta adivinhar o que Max faz quando chega em casa à noite, imagina-o caminhando até a porta, destrancando-a e entrando em casa... Mas parece que sua imaginação parou de funcionar. Ela não consegue vê-lo morando nesta casa. É comum demais. Qualquer um moraria ali.

Mínoo se lembra do que Rebecka disse naquele dia de outono: *Se você acha que existe alguma coisa entre vocês, deve ter razão.*

Rebecka bem que podia estar a seu lado agora. Mínoo nunca se sentiu tão sozinha.

Ela dá um suspiro e segundos depois está chorando. As lágrimas escorrem pelo rosto e molham seu cachecol. Ela funga, tira um lenço amassado do bolso da jaqueta e assoa o nariz.

— Mínoo?

Ela se vira e vê Max vindo em sua direção.

No fundo, era por isso que ela estava torcendo. Que hoje acontecesse alguma coisa com Max, fosse boa ou ruim, não interessa. E daí se ele rir dela, sentir pena dela? Não interessa, desde que a note.

— Oi — diz ela.

Max para na frente dela. O hálito dele cobre seu rosto com nuvens de vapor.

— O que você está fazendo aqui?

Os olhos dele a analisam. É impossível decifrar sua expressão.

— Saí para dar uma caminhada — responde Mínoo. — Não queria ficar em casa.

Pelo menos isso não é mentira.

— Algum problema?

Mínoo dá de ombros.

— É por causa de Rebecka? — pergunta Max.

— Aham.

Ela não ousa dizer mais.

Max assente, pensativo. Então dá uma olhada rápida para a casa do outro lado da rua.

— Eu moro ali.

— É mesmo? — diz Mínoo, desviando o olhar e torcendo para que ele não note que ela já sabia.

— Quer entrar?

Ela assente.

Eles atravessam a rua juntos. Ela mal consegue acreditar que está indo à casa de Max. Com ele.

Ele abre a porta e acende a luz do corredor.

— Posso guardar sua jaqueta?

Ela abre o zíper e ele a ajuda a tirá-la. Talvez fosse para ela se sentir mais adulta, mas ela se sente como uma criança na creche. Enquanto ele pendura a jaqueta, ela tira os sapatos e torce para que ele não note seus monstruosos pés tamanho trinta e nove.

— Quer chá?

— Sim, por favor.

Max entra na cozinha. Mínoo nota a porta do banheiro e entra.

Quando acende a luz, é recebida por azulejos cinza e um chão de linóleo azul. É um banheiro comum, sem nada de mais, mas ela está encantada porque é o banheiro de Max. Está cheio de pistas sobre quem ele é. Ele escova os dentes com uma escova elétrica, mas faz a barba com lâmina. Ele lava as mãos com sabonete líquido sem perfume. Ele compra pasta de dente em embalagem econômica. Talvez ela desvende um enigma importante se passar um bom tempo olhando estas coisas. Mas aí, é claro, ele ia começar a se perguntar o que diabos ela está fazendo ali dentro.

Mínoo se vira para o espelho e observa seu rosto sem maquiagem. Tão vermelho devido à acne quanto seus olhos de choro. Se não tivesse esta aparência tão grotesca, ela ousaria imaginar que Max ia gostar de recebê-la. Que ele não está apenas com pena por ela ser tão patética.

— Pare com isso — diz ela para si mesma, em voz baixa. — Saia daqui!

Ela abre a porta e para no corredor. Há música vindo de outro cômodo da casa. Um instante depois, Max aparece com duas xícaras de chá. Está tão acolhedor, tão amigável parado ali. Gostoso, também. Tão gostoso que ela sente as orelhas corarem. Ela se pergunta como seria beijá-lo. Beijar qualquer um, na verdade. Ela sente um formigar nos pulsos, e a força se esvai de seus braços.

Eu tenho que ir embora, pensa ela, antes que faça papel de boba.

— Você vem? — pergunta ele.

Ela o acompanha à sala de estar. É bem mobiliada e aconchegante. Há um sofá encostado na parede do fundo. À direita, prateleiras cheias de livros, filmes e alguns discos antigos. Na parede oposta, um pôster emoldurado de uma mulher com cabelo negro e ondulado com o rosto meio de lado. Ela usa um vestido drapeado de seda azul. Sua cabeça está inclinada levemente para baixo e sua expressão é séria e introspectiva. Parece estar sofrendo. Em uma das mãos traz uma romã,

e a outra segura o próprio pulso. Há algo de angustiante nessa pose. Minoos gosta da pintura de imediato. Sente que conhece aquela mulher.

Ela dá uma olhada nos livros. Uma seleção de títulos em sueco e em inglês. Minoos fica contente em ver que não são aqueles romances toscos que se vê nas estantes de *qualquer um* e que daqui a dez anos vão mofar no sebo.

— Gostou de algum?

O olhar dela se detém em *O amante*, e suas bochechas ficam vermelhas.

— Este é legal — responde ela, apontando para a lombada de *O lobo da estepe*. *Legal?* Ela merece um tapa. *Interessante, fascinante, fantástico*. Qualquer superlativo que não aquele. Mas Max parece positivamente surpreso.

— É um dos meus prediletos — diz ele.

— E eu gosto muito desses — prossegue ela, apontando, torcendo para que não fique óbvio o quanto quer impressioná-lo.

Sim, ela leu os livros e realmente gosta deles. Mas também lê outras coisas. Fantasia e ficção científica. Max deve achar tudo isso muito imaturo. Não acha?

— *O estrangeiro* e *Memórias do subsolo* — diz Max quando vê os títulos para os quais ela está apontando. E ri. — Você não é chegada em livros felizes, há?

— Livros felizes me deprimem — responde ela. E é verdade. Mas aí ela pensa no que disse e dá um sorriso acanhado. — E *isso* não soou nem um pouquinho pretensioso.

— Tudo bem — diz Max, retribuindo o sorriso. — Ainda mais para alguém de dezesseis anos.

O comentário sobre a idade dói um pouquinho, mas ela ainda está inebriada com a atenção dele. Minoos se senta no sofá preto. Max pousa as xícaras na mesa e afunda ao lado dela. Há apenas um metro entre os dois. Ela podia esticar o braço para tocar nele. Poderia, se fosse uma pessoa diferente, mais corajosa e mais bonita. Como Vanessa, por exemplo.

— Sua casa é bonita — diz ela.

— Obrigado.

Ele não diz mais nada. Só fica a observá-la com seus olhos castanho-esverdeados.

O olhar de Minoos se volta para as xícaras fumegantes na mesinha.

— Você gosta daqui? — pergunta ela. — Da Engelsfors High, quer dizer.

— Não.

Ele sorri quando ela olha para ele. Minoos acaba sorrindo também.

— Somos tão ruins assim?

— Não é por causa dos alunos, é por causa dos outros professores. Querem que tudo seja como sempre foi. No início achei que seriam mais abertos a mudanças. Mas agora que já passou quase um semestre inteiro...

Minoos sempre achou que os professores fossem mais unidos. Que concordassem em tudo. Ele está me tratando como adulta, percebe ela.

— E o que você vai fazer? — pergunta Minoos.

— Não sei. Mas eu fico até o final do verão. Depois, veremos.

Mínoo pega sua xícara e torce para que o chá segure o grito desesperado de “*Não vá!*” que tenta fugir de sua garganta. O chá transborda da xícara quando ela a ergue, e pingos de líquido fervente chovem em sua pele.

— Cuidado — diz Max, pegando a xícara dela.

A mão dele toca a dela. Mínoo fica feliz que ele tenha segurado a xícara, porque ela teria derrubado chá nos dois.

— Obrigada — murmura ela.

Ele seca a xícara com um guardanapo, depois lhe devolve. Os dedos úmidos de Mínoo escorregam na alça de porcelana. Ela ergue a xícara lentamente até os lábios e toma um gole.

— E você? — pergunta ele.

— O quê?

Max vira o corpo de leve para encará-la. Seu braço está descansando no encosto do sofá. Se ela chegasse um pouco mais perto, ele poderia abraçá-la, como fez quando ficaram sentados nos degraus do colégio. Ela se aconchegaria nele, apoiaria a cabeça em seu peito.

— Acho que você não se enturmou em Engelsfors — diz ele.

Mínoo dá uma risadinha boba, nervosa, e solta a xícara. Sua mão não é confiável.

— Eu odeio esta cidade — diz ela.

— Entendo. Você não se encaixa. — Ele deve ter visto nos olhos dela como está nervosa, pois estica a mão e a põe sobre a dela. — Entenda como um elogio.

A mão dele é tão quentinha e suave. E ele não a tirou.

— Eu cresci em uma cidadezinha perto daqui, bem parecida com Engelsfors — diz ele. — Eu me lembro de como eu me sentia preso. Sozinho, claustrofóbico. Mas depois você percebe que não há nada de errado em não se encaixar. Podia inclusive ser o inverso.

— Rebecka se encaixava. Pelo menos ninguém a achava estranha. E mesmo assim ela era diferente.

— Ela era importante para você.

Foi uma deixa, como se ele dissesse: “Pode falar, se quiser.”

— Não só para mim. Todo mundo a adorava. Principalmente Gustaf, o namorado dela. Formavam um casal tão legal.

Mínoo dá um jeito de se calar e se recosta no sofá. A mão dele ainda está sobre a dela. Ela começa a pensar se as costas da mão estão suando. Volta seu olhar para a mulher na parede.

— Quem pintou aquele quadro? O original, é claro.

Que bom que eu deixei claro que é um pôster e não o original, pensa ela consigo mesma.

Max tira a mão da dela.

— Dante Gabriel Rossetti — diz ele, agora em um tom professoral. — Ele fez parte de um movimento artístico inglês: o Pré-Rafaelismo. O nome da modelo era Jane Morris. Era a musa de Rossetti. Neste aqui ele a pintou como Perséfone, que foi sequestrada por Hades, deus do mundo inferior. Ela virou a rainha triste desse deus.

Mínoo olha para a pele branca como leite da modelo e pensa que, em comparação, ela deve

parecer um monstro.

— É lindo — diz ela, e se volta para Max: — Ela é linda.

— Lembra-se da amiga que eu comentei? A que cometeu suicídio? — pergunta ele suavemente.

Mínoo assente.

— O nome dela era Alice. Foi ela que me mostrou essa pintura... Era muito parecida com ela, era incrível. Alice brincava que era reencarnação de Jane Morris.

— Você a amava.

Mínoo não sabe de onde estas palavras saíram.

Max olha para ela, surpreso, como se tivesse acabado de acordar.

— É — responde ele. — Amava.

Os dois se olham fixamente por um tempo.

— Você é uma pessoa muito incomum, Mínoo — diz Max, lentamente. — Eu queria...

Ele fica em silêncio.

— O quê? — pergunta ela com uma voz não mais alta que um sussurro.

Ela se aproxima dele — apenas um milímetro —, mas parece que se jogou de um penhasco. É agora ou nunca. Se joga, pensa ela. Por favor, deixe acontecer.

A mão de Max, que há um instante estava apoiada no encosto do sofá, vai até o ombro dela e fica parada ali.

É como se um tivesse virado o reflexo do outro. Quando ele se aproxima dela, ela vai na direção dele, até ficarem tão próximos que os lábios se encontram.

Mínoo sempre se preocupou achando que ia fazer algo de errado quando beijasse alguém pela primeira vez. Mas Max a beija e não é nada complicado. É simples, perfeito. Os lábios dele são quentes, suaves, com um gostinho de chá. Suas mãos estão nas costas dela, depois na cintura, e ela chega mais perto dele.

Então ele para. Seus lábios se afastam dos dela e ele se endireita, tirando as mãos dela. Aperta as pontas dos dedos contra a testa e fecha os olhos com força, como se estivesse com uma dor de cabeça devastadora.

— Desculpe — diz Max finalmente. — Isso não é certo. Você é minha aluna... E eu sou muito velho para...

— Não — interrompe ela. — Você não entendeu. Eu posso ter dezesseis anos, mas não me sinto com dezesseis. Não consigo nem falar com gente da minha idade.

— Eu entendo que você se sinta assim — diz ele —, mas, quando for mais velha, vai perceber o quanto era jovem.

Aquilo dói tanto que ela não entende como ainda pode estar viva. Mínoo se levanta.

— Preciso ir.

Ela segue depressa pelo corredor, veste a jaqueta, enfia os pés nos sapatos e cambaleia até a porta da frente.

— Mínoo — ela ouve a voz de Max atrás dela.

A garota gira a maçaneta e sai aos tropeços da casa. Segue pela rua e corre o mais rápido que pode, fazendo o caminho inverso, sem se virar uma única vez.

Ela só diminui o ritmo quando chega ao Parque Storralls. Os poucos postes espalham fachos de luz em meio à densa escuridão. Mínoo se senta em um banco. Flocos de neve começam a cair, em rápida sucessão. A primeira nevasca de verdade do ano.

Se eu ficar aqui sentada sem me mexer, daqui a pouco vou estar soterrada de neve, pensa Mínoo, esperançosa. Ai posso descongelar na primavera, mortinha da silva.

Um miado queixoso e baixinho ressoa pelo parque. Ela observa a escuridão. É impossível saber de onde o miado vem. O vento sopra através dos arbustos e galhos secos das árvores. Uma sombra surge sob a luz do poste.

Um gato.

De repente ela sente enorme pena do bichano. Eu e você, dois desgraçados.

— Pss, pss, pss — chama Mínoo, tentando atrair a atenção do animal.

O gato para, olha para ela e se aproxima. Então, de repente, ele solta um *blergh* e inclina a cabeça como se houvesse algo entalado na garganta. *Blergh*. Mínoo fica feliz de não ter feito carinho nele — vai saber que doença é aquela?

Blergh, faz ele de novo.

E de repente ela percebe o que o animal está fazendo: tentando cuspir uma bola de pelo.

— Boa noite, Gato — balbucia ela, e se levanta. — E boa sorte.

Blergh, responde Gato, e algo cai no chão à sua frente, fazendo um tinido. Um pequeno objeto que brilha à luz do poste.

Gato olha fixamente para Mínoo quando ela se aproxima.

Ali, em uma poça de pelo e vômito de gato, tem uma chave.

Mínoo hesita por um instante, depois a pega.

Como se fosse uma espécie de confirmação, Gato se esfrega nela uma vez e depois desaparece na escuridão.

Na manhã de segunda-feira, Mínoo se levanta meia hora antes do horário habitual. O fim de semana parece um longo e estranho sonho. A chama azul. Os seis elementos. O *Livro dos padrões*. Gato e a chave. E Max. Principalmente Max.

Max a beijou.

Não há como negar.

Ele a beijou e aquilo significou alguma coisa para ele. Por mais que ela duvide de si mesma, ela notou isso nos olhos dele.

Ele a quer. O coração dela canta quando ela pensa nisso. Max a quer, e ela vai fazer com que ele entenda que não há problema. Não há por que lutar contra o que eles sentem um pelo outro.

Mínoo veste uma camiseta preta que comprou no ano passado, mas que ainda não teve coragem de usar. É mais justa do que as que geralmente usa e um pouco mais decotada. Ela não costuma usar muita maquiagem, fora corretivo para a acne, mas agora pega seu delineador quase intocado e contorna os olhos. Quando se olha no espelho, imediatamente fica desgostosa com o resultado. Os olhos parecem menores.

Ela lava o rosto e recomeça do zero — cobre a acne com o corretivo, aplica um pouco mais sob os olhos e termina passando rímel nos cílios de cima. Ela usa o corretivo em mais algumas espinhas no colo e no ombro. Por que se contentar com espinhas no rosto quando se pode tê-las por todo o corpo, não é?

Mínoo coloca a bolsa de maquiagem na mesinha de cabeceira e vê a pequena chave. Ela já a lavou e desinfetou várias vezes, mas ainda mal consegue se forçar a tocá-la.

Ela tem uma teoria sobre a chave. Antes do último fim de semana, Mínoo a teria levado direto para a diretora. Mas agora não tem intenção alguma de fazer isso. Não depois do que aconteceu no parque de diversões. Adriana Lopez não entrou em contato desde que Mínoo foi embora do parque. É óbvio que a diretora não a considera mais uma Escolhida, então por que Mínoo deveria ser leal a ela?

Ela guarda a chave no bolso e se olha no espelho grande.

Não está tão mal assim. Se apertar os olhos, quase dá para fingir que é bonita.



Está nevando, e uma camada de um centímetro de neve cobre o pátio. Mínoo chegou cedo. Há poucos pares de pegadas no caminho até a entrada.

Quando adentra o colégio, ela é atingida pelo odor acre de desinfetante. A pichação que

adornava uma das paredes ainda está visível, apesar das tentativas de limpá-la:

SE VC QUER SALVAR O MUNDO
ENTÃO SE MATE, PORRA

Mínoo não sabe se é o cheiro ou a mensagem que lhe dá náuseas. Ela olha para o lado e segue em direção à sala de Nicolaus, no fim do corredor. Seus passos ecoam solitários, acompanhados apenas do zumbido das lâmpadas fluorescentes.

Ela ouve mais uma coisa: o barulho abafado de algo raspando atrás dela. Como se fosse algo se arrastando pelo chão.

Mínoo se vira.

O corredor está deserto.

— Mínoo — sussurra alguém.

Ela se vira. Nicolaus apareceu na porta de sua sala. Ela olha por cima do ombro antes de entrar.

Nicolaus veste um terno cinza surrado. Ele próprio também parece cinza e surrado. Como se houvesse envelhecido algumas décadas desde que a diretora o demitiu.

— Oi — cumprimenta Mínoo. — Tenho que mostrar uma coisa a você.

— Ah, é? — diz Nicolaus, erguendo a sobrancelha. — *Aquela mulher* lhe autorizou?

— Não — responde Mínoo, solene. — Não contei a ela. E também não vou contar, se você não quiser.

Um sorrisinho surge no rosto de Nicolaus, até que ele percebe e volta a uma expressão mais digna.

— Muito bem. Mostre.

Gato vem se esgueirando, pula para a mesa e se aconchega.

Mínoo olha para Gato, que observa a sala. Ela tem a impressão de que o bicho está tentando parecer desinteressado. Ela pega a chave e a entrega a Nicolaus, que fica virando-a na mão enquanto ela conta como a encontrou.

— Esse animal profano vomitou este artefato? — pergunta Nicolaus, quase como se Gato fosse seu filho, tivesse acabado de fazer algo sensacional e ele estivesse orgulhoso.

Gato solta um miado e esfrega o corpo na mão de Nicolaus. O homem dá uns tapinhas em sua cabeça, distraidamente; talvez com força demais, pensa Mínoo. Mas o bicho parece feliz, pois semicerra um dos olhos e começar a ronronar.

— Acho que sei o que a chave abre — diz ela. — Meus pais têm um cofre particular no banco, onde guardam bens valiosos. Eu conferi a chave deles, e esta é do mesmo tipo. Tive essa ideia porque vi Gato em frente ao banco no Parque Storvalls no dia em que Rebecka morreu. Acho que existe um cofre particular em seu nome, e esta é a chave.

— Por que em meu nome?

— É a única conclusão lógica a que consegui chegar. Gato apareceu primeiro aqui, não foi?

— Em verdade, foi — diz Nicolaus, pensativo. — E devo admitir que estou bem afeiçoado a esta fera pulguenta.

O gato solta um miado aprovador.

— Tem razão — conclui Nicolaus. — Preciso ir até o local e investigar.

— Ótimo — diz Mínoo.

— Tenho apenas uma pergunta. O que é um cofre particular?

Mínoo morde o lábio.

— Eu vou junto — diz ela.

— Jamais permitirei. Não podemos ser vistos juntos. As forças das trevas...

— Está bem, está bem! — interrompe-o Mínoo. — Mas a gente não sabe o que tem no cofre.

Você não pode ir sozinho.

— É precisamente por tal motivo que *preciso* ir sozinho. Não tenho intenção alguma de expor outra pessoa ao perigo — diz Nicolaus.

Mínoo dá um suspiro. Não pode deixar Nicolaus ir desacompanhado. Eles ainda não sabem nada do Gato, nem o que ele quer.

Ela vai ter que pedir a ajuda de Vanessa, mesmo que não queira ver nenhuma das Escolhidas depois de sua saída humilhante.

Quando Mínoo sai da sala de Nicolaus, o corredor está cheio de alunos. Ela avista Linnéa conversando com uma menina de cabelo azul. Por sorte ela não vê Mínoo, que pega os livros de seu armário e sai apressada pelo corredor.

Ela está prestes a subir a escada quando ouve Gustaf chamá-la pelo nome. Vira-se. Ali está ele, em seu casaco acolchoado, as bochechas rosadas de frio.

— Oi — cumprimenta ele.

— Oi — responde ela.

Ela sente que são observados pelos alunos que passam apressados pela escada. O que um cara como Gustaf Åhlander teria para conversar com alguém como Mínoo? Ele é mais popular do que nunca depois da morte de Rebecka e da entrevista no jornal. Naturalmente, o colégio está cheio de meninas dispostas a consolá-lo.

Gustaf tira a touca e a enfia no bolso do casaco.

— Eu só vim agradecer — diz ele.

— Pelo quê?

— Por me ouvir. Na igreja. E por me dizer para eu conversar com os pais de Rebecka. Eu não teria tido coragem se não fosse você. Eu me senti... Bom, se você me entendia, talvez eles me entendessem também.

Mínoo vê que os olhos dele estão lacrimejando.

— O que eles disseram?

— Eles ficaram felizes por eu ter ido ao funeral e não estavam bravos comigo. Eles entenderam. Os jornais também foram atrás deles. A mãe de Rebecka também estava arrependida de ter falado com Cissi. Foi... legal. A gente chorou junto.

Agora ela entende o que Rebecka via em Gustaf. Ele é incrivelmente aberto. Mínoo fica se perguntando como ele consegue ser assim em uma cidade onde qualquer mínima demonstração de emoção faz um cara ser chamado de gay. Significa a morte social.

— Que ótimo — diz ela. — Que foi tudo bem, digo.

Gustaf assente e lhe dá um abraço apressado. De repente ela lamenta que não se conheçam melhor. Ele se afasta e some pelo corredor.

Ela está prestes a subir quando vê Max no andar de cima, segurando uma xícara de café. Ele sorri para ela e segue em direção à sala de aula. Mínoo fica onde está.

Não houve qualquer traço de afeição naquele sorriso, nenhuma indicação de que compartilhavam um segredo. Foi o sorriso de um professor para uma aluna. Uma aluna qualquer.



Anna-Karin desce do ônibus e segue o caminho para casa. Parou de nevar, e o cobertor branco se estende pela zona rural. Ela não teve forças para ficar no colégio depois do almoço, e pela primeira vez ainda não está escuro quando ela chega em casa. Para Anna-Karin, é a pior parte desta época do ano: está escuro quando ela sai para o colégio e escuro quando volta.

Vovô está em frente ao celeiro conversando com o pai de Jari, que veio consertar o telhado da cabana de vovô. É difícil imaginar que aquele homem seja pai de Jari. É baixinho e corpulento, quase um cubo.

Anna-Karin fica escondida até ele entrar no carro e ir embora, deixando-a a sós com vovô.

— Olá — cumprimenta vovô assim que a vê.

— Oi — diz Anna-Karin, indo até ele.

Vovô olha para o céu.

— Se fosse verão, eu diria que vem uma tempestade de raios por aí.

Anna-Karin acompanha o olhar dele. O céu é uma massa infinita de nada. Um branco acinzentado sem fim.

— Como assim? — pergunta ela.

— Não está sentindo o ar carregado de eletricidade? — pergunta ele. — Alguma descarga elétrica está vindo, não tenha dúvida. — Ele olha bem nos olhos dela. — Não está sentindo?

Ela faz que não com a cabeça. Vovô é um barômetro vivo. E ele consegue ver não só o clima. Ele sempre sabe exatamente como os animais da fazenda estão se sentindo. É como se contassem para ele, de algum jeito misterioso. Ele várias vezes já ajudou pessoas a encontrarem água ali por perto com sua vareta. Não faz grande caso desta habilidade. É simplesmente algo que ele sabe fazer. Mas desta vez ele parece confuso com o que a natureza quer lhe comunicar.

— Eu nunca vi algo assim — murmura ele, e cospe na neve. Então esboça um sorriso. —

Acho que estou ficando senil.

— Pare com isso, vovô — pede Anna-Karin.

Ela odeia quando ele começa a dizer essas coisas.

Seus olhos estão distantes.

— Quase torço para que seja só a minha imaginação de velho. O sussurro das árvores me lembra à noite. E toda manhã, quando eu olho pela janela, parece que a floresta se fechou um pouco mais ao nosso redor. Parece que está se preparando.

— Para o quê?

Ele fica olhando para ela. Parece que estão separados pelo mar e vovô está tentando achar uma maneira de atravessar as águas.

— Querida... — começa ele.

Tudo o que não foi dito está entre eles. E é muita coisa. Um mar de silêncio que esteve ali durante toda a vida de Anna-Karin.

— Eu sei que não sou bom em falar de... algumas coisas — prossegue vovô. — Os homens da minha época não aprendiam a fazer isso. Mas espero que você saiba... que eu amo você.

Anna-Karin fica envergonhada. Ela quer dizer que também o ama, mas não consegue.

— E vou amar você independentemente dos erros que cometer. Mesmo que tenha feito algo de errado, vou amá-la. E, se alguém quiser machucá-la, vou defender você até minha última gota de sangue.

Anna-Karin sente as bochechas corarem.

— Estou do seu lado, mesmo sem saber do que se trata. E Deus sabe que há muitas coisas que não sei. Estamos em uma época estranha.

É neste momento que ela sente que poderia contar tudo. Se você soubesse quanta gente já quis me machucar nesses anos, Anna-Karin quer dizer. Se você soubesse o que anda acontecendo em minha vida.

É minha função informá-la que o Conselho abriu uma investigação.

As palavras da diretora ecoam em sua cabeça. Ela não quer nem pensar em como deve ser a punição de um conselho de bruxas.

Uma revoada de gralhas se ergue da floresta do outro lado do pasto. Elas fazem um círculo no ar, grasnando frenéticas, como se algo as houvesse assustado. Anna-Karin ouve o bater de suas asas. Elas se unem sob o céu esbranquiçado antes de se dirigirem às copas das árvores.

Vovô murmura alguma coisa em finlandês, o olhar fixo nos pássaros.

Anna-Karin olha para vovô. Ele olha para ela. E os dois percebem que perderam a oportunidade. O mar ainda os separa, e é impossível atravessá-lo.

Vanessa está no saguão do banco, encostada em uma mesa alta com um pequeno display de papelão cheio de folhetos que perguntam se ela não gostaria de um cartão de crédito, ou de um empréstimo para trocar o cortador de grama ou até para comprar a casa dos seus sonhos.

Ela prometeu a Minoos que seguiria Nicolaus até o banco sem que ele percebesse. Claro que o velho teimoso recusou a ajuda de que obviamente necessita, por isso Vanessa tem que ficar invisível para vigiá-lo.

Era para ele ser *nosso* guia, pensa ela, observando-o enquanto ele espera, encarando sua senha de atendimento. Ele usa um casaco de inverno pesado e com furos de traças que parece ter sido comprado em um mercado de pulgas.

Mas Vanessa tem que admitir que está animada. Ela será a primeira a ver o que quer que haja no misterioso cofre do banco. Além disso, gosta de fazer coisas escondido da diretora. No domingo tiveram mais uma aula com ela, e, assim como as do colégio, não foi nada divertida. É de se esperar que um curso de magia seja empolgante, mas elas ficaram apenas sentadas, olhando o *Livro dos padrões* com as lupinhas. Isso só lhes rendeu dor de cabeça. Lembrou a Vanessa aquelas imagens cheias de pontinhos em que dizem que dá para ver coisas em 3-D. Ela nunca consegue ver.

Vanessa observa os funcionários do banco digitando em silêncio ou conversando com os clientes em voz baixa e confiante. Todos que trabalham ali são elegantes e bem-vestidos, e seus passos produzem sussurros por todo o espaço acarpetado. Vanessa tenta imaginar como seria trabalhar ali e imediatamente fica entediada.

A mãe dela namorou um cara que trabalhava neste banco. Tobias. Enfadonho e convencido. Quando conheceu uma riquinha de Gothenburg, deu um pé na bunda da mãe de Vanessa, sem pestanejar. Restou à garota consolar a mãe e esconder o vinho.

Quando a mãe estava à mesa de jantar, choramingando de novo, Vanessa perdeu a paciência e a repreendeu: por que ela não ia atrás de um cara que simplesmente a fizesse feliz? A mãe a encarou com olhos vermelhos e, em meio às lágrimas, disse que Vanessa não entendia. “Amar dói”, disse ela. “Se não, não é amor.”

Vanessa se recusa a acreditar nisso. Para ser assim, não há por que ficar com alguém. É melhor transar com todo mundo sem ter que lavar a louça do outro ou reclamar que ele não a entende.

Deve ser por isso que ela não quer que eu fique com Wille, pensa Vanessa. É inveja porque estamos felizes juntos.

A raiva volta. Elas ainda estão sem se falar. Sua mãe sequer deixou mensagem na caixa postal do celular para ela. Vanessa tem certeza de que Nicke lhe disse para não entrar em contato — dá até para ouvi-lo dizendo que Vanessa tem que “aprender que toda ação tem uma

consequência”.

Vanessa também não tem intenção de ligar. Não vai deixá-los vencerem, de jeito nenhum. Melvin é o único de quem ela sente saudade. Melvin, que estava chorando quando ela foi embora.

A gravação anuncia alto o novo número na tela. Nicolaus olha em volta, obviamente confuso. Ele é o próximo, mas não tem ideia de para onde tem que ir — como se o número piscando sobre o caixa vago não fosse uma pista. Ele observa seu papelzinho como se a resposta estivesse ali, e Vanessa suspira. Ela tem que se segurar para não ir até ele e empurrá-lo para o lugar certo.

Uma menina de longos cabelos negros está na caixa livre. É bonita e sabe que é bonita. Diferente dos zumbis do banco, ela está irritada e, na opinião de Vanessa, é direito dela estar assim. Impaciente, faz sinais para Nicolaus.

— Tem o número um — diz Nicolaus, quando vai até ela.

— Como?

— O cofre de banco a que esta chave corresponde. Tem o número um. Foi a informação que me passaram quando telefonei de manhã.

— Você quer dizer que tem um cofre no banco? — pergunta ela.

— Foi o que me disseram.

A moça do caixa dá um sorriso profissional, nem um milímetro a mais que o necessário, enquanto Nicolaus assina alguns papéis.

— Por aqui — diz ela.

Nicolaus dá a volta no balcão e Vanessa o segue. Ela torce para que seus sapatos não sujem o carpete com neve derretida.

Eles seguem por um corredor até chegar a um portão de aço maciço, que a morena abre.

— Só temos que descer um andar — diz ela. — Aí eu tranco o senhor lá.

Nicolaus parece assustado.

— É só nos chamar pelo telefone quando acabar — complementa a moça.

Nicolaus desce os degraus com cuidado. Vanessa tem tempo apenas de se esgueirar por trás dele antes de a funcionária fechar o portão com tanta força que as barras ficam tinindo.

As paredes do cofre são cobertas por portinhas retangulares enumeradas, feitas de um metal fosco cinza-escuro. Vanessa pensa no dinheiro, nas joias e nos segredinhos escusos que se escondem nas caixas. Documentos que revelam irmãos até então desconhecidos, ou filhos bastardos. Fotos e cartas ilícitas.

Está silencioso ali. Há uma mesa e uma cadeira no meio da sala.

Nicolaus examina os cofres. No canto superior há uma portinha que diz *I*. Ele se dirige a ela com determinação e a destreza.

Vanessa recua quando ele puxa a caixa, carrega-a até a mesa e a coloca ali. Quando vê o retângulo de metal brilhante, ela fica nervosa. Nicolaus dá um passo para trás e fica olhando. É óbvio que ele também tem medo do que a caixa pode conter. No mundo do qual Vanessa agora faz parte, pode ser um buraco negro que vai consumir todo o universo e virá-lo do avesso. Ou um

unicórnio em miniatura que cospe ácido.

Nicolaus faz menção de abrir a caixa, mas para de repente. Vira-se lentamente e fica olhando em volta.

— Vanessa?

Ela prende a respiração.

— Sei que você está aí.

Vanessa não ousa se tornar visível, pois deve haver câmeras de segurança. Mas ela dá um passo à frente e toca o casaco de Nicolaus para confirmar a suspeita dele.

— Como você sabia? — murmura ela.

— Não sabia — responde ele. — Foi um blefe. Algo no comportamento da srta. Minoo colocou a ideia na minha cabeça.

— Ela teme que haja algo perigoso na caixa — sussurra Vanessa.

— E se houver, como você vai me ajudar?

— Aí pelo menos somos dois. E eu estou invisível.

— O mal enxerga mais do que você imagina. Você deve ir embora.

— Não consigo sair daqui. Estamos trancados. É melhor você abrir a caixa e resolver isso logo.

— Então, pelo amor de Deus, se afaste!

— Eu já estou longe.

Nicolaus respira fundo, como se fosse dar um mergulho. Estende a mão até a caixa, mas para de novo.

— O que foi? — pergunta Vanessa.

— Estou tremendo só de pensar no que pode ter aí dentro — responde ele.

— Você não é o único.

— Você não entende. Desde meu despertar, é como se eu andasse em meio à névoa. Agora chegou o momento em que esta neblina poderá se dissipar. Tenho medo das respostas que posso obter. Se é que terei alguma.

Vanessa sente uma compaixão repentina por Nicolaus. Deve ser difícil ficar constantemente tateando no escuro. Mesmo assim, ele é fiel. Sempre tentou ajudá-las a encontrar respostas. Ao contrário da diretora, que tem as respostas mas não quer dividi-las.

— Eu posso abrir — diz Vanessa.

— Não — diz Nicolaus, e respira fundo de novo. — É a minha sina.

— Fique à vontade — diz ela, e chega mais perto.

Nicolaus abre a caixa.

Dentro há um livro preto com dois círculos estampados na capa. E, ao lado dele, uma lupa prateada igual às que eles já conhecem.

— O *Livro dos padrões* — diz Vanessa. — E um Visor de Padrões. Igual ao que as bruxas usam.

Nicolaus pega o livro. Embaixo dele está um envelope branco com uma anotação em

caligrafia no verso.

Entregar pessoalmente a Nicolaus Elingius

Ele olha para a direção onde acha que Vanessa está. Erra por mais ou menos um metro. Então vira o envelope. Há um laque em cera vermelha. Nicolaus o rompe cuidadosamente e puxa um papel muito fino lá de dentro. Vanessa lê por cima de seu ombro.

No momento em que escrevo esta carta, estou há cinco semanas em Engelsfors. Cinco semanas de clareza. Assim que retornei, o véu sobre meus olhos se desfez e me lembrei de meu propósito, meu objetivo. Ainda assim, sou assolado pela sensação de que esta situação não durará.

Minha intenção inicial era escrever um relato completo de minha história e o que está reservado para este miserável lugar. Então me ocorreu que há o risco de tal carta cair nas mãos erradas. Valha-me, Deus! Por isso tenho que escolher minhas palavras com cuidado. Não ousarei revelar tanto quanto gostaria.

Mesmo que o eu que esteja lendo esta carta seja envolto na névoa mais uma vez, pelo menos terei ajuda adiante. Se eu ler isto em um futuro desconhecido, é porque meu fiel familiar me trouxe aqui.

Não tema, meu eu perdido. A clareza há de retornar. A cruz de prata protegerá tanto você quanto o Escolhido. Nas cercanias estarás tão a salvo quanto no local sagrado.

Como última orientação, eu me dou esta máxima, cujo significado completo tentei guardar em minha memória:

MEMENTO MORI

Mínoo relê as últimas frases, depois coloca a carta na mesa de centro de Nicolaus. A cruz de prata pendurada na parede em frente a ela deve ser aquela à qual a carta se refere. Há poucos minutos, não passava de um artefato estranho. Agora possui uma aura de mistério.

Nicolaus está sentado com o *Livro dos padrões* aberto à sua frente, ajustando os discos do Visor de Padrões. Gato ronrona aos seus pés.

Claro que o gato é o familiar de Nicolaus. Mínoo não acredita que não fez a ligação quando a diretora lhe falou dos bruxos e do poder que eles têm de se ligar a animais.

Bruxos.

Como Nicolaus.

Ela pega a carta novamente, a relê e tenta entender.

Até Nicolaus é um bruxo. Hoje em dia todos são bruxos, menos ela.

Vanessa surge da cozinha e dá um pulo quando Gato tenta se esfregar em sua perna.

— Você não podia ter um familiar mais limpo? — pergunta ela.

— *Memento mori* — murmura Nicolaus. — “Lembra-te que morrerás.” Se ao menos eu pudesse me lembrar do que exatamente quis dizer com essa frase...

— Bom, você lembrou quando escreveu a carta — diz Minoo, tentando encorajá-lo. — Então vai relembrar em algum momento. Assim como seus poderes.

— Peça a Deus que esteja certa — diz ele, e mexe mais um pouco no Visor de Padrões. — Como se mexe nessa coisa?

— Como um rádio — responde Vanessa. — Mais ou menos.

— Pelo menos descobrimos uma coisa importante — afirma Minoo, apontando para a cruz. — O Kärngruvan não é o único lugar seguro para nos encontrarmos.

— Que alívio — diz Vanessa, vestindo a jaqueta que havia jogado no chão. — É inútil ter um lugar sem banheiro. E a gente pode se encontrar aqui sem que Vossa Bruxulência descubra.

Vanessa puxa o zíper da jaqueta e está prestes a ir embora. Tudo está indo rápido demais para Minoo. Tudo mudou. Eles precisam sentar e pensar no significado daquilo.

— Vocês não acham que devíamos avisar à diretora? Isso significa que você também é um bruxo, Nicolaus. Ela tem que aceitar você, não tem?

— Ela pode não ser aliada de demônios — diz Nicolaus —, mas tenho a sensação de que não podemos confiar nela nem no suposto Conselho.

— Por mim, tudo bem — afirma Vanessa, dando de ombros.

— E as outras? — pergunta Minoo.

— Eu conto para Linnéa — responde Vanessa. — Você pode contar para Anna-Karin.

— E a srta. Ida? — pergunta Nicolaus.

Vanessa e Minoo trocam olhares. Não parece justo excluir Ida. Vai contra tudo que Rebecka falava, tudo em que Minoo acredita: elas têm que trabalhar juntas. Mas será que podem confiar em Ida?

— Não — diz Minoo. — Não vamos contar para ela.

— Concordo — diz Vanessa.

— Ela também é uma Escolhida — rebate Nicolaus.

— Assim que tivermos mais informações, nós contamos — garante Minoo. — Prometo.

Nicolaus faz cara de descrença.

— Não sabemos se ela vai contar para a diretora — diz ela.

Dá certo. Nicolaus ainda parece em dúvida, mas assente.

As portas para o refeitório do colégio se abrem diante de Anna-Karin. Está escuro lá dentro, tão escuro que ela só consegue distinguir as silhuetas das pessoas.

Ela não quer estar aqui. Nunca quis ser escolhida. Mas não consegue mais controlar a admiração daqueles a seu redor. Seus poderes se alastraram até mesmo para as pessoas que ela nem *tentou* influenciar. Eles são simplesmente afetados pelo fato de os *outros* a adorarem. E este é o resultado.

A coroa de Luzia pesa na cabeça. Algumas gotas de cera pingam no tecido que protege seu cabelo.

— E é um... e dois... um, dois, três, quatro!

A professora de música e teatro, Kerstin Stålnacke, conta com grande entusiasmo. Ela gesticula tanto que sua túnica vermelho-cor-de-Papai-Noel balança como um lençol no varal. O cabelo pintado de ruivo está preso no alto da cabeça. No “quatro”, a procissão de Santa Luzia começa a cantar atrás de Anna-Karin:

— *Natten går tunga fjät, runt gård och stuva...*

Anna-Karin repete as palavras já conhecidas, mesmo que incompreensíveis, enquanto marcha rumo à escuridão.

As velas lançam um brilho acalentador ao seu redor enquanto ela anda. Rostos surgem das trevas. Lá está Vanessa, que quebra em três um biscoito de gengibre em formato de coração. E lá está Minoo, observando Anna-Karin com um olhar sério. Kevin está balançando na cadeira e batucando na mesa. Felícia e Julia sorriem como as integrantes fanáticas do culto Anna-Karin que são. Foram elas que a indicaram para ser a Luzia este ano. A música parece não ter fim.

— *Natten var stor och stum. Nu, hör, det svingar. I alla tysta rum, sus soma av vingar.*

Mais gotas de cera pingam no pano que cobre a cabeça de Anna-Karin enquanto ela caminha pelo refeitório escuro. O ar cheira a sangria sem álcool e corpos quentes. Quando chega aos fundos do local, de onde as mesas e cadeiras foram retiradas para a procissão passar, ela sente o cheirinho de café vindo de uma das mesas de professores.

Quando assume seu lugar na frente do espaço aberto e a procissão forma um semicírculo a seu redor, ela vê a diretora encarando-a. Ela começa a transpirar devido ao calor das velas, e um brilho úmido se espalha pelo rosto. As palmas das mãos, na tradicional pose de Santa Luzia, estão úmidas. Max está sentado ao lado da diretora, dando sorrisos de incentivo. Petter Backman, famoso por abraçar as alunas sempre que pode, está sentado do outro lado e deixa seus olhos cobiçosos presos nela.

A música enfim termina. É Ida, usando o figurino de serva, à direita de Anna-Karin, que solta o último “Luziaaa” para que sua voz se sobreponha às outras. Fica óbvio que ela gostaria de fazer um solo. Ida está acostumada a ser a Luzia do colégio, e Anna-Karin torce para que ela resista à

tentação de atear fogo em seu cabelo. A garota fica mais tranquila ao ver que o assistente da diretora, Tommy Ekberg, está segurando um extintor de incêndio, de prontidão.

Um cântico leva ao outro, e Anna-Karin finge que está cantando todos. Kerstin Stålnacke balança os braços como se tivesse acabado de pisar em um vespeiro.

Anna-Karin vê Jari, que anda colado a uma parede até parar a poucos metros dela. Está sozinho e só tem olhos para ela. O sorriso repentino de Anna-Karin é genuíno. E ele retribui com outro sorriso, que cintila e brilha mais do que qualquer vela. Está quase acabando.

— *Hej tomtegubbar slå i glasen och låt oss lustiga vara...*

Anna-Karin só tem olhos para Jari.

— *En liten tid, vi leva här, med mycket möda och stort besvar...*

Anna-Karin ouve Ida se preparar para berrar o verso final.

— *Heeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeee... — A nota alta dá lugar a um grito lancinante. — ...*

eeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeee!

Todos no refeitório ficam em silêncio. A diretora faz menção de se levantar. Anna-Karin ouve um barulho próximo a ela e gira tão depressa que a coroa de velas escorrega de sua cabeça e cai no chão, fazendo algumas velas se desprenderem. O coral de beca branca salta para fugir das chamas, e, pelo canto do olho, Anna-Karin percebe Tommy Ekberg correndo na direção dela com o extintor de incêndio.

Ida está de joelhos. Suas pálpebras estão tremendo e os olhos se reviraram tanto que só é possível ver a parte branca. Seus lábios se mexem, e Anna-Karin acha que Ida está dizendo seu nome. Ela se inclina para ouvir melhor.

Ida é rápida como uma serpente. Sua mão dispara com velocidade e agarra o pulso dela.

Um brilho cegante atinge Anna-Karin.



Anna-Karin vê o céu azul e a beirada de um telhado. O telhado do colégio. Ela está lá deitada, sentindo-se muito cansada, absurdamente cansada. Sua cabeça está zumbindo e latejando, e ela veio atrás de Gustaf.

Gustaf. Ela o ama tanto. Dá até para ignorar a dor terrível que sente na testa.

Anna-Karin percebe que não está mais em seu corpo. Está no de Rebecka. Como se fosse um parasita vendo o mundo pelos olhos da garota. Não consegue ouvir seus pensamentos, mas cada emoção e impressão são como se fossem dela.

Aquele sentimento dá lugar a saudades por outra pessoa. Mínoo. A única que pode ajudá-la. Ela procura o celular e o pega do bolso.

Ouve passos vindo da porta aberta atrás de si.

Rebecka e Anna-Karin se viram juntas, em um único movimento, um único corpo.

E ali está ele. Anna-Karin sente a confusão de Rebecka.

— Oi — cumprimenta ela. — Como você sabia que eu estava aqui?

Gustaf não responde. Ele se aproxima, mas não a olha nos olhos.

Rebecka mal o reconhece. Ela não compreende.

— O que foi? — pergunta ela.

No instante seguinte, Gustaf se curva e a ajuda a se levantar. Mas não a solta. Em vez disso, a arrasta pelo telhado.

— Pare, Gustaf... O que você está fazendo? Me solte...

Sua voz está fraca. Ela não tem mais força para gritar, e a dor lancinante na cabeça a impossibilita de fazer qualquer coisa. O rosto de Gustaf permanece inexpressivo enquanto a conduz até a beirada. É como se ele quisesse acabar logo com aquilo. Rebecka tenta fazer força para fincar o pé no telhado, mas seu pé escorrega.

— Gustaf, pare! Por favor, pare!

Gustaf a vira para que ela fique de costas para o pátio abaixo. O vento balança suas roupas. O terror toma conta de Rebecka e paralisa Anna-Karin.

Anna-Karin tenta fechar os olhos, mas não consegue. Não enquanto Rebecka não tirar os olhos do namorado. Ela ainda não acredita no que está acontecendo.

— Olhe para mim — implora Rebecka.

Gustaf a encara. Por alguns segundos de silêncio, Anna-Karin olha direto naqueles gélidos olhos azuis. O empurrão repentino em seu peito a pega de surpresa. Ela cai. Estica os braços, seus dedos tentam agarrar o nada, e então...

Anna-Karin ouve o baque doloroso quando o corpo de Rebecka atinge o chão. Mas não sente nada. Sua cabeça está em um ângulo muito estranho no chão. Não entende como ainda pode estar viva. Ela tenta respirar, mas os pulmões fazem apenas um barulho gorgolejante, e a boca se enche de sangue.

De repente algo desconhecido adentra sua mente. Rebecka reconhece a presença.

Está quase acabando, diz uma voz estranha.

E então chega a dor, que não se compara a nada que Anna-Karin já tenha sentido em sua existência repleta de sofrimento. É como uma luz cegante e radioativa que incinera cada pensamento, cada sensação, cada memória que faz Rebecka ser Rebecka — tudo o que ela já foi.

E então: cinzas. O vazio. Um pedaço de céu azul bem no alto. Uma parte do céu azul que aos poucos dá lugar às trevas. Tinta negra que se espalha e cobre tudo até que só resta a voz.

Me perdoe.



Anna-Karin abre os olhos e encara os olhos de Ida. Vê o próprio pânico refletido neles. Percebe

que ambas acabaram de ter a mesma experiência. Ida solta a mão dela e se afasta.

Anna-Karin olha a seu redor. Centenas de pares de olhos estão grudados nela. Uma das velas de sua coroa, já apagada, está rolando pelo chão. Tommy Ekberg ainda está a caminho com o extintor de incêndio.

Aqui, no mundo real, o tempo não passou.

As estrelas cintilam no céu escuro. Os abetos vergam sob o peso da neve.

Tudo parece calmo como a cena de um poema de Natal, pensa Mínoo. Não fosse a chama azul que lança um brilho misterioso e bruxuleante sobre seus rostos. Não fosse o que Anna-Karin e Ida acabaram de contar.

Gustaf assassinou Rebecka e portanto também deve ter assassinado Elias. Gustaf é o ser maligno que elas precisam deter.

— Mas eu não entendo — diz Vanessa. — Como vocês viram tudo isso?

Anna-Karin, que está sentada no chão tentando tirar restos de cera de vela do cabelo, olha para a diretora ao mesmo tempo que Ida. Aguardam uma resposta. A *bully* e sua vítima estão sentadas lado a lado desde que chegaram.

— É normal falarmos em passado, presente e futuro — diz a diretora. — Mas a ideia de que o tempo é linear, com início e fim, é falsa. A verdade é que o tempo é cíclico, um círculo, sem início ou fim.

Mínoo olha para as outras, estranhamente empolgada por estar de volta. Vanessa fica ouvindo com a boca aberta enquanto a diretora fala.

— Bruxas sensitivas que têm o metal como elemento conseguem acessar fatos de outros momentos do ciclo temporal, fatos que, de acordo com a compreensão humana do tempo, já aconteceram ou ainda estão para acontecer.

— Não estou nem aí. — Ida a encara. — Como faço para não acontecer de novo? Eu é que não vou ter outro ataque epiléptico, tipo, na frente do colégio todo.

— Não há o que fazer para impedir — diz a diretora. — Mas você pode aprender a reconhecer os sinais, para que saiba quando está prestes a ter uma visão. Procure um lugar calmo e reservado se, por exemplo, sentir a boca muito seca ou se tiver uma forte sensação de irreabilidade, tontura ou...

— Não vai acontecer de novo — afirma Ida, mais para si mesma. — Eu não vou deixar.

— Sua visão vem da empatia — diz a diretora.

Linnéa dá uma risada desdenhosa e Mínoo tem que esconder um sorriso. Nunca imaginou que “Ida” e “empatia” estariam na mesma frase, pelo menos não sem “não tem nem um pouco de” no meio.

— Você enxerga pelos olhos de outra pessoa e sente o que ela sente — explica a diretora, lançando um olhar reprovador para Linnéa.

— Mas como pude sentir tudo também se era Ida quem estava tendo a visão? — pergunta Anna-Karin, puxando uma bola de cera. Vários fios de cabelo saem junto, e ela faz uma careta de dor.

— Vocês estão conectadas — responde a diretora.

Mínoo pensa que ela parece uma guru de autoajuda.

— Eu acho que não foi Gustaf — diz Ida de repente.

Todas olham para ela.

— Como assim? — pergunta a diretora.

— Ele não mataria ninguém. Por que ia fazer uma coisa dessas?

— Pode ter vários motivos... — começa a diretora.

— Vocês não conhecem G como eu — interrompe-a Ida.

— Vocês não são melhores amigos só porque você inventou um apelido bobo para ele — diz

Vanessa.

— Vocês acham mesmo que G ia matar Rebecka? A namorada dele? — berra Ida.

— Homens estão sempre matando as namoradas — diz Linnéa, fria.

— Também não acho que foi Gustaf — afirma Anna-Karin. — É difícil de explicar. Foi ele.

Mas não foi.

Ida e Anna-Karin concordarem em alguma coisa é tão chocante que as outras fazem um longo momento de silêncio.

— Acho que a gente tem que se livrar dele imediatamente — sugere Linnéa.

A chama azul ilumina seu rosto pálido, fazendo seus olhos cintilarem no escuro.

— Como assim “se livrar dele”? — pergunta Mínoo.

É óbvio que ela entendeu, mas não acredita que Linnéa esteja falando sério.

— O que acha que eu quis dizer? O que mais a gente pode fazer? Duas pessoas já morreram.

— Está falando em matar G? — berra Ida. — Você ficou maluca!

Mínoo olha para a diretora, mas ela apenas observa o grupo. É como se quisesse ver como as garotas lidam com a situação. Como se fosse um teste.

— Não podemos matar Gustaf — diz Mínoo. — Eu nem acredito que vocês estejam cogitando isso.

Linnéa lança um olhar de desprezo para Mínoo.

— Bem, acho que você e Rebecka não eram assim tão amigas.

Linnéa parece uma estranha. Seus olhos estão cheio de ódio. E Mínoo entende. Ela também pensou em vingança, fantasiou sobre isso, mas agora, ao ver o mesmo sentimento no rosto de Linnéa, percebe como esteve errada em pensar assim. Como é perigoso.

— Quer dizer, parece que você nem se importa em punir a pessoa que a matou — prossegue Linnéa.

A raiva ferve em Mínoo, como um cão raivoso puxando a corrente, mas ela se controla.

— Não podemos simplesmente matar Gustaf — diz ela.

— Ele matou Elias.

— Acho que Elias não ia querer que você matasse alguém por vingança.

Por um instante ela acha que Linnéa vai avançar nela. Mas a garota não se mexe.

— Em primeiro lugar, você não sabe porra nenhuma do Elias. Em segundo, Gustaf não é “alguém”. Não é nem um ser humano. Ele é um demônio!

— Com certeza não é.

Todas se viram para a diretora. Ela está fitando a chama azul.

— Eu diria pelo menos que é altamente improvável. Demônios raramente assumem forma física no nosso mundo.

— Não estou nem aí para as suas estatísticas. Agora que a gente sabe quem é o assassino, temos como acabar com ele — diz Linnéa.

— *Vocês* não vão fazer nada — responde a diretora, ríspida. — Fiquem longe de Gustaf. É o Conselho que vai tratar disso.

— Porque até agora eles têm feito um trabalho maravilhoso, não é? — berra Linnéa. Todas olham para ela. Ela devolve o olhar. — Como é que vocês aceitam as coisas assim, porra? Ela não quer nem nos dizer como a gente pode se defender!

— Não posso deixar vocês tomarem as rédeas — diz a diretora, séria. — O Conselho me proibiu expressamente de...

— Eles proibiram o quê, exatamente? — pergunta Mínoo. — Que a gente se defenda? Que a gente descubra o que está enfrentando?

A diretora a encara. O coração de Mínoo acelera: não está acostumada a questionar superiores, muito menos uma diretora de colégio.

— Tem razão — diz Adriana Lopez por fim. — Vou contar o que sei sobre nossos inimigos.

— A senhora falou “inimigos”? — pergunta Vanessa. — No plural?

— Eu explico *se pararem de me interromper* — diz a diretora.

Vanessa revira os olhos.

— Como já disse, os conflitos se dão nas fronteiras entre dimensões — começa a diretora. — É o que está para acontecer aqui. Os demônios estão tentando invadir nosso mundo, e vocês estão no caminho.

— E o que é um demônio? É tipo um diabo, o quê? — pergunta Vanessa. — Alguém que possui os outros? Gustaf podia estar possuído?

— Os demônios podem influenciar as pessoas — diz a diretora —, mas não contra a vontade delas. Contudo, podem conceder poderes a quem aceitar colaborar com eles. Demônios se referem a isso como “abençoar” alguém. Um abençoado pode fazer um grande mal. Se Gustaf foi abençoado, ele é muito perigoso. Está em contato direto com demônios. São a fonte de poder dele. Vocês não podem ir atrás dele, não importa a circunstância.

— Então a senhora acha que um ser humano normal, que está envolvido com demônios, foi quem matou Rebecka e Elias? — pergunta Mínoo.

— É a teoria do Conselho — responde a diretora. — Eles estão trabalhando dia e noite no caso. Mas vocês precisam nos ajudar. É mais importante do que nunca que vocês estudem o *Livro dos padrões*.

— A senhora ainda não me respondeu — diz Vanessa. — O que é um demônio?

— *Demônios* é o termo mais correto. Eles não se veem individualmente, mas sim como parte de um todo. São uma espécie de criatura que vive na fronteira entre o nosso mundo e o outro.

Não sabemos de onde vêm. Não sabemos quase nada deles.

— O que eles querem? — pergunta Linnéa, caminhando lentamente até a diretora.

— Está tudo no *Livro dos padrões* — responde ela, parecendo recuar inconscientemente. —

Vocês vão descobrir na hora certa.

Linnéa para tão perto dela que as duas estão quase se tocando. Nesse instante, a diretora desvia o olhar. Linnéa solta um suspiro.

— Você não sabe. Você e o Conselho... vocês não sabem de nada.

De repente a máscara da diretora parece estar prestes a ruir. Mas ela recobra depressa o controle da expressão.

— Isso não é verdade — diz ela.

— É por isso que você não para de falar desse tal *Livro dos padrões* — prossegue Linnéa. —

Vocês mesmos mal sabem usar. E ficam torcendo para que a gente consiga.

— As chances de vocês conseguirem são bem maiores, já que nasceram com seus...

— Exatamente — interrompe-a Linnéa. — Somos mais fortes que vocês. Vocês têm medo da gente.

— Vocês interpretaram tudo errado — diz a diretora, claramente tentando soar autoritária.

— Não — diz Linnéa calmamente. — Finalmente eu entendi.

Ela abre um sorriso de triunfo.

— A diretora não é nossa inimiga — fala Minoos.

— Ah, cale a boca — manda Linnéa. — Ela quer que a gente fique olhando para um livro para descobrir o que vai nos matar. Bom, em vez disso, eu pretendo deter essa coisa.

— Então você quer atirar primeiro e perguntar depois? — pergunta Minoos.

— Isso aí — diz Linnéa. — E não é alguém que nem devia estar aqui que vai me deter.

As palavras atingem Minoos como um soco no estômago. Ela não consegue olhar as outras nos olhos. Tem medo de encontrar pena ou concordância.

— Parem já com isso — diz Vanessa.

— Droga, qual é o seu problema? — retruca Linnéa.

— Bom, deixe-me ver — diz Vanessa. — Quem sabe eu esteja com dificuldade de esquecer que você falou em matar Gustaf Åhlander. Como é que a gente vai fazer isso? Enfiando uma faca nele quando ele estiver a caminho do treino de futebol? Tacando fogo na casa dele?

Comprando uma arma com Jonte?

— Elas viram que foi ele! — diz Linnéa, apontando para Anna-Karin e Ida.

— Mas nem assim elas estão convencidas disso — fala Vanessa. — Como é que você pode estar? Você está louca para achar um culpado. Eu sei como é.

Há uma cordialidade na voz de Vanessa que Minoos nunca ouviu. Linnéa olha para Vanessa e por um instante parece que vai chorar. Em vez disso, ela pega sua jaqueta e vai embora. Vanessa a chama quando ela atravessa a cápsula tremeluzente que cerca o coreto. Linnéa para e se vira.

— A gente disse que ia se unir. Foi uma promessa — diz Vanessa.

— Isso foi quando a gente achou que fosse fazer diferença — responde Linnéa. — Mas não

vai. A gente vai morrer de qualquer jeito. — Ela aponta para a diretora. — E se vocês acham que ela vai protegê-las, estão muito enganadas. Ela foi uma bela de uma mentirosa até o momento em que caiu na própria mentira. Mas agora ela não consegue nem mentir para si mesma.

— Mas o *Livro dos padrões*... — começa Anna-Karin.

— Alguém aqui sabe como se lê aquilo? — pergunta Linnéa.

Ninguém responde.

— Acho que não — diz Linnéa.

Por um instante Mínoo se sente culpada pela satisfação: ela não é a única que não consegue decifrar os símbolos misteriosos.

— Requer prática — insiste a diretora.

— Nunca mais fale comigo, ok? — diz Linnéa.

Para grande surpresa de Mínoo, a diretora se fecha.

Ninguém diz nada até Linnéa sumir no escuro.

— Bom — diz Vanessa —, alguém tem mais alguma coisa a dizer?

Mínoo nunca ouviu um silêncio tão expressivo.

— Não sei o que vocês vão fazer, mas eu vou encher a cara — prossegue Vanessa. — Feliz merda de Dia de Santa Luzia para vocês, pessoal.

As outras juntam suas coisas e deixam o coreto em silêncio. Mínoo e a diretora acabam ficando para trás. O fogo azul está começando a baixar. A luz é suficiente apenas para Mínoo distinguir as feições de Adriana Lopez. Ela a observa com a expressão séria.

— Espero que você não acredite em Linnéa.

— Claro que não — responde Mínoo.

Ela pode não confiar por completo na diretora, mas achar que sabe menos que as outras é aterrorizante demais.

— Que bom — diz a diretora, e seu rosto se suaviza em um sorriso. — Mínoo, você também não pode dar ouvidos às outras coisas que Linnéa disse. Me desculpe pela forma como me expressei da última vez. Deve ter soado que você pertence menos a este lugar do que as outras. Eu e o Conselho estamos convencidos de que você tem um papel importante a desempenhar. Simplesmente seus poderes são mais difíceis de definir.

— Ok — diz Mínoo. — Obrigada. Quer dizer... — Ela hesita.

— Mínoo — diz a diretora —, talvez eu não devesse lhe dizer isto, mas vejo muito de mim em você. Você leva isso a sério. E não reclama só por reclamar, pois é esperta o bastante para ouvir aqueles que sabem mais que você. São qualidades de alto valor. A verdade é que às vezes eu gostaria que você fosse a Escolhida.

— Obrigada — balbucia Mínoo, zozna com tanto elogio.

— Quer uma carona para casa? — pergunta a diretora.

— Obrigada — repete Mínoo.

E é só quando elas estão saindo da floresta e enxergam as luzes do centro de Engelsfors que

Mínoo começa a se perguntar se é mesmo um elogio ouvir que ela é boa em aceitar o que os outros dizem, sem duvidar.

Quando Mínoo era pequena, sempre achava que dezembro se arrastava infinitamente em uma espera interminável pela noite de Natal; agora, parece que os dias voam.

Neste semestre, Mínoo tinha cada vez mais a sensação de estar atrasada no colégio. Não ao ponto de afetar as notas — mas quase isso. Ela vem tentando se recuperar. Está devorando os livros e fica acordada para estudar com a ajuda de café, doces e Coca-Cola. Começou até a levar sua caneca térmica para o colégio, para conseguir dar o melhor de si nas primeiras aulas, em vez de cair no sono com a bochecha na superfície de plástico lisa e gelada da carteira.

Eles estão fazendo uma apresentação de Natal no último dia de aula. Ida canta um solo — “Gläns över sjö och strand” — com um gritinho tão brega e falso de R&B que o público deve estar morrendo de constrangimento, mas ela recebe aplausos ensurdecedores. E se ilumina como o sol quando o professor de biologia, Ove Post, seca discretamente o canto do olho.

A diretora faz um breve discurso de que com a virada do ano cada um deve seguir com sua vida. Todos entendem que ela está falando de Elias e Rebecka, que a escola deveria tentar deixar para trás o que aconteceu. Mínoo tenta automaticamente localizar o olhar de Linnéa, mas ela não está ali. Mínoo percebe que não a vê desde a noite de Santa Luzia. Talvez não tenha mais vindo ao colégio.

Mais tarde, elas se reúnem na sala de aula, e Max entrega seus boletins. Quando dá o envelope a Mínoo, lança o mesmo sorriso impessoal que sempre tem lhe dirigido ultimamente.

Aquele olhar misterioso, de compreensão mútua que costumavam trocar, sumiu. Será que sequer existiu? Talvez ela tenha imaginado.

Mas ele me beijou.

Ela pensa naquilo pela milionésima vez — parece um mantra que de tanto repetir está começando a perder o significado. Nos momentos mais sombrios ela se pergunta se aquela noite na casa de Max foi apenas invenção de sua imaginação, uma psicose provocada pela pressão de tirar boas notas, ameaças de mortes sobrenaturais e muitos sonhos em que perde a virgindade com o professor...

Mínoo olha para Anna-Karin, que está sentada na lateral atrás dela, e acaba de abrir seu envelope.

— Como foi? — Ela não consegue evitar a pergunta.

Anna-Karin hesita por um instante. “A”. Em todas as matérias. Até educação física.

Quantos são merecidos?, quer perguntar Mínoo, mas morde os lábios e dá um sorriso seco.

— Parabéns — diz.

— Obrigada — balbucia Anna-Karin.

Com o coração acelerado, Mínoo abre seu envelope, mas está tudo como deveria. Apenas a nota de educação física é menor do que a de Anna-Karin.

Mínoo é uma das primeiras a deixar a sala. Sequer deseja “Feliz Natal” a Max. Não suportará mais um sorriso vazio. Quando chega ao pátio, vê o carro da mãe estacionado perto do portão e é tomada por uma forte saudade de casa. Assim que chegar lá, vai se trancar no quarto, embrulhar os presentes de Natal e se encher de biscoito de gengibre...

Gustaf está no portão. Parado como uma rocha, olhando bem na direção dela.

Mínoo procura uma rota de fuga. A mãe faz um sinal, e Mínoo acena. Ela tem que passar por Gustaf para chegar ao carro.

Ele não pode saber que você sabe. Aja como se nada tivesse acontecido, diz ela para si mesma. Ele é apenas Gustaf. O bom e velho Gustaf Åhlander.

Que fez um pacto com demônios.

Mínoo se obriga a caminhar normalmente, com pressa mas não muita. Ainda assim seu coração está pulsando como se ela tivesse acabado de correr uma maratona.

Gustaf parece tão comum em sua jaqueta preta e gorro de lã branca... Por algum motivo isso a deixa com ainda mais medo dele. Esse é o cara em quem Rebecka confiava mais do que qualquer pessoa no mundo. O que a atirou de cima do telhado do colégio. Foi exatamente o que pareceu.

— Oi — diz Gustaf, e sorri quando passa por ela. — Feliz Natal.

— Feliz Natal — resmunga Mínoo, que tem que lançar mão de todo o seu autocontrole para não sair correndo pelo resto do caminho até o carro.



Eles comemoram o Natal só entre os três — a mãe, o pai e Mínoo —, e o feriado segue a rotina de sempre. De dia, ficam na cama até tarde. Depois jogam uma rodada de Master dos anos noventa, e como sempre o pai se incomoda com as perguntas malformuladas. Depois, Mínoo sobe para o quarto e abre seus presentes. O que mais lhe agrada é um belíssimo livro de pinturas pré-rafaelitas.

Exatamente o que ela queria.

Mínoo se senta na beira da cama, recostada sobre os travesseiros coloridos, e repousa o livro nos joelhos. Ela passa rápido as imagens de mulheres e homens pálidos e sérios em roupas de tempos passados e se detém em uma pintura da Ofélia de *Hamlet*: uma menina de vestido branco deitada em um córrego, prestes a se afogar. A imagem deixa Mínoo irritada. Ofélia está tomada de felicidade e há algo quase erótico na pintura — como se de alguma forma fosse prazeroso ou sensual o fato de a namorada de Hamlet ter se afogado de propósito quando todo mundo em quem confiava a decepcionou ou morreu.

Mínoo continua folheando o livro e fica hipnotizada quando chega à pintura de Perséfone feita por Rossetti.

Então ela era assim. A menina que Max amava. A que se matou. Minoos sabe que a psique humana é complicada, que não existem respostas ou soluções simples, mas parte dela não consegue entender como uma pessoa que era amada por Max podia ser tão infeliz.

Ela solta o livro e fecha os olhos. Revisita mais uma vez o que aconteceu naquela noite na casa de Max, mas deixa as lembranças tomarem outro rumo. Max não para de beijá-la e vai adiante, deixa sua mão deslizar para baixo da camiseta dela, depois pelos seios...

Mas é difícil relaxar e se perder na fantasia. Ela se sente observada, como se alguém estivesse espiando sua mente e pudesse ver o filme para maiores que se passa lá.

Minoos está atenta. A mãe faz barulho na cozinha. Está de mau humor de novo — dá para notar pela forma como esvazia o lava-louças. Os pais tiveram mais uma discussão sobre um achar que o outro trabalha demais. O pai voltou ao jornal para conferir o que vai ser publicado depois do feriado.

Minoos se levanta e vai ao banheiro. Olha para o antigo mapa de Engelsfors, onde o Kärngruvan está marcado desde a noite da lua vermelho-sangue. Prende o cabelo em um rabo de cavalo antes de se curvar sobre a pia e ensaboar o rosto. Ela se lava com água gelada e se olha no espelho.

Uma sombra negra se move silenciosamente pelo ar atrás dela e some pela porta do banheiro. Não tinha forma. Podia ser uma nuvem de fumaça negra ou aquelas manchas que se veem quando esfrega os olhos com muita força.

Ela abre a porta e olha para a escada, no escuro. Nada. Foi só imaginação minha, diz a si mesma.



— Feliz Natal, suas vacas! — berra Vanessa.

Ela aumenta o volume no amplificador conectado ao computador e sobe na mesa. Depois ajuda Evelina e Michelle a subir. Elas quase batem umas nas outras enquanto dançam. Vanessa se firma com a palma da mão no teto. Sua camiseta sobe, revelando o umbigo, enquanto ela se balança ao som da música. Seus saltos furam a madeira mole e barata da mesa da cozinha de Jonte.

Ela e Evelina estão dançando muito próximas. Michelle agacha, rebola e se levanta. Os meninos assistem com um olhar excitado, mas Vanessa os ignora. Ela olha para as amigas, suas duas melhores amigas no mundo. Uma música antiga de Beyoncé com Jay-Z começou a tocar, e as três berram de alegria. Costumavam dançar essa música na sala de Vanessa quando eram menores — na casa dela podiam deixar o som a todo volume —, e a mãe gostava tanto que dançava junto. Evelina e Michelle achavam a mãe de Vanessa a mais legal do mundo, e na época Vanessa também pensava assim. Claro que tudo isso é da era a.N.: Antes de Nicke.

A sensação de felicidade murcha um pouco quando ela pensa na mãe. É o primeiro Natal que elas não passam juntas.

— Nessa! — grita Evelina mais alto que a música. — Como você está se sentindo?

Vanessa encontra o olhar bêbado dela. Se alguém pode entender, é Evelina. Desde que os pais dela se divorciaram, a mãe saiu com todos os canalhas de Engelsfors. Durante alguns meses no sétimo ano, Evelina praticamente morou na casa de Vanessa. Foi quando o último caso da mãe se ofereceu para ajudar Evelina a lavar certos lugares difíceis de alcançar no chuveiro, um nível de degradação ao qual Nicke nunca chegou.

É, Evelina entenderia. Michelle também, aliás. Mas quem quer falar dessas merdas?

— Muito foda! — grita Vanessa em resposta, e abre um sorriso cegante.

Ela vai esquecer essa porcaria toda e curtir como se não houvesse amanhã. Afinal, pode não haver. Então tem que aproveitar. Quando Michelle lhe traz uma cerveja, Vanessa vira a latinha de uma só vez e depois a joga pela sala, acertando as costas de Lucky.

O anel de noivado chama sua atenção.

Vai ficar tudo bem, pensa ela. Vai dar tudo certo.

Wille consegue passar pela multidão de festeiros e fica logo abaixo dela. Suas pálpebras estão pesadas, e ele tem um sorrisinho bobo. Vanessa se abaixa, cambaleia sem firmeza, leva as mãos ao rosto dele e o beija com força. Ele tem sabor de fumaça e álcool, e sua língua é quente e úmida dentro da boca de Vanessa. Ela se senta à beira da mesa, envolve a cintura dele com as pernas e o puxa para perto. Então coloca os braços em volta do pescoço dele. Uma música lenta que ela nunca ouviu começa a soar nos alto-falantes.

— Você é gostosa pra cacete — sussurra ele.

Seu hálito quente contra a orelha dela percorre o corpo de Vanessa. Ela chupa o lábio inferior dele e dá uma mordida. Ele ri.

— Olhe só isso — sussurra ele, e deixa a mão deslizar até a bunda dela.

— Quer ir para outro lugar? — pergunta ela.

Wille não responde. Ele a puxa da mesa. Eles se abraçam. A música aumenta, preenche a sala, e eles ficam agarrados. A canção é como uma bolha que envolve os dois, enquanto todos os outros somem ao fundo. A única coisa que importa no mundo é o aqui e o agora, o calor de seus corpos apertados um contra o outro.

— A gente devia fugir — sussurra Wille no ouvido dela. — O colégio que se foda. Vamos para a Tailândia. Lá mal se precisa de dinheiro. É só passar o dia deitado na praia. Transar e fumar a noite inteira. Só você e eu. Só precisamos disso.

Ela nunca foi à Tailândia, mas consegue enxergar muito bem: praias branquinhas, o mar azul brilhando, o corpo bronzeado de Wille, nunca mais sentir frio de novo. Fugir de tudo, da mãe, do medo, dos livros de magia e das grandes responsabilidades. Por que não?

A música é interrompida de repente e volta ao hip-hop.

— Qual é? — sussurra Vanessa.

Ela pega Wille pela mão e o conduz pela escada. Quando olha por cima do ombro, vê que

Evelina e Michelle ainda estão em cima da mesa. Elas reboam, bêbadas, mas ainda conseguem ser sensuais. Lucky beija uma menina de cabelo azul, uma das amigas de Linnéa. Mas Linnéa não está em lugar algum.

— Eu amo você — diz Wille quando eles afundam na cama de Jonte.

Ela arranca a camiseta suada enquanto ele desabotoa a calça jeans dela, o puxa pelas coxas e panturrilhas e então tenta passá-lo pelos pés. Então tira a própria camiseta e se deita ao lado dela.

— É sério? — balbucia Vanessa.

— Que eu amo você?

— Que quer fugir comigo. Assim, agora.

— Vamos amanhã — sussurra Wille, meio arrastado. — Nem precisamos fazer mala. Não precisamos de nenhuma roupa.

Ele tenta tirar a calça e cai da cama. Vanessa ri e o ajuda a subir de volta. Ela o beija e deixa a mão acariciá-lo por cima da cueca. Wille solta um gemido e a convence a tirar a calcinha, beija seus seios, a barriga e segue descendo.

Vanessa não liga para o que pode acontecer, não liga para o futuro. É só Wille que importa para ela, e o jeito como ele a faz esquecer tudo.



Depois, Wille sai atrás de uma cerveja. Ela se veste e percebe que a camiseta está cheirando a fumaça. Vai ao banheiro fazer xixi e retoca a maquiagem. Encontra uma garrafa de vinho pela metade debaixo da pia e toma alguns goles enquanto se apronta. Manda beijos exagerados para o espelho, faz pose, mostra os seios para si mesma e dá risadinhas. Está muito bêbada.

Quando abre a porta, Linnéa está ali fora, encostada na parede, fumando um cigarro. Usa um vestido preto curto, com corpete, meias arrastão e botas pretas. Os olhos sob a franja comprida e negra estão com maquiagem pesada. Elas se olham.

— Você parece meio acabada — diz Linnéa enfim, com um sorrisinho.

— Que gentil da sua parte — responde Vanessa, sorrindo também.

Ela está inesperadamente feliz em ver Linnéa. Esta noite parece uma longa viagem romântica. Ela se pergunta, vagamente, se alguém colocou ecstasy no vinho que acabou de beber.

— Acabada, mas gostosa — acrescenta Linnéa.

— Você também está gostosa — diz Vanessa. — Mas não acabada.

— Só por dentro.

Linnéa sorri. Vanessa imagina se Linnéa está bêbada. Ela deve ser o tipo de pessoa que nunca demonstra que está bêbada.

— As coisas ficaram bem... pesadas da última vez — diz Linnéa, e Vanessa fica pensando se

esse é o jeito dela de dizer “Desculpe por ter agido como uma maníaca sanguinária.”

Linnéa ri, exibindo os dentes perfeitos.

Cacete, ela é gostosa *mesmo*, pensa Vanessa.

— Mas é sério — prossegue Linnéa. — Não podemos confiar na diretora. Ela não consegue mesmo nos proteger.

Vanessa coloca a mão no braço de Linnéa e fica encarando seus olhos negros. Está se sentindo meio tonta. Cacete, ela não deveria ter bebido aquele vinho. Mas não pode deixar Linnéa ver o quanto está bêbada, se não ela nunca vai levá-la a sério, e o que vai dizer agora é importante.

— Mesmo que seja verdade, não faz diferença. Temos que nos unir. Foi o que prometemos a nós mesmas.

O braço de Linnéa está frio, e de repente Vanessa teme que sua mão esteja suada. Ela a tira e quase perde o equilíbrio.

— Falando nisso — diz Linnéa —, não somos as únicas aqui hoje.

Vanessa não entende o que ela quer dizer.

— Há outra bruxa nesta casa — sussurra Linnéa de forma teatral. Então acrescenta, mais séria: — E a gente devia ir conferir o que ela anda fazendo.

Jari abre uma latinha de cerveja chiando e espumando e a passa para Anna-Karin. Com cuidado, ela sorve a espuma que transbordou e toma um longo gole. O gosto não é muito bom, mas também não é repugnante. É amargo e meio metálico. Ela dá mais alguns goles e prende um arrote.

A maioria das pessoas na festa é mais velha. Nunca foram afetados pelos poderes de Anna-Karin, e é difícil de controlá-los, agora que eles enchem a casa com seus movimentos desajeitados. Ficam se balançando para a frente e para trás em grupinhos por todo lado, caindo uns sobre os outros, falando alto demais. Anna-Karin não consegue controlar a mente de pessoas que estão sob influência do álcool e, ela desconfia, outras substâncias.

A música é ensurdecadora. Ela termina a cerveja e amassa a latinha. Jari a pega e imediatamente lhe passa outra. Ela sorri, grata.

— Saúde — diz ele.

— Saúde.

As latas de cerveja se tocam no ar, e ela inclina a cabeça para trás e deixa a bebida descer pela garganta. É incrível como é fácil se acostumar ao gosto.

Anna-Karin está começando a relaxar. Ela deixa seu controle um pouco de lado. Aqui não interessa o que os outros pensam a seu respeito, contanto que Jari olhe para ela desse jeito.

Ela se sente muito sensual esta noite. Está com um vestido rosa-shocking, curto e com brilhos prateados. Ele tem um decote acentuado e se encaixa certinho em torno de seus seios, enquanto esconde a barriga. Julia e Felicia acharam que ela deveria ter escolhido algo inteiramente justo, mas Anna-Karin não estava a fim.

— Acho que um porquinho fugiu da ceia! — grita um bêbado, e aponta para ela; os amigos riem.

Anna-Karin sente a já familiar pontada no estômago. Fazia tempo que ninguém lhe dizia algo assim. Quase tinha esquecido o quanto dói.

Ela acaba a lata de cerveja em silêncio e pondera sobre uma vingança apropriada. Jari ainda a observa com devoção.

Venha cá. Mostre a eles.

Jari se joga nela. É como se a desejasse havia cem anos e não pudesse se conter nem mais um segundo. Os lábios dos dois se encontram. Então ela sente a ponta da língua dele em sua boca, tentando abri-la.

— Porra, Jari, qual é, cara? É sério isso? — exclama um amigo.

Mas Jari não responde. Ele pega Anna-Karin pelo pescoço e investe com mais força contra seu corpo. Ela fica tonta enquanto ele explora sua boca. Anna-Karin mal consegue se manter em pé. É seu primeiro beijo, e parece que ela está sendo devorada viva. Mas pelo menos aquele cara

e seus amiguinhos calaram a boca. Agora ela precisa respirar. Ela se desvencilha de Jari.

— Pode me arrumar outra cerveja? — pede.

Jari abre os olhos e sorri. Graciosamente, como se vivesse para servir Anna-Karin, ele vai buscar outra cerveja, congelando na neve que cai lá fora.

— Fala sério! — sibila uma voz de forma rude, puxando o cotovelo dela.

Vanessa.

Anna-Karin se deixa ser arrastada. Elas passam por Linnéa, que as acompanha até uma sala onde há meninos esparramados pelo chão jogando *video game*. Está relativamente silencioso ali. Elas se apertam em um canto, o mais distante possível dos meninos.

— O que diabos você está fazendo? — pergunta Linnéa.

— Vimos seu showzinho com Jari. Qual o seu problema? — dispara Vanessa.

Isso é *bullying*, levar a menina para um canto e jogar acusações em sua cara. Só porque Anna-Karin não faz exatamente o que elas querem. Esperam que ela volte a ser a antiga Anna-Karin, a que nunca ousava olhar nos olhos de ninguém, a que ficava sempre sozinha?

O baixo pulsante da música vibra nas paredes do quarto. Os meninos no chão gritam em uníssono quando algo explode na tela da tevê.

Vanessa e Linnéa estão paradas bem longe. Anna-Karin não sabe se duas cervejas é muito, só sabe que quer mais uma. Agora.

— Me deixem em paz — diz ela. — Eu sei o que eu estou fazendo.

— Sabe mesmo? — pergunta Linnéa.

— Tenho tudo sob controle.

— Acho que não tem não — diz Linnéa. — Você está virando uma viciada. E esse lance com Jari é...

— Se eu arranjo um namorado, o que vocês têm a ver com isso?!

— Nada — responde Vanessa. — Pode ter quantos namorados quiser. Só que Jari não é seu namorado. Você usou seu poder nele.

— Não pense que a gente não entende, Anna-Karin — acrescenta Linnéa. — Sei como é ser excluída. Sei como é querer o que não se pode ter.

Os olhos de Linnéa exalam muita pena. Anna-Karin quase consegue ler seus pensamentos. *Pobrezinha da Anna-Karin. É tão feia, tão desesperada, que tem que usar magia para que alguém a queira. Não tem nada nela que alguém possa gostar. Ela pode enganar qualquer um, mas a gente sempre vai ver como ela é de verdade. A caipira burra, gorda, nojenta, Vacalhau, flácida, baleia, estranha, inútil e fracassada que sempre foi. Só porque está de vestidinho novo acha que é como as outras. Deprimente.*

— Vão pro inferno — diz Anna-Karin, lentamente.

A raiva dela é tão intensa que chega a assustá-la. Ela atropela Vanessa ao passar por ela e abre a porta.

O local está lotado. Anna-Karin abre caminho pela multidão, à procura de Jari. Os corpos quentes formam uma impenetrável barreira de carne. É como um daqueles pesadelos em que

você tenta correr mas não consegue chegar a lugar algum. Ela desvia dos cigarros acesos, pula poças de cerveja e procura uma passagem no aglomerado de gente. Por fim, não aguenta mais.

Saiam da minha frente, ordena.

É como Moisés abrindo o Mar Vermelho. Todos dão alguns passos para o lado, e Anna-Karin tem o caminho livre. Ela dá um suspiro de alívio. Agora pode andar tranquilamente por ali, a seu bel-prazer, enquanto os outros ficam apertados como sardinhas, formando uma parede viva e oscilante ao longo de seu trajeto.

Ela procura Jari por todos os cantos, mas não o encontra. Acaba cruzando o corredor e abre o que parece ser uma porta para o porão. Entra e a fecha. Uma única lâmpada ilumina as tábuas cruas, sem tinta, que formam a escada. Anna-Karin desce até outra porta e a abre. Boa parte do minúsculo porão é ocupada por um aquecedor e um imenso freezer, um tentando superar o zumbido do outro. Quando ela fecha a porta, a música e a conversa alta diminuem até virarem um burburinho abafado.

Um antigo relógio de chão está apoiado em uma parede, ao lado de um violão quebrado e dois trenós. Tranqueiras do dia a dia. Cheira a pedra, umidade e terra. Do outro lado do cômodo, uma porta de metal verde está entreaberta. Anna-Karin sabe instintivamente que não deve entrar ali. Talvez seja por isso que não resiste.

A luz quase a cega. A sala é grande, e as paredes são brancas. Lâmpadas ultravioleta pendem do teto sobre fileiras bem ordenadas de plantinhas verdes. É quente e úmido ali, e ela ouve um zumbido monótono que parece vir de ventiladores elétricos.

Que estranho, pensa ela, alguém cultivando legumes no porão. Então cai a ficha. Que ingenuidade. As plantinhas verdes que crescem sob as lâmpadas são *cannabis*. Ou maconha. Ou seria a mesma coisa? Ela não faz ideia.

Ela olha para a mesa, que está atulhada de ferramentas e uma pilha de manuais bem gastos. E, ao lado dos manuais, uma arma.

Anna-Karin chega mais perto. A arma é preta e tem o cabo marrom. Parece que já foi usada.

Naquele instante ela ouve passos nas escadas, e uma porta se abre. Ela olha de um lado para outro, nervosa. Os passos estão se aproximando. Não há onde se esconder.

Um cara alto e franzino entra na sala. Está usando um chapéu cinza puxado até as sobrancelhas. Tem um olhar vago porém intenso. Anna-Karin sabe na mesma hora quem é. Jonte.

— Era pra essa porta estar trancada — diz ele.

— Estava aberta — responde Anna-Karin. — Eu não sabia...

Os olhos de Jonte se estreitam. Ele se aproxima, e Anna-Karin recua até bater em uma mesa.

— Que merda você está fazendo aqui?

Anna-Karin usa seu poder contra ele, tenta envolvê-lo em uma sensação suave, agradável. Jonte para de repente e inclina a cabeça para o lado, quase como um animal se sentindo ameaçado. Então seu rosto relaxa, mas ele quase não baixa a guarda. Anna-Karin não consegue

controlá-lo. É a cerveja, claro.

— Anna-Karin — chama a voz de Jari.

— Aqui — grita Anna-Karin em resposta, um pouco mais alto que o necessário.

Ela sente um alívio enorme quando Jari entra.

— Oi, gata — diz ele, sorrindo.

— Quem é essa? — pergunta Jonte, a voz tomada de desconfiança.

— Tá tudo bem. Ela tá comigo — diz Jari. — Anna-Karin, esse é Jonte, o dono da festa. —

Ele ergue uma garrafa transparente com um líquido marrom dentro e sorri para ela. — Melhor que cerveja — diz, triunfante.

— Tire já essa puta e essa sua pinga fuleira daqui, porra — ordena Jonte, com desprezo.

— Não chame a... — responde Jari em tom ameaçador, e dá um passo na direção dele.

— Tudo bem — diz Anna-Karin rapidamente. — Venha, Jari.

O som da festa vai ficando mais alto conforme eles sobem as escadas. — Jonte é estranho às vezes — comenta Jari. — O cérebro dele é, tipo, fumaça, entende?

Ele dá uma risada rouca e mostra a garrafa. Anna-Karin para e bebe. Vanessa e Linnéa ainda devem estar lá em cima. Ela vira o líquido de uma vez e quase vomita. Sua boca parece estar cheia de napalm, mas ela faz força para engolir. O líquido desce queimando pela garganta. Ela engasga algumas vezes como se fosse vomitar, mas espera que Jari não tenha notado.

— Bonzaço, né? — pergunta ele.

— Aham.

Ela toma mais um gole. Dessa vez desce mais fácil, como se a primeira dose houvesse entorpecido a boca e a garganta. Ela vira a garrafa mais uma vez, deixando o líquido escorrer pela garganta.

— Vá com calma — sugere Jari, e ri.

Só por causa disso, é claro, Anna-Karin toma mais um gole antes de devolver.

Assim que ela abre a porta do porão, eles são atingidos por um solo de guitarra de hard-rock



Minoos está sonhando com Ofélia. Ofélia, que é Rebecka. Ela está se afogando, e Minoos tenta salvá-la. Caminha para dentro do rio. É surpreendentemente fundo. Ela tem que lutar contra a correnteza para se manter de pé. Tenta agarrar a camisola branca que ondula em volta da amiga na água. Mas o tecido escapa por seus dedos. Rebecka lhe dirige um olhar de dor, como se estivesse triste por Minoos.

Minoos... Minoos, você precisa acordar agora.

Minoos se recusa, ainda semiadormecida. O sonho não terminou. Ela tem que pegar Rebecka. *Acorde.*

Ela abre os olhos e olha ao redor, atordoada, se acostumando lentamente à escuridão. Visualiza os contornos familiares da sala. Tenta lembrar o que a acordou, mas tem dificuldade para se concentrar.

Mino...

O coração dela para. É uma voz que não é uma voz. Está dentro de sua cabeça, disfarçada de seu próprio pensamento. É afetuosa, reconfortante, e a apavora.

Mino se senta na cama. Tateia à procura do abajur a seu lado e aperta o interruptor.

Olha ao redor, com o coração a mil. O medo é tão forte que ela se sente como um animal sendo caçado, movida pelo instinto. Não ousa respirar. A presença terrível vai encontrá-la se ela fizer o mínimo ruído.

O abajur da mesinha pisca.

Levante-se.

O corpo de Mino obedece: ela sai da cama e atravessa a porta.

E então percebe que a presença medonha está dentro dela mesma.

Quando pisa no corredor, a porta do banheiro está escancarada. O som de água corrente chega a seus ouvidos. É a banheira enchendo. Passo a passo, ela se aproxima da porta aberta.

Sem dor, sussurra a voz. Sem dor, eu prometo.

Mino caminha silenciosamente até o banheiro, e a porta se fecha assim que ela passa.

Jari leva Anna-Karin a um dos pequenos cômodos do andar de cima. Há almofadas espalhadas pelo chão e uma mesa de pingue-pongue. Duas meninas pegam cubos de gelo do copo uma da outra, depois destrocam os cubos se beijando. Está claro que é um showzinho para os caras sentados nas almofadas.

Anna-Karin apoia os cotovelos na mesa de pingue-pongue. O mundo inteiro está girando, como se ela estivesse no mar. Ela não se sente tão enjoada se focar o olhar à frente.

— Tudo certo com você? — pergunta Jari.

O querido e atencioso Jari. Com aqueles olhinhos doces, lindos. Não pode ser só a magia de Anna-Karin que o faz olhar para ela daquele jeito. Ele deve gostar mesmo dela.

— Eu me sinto *bem pra cacete* — diz ela.

Sua língua está dormente. Frouxa e entorpecida, ela mal consegue continuar. E a cabeça parece tão pesada que é difícil mantê-la erguida. Mas o que ela diz é verdade. Ela se sente bem pra cacete. Está com Jari. O menino de seus sonhos.

— Não fiquei assim só porque fui gorda e feia a vida inteira. A culpa é da minha mãe. Eu acredito mesmo nessa porra. Ela me deixou totalmente anti-homem. Ela nunca...

Agora Anna-Karin tem que engolir de volta o vômito que borbulha no esôfago antes de prosseguir. Ela limpa a garganta e olha ao redor para incluir entre seus ouvintes os caras atirados nas almofadas.

— Ela nunca falou nada de bom de vocês. Quer dizer, tipo, não de *vocês*, mas dos *garotos*, entendem? — Anna-Karin não sabe se está prestes a rir ou a chorar. Tudo é ao mesmo tempo muito divertido e muito triste. E tão instável. — Mas vocês são legais pra cacete. Fico tão feliz por existirem. Homens são legais pra cacete. Homens, homens, homens. Mais homens!

Ela percebe o quanto está sendo imbecil. Sempre achou que bêbados não têm noção do quanto parecem imbecis. Agora sabe que quando você está bêbado simplesmente *não está nem aí* se soa ridículo. Ela não dá a mínima. Para nada. É como se tivesse tirado uma tonelada de cima do peito.

— Talvez você deva dar um pouco de água para ela — diz alguém para Jari, e Anna-Karin ouve.

Por que estão falando dela como se ela não estivesse ali?

Anna-Karin cambaleia apoiada na beirada da mesa de pingue-pongue até Jari. Está usando todo o seu poder para mantê-lo sob controle. As outras pessoas na sala provavelmente não gostam dela. Mas e daí? Jari é o único que importa.

— Quem você ama? — pergunta Anna-Karin, olhando para ele.

— Você, é óbvio — responde Jari, sem piscar.

Ela dá alguns passos na direção dele, tropeça e cai em seus braços. Sua testa bate nas

sobrancelhas de Jari, mas ela mal sente. Joga os braços em volta do pescoço dele e abre a boca.

De início, ele a beija com carinho. Ela tenta se encostar nele para manter o equilíbrio enquanto pensa quantas palavras rimam com o que eles estão fazendo — fuçar, tragar... estranhar? Coçar? E então para de pensar. As únicas coisas que existem são suas bocas. A língua dela na boca de Jari, a língua de Jari na boca de Anna-Karin. Ela lambe o lábio inferior dele, e Jari solta um gemido. Os dentes dos dois se chocam algumas vezes. Ela começa a ficar cada vez mais ousada. Chupa a língua dele — mal acredita que tem coragem de fazer isso. Deixa as mãos passarem por cima da camiseta dele, depois por baixo. Ele é magrinho. Ela sente o tanquinho em sua barriga. A pele é quente. Os pelinhos macios embaixo do umbigo. Seus dedos afagam a calça jeans dele. Ele geme.

— Cacete! — grita uma menina. — Vão trepar em outro canto!

Anna-Karin e Jari abrem os olhos e olham ao redor, a visão embaçada. Sem tirar o olhar ou as mãos do corpo dela, ele diz:

— Não sei o que é que essa menina faz comigo.

Anna-Karin lambe os lábios do jeito que viu mulheres fazendo nos filmes pornô aos quais assistia escondida. Percebe que está lambendo a saliva de Jari — está por toda a sua boca —, mas por algum motivo isso não lhe dá nojo. Na verdade, só a excita ainda mais.

Anna-Karin se inclina sobre o ouvido de Jari e sussurra:

— Vamos achar um lugar pra transar. Quero transar com você agora.

Jari assente e roça suavemente os lábios nos dela. Isso provoca choques elétricos por todo o corpo de Anna-Karin. Ela quer mais. Agora.

Eles voltam ao centro da festa. Ver todas essas pessoas de novo é um choque. Anna-Karin tenta fazer com que saiam do caminho, tenta se concentrar nos corpos, mas mal consegue se manter em pé.

Ela deixa Jari ir na frente, abrindo o caminho.

— Lá em cima? — pergunta ele, olhando por cima do ombro.

Anna-Karin faz que sim, mas então vê Vanessa e Linnéa. Elas estão vindo em sua direção e parecem estar com raiva. Que piada. Ela solta a mão de Jari.

— Vá ver se tem algum quarto livre. Eu já vou.

Então cruza os braços e espera pelas duas. Desta vez não vai sair correndo.



A água jorra da torneira da banheira. Mínoo fica apenas vendo o nível da água subir. O vapor já embaçou o espelho e está deixando seu pijama grudado no corpo.

Mínoo está em algum lugar dentro de si mesma, tentando escapar. Ela é uma prisioneira do próprio corpo, aprisionada sob seu rosto. Ouve o trinco da porta girar atrás de si, depois se fechar

com um clique. Tenta gritar, mas o som não chega às cordas vocais.

Cada detalhe do banheiro é cristalino. Ela vê cada linha do tapete felpudo sob seus pés. Cada gota d'água que cai da torneira. O cinza-escuro entre os azulejos brancos.

Me deixe em paz!, grita ela dentro da própria mente. *Me solte!*

Não posso.

O mais assustador é que a voz é tão carinhosa e amigável, tão agradável...

A torneira da banheira se fecha. Ela olha para a água, para os pontinhos de poeira que flutuam na superfície. Os últimos pingos caem da torneira.

Alguém bate à porta.

— Mínoo — chama sua mãe com a voz pesada de sono.

Mínoo consegue vê-la em sua mente, parada do outro lado da porta, a menos de um metro, enrolada em seu roupão vermelho-escuro, desbotado.

Mãe!, pensa Mínoo. *Mãe, me ajude!*

— Eu acordei e não consegui dormir, então pensei em tomar banho. Desculpe se acordei você — Mínoo se ouve dizer.

— Tudo bem. Só tome cuidado para não pegar no sono dentro d'água — diz a mãe, e sai.

Mínoo dá alguns passos à frente. O calor sobe até o rosto.

Está quase acabado. Você não quer ficar aqui. Não tem ideia do que a aguarda neste mundo.

Só vai ficar pior. Muito, muito pior. E tudo isso para nada. Não há razão para resistir. Você gosta de lógica e já compreendeu, não? Não há como vencer.

Ela põe um pé na banheira. A água está quente, mas não o suficiente para queimá-la. Depois põe o outro. A calça do pijama gruda nas panturrilhas. Ela implora para a presença intrusa libertá-la. Suplica.

Todo o seu sofrimento, Mínoo, é só o começo. Confie em mim. Assim é muito mais fácil.

O corpo de Mínoo é engolido pela água quando ela cede e entra na banheira. A parte de cima do pijama está cheia de ar e infla como um balão enquanto ela luta para manter a cabeça acima d'água.

Por um instante ela consegue ver o que a segura — uma névoa de fumaça negra cerca seu corpo. Ela concentra toda a sua força de vontade para dispersá-la. A fumaça se dissipa levemente.

Mínoo recobra o controle das mãos. Agarra a borda da banheira e se segura desesperadamente a ela. Seus braços tremem de tanto esforço.

Libere, Mínoo.

A força some das pontas de seus dedos quando eles são arrancados da banheira. Ela afunda. A água quente encobre seu rosto.

Não há por que resistir.

Se a mãe voltou a dormir, nem ela nem o pai vão tentar abrir a porta do banheiro até amanhã de manhã. Será que estará destrancada até lá? Ou será que vão ter que arrombar? Os olhos de Mínoo estarão abertos sob a água, encarando o nada?

A fumaça negra a puxa para baixo d'água até sua cabeça bater no fundo da banheira.

Me perdoe.



— Venha. Vamos levá-la para casa — diz Linnéa.

— Podem esquecer — responde Anna-Karin.

A fumaça de cigarro paira no ar como neblina, misturada a outro cheiro mais doce. Anna-Karin chega à conclusão de que um copo d'água não seria má ideia no fim das contas.

Um cotovelo a atinge por trás, e ela dá uma guinada, cambaleante. Por um instante acha que vai perder o equilíbrio e cair no chão, mas balança os braços e consegue se manter de pé.

— Porra! Ela nem consegue se equilibrar — diz Vanessa.

— Alguém me empurrou! — exclama Anna-Karin. A raiva sobe e clareia sua mente. Agora ela está entendendo. Deve ser difícil para Vanessa não ser mais o centro das atenções, agora que Jari quer Anna-Karin e não ela. — Não vou a lugar nenhum — acrescenta. — Se quiserem, podem ir para casa.

— Você já teve aventura demais para uma noite — diz Linnéa.

— Eu vou passar a noite toda aqui — rebate Anna-Karin —, e Jari vai tirar minha virgindade. Vanessa fica boquiaberta. Anna-Karin nunca tinha presenciado essa cena.

— Quer dizer que você vai estuprar ele? — pergunta Linnéa.

— Vai sonhando — diz Anna-Karin.

— Transar contra a vontade dele é estupro.

— Você e eu sabemos muito bem que ele nunca faria isso por vontade própria — acrescenta Vanessa.

— Todo homem só pensa em transar! — retruca Anna-Karin. — Que cara ia negar? Hein?

— Anna-Karin — diz Vanessa, com firmeza. — Não é assim que funciona. Jari é um ser humano, não alguém que você pode simplesmente usar. Você acharia legal se um cara fizesse isso com uma menina?

— Não é a mesma coisa. Mas, enfim, Jari me quer de verdade, não importa o que vocês pensam.

— Agora você está indo longe demais — diz Linnéa.

— Hipócritas! — berra Anna-Karin. — Todo mundo sabe que Vanessa é uma vagabunda. E você é uma drogada de merda, filha de um bêbado...

Um tapa. O rosto de Anna-Karin arde. Linnéa lhe deu um tapa na cara que faz todo mundo se virar para ver. De repente ficou um silêncio notável, com exceção da música, que vibra pela casa. Anna-Karin faz tudo o que pode para segurar as lágrimas que ardem em seus olhos.

Ela vê Jari descendo as escadas e vai ao encontro dele.

— Algum problema? — pergunta Jari, ansioso.

— Quero ir para casa com você — diz ela.



As últimas bolhas de ar escapam do canto da boca de Mínoo e sobem à superfície da água. Ela sente um peso no peito. Luta contra a nuvem negra, que quer abrir sua boca e deixar que os pulmões se encham de água.

Há um zumbido em seus ouvidos, que sobe e desce junto com seu batimento cardíaco. A água está entrando pelo nariz e descendo pela garganta.

Não!

De repente seu corpo se liberta da força.

Eu não posso...

E a nuvem negra, que começou a girar em um turbilhão em volta dela, some.

Não vou fazer isso. Não vou lhe dar ouvidos.

Os braços de Mínoo voam para o alto, saindo da água. A adrenalina explode por seu corpo, dando a força de que ela precisa. Seus braços caem pela borda da banheira, e ela se ergue até ficar sentada.

A água transborda pelas beiradas da banheira e cai no chão com barulho. Ela gagueja e tosse até ter ânsia de vômito, e então, enfim, consegue encher os pulmões de ar. Entra um pouco de água junto, e ela tosse, mais uma vez violentamente. Desta vez, quase vomita.

Mínoo se levanta com as pernas trêmulas e quase cai na banheira. Apoiando-se na pia, ela consegue sair e se senta na privada. A água escorre do cabelo e do pijama. Sua respiração está pesada, e uma grande poça d'água se forma nos azulejos a seus pés. Ela sequer ousa acreditar que aquilo terminou.

Ela dá um pulo quando, de repente, ouve batidas na porta. Alguém mexe na maçaneta.

— Mínoo! — grita a mãe.

O alívio é tão grande que ela começa a chorar. Quer abrir a porta e se jogar nos braços da mãe. Mas como explicaria o pijama encharcado?

— O que está havendo aí? — chama a mãe, batendo de novo na porta.

Mínoo respira fundo algumas vezes.

— Está tudo bem. Eu adormeci na banheira — grita ela em resposta.

Sua voz está rouca. Ela mal a reconhece quando ouve o eco nos azulejos.

— Minha nossa, Mínoo! Eu avisei, não foi?

Mínoo descansa a testa nas mãos. Seu corpo inteiro treme.

— Desculpe — diz a mãe, com uma voz mais doce. — É que fiquei muito assustada. Quer que eu entre?

Mínoo força um sorriso na esperança de que isso a ajude a parecer normal.

— Está tudo bem. Só vou limpar as coisas aqui — diz.

Ela tira o pijama, que cai pesado no chão com um barulho, e hesita antes de colocar a mão dentro da banheira e puxar o tampão.



Anna-Karin se senta na cama desarrumada. Ainda está com o vestido rosa-shocking. Seu cabelo está esparramado sobre o travesseiro quando ela se deita. Ela fecha os olhos para fazer o quarto parar de girar, mas apenas se sente pior.

Ficou um pouco mais sóbria depois da longa caminhada pela floresta, e agora está muito nervosa.

— E se seus pais acordarem? — sussurra ela.

— Não vão acordar. O quarto deles é do outro lado da casa.

Jari tira a camiseta. Não está usando nada por baixo. A pele é branca, suave e firme sobre os músculos. Anna-Karin mal se atreve a olhar, mas não consegue evitar. Ele abre o zíper da calça e se abaixa para tirá-la, o rosto escondido por baixo do cabelo comprido e escuro.

Então ele fica só de cueca preta, tão apertada que ela consegue ver os contornos de tudo o que há por baixo. Ele vai na direção da cama, ainda de meias. Por algum motivo ela foca seu pânico nas meias.

Tire as meias! Tire as meias!

Ele para e arranca as meias como se elas estivessem pegando fogo. Então abre um sorriso como se pedisse desculpas e sobe na cama. Eles ficam deitados lado a lado por um instante, enquanto ele brinca com uma mecha do cabelo dela. O joelho dele desliza sobre as pernas dela conforme ele se aproxima. Ele a beija com intensidade enquanto pega a bainha do vestido dela e o ergue até as coxas.

Você e eu sabemos muito bem que ele nunca faria isso por vontade própria.

Anna-Karin o detém. Ela leva a mão ao rosto dele e olha bem no fundo de seus olhos, tentando entender sua expressão lasciva e ligeiramente vidrada. Jari quer mesmo estar aqui? Quer mesmo fazer isso?

Ela respira fundo e continua o encarando. Então se desliga, corta o poder que emana.

A princípio nada acontece. Jari olha para ela com um sorriso paciente porém confuso.

Então algo muda em seus olhos. Como se uma película fosse retirada. Uma centelha que se reacende subitamente.

Ele olha para o lado, coça o braço, distraidamente. Olha para ela de novo. E a *enxerga* de verdade.

Ela conhece aquele olhar. Já o viu antes.

— Que diabos você está fazendo aqui?

O quarto começa a girar de novo, como se ela estivesse caindo de costas em câmera lenta. Uma pontada violenta de náusea atinge seu corpo, como uma convulsão. Não há como ignorar.

Ela pula da cama e abre a porta. A força da bile cresce no estômago. Anna-Karin olha em pânico para o corredor escuro. São muitas portas.

E lá vem uma erupção de sua boca, com a velocidade de uma bala de canhão. Ela passa rapidamente pelo corredor, mantém tudo dentro da boca com os dentes trincados. Um pouco sobe ao nariz, e ela sente tanto nojo que tem certeza de que a qualquer momento vai vir mais. Sua barriga ronca, e ela vê o coraçãozinho pregado em uma das portas. Puxa a maçaneta, desesperada. Mas a porta do banheiro está trancada.

Tem alguém lá dentro.

Anna-Karin cai de joelhos. O vômito espirra pela boca e pinga de seu nariz. Seu corpo inteiro treme, enquanto seu estômago esguicha mais jatos no chão e nas paredes. Soa como alguém esvaziando um balde d'água.

Acaba em segundos. Ela limpa a boca com as costas da mão, mal conseguindo olhar o que deixou para trás.

— Jari — chama uma mulher de dentro do banheiro.

A cabeça de Anna-Karin está tão pesada que ela só quer se deitar e fechar os olhos, mas ela se levanta e corre de volta para o quarto de Jari. Eles quase se chocam na entrada.

— Que porra é essa? — pergunta ele.

Na outra ponta do corredor, alguém, sem dúvida a mãe de Jari, dá descarga. Anna-Karin olha para ele pela última vez. Seus olhos refletem desgosto e descrença.

Ela corre.

Corre para a porta da frente, por onde ela e Jari passaram há apenas quinze minutos. Seus dedos molhados de suor mal conseguem segurar a maçaneta, mas a porta é escancarada. Ela é atingida por um sopro de ar gelado e se lembra de sua jaqueta, e a pega do cabideiro antes de sair.

Lá atrás, uma voz feminina pragueja com nojo, e ela percebe que a mulher deve ter acabado de pisar na poça de vômito.

Anna-Karin podia ter deixado tudo certo, controlado Jari e a mãe para fazê-los esquecer tudo, mas ela se odeia demais. Anna-Karin nojenta, Anna-Karin imbecil — vê o que acontece quando você tenta pegar o que não merece?

Anna-Karin corre como nunca. Se mistura ao vento. Dispara pelo jardim, floresta adentro. A cabeça lateja e a barriga dói, mas ela continua correndo, correndo, correndo.

Faz frio no carro da diretora. Mínoo mandou uma mensagem para ela assim que voltou para seu quarto, e elas combinaram de se encontrar aqui, em uma estrada de terra na floresta a poucos quilômetros da casa de Mínoo.

— Conte desde o começo — pede Adriana Lopez.

Uma camada branco-leitosa de condensação se forma do lado de dentro das janelas à medida que Mínoo narra o que aconteceu com todos os detalhes possíveis. Mas, por algum motivo que não consegue explicar, ela deixa a fumaça negra de fora. De certa forma, não consegue se convencer a mencioná-la, quase como se houvesse algo de proibido ou vergonhoso em relação a isso.

Quando ela termina, a diretora pega uma garrafa térmica e duas xícaras de plástico do porta-luvas e serve um líquido quente nas xícaras.

— Beba um pouco disto — diz, entregando uma das xícaras a Mínoo.

— É... mágico?

Adriana sorri.

— É chá.

Ela prova com cautela, e Mínoo a acompanha. O chá adoçado com mel queima a ponta da língua.

— Não gosto nem um pouco dessas florestas — comenta a diretora, pensativa. Ela inclina o corpo sobre o volante e espia pelo para-brisa. — Conte de novo o que a voz disse logo antes de libertá-la. Tente se lembrar com o máximo de precisão.

Mínoo faz o possível, mas os eventos daquela noite já estão se desfazendo e virando uma coisa só. É difícil distinguir os fatos quando tudo de que ela se lembra bem é de estar em pânico.

— De repente ela disse “Não”. Depois acrescentou: “Eu não posso, não vou fazer isso. Não vou lhe dar ouvidos.”

Adriana assente. Está chovendo. Flocos grandes caem suavemente sobre o para-brisa e se unem.

— Você acha que a voz estava dizendo aquilo para você ou para outra pessoa?

— Como assim?

— “Não vou lhe dar ouvidos.” Não parece estranho a voz dizer isso para *você*?

Mínoo tenta organizar as ideias.

— Está dizendo que podia haver duas vozes? Que elas estavam falando entre si?

— Duas ou mais — diz Adriana, misteriosa.

O estômago de Mínoo revira. Será que várias vontades estavam brigando por ela naquela noite? E se da próxima vez a outra vencer?

— Tem certeza de que me contou tudo? Cada detalhe pode ser importante.

Mínoo se concentra nos flocos de neve.

— Sim — responde.

— Como está se sentindo?

— Não sei. Só consigo pensar em Rebecka. E em Elias. Agora sei o quanto eles devem ter ficado assustados e o quanto devem ter resistido. E a voz que se sentia no direito de decidir se viveríamos ou não, que dizia que nada tinha sentido... Isso me deixa tão furiosa agora.

A diretora apenas concorda, solene.

— Se tivesse acontecido algo com você hoje, eu nunca ia conseguir me perdoar. Sei que todos vocês estão desapontados comigo, mas estou apenas seguindo as ordens do Conselho.

Mínoo percebe que é quase um pedido de desculpas.

— A senhora quer dizer que o Conselho está errado?

— Não — responde a diretora enfaticamente. — Absolutamente não. Só queria poder fazer mais por vocês. Sei que acha que sou uma espécie de rainha do gelo... — ela faz uma pausa — ... mas eu me importo com todos vocês. Me importo com você, Mínoo. A última coisa que quero é que algo lhe aconteça. O que aconteceu com Elias e Rebecka me atormenta mais do que qualquer um pode imaginar.

Então *existe* um ser humano por baixo da superfície gelada da diretora.

— Você precisa me prometer que vai tomar cuidado e que não vai agir por conta própria — prossegue ela. — Sei que é difícil, mas nós temos que confiar no julgamento do Conselho. E estudar o *Livro dos padrões*.

É a primeira vez que a diretora fala “nós” sem se referir a ela e ao Conselho.

— Eu prometo — diz Mínoo, e esvazia sua xícara antes de colocá-la no porta-copos entre os bancos. — Agora eu preciso voltar para casa.

— Quer que eu a deixe lá?

Mínoo balança a cabeça em negativa.

— Não precisa — diz, e desce do carro.

— Lembre-se do que eu disse — reforça Adriana, antes de Mínoo fechar a porta.

Mínoo faz um sim obedientemente pela janela e acena em despedida.

Assim que o carro da diretora dobra uma esquina e desaparece, Mínoo pega o celular e liga para Nicolaus. Eles decidem em minutos o que precisa ser feito. Tudo o que a diretora disse confirmou aquilo de que eles já suspeitavam. Eles não podem mais esperar por ela e pelo Conselho. Precisam assumir o controle da própria vida. Enquanto ainda estão vivos.

O ruído das solas de borracha no chão, gritos de raiva e comemorações, baques surdos quando uma chuteira acerta a bola. O ginásio do colégio fica completamente diferente quando o Clube de Futebol de Engelsfors treina. Um tipo diferente de energia o preenche, mais focada, embora os cheiros sejam os mesmos. Suor, borracha e ar bolorento.

Vanessa está invisível nas arquibancadas, tentando se interessar pelo jogo de treino para o tempo passar mais rápido. Mas não tem sucesso. Nunca entendeu como alguém pode se dar o trabalho de fazer uma coisa inútil como correr atrás de uma bola, quanto mais assistir aos outros fazerem isso. Há pelo menos um bilhão de coisas que ela prefere fazer a seguir Gustaf.

Se Gustaf é mesmo um serial killer mancomunado com demônios, está se escondendo muito bem. Vanessa fica pensando se não desperdiçou metade de seu feriado de Natal para nada.

O robusto pai de Kevin Månsson é o treinador, e sopra seu apito. Vanessa olha para o grande relógio pendurado nas barras de alongamento. Finalmente. Os meninos em quadra se reúnem, trocam as batidinhas nas costas de praxe, bebem água de garrafas plásticas, fingem que estão brigando e uivam. Vanessa bufa, impaciente. Em momentos como este ela lembra por que nunca ficaria com um cara de sua idade.

Ela desce as arquibancadas na ponta dos pés e se mistura à turma barulhenta. Aprendeu a não usar perfume nem lavar o cabelo antes de seguir Gustaf. Cometeu este erro da primeira vez que veio a um treino. Kevin Månsson começou a gritar que alguém estava cheirando a veadinho e começou a fungar por todos os cantos, como um cão de caça acelerado, em busca de um culpado.

Ela os acompanha até o vestiário, onde eles desamarram o cadarço, tiram a camiseta suada e ficam remexendo suas sacolas à procura de toalha e sabonete.

É como entrar em um universo paralelo e secreto. Ela já viu alguns dos caras mais bonitinhos do colégio se ensaboando no chuveiro. Por outro lado, também viu Kevin, sozinho, descobrir uma grande espinha no braço, chupá-la e cuspir na lixeira. Tem coisas que você simplesmente não quer saber sobre outras pessoas. Algumas imagens são impossíveis de esquecer, por mais que se queira.

Gustaf não é igual aos outros. É mais na dele. Como se não tivesse que provar nada. Deve ser por isso que as meninas sempre ficam caidinhas.

Agora ele está sentado na sauna. Sua pele reluz de suor. Está cercado pelos outros, mas ainda assim não está realmente com eles. Vanessa percebe que ele finge rir das piadas. Ninguém nota, e ela se pergunta se ele era assim mesmo antes de Rebecka morrer.

Antes de ele matá-la.

Se é que foi ele. Será possível que tenha sido Gustaf?



Pela manhã, bem cedo, todas se encontram na casa de Nicolaus, com exceção de Ida. Elas têm se reunido ali todas as manhãs desde o ataque a Mínoo para treinar magia de resistência.

As sessões geralmente consistem em Anna-Karin tentando forçá-las a fazer alguma coisa, uma a uma, enquanto elas tentam bloquear. Ela ficou surpreendentemente relutante, mas acabou se deixando convencer.

“Mas só vou fazer coisas inofensivas”, disse ela.

Então direcionou seu poder a Mínoo, que foi tomada por uma vontade irresistível de cantar uma música brega de um musical. Ela já havia berrado um verso inteiro e o refrão, quando conseguiu bloquear o resto.

“Isso *não* foi inofensivo”, disse Mínoo, com o rosto vermelho.

Desde então elas têm feito exercícios simples. Anna-Karin as pede para pegarem uma caneta do chão enquanto elas resistem.

Para que Anna-Karin também tenha oportunidade de praticar, esta manhã Nicolaus sugeriu que Vanessa se fizesse invisível e a outra tentasse enxergá-la. Ela acabou conseguindo, coberta de suor por causa do esforço. Vanessa ficou perceptivelmente abalada.

“Ter que seguir em segredo um cara aliado a um demônio me deixa *tão* segura”, disse ela, antes de sair justamente para seguir Gustaf.

Mínoo e Anna-Karin vão direto do apartamento de Nicolaus ao parque de diversões para encontrar a diretora.

Agora a cabeça de Mínoo está latejando. Ela só quer se deitar e dormir no meio do coreto. A diretora fala, monótona, sobre o *Livro dos padrões*, enquanto Mínoo, Anna-Karin e Ida giram seus Visores e folheiam o livro irritante.

— Mínoo.

Por um instante Mínoo não sabe se está cochilando. Ela ergue o olhar e encontra o da diretora.

— Como está se saindo? Enxergou alguma coisa?

O entusiasmo dela nunca diminui. Mínoo gira o Visor de Padrões e balança a cabeça em negativa.

— É extremamente importante que você se esforce — diz Adriana. — Gostaria de entender por que Vanessa e Linnéa não estão levando isso a sério. Sabe por que elas não têm vindo?

— Não — responde Mínoo.

Ela não deveria ter que explicar por que Linnéa não tem vindo — o motivo é a própria diretora —, mas por pouco não começa uma conversa fiada sobre como Vanessa parecia doente da última vez que a viu, muito doentes, e além disso ela costuma passar o Natal com parentes no sul — hum, Espanha, eu acho.

Uma vez ela viu um programa de tevê que ensinava como pegar uma pessoa na mentira: as explicações são sempre longas, e ela está sempre interessada um pouco demais em explicar cada detalhe. Agora Mínoo tenta engolir as palavras que saem de sua boca.

Por sorte, ela é interrompida:

— Acho que vi alguma coisa.

Ida está sentada no chão, de pernas cruzadas, espiando o livro aberto no colo através do Visor de Padrões.

— A princípio era só um monte de símbolos, mas então... agora eu entendo.

— O que você vê? — pergunta Mínoo. — Tipo, imagem ou palavras?

Mas ninguém lhe dá ouvidos. Em vez disso, a diretora se aproxima de Ida no que parece ser um único passo e fecha o livro com força.

— O que você está fazendo? — berra Ida.

— Abra de novo — diz a diretora. — Abra e se concentre no que procura. Veja algo no *Livro dos padrões*, e sempre conseguirá reencontrar.

Ida faz cara feia, mas obedece. Franze o cenho em uma expressão exagerada de concentração e folheia o livro com o Visor de Padrões colado ao olho. Ela o gira e passa as páginas, gira e passa.

— Aqui! — berra ela.

A diretora a observa com uma atenção quase reverente, o que deixa Mínoo com inveja até as profundezas da alma.

— Mas ainda são apenas símbolos. Não parece um texto que eu consiga ler, mas posso, tipo, entender um pouco do que diz — fala Ida.

— É geralmente assim que funciona — diz a diretora com toda a paciência. — O que ele diz para você?

Mínoo pega seu bloquinho e ouve com atenção.

— Ok O que ele diz é mais ou menos o seguinte. O negócio é, tipo, feito para uma só. Assim funciona perfeitamente. Mas, se mais gente tenta entrar, alguém sempre fica de fora. E, se esse de fora desaparece, outra pessoa acaba ficando de fora. E depois outra. E outra. E outra. Até todo mundo desaparecer.

Mínoo abaixa a caneta. Aquilo não faz sentido algum para ela.

— O que exatamente é o *negócio*? — pergunta Anna-Karin.

— É, tipo... esse *negócio*. Tem algo a ver com a gente.

— Mas que tipo de *negócio*? — pergunta Mínoo, irritada.

— É tipo um... Eu não sei explicar! Tipo uma atmosfera, ou coisa assim.

Mínoo está prestes a explodir de irritação.

— Atmosfera? Qual é, Ida, você tem que explicar melhor.

— Bom, então leia você! — rebate Ida. E, com seu característico sorriso venenoso, acrescenta: — Ah, desculpe. Esqueci. Você não sabe.

Mínoo range os dentes e ergue seu Visor.

O livro funciona como transmissor e receptor.

Talvez esteja pronto para transmitir para ela também.

Mínoo abre seu livro novamente, o coração acelerado, e vê Anna-Karin fazer o mesmo.

Ela olha para os pequenos símbolos, depois gira e vira as páginas. Mas não acontece nada.

— Eu não vejo nada — diz Anna-Karin.

A diretora olha para Ida com prazer, como se ela fosse uma criança prodígio. Mínoo não só acha aquilo uma grande injustiça, mas também fica se perguntando o quanto o livro pode ser confiável se escolheu se comunicar com Ida entre tantas outras.



O céu escuro do inverno se assenta como uma redoma sobre o cemitério. Está tão frio que os pelinhos do nariz se grudam quando você inspira. Em dias como este, Vanessa dificilmente acredita que voltará a ver o sol. É surreal imaginar que ele ainda está lá fora, em algum lugar do espaço.

Elas entram na parte mais nova do cemitério. Aqui, a maioria dos túmulos é marcada com lápides de pedra discretas fincadas no chão. É como se não quisessem chamar muita atenção, ao contrário dos blocos suntuosos que se usam nos túmulos mais antigos.

A bolsa de Gustaf está pendurada no ombro e balança em sincronia com seus passos. Ele anda rápido, como se estivesse com pressa, e Vanessa quase precisa correr para acompanhá-lo.

Ele vira em um caminho coberto de neve. Alguns dos túmulos recebem cuidados dos familiares, enquanto outros ficam escondidos sob um cobertor branco. Vanessa começa a temer que Gustaf ouça o som de seus passos, se vire e veja suas pegadas, então tenta pisar onde ele pisou e caminhar no máximo de silêncio possível.

Gustaf solta sua bolsa. Então dá os últimos passos até a lápide quadrada de mármore que traz o nome de Rebecka e se ajoelha em frente. Ao lado há outra com o nome “Elias Malmgren”. Vanessa se arrepia, mas não tem a ver com o frio. Gustaf tira uma luva e passa o dedo pelo nome de Rebecka, que foi esculpido na pedra e preenchido com folhas de ouro.

— Olá — sussurra ele.

Então cai no silêncio. Vanessa permanece petrificada e enfia as mãos bem fundo nos bolsos para se aquecer.

— Desculpe não ter vindo antes — diz Gustaf. — Sinto um pouco como se você não estivesse enterrada aqui... Quer dizer, como se não fosse aqui que você está. Mas não consigo encontrá-la em nenhum outro lugar. Então, aqui estou eu. E não sei se você pode me ouvir, mas espero que possa sentir de alguma forma que estou aqui, e saiba que penso em você todos os dias. Sinto sua falta. Falo com você todas as noites antes de dormir.

Sua voz é tensa, e a respiração, irregular. Algumas lágrimas escorrem por seu rosto.

— Não sei o que vou fazer sem você — prossegue. — Fiquei sem chão. Sinto tanta saudade que parece que vou ficar doente. E não sei se você poderá me perdoar algum dia. Por favor, você tem que me perdoar.

Gustaf se inclina para a frente, e Vanessa não consegue mais ver seu rosto. As palavras dele se desfazem em soluços inconsoláveis. É insuportável. É íntimo demais. Mas ela não ousa sair dali e fazer barulho na neve.

— Você tem que me perdoar, você tem que...

Gustaf repete as palavras em uma lamúria prolongada.

Vanessa abaixa o olhar e as lágrimas escorrem por seu próprio rosto. Quando ergue os olhos de novo, Gustaf está de pé. Ele solta algo na lápide antes de ir embora. Ela o observa até ele estar a uma boa distância. Então vai até o túmulo. Sobre o mármore negro, está um colar de pedrinhas vermelho-sangue.



Na verdade, é *bom* para *todos* que Ida tenha encontrado um padrão no livro, diz Mínoo a si mesma. E é claro que também devo ter um poder. Afinal, Linnéa tem um elemento sem ter nenhum poder. Para ela deve ser *ainda mais* difícil.

Está tão escuro que mais parece o meio da noite. Ela tenta evitar passagens escorregadias no gelo ao caminhar. No chão ainda estão espalhados restos dos fogos de artifício do Ano-novo. Velas elétricas e estrelas de Natal brilham pelas janelas por onde ela passa.

Ela não viu ninguém desde que saiu do parque de diversões. Nesta cidade é fácil ter a impressão de que você é a última pessoa na Terra.

Ela para e aguça os ouvidos. O silêncio é mortal. Nada além das trevas, da neve e das casas monótonas e insípidas.

Mesmo assim, ela não se sente completamente sozinha.

Ela se vira e acha que consegue perceber um corpo, preto contra o preto, mais adiante na rua.

Caminha mais rápido. Tenta parecer natural. Não quer demonstrar que está com medo.

Quando passa sob o viaduto perto da estação de trem, ouve passos que não os dela ecoando nas paredes de pedra do túnel.

Um único carro passa. Quando ele some, o mundo parece ainda mais desolado. Não mora ninguém do outro lado do viaduto. Há apenas uma fileira de postos de gasolina fechados, que Mínoo mal consegue distinguir no escuro. Os postes estão bastante espaçados, e ela pensa na fumaça negra e em como ela poderia se aproximar flutuando despercebida, suspensa nas trevas.

Agora caminha ainda mais rápido, quase correndo.

Os outros passos se aproximam mais.

E mais.

— Mínoo, espere!

É Gustaf. Ela para e se vira.

— Desculpe. Assustei você? — pergunta ele.

Não há por que correr. Mínoo força um sorriso como se fosse uma bela surpresa vê-lo por ali. Ela sente que tem que dizer alguma coisa, mas quando tenta, sai apenas um som esganiçado.

— Não — resmunga finalmente quando ele chega a poucos metros dela.

É Gustaf. Mas ao mesmo tempo não é Gustaf. Tem alguma coisa no jeito como ele olha para ela — como se a achasse fascinante.

— O que está fazendo aqui? — pergunta Mínoo, e tenta fazer soar como uma indagação inocente, como se sequer estivesse suspeitando.

Ela fica com a sensação de que não deu certo.

— Saí para uma caminhada — diz Gustaf.

Ele continua a observá-la atentamente. Ela se sente a Chapeuzinho Vermelho diante do Lobo Mau.

— Tenho pensado muito em você — acrescenta ele. — Quando a gente conversou, na escada da igreja... foi como se tudo se encaixasse.

— Como assim?

É como estar em um sonho estranho, no qual tudo é familiar mas ainda assim parece totalmente errado. Gustaf se aproxima até os casacos acolchoados dos dois se tocarem.

— Penso em você o tempo todo — diz ele. — A princípio achei que fosse porque você me lembra muito ela. Mas agora finalmente entendo. Entendo.

Não pode ser. Ela fica mais convencida disso a cada segundo que passa. Ela foi parar em um daqueles mundos paralelos de que a diretora falava.

— Eu gosto de você — prossegue ele. — Muito.

Quando ele se inclina e a beija, de início ela não percebe o que ele está fazendo. Tem tempo de notar que seus lábios parecem macios, quentes, como que se derretendo nos dela. Que mesmo que a boca de Gustaf seja novidade para ela, não parece estranha. E uma pequena parte dela sente falta quando o empurra.

— O que está fazendo?

Ele a silencia e a pega pela jaqueta, a puxa para si.

Mínoo se liberta, e Gustaf perde o equilíbrio, escorrega no chão gelado e cai de joelhos. Olha para ela com expressão de desespero.

— Você não consegue colocar na cabeça que Rebecka morreu? Temos que seguir em frente!

Ela fica enojada com o que ele disse. Aquilo a tira de seu estado onírico e a faz limpar a boca. Quer remover todos os resquícios daquele beijo.

— Desculpe — diz ele. — Não acredito que falei isso.

— Nem eu — retruca ela, e recua.

— Mínoo...

— Me deixe em paz.

Ela sai andando, temendo mais do que nunca escorregar no gelo.

Ela quer esfregar a boca com palha de aço e limpar com alvejante. Ouve-o chamar de novo.

Canalha de merda, canalha de merda, canalha de merda.

Não sabe ao certo se está se referindo a Gustaf ou a si mesma.

Então se lembra de Vanessa. O rastro invisível de Gustaf.

Ela deve ter visto tudo.



Vanessa já está quase nos portões do cemitério quando Gato aparece. Ele faz uma carranca com seu olho verde. Pelo jeito, tanto gatos quanto cachorros conseguem vê-la quando está invisível.

Nem precisam de dois olhos para isso.

— O que você quer? — pergunta Vanessa, muito irritada.

Ele mia e entra por um caminho muito estreito e praticamente tomado pela neve, que some entre velhas lápides, e se vira para olhar para ela, como se quisesse se certificar de que ela o está seguindo.

Vanessa olha para Gustaf, que espera o ônibus a certa distância na rua. Pondera o que deve fazer.

Aquele momento diante do túmulo de Rebecka a deixou desconfortável. Gustaf não tem culpa. Disso ela tem certeza. Chega dessa besteira. Ela quer ir para casa e esquecer tudo.

Aquecer o corpo congelado em um banho quente, ler os romances água com açúcar de Sirpa e comer os doces que sobraram do Natal, mesmo que só tenham restado os mais nojentinhos.

O gato mia alto e com insistência. Então o celular de Vanessa vibra no bolso. Ela o pega com dificuldade e pressiona Atender com o dedo enluvado.

— Alô?

— Só quero que saiba que não é o que você pensa.

É Mino. Ela parece sem fôlego e atordoada.

— Como assim?

— Do Gustaf.

— Eu sei — diz Vanessa. — Quer dizer, do que você está falando?

Mino fica em silêncio. Depois de um tempo, diz:

— Do que *você* está falando?

— Eu o segui até o cemitério.

— Quando?

— Agora mesmo. Faz uns minutos.

Mino fica em silêncio. Então diz:

— É impossível.

— Está dizendo que estou mentindo?

— Eu vi Gustaf. Agora mesmo. Perto do viaduto.

Vanessa leva um tempo para entender o que Mínoo quer dizer. Parece que seu cérebro congelou. Ela olha para a rua onde Gustaf está subindo no ônibus.

— Mas isso é do outro lado da cidade — diz Vanessa, sem conseguir raciocinar. — Tem certeza de que era ele?

— Era ele, acredite.

— Mas é *impossível* — diz Vanessa, como se aquilo já não fosse óbvio.

Faz calor no celeiro. Anna-Karin acaba de ajudar vovô a tirar o leite matinal. Ele voltou para casa, mas ela ficou por lá. Fica passando de baia em baia, olhando para as vacas, esperando absorver um pouco da tranquilidade delas.

Seu celular vibra no bolso, mas ela ignora. Deve ser Julia ou Felicia. Elas não vão largar do seu pé, mesmo que Anna-Karin tenha dito que está doente.

É o último dia de recesso de Natal e, pela primeira vez desde que deixou o maternal, ela não sabe o que a aguarda no colégio.

Antes, ao menos sabia quem era. Havia certa pureza naquilo. Conhecia o esquema. Havia a segurança de não ter nada a perder — as coisas só tinham como melhorar; ela podia sonhar que um dia conseguiria se libertar do papel que lhe fora atribuído nesta cidade detestável. Agora está mais assustada do que nunca, com medo de voltar a ser a pessoa que era antes, e com medo de continuar a ser quem se tornou.

Ela parou de usar seu poder depois da festa de Jonte, e a mudança ficou clara imediatamente. Sua mãe pode começar a preparar *kanelbulle* no meio da noite, mas perder a energia para tirar a travessa do forno. Fica apenas fumando à mesa da cozinha enquanto os pãezinhos queimam até endurecerem. Em um instante estava abraçando a filha tão forte que doía, logo depois dizia que queria que Anna-Karin nunca tivesse nascido. Ela oscila entre a mãe antiga e a mãe nova — e as duas ficaram *muito piores*.

Anna-Karin não consegue imaginar o que vai acontecer com as centenas de pessoas que vinha influenciando no colégio. Será que Julia e Felicia vão se revezar entre beijar seus pés e enfiar sua cabeça na privada?

Ela ouve um carro estacionando em frente à casa. As portas batem, e vovô faz sua saudação alegre de sempre. Anna-Karin vai até a janela horrorosa e espia.

É o pai de Jari. Está conversando com vovô, que lhe entrega uma parafusadeira elétrica.

Jari ficou no carro.

Anna-Karin não tem tempo de se abaixar. Ele já viu. E seus olhos estão arregalados de medo. Como se estivesse aterrorizado em vê-la.

Ela sai da janela.

Se não tinha certeza antes, agora tem. Tomou a decisão correta. Nunca mais vai usar magia para mudar sua vida. Controlar os poderes não é mais o problema. Ela tem medo de não conseguir mais *se controlar*.



Mínoo desce o dique e se arrasta pela neve grossa. O sol, que mal teve energia para subir, brilha fraco no céu, fazendo-a apertar os olhos. Logo vai sumir por trás dos pinheiros.

Sua respiração irrompe de sua boca em grandes colunas de fumaça; ela pisa na estrada de areia e começa a caminhar. É o último dia do recesso de Natal. No início de cada semestre, Mínoo geralmente sente um misto de medo e expectativa. Agora há muito mais em jogo. Agora são suas vidas que estão em jogo. Se sobreviver, seu coração vai ficar dividido. Até poucas semanas atrás, Mínoo nunca havia sido beijada. Agora já beijou seu professor e o ex-namorado da amiga morta, que pode tê-la matado mas que com certeza tem um sócio e provavelmente está de conluio com demônios.

Mal se passaram vinte e quatro horas desde que Gustaf a beijou, e ela não contou a ninguém. Sente tanta vergonha que não suporta nem pensar nisso. Como poderá explicar uma coisa dessas? Assim que começa a pensar em contar às outras, lembra-se do olhar de desprezo de Linnéa.

Acho que você e Rebecka não eram assim tão amigas.

Para piorar, Nicolaus irritou-se com ela naquela manhã. Ele se recusa a deixá-las usar o apartamento dele a não ser que convidem Ida para as sessões de treinamento.

— Ela merece as mesmas oportunidades que vocês. A corrente é tão forte quanto seu elo mais fraco. Se não contarem a ela agora, eu conto.

Vou contar. Vou contar para ela hoje, pensa Mínoo. Não interessa o que as outras vão dizer.

Ela chega ao córrego congelado quando percebe algo negro se movimentar pelo chão. Sabe quem é antes mesmo de olhar para baixo.

Gato mia, melancólico, e Mínoo o observa com um afeto que a pega de surpresa. Nicolaus não quis vir, mas seu familiar está aqui. Uma parte dele.

— Vamos lá — diz Mínoo.



Que grupinho mais estranho, pensa Mínoo ao passar pelos portões do parque de diversões.

Vanessa, que parece estar congelando naquela jaqueta fininha; Anna-Karin, uma criança grande demais em seu gorro de cores vivas que lhe cobre toda a testa; Linnéa, escondida sob um casaco de pele de leopardo falsa; e Ida, em sua jaqueta branca.

Mínoo larga sua mochila no palco e pega as páginas que imprimiu da internet. Está nervosa. Mas ao avistar Gato, que pula e se deita ao lado dela, se sente um pouco mais forte. Encontra o olhar de Ida.

— Ida — chama ela —, descobriu alguma coisa no livro?

Ida balança a cabeça em negativa e faz barulho mastigando seu chiclete — Mínoo recebe uma baforada de melancia sintética.

— Nada sobre G e o gêmeo misterioso, pelo menos — responde ela, com um sorriso que

sugere que ela descobriu outras coisas, as quais não tem intenção alguma de revelar a Mínoo.

Mínoo engole a irritação e olha para seus papéis.

— Pode ser que eu tenha encontrado uma coisa — diz.

As outras esperam. Está tudo silencioso, exceto pelo mascar da boca de Ida.

— Então, a pergunta é: como Gustaf poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo? — começa Mínoo.

Ida para de mascar.

— Não — diz ela. — A pergunta é por que não vamos à diretora.

— Você sabe a resposta dessa — retruca Linnéa. — Porque ela não vai fazer nada além de nos impedir.

— Talvez ela nos ajude se nós apenas...

— Nós precisamos *nos* ajudar — diz Linnéa.

Ela lança seu olhar de desprezo para Ida, e Mínoo não pode deixar de ficar impressionada.

Mas Ida apenas caçoa e volta a mastigar o chiclete.

— Já imaginaram o que a diretora faria se descobrisse isso aqui? — pergunta ela.

— Mas ela não vai descobrir — acrescenta Linnéa. — Vai?

Ida não responde, apenas continua mastigando.

— *Vai?* — repete Linnéa.

Ida dá de ombros.

— Acho que vamos ter que esperar para ver.

Mínoo passa os dedos por seus papéis. Já perdeu o controle da situação. Limpa a garganta.

— Ida — diz. — Precisamos ter certeza de que podemos confiar em você. — Mesmo que estejamos mentindo, pensa Mínoo, e fica nauseada.

— Não tenho nenhum motivo para ser leal a vocês.

— Nós prometemos que trabalharíamos juntas e cuidaríamos uma da outra.

— Eu estou aqui, não estou? — diz Ida, acenando com as mãos. — Mas vou embora logo, logo se não começarem logo esse troço.

— Nossa, quanta saudade a gente ia sentir — resmunga Linnéa.

— Como eu estava dizendo — interrompe Mínoo antes que as duas voltem a brigar —, tentei encontrar uma explicação para o fato de Vanessa e eu podermos ver Gustaf ao mesmo tempo.

Comecei procurando por “*doppelgänger*” na internet e descobri que eles existem em praticamente todas as mitologias.

Ela ergue o olhar, como se para se certificar de que todas estão prestando atenção.

— Achei que o comitê da censura estilo soviético tivesse removido toda a verdade da internet — diz Linnéa.

— Mas ela também disse que há resquícios — contrapõe Anna-Karin.

Mínoo olha surpresa para ela.

— Bom, foi o que ela disse — balbucia Anna-Karin.

— Exatamente — diz Mínoo, se sentindo uma professora fazendo um elogio. —

Doppelgänger é uma palavra do alemão que significa literalmente “caminhante duplo”. Os antigos mitos irlandeses falam sobre uma criatura chamada *fetch*. Há mitos nórdicos sobre o *vardøgern*, uma espécie de aparição premonitória de uma pessoa que nunca esteve no local. No norte da Finlândia chamam de *etiäinen*. Todas as mitologias concordam que a aparição de um *doppelgänger* é um mau presságio. Ver o próprio *doppelgänger* costuma ser um sinal de que você vai morrer. — Minoo revira sua pilha de papéis. — Mas não tenho certeza do que estamos procurando. Eu me deparei com referências a um fenômeno similar conhecido como *bilocação*. Também acontece por todo o mundo. Há referências na antiga filosofia grega, no hinduísmo, no budismo, no xamanismo, no misticismo judaico...

— O que é então? — pergunta Vanessa, impaciente.

— É o dom de estar em dois lugares ao mesmo tempo — responde Minoo. — Você cria um duplo que pode reunir informações enquanto você estiver em outro lugar. Não entendi muito bem se o duplo tem vontade e inteligência próprias ou se é uma espécie de controle remoto. Mas é a melhor explicação que consegui encontrar.

— Então só um dos Gustaf que vimos era o real — diz Vanessa. — Como era o seu Gustaf?

— Com certeza tinha algo de errado com ele — responde Minoo. — Acho que você estava seguindo o original.

— Deve ter sido o duplo que matou Rebecka — diz Anna-Karin. — Porque meio que não era ele.

A ânsia de lavar a boca com cloro volta. Agora não há mais dúvida. O Gustaf que Minoo viu, o que a beijou, foi o mesmo Gustaf que assassinou Rebecka.

— Faz sentido — diz Linnéa, perdida em pensamentos. — Se Gustaf é um carinha sempre tão legal, como você disse, jamais seria capaz de matar alguém. Por que não criar um duplo para fazer o trabalho sujo para você?

Minoo sente as orelhas ficarem quentes. Por que Gustaf a beijou?

— Minoo — chama Linnéa —, você ouviu duas vozes quando ele estava tentando matar você. Será que era Gustaf e o duplo conversando entre si?

— Um queria matar você e o outro não — sugere Anna-Karin, pensativa.

— Mas se for assim, significa que o duplo tem vontade própria — conclui Vanessa.

Todas ficam em silêncio por um instante.

— Então Gustaf não é perigoso. O duplo dele que é — diz Anna-Karin.

— O duplo *que ele criou* — acrescenta Linnéa. — Então ele definitivamente não é inocente.

— Como a gente vai saber que foi ele que o criou? — pergunta Anna-Karin. — Quer dizer, talvez ele tenha ganhado existência por conta própria.

— A única de nós que pode descobrir mais sobre como isso funciona é Ida — diz Minoo, ouvindo o arrependimento na própria voz.

— Tudo bem, vou tentar mais uma vez — responde Ida. — Mas o que vocês acham que a diretora diria sobre essa história de Vanessa passar o dia perseguindo G?

— É só perguntar para ela — responde uma voz conhecida.

Em um movimento perfeitamente sincronizado, todas se viram e a avistam subindo ao coreto, seu longo casaco preto varrendo a neve.

Gato sibila cruelmente para o corvo dela, o qual gralha ao planar e pousar no corrimão do coreto.

— Eu tentei dizer a elas! — grita Ida. — A senhora ouviu, não ouviu?

— Estou decepcionada com vocês — diz a diretora, ignorando Ida. Ela lança um olhar acusatório para Mínoo. — Principalmente você. Não falei especificamente para não agir por conta própria?

Mínoo não sabe o que dizer.

— E Vanessa — acrescenta a diretora —, você tem noção de como está se colocando em perigo ao perseguir Gustaf? O Conselho o vê como uma ameaça particularmente forte e indicou...

Ela é interrompida por uma risada baixinha. Mínoo nunca a ouviu antes, e leva um instante para perceber que vem de Linnéa. Ela está rindo tanto que mal consegue respirar.

Todas olham para ela.

— Desculpem... — Linnéa soluça. — Mas... é que é... tão... trágico.

Adriana cruza os braços.

— Quem sabe você gostaria de compartilhar sua piadinha conosco?

A risada de Linnéa murcha e seu rosto enrijece.

— Por quanto tempo você pretende insistir nesse blefe?

— Não sei do que está falando — diz Adriana. — Agora vocês precisam me contar tudo que descobriram a respeito de Gustaf.

— Não — responde Linnéa, sem desviar o olhar da diretora. — É hora de nos dizer o que você e seu Conselho estão fazendo de verdade. Vocês fingem ser tão poderosos quanto os deuses, mas só conseguem acender uma fogueirinha. A única forma que têm de nos controlar é nos convencendo de que precisamos de vocês. Mas aí, na hora H, nunca sabem de nada. Vocês *não podem* nos proteger, mesmo se quisessem.

— Isto não é verdade — diz a diretora.

— Esqueceu os círculos que vimos na casa dela? — pergunta Mínoo a Linnéa, impaciente. — Eles conseguiram teleportá-la de Estocolmo para cá... Isso é magia poderosa.

Mas Linnéa a ignora. Está focada em Adriana, como um raio laser.

— Você já carrega duas vidas na consciência, mas talvez queira ver todas nós mortas. Talvez seja esse seu propósito.

— Não!

A voz dela lembra a Mínoo o grito de um passarinho. A diretora aperta os lábios. Mínoo percebe que ela está tentando manter a compostura. Mas é tarde demais. Sua máscara se quebrou. Ela não consegue mais esconder o medo.

Adriana respira fundo e solta o suspiro mais longo do mundo.

— Não sei nem por onde começar.

— Comece pelos círculos na sua casa — sugere Linnéa. — Explique para Mínoo por que não eram tão impressionantes, no fim das contas.

Linnéa observa a diretora com olhar triunfante, mas Mínoo está aterrorizada: ela não quer ouvir o que está prestes a ser dito. Se a diretora e o Conselho não forem tão sábios e poderosos como proclamam, ela prefere viver com a mentira. A diretora tem sido a única autoridade com que elas podem contar — a única que tem alguma resposta. A ideia de que elas estejam completamente sozinhas, sem qualquer orientação, é apavorante.

— Os círculos... — começa a diretora, depois faz uma pausa. — Foram necessários seis meses e cinco bruxas para executar o encanto. Foi o equivalente ao sistema de segurança mais caro do mundo, com a única diferença de que, quando os círculos são usados, todo o procedimento deve ser repetido. Linnéa tem razão. A magia da fogueira que vocês me veem fazer é a única que consigo sem grande dificuldade. Tudo o mais exige dias, muitas vezes semanas, de preparação, e quase sempre a ajuda de outras bruxas.

Ela faz mais uma pausa, como se quisesse recuperar o fôlego. Parece que cada palavra que profere é dolorosa. Mas elas saem, uma após a outra:

— Ao contrário de vocês, eu não nasci com poderes. Cresci em uma família de bruxas treinadas, criadas segundo a crença de que o Conselho sempre faz o que é certo. — Ela faz uma terceira pausa. — Sinto uma enorme culpa pelo que aconteceu com Elias e Rebecka. Deveríamos ter feito mais para impedir... Deveríamos ter sido mais francos com vocês desde o início.

Ela cai no silêncio e volta o olhar para o chão. O corvo bate as asas e pousa em seu ombro. Enfia a cabeça sob uma asa.

— E o Conselho todo-poderoso? — pergunta Linnéa, com um sorriso quase presunçoso. Ela está agindo como uma interrogadora sádica, pensa Mínoo.

— Eles têm medo de vocês — diz a diretora. — Se soubessem o quanto estou sendo clara com vocês neste momento, eu seria punida. Querem que eu as controle, que faça vocês encontrarem as respostas que eles não encontram no *Livro dos padrões*, e querem usar esse conhecimento para fortalecer o Conselho.

— Então o Conselho é tão inútil quanto você? — pergunta Linnéa.

— Não precisa pisar em quem já está no chão — diz Mínoo. — Você já a entregou. Já chega.

— Entendo sua decepção, Mínoo. Agora não tem mais professorinha para puxar o saco — provoca Linnéa.

— Não é verdade que o Conselho não tem poderes — interrompe a diretora com voz estridente. — Vocês não podem desconsiderá-lo. O Conselho é muito organizado, e diversas pessoas no mundo se submetem a sua autoridade. Juntos, eles conseguem empreender magias poderosas. Eles poderiam tomar medidas drásticas para fazê-las prisioneiras. — Ela olha para Anna-Karin.

— Medidas drásticas? — repete Linnéa, debochando. — Acho que eles não têm estômago para isso.

A diretora hesita. Então desabotoa seu longo casaco, revelando mais um de seus terninhos impecáveis sobre uma blusa branca. Ela abre os três botões de cima.

Mínoo tem que olhar para o lado.

O símbolo do fogo está marcado logo abaixo da clavícula esquerda da diretora em um enrugado pedaço de pele chamuscado.

— Eu já tive planos de deixar o Conselho uma vez — diz a diretora com um sorriso desconsolado. — Havia um homem. Vocês podem achar estas feridas feias... — ela encontra o olhar de Linnéa e se detém nele — ... mas não é nada comparado ao que fizeram com ele.

O rosto de Linnéa fica tenso, e a boca, semiaberta. Ela recua alguns passos, cambaleante.

A diretora abotoa a blusa e fecha novamente o terninho.

— Sugiro que todas vocês voltem para casa. As aulas começam amanhã. Ida pode pesquisar no livro — diz ela. — Mas isso é tudo que devem fazer.

Ela se vira e olha para Mínoo. Por meio instante a mais do que o normal. Há algo a mais em seu olhar. Algo enigmático que Mínoo não consegue interpretar.

— Isso é tudo — diz a diretora.



— Ida! — grita Mínoo. — Espere!

Ida para, mas não se vira.

— Tenho que falar com você — diz Mínoo quando chega mais perto.

Ida se volta para ela, relutante. Seus olhos parecem quase artificialmente azuis contra sua jaqueta branca e a neve. Ela é tão fofa quanto uma bonequinha — uma bonequinha do mal, mas ainda assim...

Não, ela não pode pensar assim. É hora de virar a página.

— Sei o que você está pensando — diz Ida. — Vocês têm se reunido às escondidas. Na casa do Nicolaus. Nós temos segurança na casa dele porque tem a cruz de prata mágica na parede. É o que dizia na carta encontrada no cofre, que Gato mostrou a você. Gato é o familiar de Nicolaus, que também é bruxo. O elemento dele é a madeira, mas você ainda não sabia disso.

Mínoo fica olhando para Ida enquanto tenta achar uma explicação. Quem contou tudo a ela?

— O livro me mostrou — diz Ida, triunfante. — Ele disse que vocês vêm praticando sua magia sem mim. — Ela coça a ponta do nariz. — Vocês estão me excluindo.

— Não...

— Ah, é? — pergunta Ida. — Então você não falou que achava que o mundo seria um lugar melhor se eu morresse?

— Desculpe — diz Mínoo. — Desculpe mesmo. E foi um erro nosso manter as reuniões em segredo. Mas era o que eu ia contar agora.

— Porque sou a única que consegue ler o livro. Vocês precisam de mim.

— Isso. Precisamos de você. — As palavras ardem na garganta de Minoo enquanto ela as pronuncia. — Você vai nos ajudar? Sem contar para Adriana?

Ida bufa. Então olha para o lado.

— O livro diz que eu tenho que ajudar vocês. Ou não me mostrará mais nada.

A situação com o livro dedo-duro se torna cada vez mais bizarra.

— Pode procurar alguma coisa que nos ajude a descobrir a verdade? — pergunta Minoo.

— Acho que sim. Mas vou fazer isso por G, não por vocês.

Vanessa acorda porque está com frio. Está deitada no vão entre a cama e a parede. Sua mente está cheia de imagens de pesadelos. A queimadura da diretora. Gustaf no túmulo de Rebecka, escavando o caixão. O olho verde de Gato.

Ela se vira para observar o namorado adormecido. Wille roubou todos os lençóis novamente e se enrolou como uma panqueca. Apenas seu cabelo fica para fora. Vanessa, com raiva, lhe dá um chute, mas ele só funga e se vira para o outro lado.

A garota olha para o despertador do Batman, relíquia de infância de Wille. De qualquer forma, teria que levantar daqui a cinco minutos mesmo. Ela passa por cima do namorado e quase cai ao descer da cama.

O quarto de Wille sempre pareceu uma escavação arqueológica, com camadas de artefatos de várias eras. E ficou muito pior desde que Vanessa foi morar ali. Nenhum dos dois consegue manter o lugar arrumado e, para o bem ou para o mal, Sirpa ignora tudo que se passa ali, declarando que aquele é o “espaço deles”.

Vanessa sente algo mole e grudento sob o pé. Pisou em um sanduíche de mortadela de fígado.

Sua ira explode como um gêiser. Ela pega uma das pantufas de Wille e a joga contra a cama. A pantufa bate na cabeceira e cai no rosto dele. A panqueca acorda.

— O que é que você tem, porra? — diz ele, grogue.

— O que é que você tem, porra? — repete Vanessa. — Vou contar o que é que eu tenho. Acabei de enfiar meu pé em um sanduíche velho e nojento que você jogou neste chão imundo!

Wille se senta, ainda enrolado no cobertor.

— Não é meu sanduíche, cacete — reclama ele.

— Eu. Não. Como. Mortadela. De. Fígado — diz Vanessa, pronunciando cada palavra como se Wille fosse velho e surdo. — Olhe este lugar!

— Você mora aqui também.

— Eu passo o dia inteiro no colégio! Você não faz nada! Não podia pelo menos arrumar?

— Você acabou de ter, tipo, o maior recesso de Natal da história. Arrume as suas tralhas que eu arrumo as minhas — diz Wille.

Ele tira de debaixo do travesseiro um sutiã e o joga na direção de Vanessa. A peça cai aos pés dela.

Vanessa quer gritar com ele, mas então se lembra de que Sirpa está no quarto ao lado e se detém. Em vez disso, pega o sutiã e o joga de volta em Wille. Ele cai na cabeça do garoto, e um dos bojos fica pendurado no rosto dele.

— Dá um *tempo* — reclama Wille, mas está sorrindo.

Vanessa pega uma revista de carros do chão e a joga nele.

— Pare — diz Wille, antes de ser atingido por uma meia suja. — Já chega!

Ele pula da cama, agarra Vanessa e a puxa de novo para os lençóis.

— Me solta! Tem mortadela de fígado no meu pé!

— Não tô nem aí!

— Eu tenho que ir para o colégio!

— Não tem, não.

— Tenho, sim! O recesso acabou!

— O primeiro dia do semestre é sempre dia dos esportes — diz Wille, e a deita na cama.

Vanessa sorri. Ela havia esquecido. Pega os lençóis e se enrola neles. O dia dos esportes é como um dia de folga. Todo mundo sabe.

— Então eu vou voltar a dormir — diz ela. — E você vai se livrar desse sanduíche asqueroso. E limpar meu pé — acrescenta, chacoalhando a perna.

Wille sai do quarto e Vanessa fecha os olhos. Surpreendentemente, ela cai rápido no sono, acordando apenas quando Wille passa um lenço em seu pé, fazendo uma mesura irônica assim que termina.



A dor é tão aguda e repentina que por alguns instantes Mínoo esquece como se respira. Ela tem certeza de que quebrou o cóccix e o gelo do chão.

Ela ouve assobios e aplausos abafados e tenta sorrir — *Não foi nada, eu estou bem. Não está doendo nada* —, mesmo que lágrimas se acumulem nos cantos de seus olhos.

Ela havia decidido passar o dia patinando no gelo porque Max está supervisionando as atividades no campo esportivo de Engelsfors. Claro que ele mal olha para ela.

Mínoo tenta se levantar. Os patins derrapam e suas pernas se abrem em direções impossíveis. Ela apoia a mão no gelo liso e tenta de novo. Desta vez cai de joelhos, violentamente. A dor irradia até as coxas.

Ela ouve alguém se aproximando pelo gelo e ergue os olhos assim que Max freia perfeitamente ao seu lado, fazendo uma chuva fina de cristais de gelo cair sobre ela. Ele estende a mão e a ajuda a se levantar, mas Mínoo se desequilibra de novo e quase o derruba junto. Max cambaleia. Eles se apoiam por um instante no que parece um abraço. Ela tem a sensação de que ele está prestes a beijá-la mais uma vez.

— Você está bem? — pergunta ele, e a solta com cautela.

Não, é óbvio que não, Mínoo quer dizer. Na verdade, ela queria falar muita coisa. Mas diz apenas:

— Não. Meu joelho direito está doendo muito. Acho que não vou mais poder patinar.

— Então vá para casa e descanse.

Ele está sendo impessoal de novo. Dói estar tão perto dele e não poder tocá-lo. Ela sente como se Max tivesse arrancado seu coração, jogado no gelo, queimado em uma fogueira, pisado, enfiado de volta em seu peito, costurado e depois feito tudo de novo.

— Pedi demissão hoje. Vou embora no fim do semestre.

Ele nem pisca quando diz aquilo. Seu olhar está fixo em Julia e Felicia, que tentam fazer piruetas sem sucesso.

— O que não quer dizer que eu não goste de você — prossegue ele, em voz baixa. — Pelo contrário.

Ele finalmente a olha nos olhos.

— Gosto até demais.

E vai embora patinando rapidamente. Minoo fica sozinha, vendo-o se afastar e tentando entender o que acabou de ouvir. A dor diminuiu. Foi substituída por uma sensação nova e perigosa.

Esperança.



Anna-Karin fecha os olhos e desliza morro abaixo. Ela já esquiou aqui milhares de vezes, conhece cada curva. O vento açoita seu rosto. A neve sussurra sob os esquis. Ela se sente leve e livre. Abre os olhos e pisca para a luz do sol antes de entrar na próxima curva.

Anna-Karin fazia esqui cross country com o avô nestas mesmas pistas no inverno, e essa sempre foi a opção óbvia para ela no dia dos esportes do colégio. É a única atividade em que consegue se sair razoavelmente bem, e Anna-Karin adora esqui pelas florestas entre os abetos. Nunca teve que se preocupar em sofrer *bullying* nessas trilhas: esqui cross country não é o tipo de esporte que a galerinha popular curte.

Anna-Karin adora ficar sozinha. Ela terá que se preparar para o novo semestre e para a tarefa complicada que se impôs.

Só não queria ter uma imagem mental tão vívida da cicatriz na pele da diretora.

Nem se compara ao que fizeram com ele.

O que o Conselho vai fazer com Anna-Karin?

Há uma parada para descanso ali perto. A garota observa o teto de madeira marrom-escura e a mesa com dois grandes bancos, e acelera.

Ao chegar lá, enfia os bastões na neve, tira os esquis e os coloca no chão. Abre o casaco para deixar o ar gelado entrar e joga a mochila na mesa. Assim que começa a desembulhar seu almoço, ela ouve alguém esquiando em sua direção.

A pessoa a observa, para, olha em volta e então se aproxima. Anna-Karin vê o cabelo louro e larga sua bebida.

É Ida.

— O que você quer? — pergunta Anna-Karin quando ela chega.

— Só vim dizer oi.

Anna-Karin olha em volta automaticamente. Será que Robin, Kevin e Erik estão escondidos na floresta? Ou qualquer um dos outros que infernizou sua vida por todos esses anos? Será que já vão aprontar alguma coisa?

— Agora já disse, então vá embora — diz Anna-Karin.

— Este é um lugar público.

— Quantos anos você tem mesmo?

— Só quero que você saiba de uma coisa — diz Ida, tirando os esquis. Ela parece anormalmente sadia, como se vivesse de vitaminas, legumes orgânicos e atividades ao ar livre, um ar limpo e alpino. — Este semestre vai ser diferente. Você tirou de mim tudo o que eu tinha, e agora vou tomar de volta. Não pode me impedir. Vai se arrepender de ter acabado com a minha vida.

É isso o que Ida diz. A mesma Ida que fez da vida de Anna-Karin um pesadelo durante nove anos.

É como se algo explodisse dentro dela, algo que a garota não fazia ideia de que estava ali. Como a membrana delicada da casca do ovo, uma barreira protetora que de alguma forma mantinha dentro dela a massa turva de angústia, medo e ira. Agora aquilo se rompeu e toda a sujeira e todo o veneno extravasam, se espalhando pelo corpo de Anna-Karin: um lodo negro e cáustico de puro ódio.

— Todo mundo odeia você, Ida — diz ela. — Não sabia disso?

— Sim, graças a você. Mas não vá pensando...

— Não — prossegue Anna-Karin, sem pestanejar. — Todos sempre odiaram você. Eles só fingem que gostam porque têm medo de ser a próxima vítima. Não vai fazer diferença alguma você me atacar. Não vai mudar o que eles acham.

Por um instante Ida parece prestes a chorar. Seus olhos se enchem de lágrimas.

— Ninguém é seu amigo porque ninguém quer ser — diz Ida.

Anna-Karin dá um passo à frente e Ida recua.

— Pode ser, mas eu nunca magoei ninguém. Você sim, a toda hora. O que eu fiz nem se compara ao que você anda fazendo.

— Você é um *monstro*!

— Você destruiu minha vida *inteira* — diz Anna-Karin.

Ela avança mais. O calcanhar de Ida bate em um montinho de neve.

— Não fui a única — diz Ida, desafiadora.

— Não. Mas você foi a primeira. Eu nunca entendi por que você implicava comigo. Eu passava noites acordada tentando entender o que eu tinha feito de errado, para poder mudar. Descobri um monte de coisas que me fizeram odiar a mim mesma. Tentei de tudo. Mas nunca era suficiente. Nem quando eu desisti, quando eu comecei a fazer de tudo para não chamar

atenção.

Anna-Karin sente um instante de hesitação em Ida.

— Não, nunca foi suficiente — diz Ida lentamente, como se quisesse que Anna-Karin ouvisse cada palavra. — Você devia ter se matado.

O lodo negro que surgiu dentro de Anna-Karin se espalha. E ela se deixa levar por ele.

Anna-Karin se joga para a frente. É mais pesada que Ida, e a adrenalina a deixa mais forte. Ida cai no chão. Anna-Karin a empurra contra o monte de neve e prende sua cintura. Ida reluta, gira e faz força, mas sem sucesso.

— Me solte! Eu não consigo respirar!

É como se o poder dentro de Anna-Karin tivesse vida própria. Uma entidade viva que estava adormecida, esperando por este exato momento.

Vá embora, saia desta cidade e nunca mais dê as caras por aqui.

As pupilas de Ida se dilatam. Anna-Karin vê que ela faz força para resistir, o rosto cada vez mais vermelho.

Vá embora...

Há uma parede invisível entre ela e Ida.

Anna-Karin a reconhece dos treinos. Ida resiste.

Anna-Karin faz mais força, coloca toda a sua vontade e concentração em sua tentativa de derrubar a parede entre as duas. A parede vacila, mas não rompe. Por fim, Anna-Karin percebe que não tem mais energia.

A exaustão a domina. Ela cai para o lado, em um monte de neve. Ida se levanta, aos tropeços, mas com os olhos brilhando de triunfo. E Anna-Karin percebe que caiu na armadilha. Ela se deixou ser provocada. Bem como Ida queria.

— Não tenho mais medo de você — diz Ida. — O livro me ensinou o que fazer. Ele está do meu lado.

Ela sai cambaleando até seus esquis e os calça. Anna-Karin não consegue falar.

— Você devia seguir o próprio conselho — diz Ida. — Vá embora. Amanhã o colégio começa de verdade, e aí as coisas vão voltar a ser como antes.

Ela vai embora esquiando pela trilha. Anna-Karin fecha os olhos. Se ficar deitada ali por muito tempo, vai congelar até a morte. Ela não se importaria.

— Eu não aguento mais — sussurra ela. — Não aguento mais.

Número dezessete. Número dezenove.

O que eu estou fazendo?, pensa Mínoo enquanto caminha pela rua Uggelbovägen.

Número vinte e um. Vinte e três.

Os postes conferem um brilho sobrenatural à rua recém-limpa. Os montes de neve estão marcados aqui e ali com restos de xixi de cachorro. Ela passa os números vinte e cinco, vinte e sete e vinte e nove.

É o tipo de coisa que Vanessa faria. Ou Linnéa.

Trinta e um, trinta e três.

Certamente não é algo que Mínoo Falk Karimi faria.

Ela para em frente ao número trinta e cinco e olha para a casa trinta e sete. É possível ver a luz acessa pela janela de Max. Ela ainda pode dar meia-volta e ir para casa. Ainda pode desistir. Ainda dá tempo.

Mas se for embora, nunca vai saber.

Ela vai até a porta de Max e estende a mão para a campainha. Detém-se quando ouve vozes dentro da casa. Será que é a tevê ou o rádio? Ou ele está com um amigo? *Uma mulher?*

Nunca lhe ocorreu que Max poderia ter uma vida pessoal. Ela não conseguia imaginá-lo fora do colégio.

E se ele estiver recebendo amigos para jantar? O que eles vão pensar? Que Max é uma espécie de semipedófilo que se aproveita das alunas? E que ela é uma cabeça de vento imbecil que gosta de homens mais velhos?

Talvez os amigos de Max achem perfeitamente normal ele querer ficar com uma menina que mal começou o ensino médio, e talvez ele mesmo nem se envergonhe.

“Como vocês se conheceram?”

“Bom, Mínoo sabia tudo de equações quadráticas, aí a gente começou a se gostar!”

De repente ela consegue perceber como a situação pareceria repulsiva para outras pessoas.

Será que Max tem irmãos, irmãs, pais? Como as reuniões de família seriam divertidas. Ela teria que sentar à mesa das crianças enquanto os adultos conversassem. E os pais dela? O pai ia achar que tinha provocado na filha uma fixação paterna, porque trabalhou demais quando ela era criança. A mãe faria um diagnóstico não tão lisonjeiro de Max, e despacharia Mínoo para o tratamento psiquiátrico juvenil.

Mesmo se eles tentassem manter a relação em segredo, alguém acabaria descobrindo. Casos secretos nunca ficam secretos por muito tempo em Engelsfors. Aí o colégio entregaria Max à polícia. Ele nunca mais conseguiria trabalho como professor.

Ela abaixa a mão.

De repente, abriu-se uma nova dimensão em seu relacionamento com Max: a realidade. Ela

vinha evitando a realidade até agora. Mas Max a considerou desde o início.

Quando você for mais velha, vai perceber o quanto era jovem.

Ela havia sentado no sofá dele, tentando convencê-lo de como era madura. Mas tudo o que conseguiu foi provar o inverso.

As vozes lá dentro de repente fazem silêncio, e Mínoo percebe que devia ser a tevê. Ouve passos. Max está caminhando pela casa. Ele passa da sala de estar à cozinha, enche a pia de água, começa a fazer barulho com pratos.

Ela veio convencer Max de que eles precisam ficar juntos, de que não deveriam ligar para o que os outros pensam. Mas agora vê tudo com clareza, não pode fingir que não vê.

Ela só pode fazer uma coisa. Só precisa saber de uma coisa.

A campainha é surpreendentemente suave e melódica.

Os barulhos na cozinha cessam. Ela ouve passos se aproximando. Mínoo fica onde está, tentando respirar com calma apesar das batidas frenéticas do coração.

A porta é destrancada e se abre.

Surge Max, com a luz por trás. Ele está de camiseta branca e calça preta. O cabelo está amarranhado e ele está pálido, com olheiras. De alguma forma isso o deixa ainda mais bonito. Parece um daqueles poetas trágicos — Keats, Byron. Está secando as mãos em uma toalha.

— Oi — diz ela. — Desculpe incomodar.

— Mínoo...

— Por favor, só me ouça. Eu tenho pensado no que você me falou. E sei que você tem razão. A gente não pode ficar junto.

Dizer isso é doloroso para ela. Seu lado racional enxerga tudo com clareza, mas isso não muda o fato de que ela o ama. Talvez mais do que nunca.

— Eu nunca mais vou vir aqui assim. Não vou contar para ninguém de nós, então não precisa se preocupar. Só tem uma coisa que eu preciso saber...

Ela cai no silêncio. A pergunta antes era tão simples, tão direta. Agora parece algo muito grave de se perguntar. Ela olha para as mãos dele, que brincam com a toalha.

— O que você quer saber? — pergunta Max delicadamente. — Se eu estava falando sério? Porque falei. Eu amo você, Mínoo. Desde o primeiro dia em que a vi.

— Eu também amo você — diz ela, e parece tão natural. — Mas agora eu sei que não é possível. O que eu preciso saber é se... você aguenta me esperar?

Ela não consegue olhar nos olhos dele.

— Daqui a menos de um ano eu vou ter dezoito anos. E aí você não vai mais ser meu professor.

Ela ergue o olhar e percebe que ele está vacilante. Um ano é muito. Uma eternidade.

— Entendo se você não puder fazer promessas — balbucia ela.

Ele passa um longo instante em silêncio. Então diz:

— Um ano não é nada. Eu espero o quanto precisar — diz, estendendo a mão e acariciando o rosto dela. Uma carícia suave que quase destrói a resolução de Mínoo.

Só uma noite, ela quer dizer. Só uma noite juntos. Não ia fazer diferença, ia? E ele vê naqueles olhos que ele quer tanto quanto ela.

Ela se afasta.

— Tenho que ir.

Ela se vira e começa a caminhar. Trinta e cinco, trinta e três, trinta e um, vinte e nove. Aí acelera. Vinte e sete, vinte e cinco, vinte e três, vinte e um, dezenove, dezessete. Para. Vira-se.

A rua é exatamente a mesma de antes. Mas todo o resto mudou.

Anna-Karin não consegue dormir. Está deitada de lado, olhando para o quarto. As persianas não estão fechadas, então ela consegue observar as estrelas. Hoje parecem mais distantes do que nunca.

Amanhã começa, pensa. Amanhã eu tenho que ir ao colégio e ser Anna-Karin Nieminen sem a magia. A menina que todo mundo odeia ou, se tiver sorte, não percebe que existe.

Este deve ser meu verdadeiro eu, pensa. Deve ser meu fardo na vida. Por que outro motivo daria tudo errado quando eu tentei mudar?

Por dentro ela sempre soube que o que fazia era errado. Mas achava que valia a pena, por isso ignorou os avisos, fingiu não ver os sinais. Mas que bem aquilo lhe fez? Ela ficou mais feliz? Não.

Anna-Karin fecha os olhos, mas seu cérebro continua zumbindo, como um computador travado. Abre os olhos de novo. Não há sentido.

Anna-Karin.

Ela reconhece a voz da visão na Festa de Santa Luzia. É a voz de quem matou Rebecka e Elias.

A vida não vale a pena. Você vai sofrer. Você vai sofrer todos os dias.

Uma calma irradia por Anna-Karin. Ela sente o corpo ficar anestesiado enquanto desce da cama. Seus pés vão até o patamar da escada. Um degrau, depois o outro.

Anna-Karin se deixa ser levada até a cozinha. Não resiste. O que a voz diz é verdade. Se alguém sabe que a vida é puro sofrimento, este alguém é Anna-Karin. A Vacalhau. A gorda. A caipira. A menina que teve que usar magia para que a própria mãe gostasse dela.

Sente-se aliviada. Não precisa mais ter medo. Logo tudo estará terminado.

A voz não se pronuncia mais. Ela sabe que Anna-Karin não precisa de mais persuasão.

Há um leve odor de fumaça de cigarro na cozinha. O tique-taque do relógio de parede marca os segundos. Seus pés a levam até o balcão e às facas ao lado do fogão. A mão se estica e pega com firmeza a maior das facas. É estranho para ela ver a própria mão assim, pegando algo sem que ela sinta. Como se a mão pertencesse a outra pessoa.

Não se preocupe. Não vai doer.

A mão dela vira a lâmina para sua garganta.

Ela vê a casa de vovô pela janela.

O vovô que a ama.

E se vovô a ama, ela não é completamente inútil. Não é isso que ela merece.

Ninguém merece uma coisa dessas.

De repente Anna-Karin sente medo. Só pode ser por um motivo. Quer viver, não morrer.

A ponta da faca encosta na pele macia da garganta.

Anna-Karin começa a resistir. A força tenta fazê-la enfiar a faca no pescoço. Ela sente a carótida pulsar sob a lâmina. Sua pele é tão fina. Basta apenas uma incisão para o sangue espirrar por toda a cozinha. É como se uma mão de aço estivesse segurando seu pulso. Seus braços tremem com o esforço que ela faz para resistir. A linha que separa vida e morte é muito tênue.

Você está sozinha, Anna-Karin. Sozinha. Por que continuar vivendo? Você merece mais. Talvez tenha outra chance depois da morte.

Mas ela não ouve mais. Não pode deixar vovô. E não pode abandonar as outras Escolhidas na batalha contra o mal.

Ela não é mais uma fracote. Não é uma vítima. Ela controlou o colégio inteiro. Isto não é nada. Ela tem mais poder do que este canalha covarde que não tem coragem nem de aparecer na frente de quem vai matar.

Libere!

O poder percorre seu corpo como uma onda e a faca cai no chão. Anna-Karin desaba e fica olhando para a faca. Sua respiração é pesada.

Ouve-se um chiado familiar lá fora.

Anna-Karin se levanta, o suor pingando do corpo. Vai até a janela. A porta do celeiro está aberta, como uma boca escancarada na parede vermelha do galpão. Ela tem a sensação de que o que quer que estivesse tentando controlar seu corpo está brincando com ela.

Vai até o corredor, calça sapatos forrados, veste o casaco de inverno mais grosso que tem e abre a porta.

A quietude lá fora é estranha. Não há vento. Todas as luzes da casa de vovô estão apagadas. Ela sabe que deve chamar as Escolhidas. Sabe que não deve fazer isto sozinha. Sabe que pode ser uma armadilha — é bem provável que seja. Mas está cansada de fugir, cansada de ter medo.

Ela se sente capaz de enfrentar qualquer um. Ela fará o assassino ficar de joelhos e confessar a verdade. Depois vai chamar as outras. Depois que a ameaça estiver vencida. Aí talvez ela expie seus crimes. Mesmo aos olhos do Conselho.

Ela para na porta do celeiro. Sente um odor familiar. Ouve as vacas se mexendo nas baias.

— Apareça — ordena Anna-Karin.

Uma vaca dá um leve mugido. Outra bufá. Anna-Karin entra e acende a luz.

Tudo o que vê são fileiras de vacas que a observam com grandes olhos castanhos. Anna-Karin segue em frente.

A batida é tão repentina que ela dá um grito. Vira-se. A porta do celeiro foi fechada. Como se tivesse batido sozinha. Em uma noite sem vento.

Ela vai até a porta e a puxa. Está trancada. Por fora. É então que sente o cheiro de fumaça.

— Não! — berra. — Não! Me deixe sair!

As vacas mugem e se debatem nas baías. Também sentiram o cheiro de fumaça e sabem o que significa.

A fumaça fica mais densa a cada segundo. O crepitar alto vira um rugido ensurdecedor. Fogo.

Anna-Karin procura algo para derrubar a porta. A fumaça faz seus olhos arderem. Ela percebe que o fogo se espalha mais rápido que o normal. Vem de todos os lados. Fica insuportavelmente quente ali dentro.

— Anna-Karin!

Vovô deu um jeito de entrar e vem na direção dela o mais rápido que suas velhas pernas permitem. Quando chega, ele a empurra na direção da porta.

— Corra! — grita ele.

Mas ela não pode deixá-lo para trás. Ele passa pelas baías, abrindo todas. As vacas saem correndo em pânico, esbarrando umas nas outras, mugindo alto, fugindo desesperadas. Algumas empurram Anna-Karin e ela cai de cabeça no concreto. Torce o tornozelo. À sua volta, os corpos pesados vêm a galope, em frenesi, e ela protege a cabeça com os braços.

Nem tem tempo de pedir socorro e vovô está a seu lado. Ele chega com suas mãos duras e fortes e a ajuda a se levantar, apoiando seu peso. Os dois estão a poucos metros da porta, a poucos passos da segurança. Anna-Karin só vê a viga caindo quando ele é atingido. Vovô desaba no chão.

— Vovô!

Ela nem sente mais a própria dor. Tem que tirá-lo de lá. Ela o puxa e o arrasta, até que de repente estão na neve. Mas Anna-Karin continua, afastando-se do celeiro até não ter mais forças.

O fogo engole a antiga construção de madeira com um grande rugido. Ela ouve a mãe gritar dentro de casa. Mas Anna-Karin só tem olhos para vovô. Ele olha para ela. Vovô, querido vovô.

— Anna-Karin... — diz ele debilmente. — Eu deveria...

E então fica em silêncio.

A placa da Caverna de Cristal é azul-marinho com letras douradas cheias de arabescos e estrelinhas e meias-luas espalhadas. Vanessa estava torcendo para encontrar a loja de Mona Raio de Luar fechada. Mais uma vítima esquecida do shopping, também conhecido como o descanso final das lojas que não deram certo. Mas ela sentiu o bafo de incenso e cigarro assim que abriu a porta do shopping. E agora, pela vitrine da loja, enxerga três pessoas esperando para serem atendidas. Mona usa a mesma roupa jeans de sua última visita, e recebe um chumaço de notas de um velho que parece ter entre oitenta anos e a morte.

Vanessa cospe o chiclete de forma tão violenta que ele quica no chão.

Por que ela foi tão imbecil de falar sobre a Caverna de Cristal? Por que deixou que a convencessem a voltar?

É óbvio que ela sabe a resposta. Estão desesperadas.

O *Livro dos padrões* mostrou que elas precisam de ectoplasma. Mas, claro, não especificou onde conseguir.

Vanessa já começou a odiar o tal livro. É como se ele fosse uma velha rabugenta. Ela já maltratou tanto o seu que até ameaçou rasgá-lo página por página se não lhe indicasse como resolver o mistério de Gustaf e seu *doppelgänger*. Mas nada apareceu no Visor de Padrões.

Ida ainda é a única que consegue ler o *Livro*. Mas, quando está na presença da diretora, com quem elas ainda se encontram todo sábado, ela finge que ele não mostra nada. Tudo o que Ida descobre no livro elas discutem na casa de Nicolaus.

Quando o livro quis que elas treinassem como detectar a energia umas das outras, Ida levou quinze minutos para explicar o que elas tinham que fazer. Mas o livro não revelou o porquê do exercício.

“Não me culpem”, falou Ida. “Só estou lendo o que ele diz.”

Mínoo tentou ver as coisas pelo lado positivo. Disse que o *Livro dos padrões* devia saber do que elas precisavam, que havia um motivo importante para elas fazerem aquele exercício.

Só lhes restava confiar naquele livro chato e praticar os exercícios que ele recomendava, por mais que parecessem inúteis. Elas se revezaram na cadeira da sala de estar de Nicolaus e, vendadas, tentaram adivinhar onde cada uma das outras estava.

Mínoo foi a primeira a sentar na cadeira, mas não conseguiu encontrar ninguém. Quando tirou a venda, estava arrasada. “Parece que passou por um moedor de carne”, como dizia a mãe de Vanessa às vezes. Ela ficou com pena.

Ida conseguiu logo na primeira tentativa e estava quase explodindo de tanta arrogância. Ela teria adorado aplaudir a si mesma e dar cambalhotas pela sala.

Linnéa também foi muito bem. Na vez de Vanessa se sentar na cadeira, ela ficou mais nervosa do que esperava. A venda macia — na verdade um cachecol velho e mofado de

Nicolaus — foi amarrada em sua cabeça. Foi desagradável saber que todas estavam olhando para ela mas que ela não podia ver ninguém.

Seus sentidos a enganaram o tempo todo. Por um instante ela achou que tinha ouvido alguém dar uma risadinha; no instante seguinte, o silêncio foi tanto que ela teve certeza de que todo mundo tinha ido embora.

Foi só depois que Nicolaus a convenceu a relaxar que tudo começou a funcionar.

Ela sentiu as outras meninas. Começou com uma sensação fraca, mas, quanto mais confiava naquilo, mais forte ficava. Por fim, não restava dúvida: ela podia apontar onde cada uma estava, e com rapidez.

Vanessa nunca conseguiria explicar como conseguiu. Parecia que ela podia detectar as Escolhidas usando um sentido que nem sabia que tinha. Não era como olfato, paladar, audição, tato ou visão. Era algo completamente diferente.

O livro também ensinou uma versão mágica de esconde-esconde, ou “pêndulo” — foi essa a palavra que Ida usou quando tentou explicar as regras. Uma Escolhida ficava na sala de estar de Nicolaus enquanto as outras entravam na cozinha, fechavam a porta entre os dois cômodos e se sentavam à mesa. Elas então abriam uma planta do apartamento na mesa. A bruxa que fazia o exercício usava o colar de prata de Ida como um pêndulo sobre a planta.

Vanessa foi a primeira a tentar. Pegou o colar de Ida enquanto Linnéa aguardava na sala. No início, o pingente de coração pendeu da mão dela sem que nada acontecesse. Mas quando ela começou a mexê-lo para a frente e para trás sobre a planta e se concentrou em Linnéa, ele balançou cada vez mais rápido, girando no sentido horário até um lugar específico.

“Linnéa está à esquerda da mesa de centro”, disse Vanessa.

Nicolaus abriu a porta, olhou para a sala e informou que ela estava certa. O “pêndulo” nem sempre funciona com Vanessa, mas ela sempre consegue encontrar Linnéa.

No início foi estranho, mas a novidade logo passou. O livro insistia para que elas praticassem muitas vezes, mas nunca lhes dizia algo novo. A ladainha incessante de Mínoo, de que o livro é tanto um transmissor quanto um receptor e de que tudo o que ele mostrava só podia ser importante, parecia cada vez mais vazia com o passar das semanas.

Mas agora, depois de dois meses, o transmissor finalmente mudou de frequência. Elas finalmente aprenderam algo capaz de ajudá-las a descobrir a verdade sobre Gustaf e seu *doppelgänger*.

Um sino toca quando Vanessa abre a porta da Caverna de Cristal. Sons de harpa, água corrente e canto de passarinhos saem pelos alto-falantes. Tudo aquilo lhe dá nos nervos.

Ela quase esbarra em Monika, do Café Monique, que está com um sorriso tão grande que seus olhos quase somem atrás das bochechas. É a primeira vez que Vanessa a vê sorrir. Ela carrega uma grande sacola plástica que diz “Caverna de Cristal” com os mesmos arabescos do letreiro da loja.

— Vanessa! Que prazer revê-la! — cumprimenta ela. E então cochicha, como se fosse uma fofoca: — Ela não é demais?

Leva um segundo para a garota entender que ela está falando de Mona Raio de Luar.

— É — responde. — Ela é demais mesmo.

— Boa sorte — diz Monika, e lhe dá um tapinha carinhoso antes de ir embora.

Vanessa nota que as prateleiras estão cheias de produtos novos. Os mais chamativos são duas grandes fontes de cristal com golfinhos saltando sobre a superfície da água, congelados em toda a sua graça. O dragão de cobre que ficava ao lado da cortina vermelha se foi. Não só a Caverna de Cristal ainda existe como os negócios vão muito bem.

Vanessa aguarda até ficar a sós com Mona. Ela se detém na prateleira de querubins de porcelana e toca na etiqueta de preço do maior. O de que Linnéa gostou.

O sino da porta soa mais uma vez quando o último cliente vai embora. Mona ainda está ao balcão, acendendo um cigarro.

— Imagino que não tenha vindo aqui comprar um apanhador de sonhos — diz ela.

— Como você sabe?

— Esse tipo de bugiganga é a última coisa que interessaria a uma bruxa de verdade — diz Mona.

A surpresa de Vanessa deve ter ficado bem aparente no rosto, pois Mona sorri com tanta satisfação que mostra as duas fileiras de dentes amarelados. Ela vai até a porta, a tranca e gira a plaquinha de “Aberto” para “Fechado”.

— Como você sabe que eu sou bruxa? — pergunta Vanessa.

— Eu vi em suas mãos. E nos dentes. Não que eu precise dos símbolos do Ogham. É que é divertido puxar aquela algibeira na frente de menininhas insolentes.

— Por que não falou nada quando leu meu futuro?

— Você mesma não sabia na época, e não era meu dever contar. Era função de outra pessoa.

— Se você sabe que eu sou bruxa, quer dizer que você também...

— Que pergunta boba. É óbvio que sou.

Quando Vanessa sugeriu a Caverna de Cristal às outras, foi quase por brincadeira. Ela achou que Mona fosse só mais uma dessas ex-hippies que ficam esfregando cristais. Maluquinha, mas inofensiva. Ou melhor: Vanessa torcia para que ela fosse isso, considerando a sorte que tinha lido em suas mãos. Se fosse verdade, então adeus, Wille, olá, morte. Vanessa fita Mona, avaliando-a. Tenta decidir o que fazer. Se Mona é uma bruxa... que tipo de bruxa será? Será que conhece a diretora? Será que se submete ao Conselho?

Vanessa dá uma olhada pela loja. Observa as fontes de cristal. Lembra-se do sorriso de Monika. Monika, que *nunca* sorri. Olha para a cortina vermelha. Olha para Mona Raio de Luar ali parada, fumando seu cigarro, em sua roupa jeans com borboletas bordadas. De repente ela entende como tudo se encaixa.

— Você está enganando essas pessoas — afirma Vanessa.

Mona ergue uma sobrancelha, mas não diz nada.

— Quando leu minha sorte, você primeiro tentou fazer uns abraçadabras aí para que eu

aceitasse todos os seus clichês. Achei que tinha algo estranho... e não acreditei. Foi aí que você se incomodou, não foi? E então contou meu futuro de verdade.

— Fiquei incomodada assim que a vi — diz Mona. — Quanto ao seu futuro, lembro que você não gostou muito de ouvir a verdade.

Ela se aproxima de Vanessa e solta uma grande nuvem de fumaça em seu rosto.

— Você acredita mesmo que essa gente quer saber o futuro de verdade? — pergunta ela. — Eles só querem sair daqui felizes. Ter esperança. E acho que é disso mesmo que eles estão precisando neste fim de mundo.

— Então você veio, tipo, para fazer caridade? — pergunta Vanessa com ironia.

— Claro que não. É meu negócio. Cliente satisfeito é cliente que volta. O que eu faço não causa mal a ninguém.

Por um instante Vanessa fica feliz que a diretora esteja sempre repetindo toda aquela ladainha sobre o Conselho.

Vocês não têm permissão de praticar magia sem autorização expressa do Conselho.

Vocês não têm permissão de utilizar a magia para desobedecer a leis não mágicas.

E vocês não têm permissão para se revelarem bruxas para o público não mágico.

— Não sei se o Conselho veria da mesma forma — diz ela. — Você engana as pessoas. E é a primeira loja de sucesso no shopping desde que ele foi construído. Não está sendo tão discreta.

Mona ia dar uma tragada, mas sua mão para antes de colocar o cigarro na boca.

— O que você quer?

— Quero saber como a gente pode se ajudar — responde Vanessa. — Eu fico de boca fechada se você ficar também.

Mona fica olhando para ela, como se estivesse tentando decidir se a ameaça é séria. Vanessa a encara de volta sem piscar. Mona é do tipo que ia perder totalmente o respeito por Vanessa se ela desviasse o olhar primeiro. Por fim, Mona bufa, mas Vanessa percebe um brilho de estima em seus olhos pintados com sombra turquesa.

— Você tem coragem, menina. Tenho que admitir. Só digo uma coisa: Mona Raio de Luar não é dedo-duro, mas também não é o tipo de pessoa que aceita ser intimidada. Não se esqueça disso.

— Não vou esquecer — diz Vanessa. Ela hesita. — Há algo que eu preciso encontrar. Você tem produtos que não estão à mostra na loja?

Mona acende outro cigarro com o anterior e dá um sorrisinho.

— Me diga exatamente o que está procurando.

— Ectoplasma — diz Vanessa.

Mona abre um sorriso irônico, assente e então vai para trás da cortina.

Vanessa aproveita a oportunidade para mandar uma mensagem a Mino: “Consegui o ectoplasma.”

Agora só resta o problema com Anna-Karin.

O bracelete de Mona faz barulho do outro lado da cortina. Quando ela sai, vem carregando

um jarro de vidro marrom cheio de um creme clarinho.

— Extravirgem — diz Mona, e lhe estende o jarro.

É morno, mais quente do que deveria ser só pelo fato de andar na mão de Mona. Vanessa vira o jarro um pouco. O ectoplasma mal se mexe. Parece um merengue semicongelado. Ela tira a tampa e cheira. Não tem cheiro de nada, o equivalente olfativo do silêncio ensurdecedor.

— O que é este negócio?

— Substância da alma — responde Mona.

— Nunca tinha ouvido falar. Como é que se faz?

— Não se faz. É algo que as bruxas excretam quando servem como médiuns para os mortos.

Vanessa se lembra da substância branca que escorria da boca de Ida quando ela flutuou no parque de diversões, na primeira noite. Ela põe a tampa de volta e fecha bem o jarro. O líquido morno se agita um pouco ali dentro.

— Parece que você está com medo de seu primeiro ritual — diz Mona.

— Quem falou que é meu primeiro?

Mona não responde. Só dá sua risadinha irritante e acende outro cigarro. Se tabagismo compulsivo fosse um esporte, ela seria recordista mundial. Vanessa olha de novo para o jarro. Ela não gosta de fazer perguntas a Mona, mas ninguém mais pode lhe responder.

— Tenho que usar esta... baba?

— Não sei se você *tem* que usar — diz Mona. — Se é uma magiazinha leve, dá para usar giz ou grafite para desenhar os círculos. Se você estiver em uma sala redonda, pode usar as paredes como o círculo externo. Mas ectoplasma de verdade conserva a energia melhor do que qualquer outra coisa. Se você tentar fazer uma magia poderosa com círculos de giz, *puf*.

— Puf?

— Esta sua cabecinha fofa vira fumaça.

De repente Vanessa fica agradecida pela existência da Caverna de Cristal. Elas já haviam discutido o que fazer se não encontrassem ectoplasma.

— Quanto é? — pergunta Vanessa.

— Cinco contos.

— *Cinco mil?*

É a exata quantia que Vanessa tem na bolsa. Não deve ser coincidência, pensa ela. Não é fácil negociar com uma clarividente.

— O que você esperava? Um desconto para estudantes? Não dá para cuspir tudo isso aí em uma sessão só. Leva um bom tempo para encher um jarro.

— Mas cinco mil? Sério? — pergunta Vanessa rapidamente, para que não tenha que ouvir os detalhes sobre como a saliva é recolhida.

— Se quiser culpar alguém, culpe o Conselho — diz Mona. — São eles que controlam o comércio oficial de ectoplasma. Ou seja, nós aqui temos que cobrar um extra por conta do risco. Você sabe como é, considerando o que seu namorado faz da vida. A propósito, já o largou?

Vanessa não responde. Ela tira da bolsa dez notas de quinhentas coroas. Estão bem

amassadas. Nicolaus literalmente guarda dinheiro embaixo do colchão.

Cinco mil coroas é a maior soma de dinheiro que Vanessa já teve em mãos. Mona aceita sem pestanejar. Dá para perceber que ela está acostumada a lidar com este tipo de quantia. A mulher põe o jarro de ectoplasma em uma sacola plástica e a entrega a Vanessa por cima do balcão.

— Mas volte, hein? — diz ela. — Vocês deviam fazer compras aqui com mais frequência, porque estou com o estoque cheio. Com essa guerra transdimensional vindo aí, os negócios vão esquentar.

— Você também vende para quem faz pacto com demônios? — pergunta Vanessa.

Mona apenas sorri e solta uma nuvem de fumaça pelas narinas. Parece um velho dragão em seu covil.

— Desculpe, esqueci — diz Vanessa, desdenhosa. — “Mona Raio de Luar não é dedo-duro.” O que interessa são os negócios, certo? Todo freguês é bom freguês.

— Ora, ora, acho que alguém aqui não é tão loura quanto parece — fala Mona, sorrindo.

Vanessa se dirige à saída sem dizer uma palavra.

— Você ainda está com *nGéadal* pairando sobre você. Não se esqueça — grita Mona de dentro da loja.

É só ao sair do shopping vazio que Vanessa entende o que Mona disse. *Vocês deviam fazer compras aqui com mais frequência.* A mulher sabe que não é só ela. Isso não a surpreende.

— Nessa!

É uma voz que ela não ouve há três meses. Vanessa se vira e vê a mãe em frente à Caverna do Cristal.

— Olá — diz a mãe.

O cabelo dela está com algumas mechas mais claras. Ela usa um casaco que Vanessa não reconhece. Sinais de que sua vida continua mesmo sem a filha.

— Oi — cumprimenta Vanessa.

Um silêncio incômodo paira entre elas. São mil coisas para dizer e mil motivos para ficar em silêncio.

— Eu tenho que ir — fala Vanessa.

A mãe assente.

— A gente se vê por aí — diz ela, como se fossem apenas conhecidas que se encontraram na rua.

Ela abre a porta da Caverna do Cristal. Uma lufada de incenso e ela some.

Vanessa fica olhando para a mãe. O que ela achava que ia ouvir?

Estou com saudade.

Me desculpe.

Volte para casa.

Anna-Karin ouve uma risada às suas costas e para no corredor que leva à biblioteca do colégio. Fica olhando para o chão até o grupo de meninas passar. É um hábito antigo que voltou. Claro que não estavam rindo dela. Ninguém mais ri.

Na semana seguinte ao incêndio, ela se recusou a ir ao colégio e a sair da fazenda. Passou os dias em frente à tevê.

“Pensei que você gostasse o suficiente de seu avô para ir visitá-lo pelo menos uma vez”, disse a mãe, grosseiramente. As flutuações de humor sumiram. A mãe voltou à irritação habitual.

No domingo, a campainha tocou. Anna-Karin estava lá sentada com o pé engessado para cima, uma tigela de batatinhas no colo, sem a menor intenção de ver quem era. Mas a pessoa lá fora não desistiu e acabou entrando pela porta destrancada.

A elegância de Adriana Lopez fazia a sala parecer maltrapilha. Anna-Karin ficou contente por a mãe não estar em casa.

“Como você está?”, perguntou Adriana, sentando-se na poltrona de vovô.

Anna-Karin não disse nada. Não ia responder a pergunta alguma da diretora. Decidira que não ia contar a ninguém o que aconteceu naquela noite. Como havia sido imprudente. Que o “acidente” não havia sido um acidente. E que ela quase causara a morte de vovô. Ele nunca mais será o mesmo, de acordo com a mãe.

A diretora acabou se cansando do silêncio de Anna-Karin, levantou-se e disse que a esperava no colégio no dia seguinte.

Foi só quando ela estava saindo que Anna-Karin disse:

“Eu parei de usar meus poderes. E nunca mais vou usar. Nunca. Pode falar para o Conselho e para as outras. Vou ficar longe de vocês. Vai ser melhor para todo mundo.”

“Mas você é uma Escolhida.”

Anna-Karin preferiu não responder.

Quando voltou ao colégio pela primeira vez após o recesso de Natal, ela ficou um bom tempo parada diante dos portões, apoiada nas muletas. Será que iam odiá-la mais do que nunca? Será que teriam descoberto que a Vacalhau, a caipira fedendo a esterco, tinha passado aquele tempo todo enganando a escola?

Mas então Julia e Felicia vieram na direção dela, acompanhadas de Ida. Julia e Felicia nem olharam para Anna-Karin. Mas não foi como se a estivessem ignorando abertamente. Não estavam fingindo que ela não existia. Ela realmente não existia para as duas. Não esboçaram o menor sinal de que a conheciam.

Mas Ida reparou em Anna-Karin e deixou seu olhar se deter nela por alguns segundos. Então fingiu rir de algo que Felicia disse, e as três sumiram em uma nuvem de cabelos louros e frescor de flores.

Dois meses se passaram desde então, e Anna-Karin virou o fantasma da Engelsfors High School. É como se todas as suas lembranças tivessem sido expurgadas. Pelo bem ou pelo mal. Até os professores se esquecem dela às vezes, não conseguem ver que ela levantou a mão ou hesitam antes de ler seu nome na chamada.

Anna-Karin entra apressada na biblioteca e olha em volta. A bibliotecária não ergue o olhar quando a menina-fantasma murmura “Olá”.

Ela entra no pequeno nicho onde geralmente se senta. É um esconderijo atrás de uma estante que a maioria das pessoas nem sabe que existe. Ela se entoca ali com o livro de física em uma cadeira de braços preta e gasta. Nas últimas semanas, ela passou cada momento livre enchendo a cabeça de informação para não ter que pensar.

— Oi — cumprimenta Linnéa.

Anna-Karin não ergue os olhos. Pelo contrário, baixa a cabeça e se esconde atrás do cabelo. Já disse que não quer falar com elas. Pelo menos umas cem vezes.

— Não vou sair daqui até você falar comigo — avisa Linnéa.

Então vai ter que esperar bastante, pensa Anna-Karin. Tenho nove anos de prática em ficar em silêncio.

— Qual é seu problema? Você não pode fazer isso. A gente precisa de você. E acho que você também precisa da gente.

Anna-Karin continua teimosamente calada. Mas está surpresa. Linnéa não parece a mesma de sempre. Parece que ela realmente se importa. Ela costuma ser tão impaciente, como se estivesse irritada com o mundo inteiro.

— Está bem — diz Linnéa, suspirando. — Mas aconteceu uma coisa. Uma coisa boa.

— O que foi? — resmunga Anna-Karin, relutante mas curiosa.

Linnéa se abaixa e sussurra:

— O livro nos mostrou como produzir um soro da verdade para dar a Gustaf. Ai faremos com que ele nos conte do *doppelgänger*. Mas para fazer o soro temos que executar um ritual. É um tipo de magia bem mais forte do que estamos acostumadas. E precisamos de você. Vamos ter que fazer sozinhas, só nós duas. Terra e água.

Eu devia ter suspeitado, pensa Anna-Karin. Linnéa quer uma coisa, e por isso fingiu que se importava com ela.

— Não — responde ela. — Vocês vão ter que fazer sem mim.

— Anna-Karin...

— Nem adianta insistir. Vá embora.

Linnéa começa a mexer na bolsa.

— Só depois que você nos ajudar.

Ela pega uma agulha e um isqueiro.

Anna-Karin se encolhe na cadeira. Linnéa coloca a agulha na chama do isqueiro. Depois tira um lenço de papel e um tubinho de ensaio.

— Se não for nos ajudar, precisamos de seu sangue. De acordo com o livro, o ritual é bem

mais perigoso se você não estiver lá quando desenharmos os círculos. Mas, se colocarmos um pouco do seu sangue no símbolo de poder, vai ser um pouco mais fácil para mim controlar a energia. Um pouco.

Anna-Karin só entende metade da explicação de Linnéa. As outras devem estar avançando muito sem ela.

— Só preciso de umas gotinhas — diz Linnéa.

— Ok — concorda Anna-Karin. — Desde que você vá embora.

Ela estende a mão esquerda. Não dói quando Linnéa pressiona a ponta da agulha em seu dedo indicador. Mas dói quando ela aperta para fazer sair algumas gotas de sangue, que pingam no tubo de ensaio. Anna-Karin tem que desviar o olhar. Linnéa pressiona mais, até saírem mais gotas.

Por fim, ela limpa o dedo de Anna-Karin. Joga a agulha e o lenço com sangue em uma lixeira, tampa o tubo de ensaio com uma rolha e o guarda na bolsa junto com o isqueiro.

— Sei que o acidente deve ter sido muito difícil para você — diz ela, entregando um curativo a Anna-Karin —, mas não pode pensar só em si mesma.

— Você não sabe de nada.

— Tem razão. O que eu sei sobre ter uma vida dura? — ironiza Linnéa. — Obrigada pela ajuda.

Ela some entre as estantes. O dedo de Anna-Karin lateja um pouco quando ela coloca o curativo. Ela reabre o livro de física e tenta ler, mas não consegue absorver uma única linha. Desiste e amaldiçoa Linnéa. Agora vai ter que achar outro esconderijo.



— Anna-Karin está começando a me irritar — diz Vanessa.

Minoo está sentada à mesa da cozinha de Nicolaus. Ele e Gato as deixaram sozinhas no apartamento. Minoo se sente um pouco triste por ele, que vai ter que passar a noite inteira na Sture & Co. esperando até que elas terminem. O *Livro dos padrões* deixava bem claro que apenas as Escolhidas poderiam estar presentes durante o ritual.

Minoo mexe uma tigela de plástico com uma colher de madeira, observando o sangue de Anna-Karin se espalhar na gosma que elas vão usar para o símbolo de poder no círculo interno. Ela já está mexendo há quinze minutos e tem cãibras no braço.

— Mexa até obter uma massa homogênea — orienta Ida, lendo as instruções do livro como se fosse uma receita de bolo.

Além do sangue de Anna-Karin e Linnéa, a mistura consiste em ectoplasma, terra dos túmulos de Elias e Rebecka, leite que coalhou ao luar e saliva de Minoo e Vanessa. Agora só falta um pouquinho de saliva de Ida.

— Primeiro ela passa o outono inteiro se fazendo de diva no colégio e sacaneando a gente — prossegue Vanessa —, e agora não quer falar com ninguém, só para ferrar a gente de novo. Como se alguém quisesse estar aqui.

— Eu sei — diz Minoo. — Mas acho que as coisas estão complicadas para Anna-Karin, depois de tudo o que aconteceu. Eu ouvi dizer que eles vão ter que vender a fazenda.

O incêndio chamou muita atenção. Correm rumores de que a mãe de Anna-Karin botou fogo no celeiro para embolsar o seguro.

— Mas por que ela fica nos evitando? — pergunta Vanessa. — A gente só tentou apoiá-la.

Minoo já pensou nisso. Anna-Karin ignorou todas as suas tentativas de aproximação. No início ela não achou aquilo estranho. Anna-Karin devia estar em choque. Mas com o tempo ficou cada vez mais convencida de que Anna-Karin está escondendo algo.

— Acho que tem algo de suspeito nesse acidente — diz Linnéa ao entrar na cozinha.

— Por quê? — pergunta Minoo.

— Só acho que ela está escondendo alguma coisa — sugere Linnéa, indo até a mesa e olhando a tigela. — Eca, que nojo.

— Vamos fazer pintura a dedo? — pergunta Vanessa a Linnéa.

— Uma de vocês mexa aqui. Meu braço está quase caindo — diz Minoo.

Linnéa pega a tigela e a colher das mãos dela e começa a mexer. Minoo se reclina na cadeira e apenas observa.

É o primeiro ritual que elas executam, e, já que Anna-Karin se recusa a participar, as chances de sucesso caíram muito. Agora tudo está nas mãos de Linnéa.

A porta da frente se abre e bate.

— Aí vem Ida — diz Linnéa, sem hostilidade mas também longe de soar empolgada.

Ida está com olheiras e fungando. Pegou a gripe que tem se espalhado pelo colégio; deveria estar em casa.

Linnéa lhe entrega a tigela sem dizer uma palavra. Ida tosse e cospe ali. Linnéa dá um sorriso e continua a mexer.

— Caramba — diz ela.

Minoo olha para a tigela. O que antes era uma gosma granulosa virou uma pasta suave marrom-avermelhada.

— Bom, é melhor a gente dar início ao espetáculo — diz Linnéa.



Os pouquíssimos móveis na sala de estar de Nicolaus estão encostados nas paredes. As persianas estão fechadas. Todas as luzes foram apagadas. Ida acendeu as grossas velas brancas e as distribuiu pela sala, quatro em cada canto. Por algum motivo, o ritual não pode ser realizado nem

à luz do dia nem com luz elétrica.

Parece uma coisa de filme B, quando os protagonistas vão fazer um ritual satânico, ou orgia sexual, ou as duas coisas, pensa Vanessa.

— Agora lembrem — diz Ida —, depois que o ritual começar, ninguém pode sair da sala nem passar do círculo externo. Se isso acontecer, está tudo arruinado. Se precisarem ir ao banheiro, vão agora. Eu tenho que tomar um analgésico.

Ela entra na cozinha.

Linnéa está parada no meio da sala. Amarrou o cabelo em um rabo de cavalo e puxou sua grande franja para o lado. Vanessa percebe que ela está com medo.

A luz bruxuleante das velas dança pelas paredes e pelos rostos de todas. Elas começam a se dar conta da seriedade do momento.

— Certo — diz Ida, tossindo ao voltar à sala. — Pronto, Linnéa?

— Sim — responde ela baixinho.

Vanessa destampa o jarro que contém o restante do ectoplasma e o entrega a Linnéa. Ela pega o jarro, depois segura a mão de Vanessa.

— Se alguma coisa der errado... — balbucia Linnéa.

— Não vai dar — responde Vanessa. — Você consegue. E estaremos aqui com você.

Linnéa assente e a solta.

Mínoo dá um passo à frente e coloca a tigela e o jarrinho de vidro vazio no chão, aos pés de Linnéa. Se tudo der certo, o jarro deverá estar cheio de soro da verdade assim que o ritual acabar.

— Boa sorte — diz ela.

— Obrigada.

— Boa sorte — murmura Ida.

Linnéa lhe lança um olhar.

— Obrigada — responde ela, com pressa. — Lá vai.

Vanessa fica perto da parede com Ida e Mínoo. Maldita Anna-Karin. Ela devia ter vindo também. Não devia ter deixado Linnéa fazer tudo sozinha. O fardo seria bem menor para as duas, sem falar no risco.

— O círculo que une — diz Ida.

Começou.

Linnéa respira bem fundo. Então mergulha os três dedos do meio da mão esquerda no jarro de ectoplasma puro e fica de joelhos. Aos poucos, ela começa a traçar o círculo externo.

Seus dedos deixam uma trilha anormalmente uniforme no chão de parquê claro. É como se a mistura pastosa tivesse vontade própria e se ajustasse sozinha. Vanessa sabe que é impossível desenhar um círculo perfeito só com os dedos, mas é exatamente o que Linnéa está fazendo.

Quando o círculo se fecha em torno de Linnéa, Vanessa sente um formigamento percorrer seu corpo. O silêncio na sala fica mais pesado. Elas só conseguem ouvir a respiração de Linnéa. Ela se levanta e limpa o suor da testa. Não as vê mais. Ela se voltou para si mesma.

— O círculo que dá poder — diz Ida.

Linnéa vai para o centro. Enfia a mão mais uma vez no ectoplasma e começa a desenhar o círculo interno. Sua camisola branca está empapada. O suor escorre pelo pescoço, pelas costas e pinga da testa. Parece que os pingos evaporam assim que tocam o chão.

Quando o círculo interno é fechado, Vanessa sente o mesmo formigamento, mas agora com intensidade maior, vibrando por todo o seu esqueleto, até os dentes. Linnéa se ergue e começa a oscilar.

— O signo do poder — sussurra Ida.

Linnéa pega a tigela com a mistura, enfia a mão na pasta marrom-avermelhada e desenha os símbolos dos elementos água e terra para que formem uma unidade.

Vanessa sente calafrios pelo corpo todo. Há um zumbido baixo, quase imperceptível ao ouvido humano, em toda a sala. Seus tímpanos doem. E tem algo de errado com as sombras. Há mais delas.

As mãos de Vanessa procuram a de Mínoo e a de Ida. Ou foi o contrário? Ela não tem certeza. Mas sabe que aquilo está ajudando Linnéa.

Linnéa deposita o jarro vazio no símbolo de poder e aperta a mão na abertura. Ouve-se sua respiração acelerada mesmo com o zumbido. Os músculos de seu braço se retesam e suas costas se curvam, como um gato. O zumbido vibra no sangue de Vanessa, subindo e descendo enquanto as sombras pulsam nas paredes. Vozes sussurram línguas antigas e esquecidas. O ar cheira a sal. O peito de Linnéa arfa cada vez mais rápido, mais rápido, mais rápido.

De repente, Linnéa tira a mão do jarro e desaba no chão.

As velas tremeluzem e quase se apagam. Assim que as chamas voltam a ficar estáveis, as sombras estranhas somem. O zumbido também se foi, e os sons do exterior voltam a invadir o quarto. Vanessa consegue ouvir a tevê no apartamento de cima, uma criança correndo. Ela solta as mãos das outras.

— Linnéa?

Linnéa não responde. Não se mexe.

— Acabou? — pergunta Mínoo.

— Espere um pouco — diz Ida.

Vanessa tenta ver se Linnéa está respirando. Não há como saber. Ela começa a entrar em pânico.

— Não rompa o círculo! — grita Ida.

Mas é tarde demais. Vanessa já está ao lado de Linnéa. Ela cai de joelhos e se curva para a frente, colando seu rosto no de Linnéa. Sente imenso alívio assim que vê os lábios de Linnéa se mexerem, como se ela quisesse dizer algo.

— Estou aqui — sussurra Vanessa, e pega a mão pegajosa de Linnéa.

— Porra — diz Ida. — Já faz duas horas que começamos.

— Funcionou? — pergunta Linnéa, ainda fraca.

Vanessa olha para o jarro de vidro que Mínoo está erguendo. Há um dedo de líquido turvo no

fundo. Não se parece nem um pouco com a poção mágica que Vanessa imaginou. Por outro lado, ela não sabe o que imaginou. Alguma coisa que brilhasse no escuro, quem sabe. O líquido solta vapor. Um brilho misterioso. Parece que alguém mergulhou nas profundezas lamacentas do Rio Dammsjön e trouxe uma amostra da água.

— Só há um jeito de descobrir — diz Mínoo.



Linnéa está sentada à mesa da cozinha de Nicolaus, entornando suco de laranja entre colheradas de macarrão direto da panela. Ela parece incrivelmente cansada, mas pelo menos não está mais semimorta. Vanessa fica aliviada. O ritual acabou e Linnéa está bem. Se a poção funciona ou não é o menos importante.

— Eu não vou fazer isso — diz Ida, e toma mais um analgésico. — Estou doente. E estou tomando paracetamol. Pode ter efeitos colaterais.

— Qual é? — diz Linnéa, em meio a outra colherada de macarrão. — A gente tem que testar antes de usar no Gustaf.

— Fácil falar quando não é você que...

— Desculpe, mas você não acha que eu já fiz o suficiente por esta noite? — pergunta Linnéa. Ida se cala.

Três copos cheios de suco de laranja estão na mesa. Linnéa coloca um pingão do soro da verdade em um deles.

— Vamos beber todas ao mesmo tempo — diz Mínoo, parecendo aterrorizada. — Linnéa, já pensou em uma pergunta? Nada muito pessoal.

— Não, claro que não — diz Linnéa, com um sorriso que deixa Vanessa nervosa.

Ela não tem segredos. Ou tem? E se acabar sendo ela a pegar o copo que deixará sua mente totalmente aberta para Linnéa remexer? E se Linnéa perguntar algo que Vanessa nem sabe que deseja manter em segredo?

Vanessa faz menção de pegar o copo do meio, mas Ida é mais rápida. Vanessa pega o da esquerda e Mínoo, o da direita.

— Eu não acredito que topei fazer isso — resmungo Ida.

— Certo — diz Linnéa. — Um. Dois. Bebam!

Vanessa vira o seu de uma vez só e bate o copo na mesa. Passa a língua na boca, tentando sentir se há algum gosto residual estranho. Ida arrotta.

— Mínoo — começa Linnéa, com um grande sorriso —, do que você tem mais medo que eu pergunte agora?

Mínoo sorri. Parece aliviada.

— Não vou contar — responde ela.

Os olhos negros de Linnéa encontram os de Vanessa.

— E você, Vanessa? O que você tem mais medo de ser forçada a revelar?

— Eu não tenho medo de nada.

É só quando se ouve mentindo com tanta convicção que ela sabe que conseguiu.

As três se voltam para Ida. É a hora da verdade. Se não funcionar com Ida, não funciona mesmo.

— E você, Ida?

— Isso é sério? — responde Ida. — Eu não acredito que isso está acontecendo comigo pela segunda vez. Eu acho *muuuuito* injusto que eu fique com o soro da verdade. Anna-Karin me obrigou a contar a verdade naquela vez no parque de diversões, e eu não quero contar para vocês que sou apaixonada pelo G desde o quarto ano.

Ela cobre a boca com a mão e os olhos se arregalam de terror.

— Parece que o soro da verdade funciona — diz Minoo.

— O que foi que eu falei? — pergunta Ida.

— Isso explica muita coisa — diz Vanessa, e começa a rir.

— O que foi? Digam!

— O soro faz você esquecer na hora. Melhor assim, não acham? — pergunta Linnéa, com um sorriso matreiro.

Ida se levanta e amarra com força o casaco de lã na cintura. Dá uma fungada teatral, para lembrá-las de que está doente e de que deveriam ser mais legais com ela.

— Não interessa o que eu disse, pois é verdade — diz ela. — E agora eu vou para a minha cama.

— Melhores — diz Minoo.

Ida funga de novo e gira seu colar.

— Se algo do que eu falei chegar ao colégio, vocês vão se ver comigo — diz ela.

— Não se preocupe — diz Linnéa. — Não vamos deixar ninguém saber que você tem sentimentos.



Quando Anna-Karin entra em casa, é atacada por um coro de risos na tevê. Não precisa nem olhar para a sala para saber que a mãe está deitada no sofá. Talvez tenha caído no sono com o cigarro na mão, mas Anna-Karin não se dá o trabalho de conferir.

Ela entra na cozinha, pega uma caixa de chocolates da geladeira e um saco de pãezinhos da caixa de pão. Come de pé seus sanduíches de chocolate e toma um copo de leite. Mas eles não dão mais aquela sensação relaxante de antes. Só a deixam enjoada.

Ela olha pela janela e vê a cabana de vovô. É quase como se ele de repente fosse surgir em

seu lugar de sempre, fazendo sinal para ela ir até lá.

Anna-Karin se pergunta se ele notou que ela ainda não foi visitá-lo no hospital.

De repente ela sente algo quente e macio roçando sua perna. Ela se agacha e fita os olhos verdes de Pimenta.

— Olá, docinho — sussurra.

Ela senta no chão da cozinha e pega o gato nos braços, acariciando o pelo macio.

Pimenta ronrona. As pessoas da tevê riem.

— Pelo menos você voltou a gostar de mim — murmura ela.

Mas, apesar dos esforços de Pimenta, ela se sente mais sozinha do que nunca. As palavras de Linnéa a deixaram irritada. Ela disse a si mesma que se afastou pelo bem de todas. Ela é perigosa. Pode ferir os outros. Mas será que Linnéa tem razão? Será que ela está apenas sendo egoísta e covarde?

Mínoo olha para os números à sua frente. Uma equação quadrática que devia ser moleza. Mas ela não está conseguindo dar conta.

Toca o sinal do recreio, o que desencadeia uma cacofonia de cadeiras arranhando o chão, livros sendo guardados, zíperes abrindo e fechando. Mínoo olha para Max, que lhe dirige um pequeno sorriso, oculto pela xícara de café. O coração dela acelera. O segredo entre os dois voltou.

Ela vai fazer dezessete anos em breve. Daqui a um ano já será maior de idade. Uma adulta aos olhos da sociedade. Um ano não é nada, ele disse. Ele pode esperar.

É quase insuportável ter que vê-lo todos os dias, agora que sabe que ele também a ama. Um belo dia ela vai perder o controle, correr até a mesa e beijá-lo na frente de todo mundo. Ainda bem que ele vai embora no verão.

Mínoo segue o fluxo de alunos até as escadas. Ela olhou os horários de Gustaf, e eles almoçam no mesmo intervalo. Será que ela deve abordá-lo no refeitório? Ou espera até o horário de saída?

Ela conseguiu evitá-lo desde aquela tarde no viaduto. Ele tentou conversar algumas vezes no colégio, mas ela sempre fugiu. Agora está tentando pensar no que lhe dizer, mas decide que é impossível planejar uma conversa. Vai ter que improvisar.

Quando chega ao térreo e entra no corredor que leva ao refeitório, ela avista Linnéa.

Ela está de costas para uma fileira de armários. Erik Forslund e Robin Zetterqvist estão à sua frente. Quando Linnéa tenta sair, Erik se adianta e apoia a mão no armário ao lado dela. Está presa.

Outros alunos passam e fingem que não notam. Parece que ninguém se lembra de Erik com as calças mijadas no pátio, nem de Robin implorando por migalhas na mesa de Anna-Karin. Eles voltaram ao topo.

Mínoo ajeita a mochila e chega mais perto.

— Então, quanto você quer? — pergunta Erik, e Mínoo ouve.

— Saia da minha frente — diz Linnéa, e tenta empurrá-lo para o lado.

— Agora está fazendo de graça, é?

De repente Mínoo sente medo. Todas as pessoas do refeitório sumiram. Ela chega ainda mais perto, tenta fazer com que seus passos soem mais decididos.

— Responda! — diz Robin.

— Deixe-a em paz! — grita Mínoo.

As palavras ecoam pelo corredor deserto. Erik se vira e olha para Mínoo com desprezo.

— Não sabia que você tinha uma namoradina — diz Robin a Linnéa.

— Que foi, está com ciúmes? — pergunta Linnéa, sorrindo para ele. — Você sabe muito bem

que nunca vai ver uma boceta na vida.

Por um instante Mínoo acha que Robin vai dar um soco em Linnéa. Fica claro que ele está louco para acabar com aquele sorriso com um belo soco. Em vez disso, porém, ele pega a bolsa aberta de Linnéa e derruba o conteúdo no chão. Maquiagem, cigarros, celular, canetas, livros e o bloquinho preto se espalham pelo corredor.

Linnéa tenta se jogar sobre seus pertences, mas Erika segura enquanto Robin chuta as coisas para longe. Ele pisa no celular até a tela se partir.

— Pare — ordena Mínoo.

Robin pega o bloquinho preto e começa a folhear. Mínoo enxerga páginas cheias de anotações em tinta vermelha, azul, verde e preta. Desenhos e rabiscos.

— O que é isso? — pergunta Robin. — Seu diário?

Linnéa tenta se livrar das mãos de Erik. Não consegue, então tenta jogar a cabeça para trás para lhe dar uma cabeçada malsucedida. Robin fica ainda mais irritado.

— Então vejamos... — começa ele.

Mínoo vai até Robin e tenta pegar o bloco, mas ele ri e a mantém tranquilamente à distância com o braço estendido, enquanto folheia com a outra mão. Começa a ler:

— “Todas as outras sentadas, de olhinhos cintilando, criancinhas perfeitas na noite de Natal, como se AL fosse o Papai Noel. Não aguento mais. M é a pior, sempre quer ser a melhor da turma. Ela me dá dor de cabeça.”

Mínoo não tem dúvida de quem seria “M”. Aquilo dói, mas o importante é pegar o bloco antes que ele descubra tudo. Ela faz outra investida e consegue tocar no caderno. Quase arranca uma página, mas Robin a empurra para longe.

— Não diz aí que ela transa em troca de heroína? — pergunta Erik

— Calma, espere um pouco... — diz Robin, e continua folheando o bloquinho.

Linnéa se retorce, empurra e puxa os braços de Erik em uma tentativa desesperada de se desvencilhar. Ele só ri e a puxa ainda mais.

— Está gostando, não é? — pergunta ele no ouvido dela.

— Me solte — rosna Linnéa.

Robin continua a folhear.

— “Tenho que contar para as outras” — lê ele. — “Porra, é tudo tão complicado.”

Ele olha para Linnéa e dá um sorriso zombeteiro.

— Ai, acho que vou chorar — debocha ele, e volta ao bloco. — “Eu devia ter contado desde o início. Agora vai estragar tudo. Se elas soubessem, iam me odiar.”

Linnéa solta um urro enlouquecido. O som ecoa pelo corredor. Tudo para abruptamente. Já chega. A bota com ponta de metal de Linnéa acerta Robin entre as pernas. Robin uiva e cai de quatro. O caderno cai de sua mão e desliza pelo chão.

Mínoo se abaixa e o pega.

— Suaputavoumatarvocê — tenta dizer Erik, como se fosse uma palavra só, e torce o braço de Linnéa para trás.

Minoo nunca se meteu em uma briga, nem quando era criança. Não teve irmão nem irmã com quem brigar, e no jardim de infância sempre foi a menina boazinha. Mas resolve tirar a mochila das costas.

Está pesada. Cheia de livros.

Linnéa grita quando Erik torce ainda mais seu braço. Minoo para de raciocinar e segue seus instintos.

Ela gira a mochila, que descreve um arco e atinge a cabeça de Erik com tanta força que ele cai para trás, batendo nos armários.

Linnéa consegue se libertar. Ela se joga no chão e recolhe seus pertences. O estojo de pó para o rosto se quebra, levantando uma nuvem de pó branco.

— O caderno! — grita ela para Minoo.

A adrenalina começa a correr pelo corpo de Minoo quando ela vê Erik se levantar para ir atrás de Linnéa. Ela quase não entende o que Linnéa diz.

Linnéa consegue ficar de pé com a bolsa na mão. Pega o bloquinho da mão de Minoo e corre.

Minoo também corre, mas Linnéa é bem mais rápida e já sumiu pela porta da frente. Minoo desce às pressas a escada do refeitório.

— Sapatas malditas! — grita Erik, em algum ponto do corredor atrás dela.



Vanessa está dentro do carro de Wille, no parquinho do Jardim de Infância Lingonberry, cheio de brinquedos e de areia coberta de neve. Cinco bonecos de neve bojudos estão em posição de sentido diante do prédio.

Vanessa olha para o relógio no painel. Tem tempo. Desde que Nicke ou a mãe não tenham decidido buscá-lo mais cedo logo hoje...

— Estou tão nervosa — diz ela.

Wille se estica e lhe dá um beijo na bochecha.

— Quer que eu fique esperando?

— Não, está tudo bem.

— Tem certeza?

— Aham. Só vai me estressar saber que você está aqui me esperando.

É apenas meia verdade. A outra parte é que ela quer ficar sozinha depois.

— Tudo bem. Eu vou à casa do Jonte — diz ele. — Vejo você de noite.

Vanessa engole o comentário sobre as mil outras coisas que Wille poderia fazer em vez de ir à casa de Jonte. Mas está cansada de ouvir a própria voz reclamando.

Ela anda se sentindo muito adulta, no pior sentido possível, sempre que está com Wille. Nunca

suspirou tanto na vida desde que começaram a morar juntos. É como se ela tivesse se transformado na própria mãe.

Wille ainda não mencionou o e-mail que ela lhe enviou anteontem, com links para as poucas ofertas de trabalho na página principal da agência de empregos de Engelsfors. Ela entende que não ia ser muito divertido trabalhar em uma serralheria, nem fazer faxina na prefeitura à noite, mas seria só algo temporário. Assim que ela terminar o colégio, eles podem fazer qualquer coisa que queiram. Juntos.

Ela desce do carro e ele se despede com um aceno depois que ela bate a porta. Vanessa o ama. Mas não sabe se isso ainda é suficiente.

— Vanessa! Faz séculos que não vemos você por aqui! Veio buscar Melvin hoje?

Amira trabalhava no jardim de infância na época em que Vanessa estudava ali, e era sua professora predileta. Ela ainda usa as mesmas saias com suspensório daquele tempo. Toda vez que a vê, Vanessa se lembra da hora da historinha e da sopa de cenoura, e de quando Amira a flagrou com Kevin na casinha de brinquedo.

— Só vim dar um oi — diz Vanessa. — Tudo bem eu dar um presente para ele? Não sei se tem alguma regra que proíba...

Amira olha para a bolsa que ela traz. Vanessa fica se perguntado se Amira sabe que ela não mora mais em casa.

— Tudo bem — diz ela. — A gente abre uma exceção para você. Mas tem que ser longe das outras crianças, para elas não verem. Se não vai ser uma confusão.

— Obrigada.

— Espere no refeitório que eu o trago aqui.

A mesa baixinha onde as crianças fazem as refeições já está limpa. As persianas azul-escuras, decoradas com animais de circo e cores fortes, foram baixadas até a metade, e o recinto está escuro. O lugar cheira a plástico e a produtos de limpeza. Tudo foi adaptado para criancinhas, e Vanessa não consegue imaginar que já foi tão pequena.

— Venha, Melvin. Sua irmã está aqui — diz Amira; Vanessa ouve e então se vira.

Melvin está parado na porta, observando-a com cautela. Usa uma camiseta de listras azuis, calça jeans com elástico na cintura e pantufas. Seu cabelo está mais comprido e cacheado nas têmporas. Vanessa solta sua bolsa e faz força para não gritar “Nossa, como você cresceu!” que nem uma tia velha.

— Feliz aniversário! — é o que ela diz, ficando de joelhos e abrindo os braços.

Melvin olha para ela. Então esconde o rosto atrás da perna de Amira.

É como se alguém lhe beliscasse o coração. Pois essa reação de Melvin é o que ele faz com quem não conhece. Vanessa abaixa os braços.

— Está com vergonha, Melvin? — pergunta Amira com a voz mais delicada possível.

— Faz um tempo que a gente não se vê. Não sei se ele...

A voz dela falha. Está à beira das lágrimas. Não pode deixar que aconteça. Não pode começar a chorar no aniversário do irmãozinho e traumatizá-lo pelo restante da vida.

Você já o traumatizou, diz uma voz interior. Só de sair pela porta e sumir. É óbvio que ele não confia em você. Talvez nem lembre que você existe.

Ela respira fundo e tenta engolir o caroço na garganta.

— Eu trouxe um presente — diz ela, e pega um pacote do saco plástico. Solta-o no chão, entre eles. — Um presente de aniversário.

Melvin olha para ela, ainda desconfiado. Então dá alguns passos, cauteloso. Para.

— Dois — diz ele, e estende a mão exibindo dois dedos.

— Isso, hoje você está fazendo dois anos — diz Vanessa, e pisca para conter as lágrimas. — Que menino esperto.

Melvin dá um leve sorriso. Ela empurra o pacote para mais perto dele. Aos poucos ele toca o papel de presente com os dedos gordinhos. Rasga e arranca pedaços da embalagem enquanto Vanessa tira a fita sem que ele veja.

Por fim, ele desembulha um pinguim de pelúcia com olhos bem grandes. Vanessa soube que tinha que comprá-lo para Melvin assim que o viu. Agora se sente insegura de sua escolha.

— Uau, que pinguim legal! — diz Amira.

Melvin o segura diante de si. Se Melvin odiar o presente, pensa Vanessa, ela vai deitar no chão e chorar desesperadamente até que Amira venha pegá-la no colo.

— Você gostou do pinguim? — pergunta Vanessa.

— Pingu — diz Melvin, e o balança com força.

Ela fica ridiculamente alegre, prestes a chorar de novo.

— Agora eu ganho um abraço? — pede ela.

Ela não se aguenta mais. Quer abraçá-lo, sentir o corpinho quente dele junto ao seu.

Melvin faz cara de terror.

— Não — diz ele.

Então pega o pinguim pela asa e vai embora da sala.

Amira é compreensiva:

— Ele só está meio tímido porque faz tempo que não vê você.

Claro que a mãe contou tudo. E a versão de Nicke provavelmente foi que a filha chata de Jannike fugiu de casa e foi morar com o traficante. Vanessa quer explicar tudo para Amira, fazê-la ficar do seu lado, mas tem que ir embora antes que comece a chorar de verdade.

Ela se despede e sai às pressas.

O jardim de infância fica no alto de um morro do qual se vê praticamente Engelsfors toda. Esta bostinha de cidade cheia de gente que pensa viver no melhor lugar do mundo. Nossa, como ela odeia essas pessoas. Meu Deus, que vontade de ir embora.

Agora que pode chorar, é como se suas lágrimas tivessem evaporado.

Ela não quer ir a lugar algum. Nem para a casa de Wille e Sirpa, nem para a casa da mãe e Nicke. Ela sente que não tem mais um lar.



Mínoo está em frente à biblioteca, tentando parecer tranquila, quando toca o sinal que encerra a última aula. Ela olha para a porta da sala de Gustaf. Continua trancada. Talvez Ove Post tenha esquecido a hora durante uma dissecação.

A diretora vem na direção dela.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta Adriana, como se houvesse algo de suspeito em alguém ficar na frente da biblioteca.

Mínoo olha para a sala de Gustaf.

— Esperando um amigo.

A diretora a olha demoradamente. Então assente e vai embora.

Os colegas de Gustaf finalmente surgem no corredor. Mínoo liga o celular, ainda nervosa, e torce para que pareça estar escrevendo uma mensagem muito importante.

Não percebe Gustaf até ele chegar bem perto.

— Oi — cumprimenta ele.

— Oi! Eu estava esperando você — diz ela, no tom mais natural que consegue.

Gustaf parece feliz.

— Estava, é?

Mínoo tenta encarar o espaço acima do nariz dele, entre as sobrancelhas, para fazê-lo achar que ela o está olhando nos olhos, como um ser humano normal que não tem o que esconder.

— Pensei que a gente podia fazer alguma coisa esse fim de semana — sugere ela, torcendo para que ele não interprete aquilo como um convite para um encontro. Suas orelhas estão tão quentes que ela sente que poderiam murchar até virar dois tomates secos.

— Claro! O que você quer fazer? — pergunta ele.

— Só ficar de boabeira. Estamos recebendo parentes — mente ela —, então a gente podia ficar na sua casa. — Ah, claro, agora sim soou espontâneo.

— Está bem. Eu tenho treino, mas você pode aparecer lá pelas quatro.

— Você vai estar sozinho? — pergunta ela, sabendo bem como o aquilo soou, e a cor de tomate se espalha pelo rosto. — Pergunto só porque podemos não querer ser incomodados... quando a gente estiver conversando sobre Rebecka e essas coisas. Não que a gente tenha que falar dela. Mas, sabe...

— Sei.

— A gente se vê amanhã.

Gustaf se adianta e a abraça. Ela faz um esforço para não recuar. Lembra-se de como ele a puxou para si nas trevas do viaduto. Agora parece completamente diferente.

— Estou tão feliz por você ter me convidado — diz ele, e a solta. — Achei que você estivesse me evitando.

Mino encara o ponto acima do nariz dele de novo.

— De jeito nenhum! — diz ela. — Por que eu faria uma coisa dessas?

As paredes ásperas da sala de espera são de um tom verde-menta deprimente. Pintaram uma faixa na altura da cintura com patinhos felizes ciscando o chão. Por algum motivo, aquilo consegue deixar a atmosfera mil vezes pior.

Anna-Karin está sentada no sofá com o olhar perdido adiante. Do outro lado da porta, os funcionários do hospital andam de um lado para o outro. Alguns conversam muito alto entre si, como se aquele fosse um emprego qualquer, não um lugar em que as pessoas ficam doentes e morrem. Zumbidos e bipes de alarmes ressoam.

Anna-Karin olha mais uma vez para os patos. Eles sorriem uns para os outros com seus bicos tortos, dando a impressão de que seguem o compasso de uma melodia alegre. Ela entende por que os achou tão horríveis: ninguém gosta de ficar em uma sala dessas. Você só vem para cá quando seus pesadelos viram realidade. Mas alguém achou que a animação dos patinhos contagiaria quem ficasse sentado aqui.

Um enfermeiro com tatuagens tribais nos dois braços aparece na sala e pede para Anna-Karin acompanhá-lo. Eles finalizaram os exames do dia em vovô.

Anna-Karin sente como se todos a estivessem olhando de soslaio enquanto acompanha o enfermeiro pelo corredor. *Lá vai aquela menina que não veio ver o pobre avô nem uma vez. Devia ter vergonha.*

O enfermeiro para em frente à porta do quarto de vovô e faz sinal para Anna-Karin entrar.

Ela olha para a porta aberta. Gostaria, mais do que tudo, de sair em disparada pelo longo corredor e fugir para o ar fresco lá de fora, para longe do cheiro de hospital e gente doente. Para longe de vovô.

Vovô.

Ela passa pelo enfermeiro. Lava bem as mãos na pequena pia ao lado da porta, depois passa álcool que pega de um dispenser na parede.

A sala é fantasmagórica à luz fraca da tarde. Há um velho na cama mais próxima à porta, com dedos arqueados como se fossem garras. Seus olhos estão bem fechados e sua boca desdentada arfa. Anna-Karin sente um peso no estômago, até perceber que aquele não é seu avô. Ela atravessa o quarto rapidamente.

Uma cortina cinza-clara cobre o outro leito apenas parcialmente.

De início ela enxerga apenas as pernas dele, delineadas sob o leve cobertor azul-claro do hospital. Quando chega mais perto, vê os braços de vovô para fora do cobertor. Agulhas ligadas a longos tubos estão presas nas costas das mãos dele com esparadrapo. Outro tubo sai de debaixo do cobertor. Anna-Karin o acompanha com os olhos até um saco de xixi pendurado ao lado da cama, perto do chão.

Ela dá mais alguns passos e vê o rosto de vovô. Parece transparente à meia--luz. Há outro

tubo entrando em seu nariz. O suporte do soro foi posicionado ao lado da cama. Sai um bipe da máquina, cujos fios somem sob a gola da camisola. Ele parece uma máquina na qual se bombeiam e da qual se tiram vários fluidos.

Anna-Karin dá os últimos passos até a beira da cama. Então diz:

— Vovô.

Ele se vira para ela. Parece abatido. A pele está mais fina. É vovô deitado ali, mas, ao mesmo tempo, não é. Todas as qualidades que ela identificava nele, a força, a agilidade, a vitalidade e a inteligência, não estão ali.

Ela quer abraçá-lo, mas não ousa. Tem medo de machucá-lo. Medo de que ele não queira seu abraço.

— Vovô... sou eu. Anna-Karin.

Vovô olha para ela em silêncio. É impossível dizer se a reconhece ou não.

Só agora ela percebe que está chorando pela primeira vez desde o primário.

— Desculpe. Foi culpa minha — sussurra ela, e funga. — Desculpe.

Vovô pisca algumas vezes. Parece que ele está tentando se concentrar. A mãe disse que ele tomava medicação tão pesada que estava totalmente fora de si.

— Elas me disseram que era perigoso — prossegue ela —, mas achei que seria perigoso só para mim, não para os outros. Muito menos para você. Mas eu já parei.

Ela pega a mão dele com cuidado para não tocar nas agulhas.

— Eu nem devia ter começado com isso. Devia ter ouvido as meninas. Agora eu já sei, mas é tarde demais. Estraguei tudo. Vovô, você tem que melhorar. Por favor. *Por favor.*

Vovô pisca mais uma vez. Ele abre a boca e consegue dizer algumas palavras. Ela mal consegue entender, mas nota que ele está falando em finlandês. Ela ouviu o idioma uma vez ou outra durante a infância, mas nunca aprendeu.

— Pode repetir em sueco, vovô?

— Disseram no rádio que a guerra está chegando — diz vovô lentamente. — Todos têm que escolher de que lado vão ficar.

— Vai ficar tudo bem — diz Anna-Karin. — Não se preocupe com isso, só melhore.

Vovô fecha os olhos e assente debilmente.

— Meu pai disse: “Se não agirmos agora, teremos que viver com esta vergonha pelo restante de nossa vida.”

Anna-Karin faz carinho na cabeça de vovô até ele cair no sono. Seu cabelo está fino e ralo. Sua testa está fria, quase gelada.

— Ele é seu avô, não é? — pergunta a enfermeira que entra na sala.

Anna-Karin assente e limpa as lágrimas com as costas da mão.

— Eu sei que ele parece péssimo... — diz a enfermeira, e então explica o porquê de todos os tubos, sondas e agulhas.

Anna-Karin se sente um pouco melhor ao entender o que estão fazendo por ele. Essas pessoas sabem como mantê-lo vivo, como fazer com que ele melhore.

— Ele está melhorando — diz a enfermeira. — Pode não parecer, mas está.

Anna-Karin a encara pela primeira vez. Mesmo que não houvesse visto a foto dela no jornal, teria reconhecido. A mãe de Rebecka é uma cópia mais velha da filha. Ela sorri para Anna-Karin, um sorriso que é igual ao de Rebecka. Ela perdeu a filha, mas ainda tenta reconfortar a garota. E se soubesse que Anna-Karin está entre as pessoas que poderiam achar o assassino de Rebecka mas que resolveu não fazer nada? *Se não agirmos agora, teremos que viver com esta vergonha pelo restante de nossa vida.*



Mínoo está quase caindo no sono quando ouve um barulho misterioso em seu quarto, um zumbido ritmado. Não consegue descobrir de onde vem.

Ela se senta na cama por instinto, bem desperta, certa de que vai ver fumaça negra serpenteando pelas paredes e pelo chão em direção à cama...

Mas o quarto parece normal. E agora ela percebe de onde vem o som. Seu celular vibra na mesa de cabeceira.

— Olá — diz Linnéa quando Mínoo atende.

Mínoo acende o pequeno abajur verde ao lado da cama.

— Oi.

— Obrigada pela ajuda hoje — diz Linnéa.

— Não foi nada.

— Robin e Erik são uns imbecis de merda. A única coisa boa da época em que Anna-Karin controlava o colégio era que todo mundo os odiava. Desculpe pelo que escrevi em meu diário. Não era sobre você. Quer dizer, era, mas eu estava tendo um dia péssimo.

Linnéa fala com pressa, como se sentisse que precisa se desculpar mas quisesse se livrar logo disso. Será mesmo um pedido de desculpas? Mínoo sente uma pontada forte no peito ao lembrar o que Robin leu sobre “M”: *Ela me dá dor de cabeça.*

— Vamos esquecer isso — diz Mínoo, desejando que fosse simples assim.

— Está bem. Estou ligando porque tenho que dizer uma coisa — diz Linnéa. — Agora eu também consigo ler o *Livro dos padrões*.

— Desde quando?

— Faz um minuto. E descobri uma coisa. Eu estava sentada aqui, olhando pelo Visor. E, agora que encontrei, não entendo como não vi isso antes.

Ótimo, pensa Mínoo. Daqui a pouco o maldito livro vai transmitir para todo mundo menos para mim.

— O que ele diz?

— É difícil explicar. Não sei bem se eu entendo. Por isso queria conversar com você. Você

deve ser a única que consegue desvendar o que significa.

— Posso tentar.

— Tudo bem... É sobre... uma coisa. Não sei explicar. É uma coisa que é para uma só pessoa.

Se for dividido, não vai funcionar.

Mínoo sente a mesma sensação de formigamento de quando está prestes a solucionar uma equação complicada. O que Linnéa diz soa familiar.

— Continue — diz ela, abrindo a gaveta de sua mesa de cabeceira e pegando um caderno.

Linnéa suspira.

— O problema é que uma pessoa sempre vai ficar de fora dessa coisa. E, se essa pessoa morrer, outra pessoa fica de fora. Depois outra. E mais outra...

— Espere aí — diz Mínoo.

Ela se atrapalha ao folhear o caderno.

— O que foi? — pergunta Linnéa.

— Ida falou a mesma coisa quando descobriu que conseguia ler o *Livro dos padrões* — diz ela, e finalmente encontra a página certa. — Foi isso que ela falou: “O negócio é, tipo, feito para uma só. Assim funciona perfeitamente. Mas, se mais gente tenta entrar, alguém sempre fica de fora. E, se esse de fora desaparece, outra pessoa acaba ficando de fora. E depois outra. E outra. E outra. Até todo mundo desaparecer.” Ela disse que era tipo uma atmosfera.

Todas as peças se encaixavam. Essa é a resposta. Belíssima. Cristalina. Mínoo nem precisa de confirmação para saber que está certa.

— Já sei o que o livro está tentando nos dizer. É sobre a proteção mágica. Adriana falava disso no início. A coisa que ela e o Conselho achavam que estava nos protegendo. Agora que você sabe isso, tente olhar o livro de novo. Talvez ele mude o que você vê nos padrões.

— Espere aí — pede Linnéa.

Ela fica um bom tempo em silêncio. Enquanto isso, Mínoo ouve a mãe subir a escada e entrar no banheiro. Deve ter acabado de chegar do hospital. Começa a correr água da torneira aberta.

— Está bem — diz Linnéa. — Está realmente falando da magia de proteção. Que ela foi criada para um único Escolhido. O livro está tentando explicar quais foram os efeitos colaterais de ela ter sido ampliada para dar conta de sete pessoas. Ela não pode proteger todo mundo ao mesmo tempo. Uma de nós vai sempre ficar de fora. É como uma válvula de segurança. A magia não consegue conter várias psiques, emoções, vontades e pensamentos. Tipo, ela ia implodir se tentasse manter uma proteção potente sobre todas nós.

— Então alguém sempre fica de fora — diz Mínoo. — E desde que essa pessoa esteja viva, as outras ficam protegidas. Mas se essa pessoa morre...

— ... então outra fica exposta — conclui Linnéa.

Mínoo se esforça para seguir esta linha de pensamento.

— Elias deve ter sido o primeiro a ficar desprotegido. E, quando ele morreu, foi a vez de Rebecka. Depois a minha. Agora sou eu que estou desprotegida.

Elas ficam em silêncio.

— Mas por que o ataque não deu certo? — pergunta Linnéa, por fim. — Não sabemos que poder Elias tinha, mas Rebecka conseguia mover coisas bem pesadas com a mente. Tem alguma coisa que você faz que eles não?

— Não sei — diz Mínoo.

Mas ela pensa na fumaça negra. Em como ela conseguiu fazê-la se dissipar, pelo menos por um instante. Ela queria poder contar a Linnéa, mas ainda tem vergonha de falar naquilo.

— Acho que amanhã vamos ter as respostas — diz Linnéa — quando você conversar com Gustaf.

— Assim espero.

— Está com medo?

Linnéa deve ser a única pessoa no mundo que faria essa pergunta.

— Ah, claro que não, estou até bem animada — responde Mínoo.

Linnéa ri. Então diz, séria:

— Boa sorte.

Elas desligam, e Mínoo fica deitada na cama. Fecha os olhos. Vários pensamentos se acumulam em sua mente até ela sentir que vai sufocar com o peso de tantas dúvidas.

Por que Elias e Rebecka morreram e ela conseguiu sobreviver?

Elias morreu no colégio. Rebecka também.

O colégio é um lugar maligno.

Será que o mal que está atrás delas é mais fraco fora do colégio?

Ela pensa na rachadura no pátio.

Pensa na lua vermelho-sangue que pairava sobre as florestas de Engelsfors.

Pensa no Gato e na carta que Nicolaus escreveu para si mesmo. Nas últimas palavras.

Memento mori.

Lembra-te que morrerás.

Ela pensa na lista de perguntas que preparou para Gustaf esta noite. Pensa em Gustaf diante da biblioteca e em Gustaf nas sombras do viaduto. Gustaf, a quem Rebecka amava. Gustaf, que pode tê-la matado.

Eu não posso. Não vou fazer. Não vou lhe dar ouvidos.

Essas palavras acompanham Mínoo até chegar o sono.

As persianas semiabertas na sala de estar de Nicolaus filtram o sol. Anna-Karin está sentada em uma das cadeiras, curvada para a frente, olhando para os pés. Usa meias vermelhas. Seu dedão esquerdo sai por um buraco na meia.

Ela já contou tudo, sem fazer contato visual. Contou da mãe. Da água fervente. De Jari. Do “acidente”. Que na verdade foi um ataque contra ela. Que ela quis bancar a heroína e acabou sendo um desastre. Ela acaba de contar a ele a respeito de vovô, e agora não há mais nada a dizer. Ela lhe contou tudo, e Nicolaus ainda não disse uma palavra.

Anna-Karin desliza o pé pelo chão e algo gruda em sua meia. Ela se abaixa e puxa a coisa branca que parece chiclete.

— Ectoplasma — diz Nicolaus. — Elas executaram um ritual neste recinto há poucos dias. Pelo que entendi, você esteve indiretamente envolvida.

Anna-Karin ergue o olhar. A expressão dele é calorosa. Ela esperava uma reprimenda. Agora tem que se segurar para conter as lágrimas. Tem tido acessos periódicos de choro desde ontem, quando visitou vovô. Parece que todos os anos de tristeza contida estão querendo sair.

— Você me odeia? — pergunta ela.

— É claro que não.

— Mas as outras me odeiam, não é? Devem odiar.

— Ninguém odeia você, Anna-Karin — diz Nicolaus com a voz tranquila. — Mas você deveria ter nos avisado antes.

Anna-Karin assente.

— Eu estava com vergonha.

— Todos nós fazemos coisas das quais nos envergonhamos — diz Nicolaus.

— Mas eu fiz muitas.

Nicolaus inclina a cabeça para um lado de um jeito que lembra vovô.

— Considere minha sina, por favor, apenas por um instante. Tenho apenas uma tarefa: guiar vocês sete. E já perdi dois. Se alguém deve sentir vergonha, sou eu.

— Você sente?

— Eu sentia. Mas percebi que a autopiedade virou o lugar onde eu me escondia do mundo.

Uma espécie de refúgio, como um vício.

Anna-Karin não responde. Ela pega a gosma branca. Parece morna.

— Você cometeu vários erros. Mas, assim como precisa perdoar outros seres humanos, também precisa aprender a se perdoar. O perdão está sempre disponível, Anna-Karin, se você tiver coragem de aceitá-lo.

Anna-Karin faz uma pausa para absorver as palavras de Nicolaus. Pensa mais uma vez em vovô.

E vou amar você independentemente dos erros que cometer. Mesmo que tenha feito algo de errado, vou amá-la. E, se alguém quiser machucá-la, vou defender você até minha última gota de sangue.

— Tenho medo do que as outras vão dizer. — A voz dela é quase um sussurro. — Ia ser mais fácil contar para uma de cada vez... Pelo menos se eu não tivesse que falar com todas ao mesmo tempo.

— Comece por aquela com quem você se sente mais à vontade. Depois reunimos as demais.

— Eu estava me lembrando daquela noite — diz Anna-Karin. — A pessoa que me atacou...

Gustaf, o duplo dele, ou quem quer que seja. Ele deve ser que nem eu.

— Como assim?

— A voz em minha cabeça, e como ela me controlou. É parecido com o que eu consigo fazer com os outros. Quem está tentando nos matar deve ser um bruxo da terra.



A família de Gustaf mora nos arredores da cidade. O sol da tarde faz a neve na rua cintilar. Os galhos nus das bétulas estão cobertos por uma fina camada de gelo — parecem ter sido esculpidos em vidro. Mais além do campo, a água negra do canal faz um lento redemoinho. Mínoo se pergunta quantas vezes Rebecka caminhou por aqui com Gustaf.

Pegadas aparecem na neve a seu lado ao longo do caminho. Ela e Vanessa disseram estar gripadas para faltar à sessão de treino no parque de diversões. A diretora engoliu a mentira sem dizer palavra. Mínoo não duvida da inteligência da mulher, mas é incrível como é fácil mentir para ela.

Elas viram na última rua antes de chegar à beira da floresta. As casas ali têm dois andares, com fachada de madeira vermelho-escura e molduras pretas nas janelas.

Elas param diante da porta de Gustaf.

Mínoo quase deseja que pudesse desempenhar a tarefa sozinha. O que Gustaf vai dizer quando achar que eles estão a sós? Será que ele vai entregá-la, dizer que ela sai beijando o assassino da amiga? O que ela deve responder se ele fizer isso? Como Vanessa vai reagir?

Mínoo toca a campainha. Respira fundo, e Vanessa aperta sua mão. Mínoo não sabe se isso quis dizer “Vamos lá”, “Vai ficar tudo bem” ou “Pelo amor de Deus, controle-se. Parece que você está prestes a cagar nas calças”.

Gustaf abre a porta. Seu cabelo ainda está molhado do banho; está alguns tons mais escuro e emoldura seu rosto, o que faz seus olhos brilharem ainda mais.

— Oi! — diz ele. — Entre!

Ela tira os sapatos e os deixa em um jornal aberto no chão.

— Só estou fazendo uma coisinha para a gente comer — diz Gustaf, e some na cozinha. —

Gosta de atum?

Minoo odeia atum. É comida de gato. Com sorte, ela não vai precisar comer muito.

— Sim, claro! — grita ela em resposta.

Ela dá uma olhada para a porta fechada. Em algum lugar, Vanessa está tirando os sapatos e os guardando em uma sacola de plástico. De repente um cai no chão e fica à vista.

— Tudo bem aí?

Minoo se vira. Gustaf está parado na porta.

— Deixei meu sapato cair — responde Minoo, e procura alguma desconfiança no rosto dele.

Não percebe nada. — Eu já vou aí — diz ela, e ele volta a sumir na cozinha.

Minoo se vira a tempo de ver o sapato sumir de vista. Ela ergue uma sobrancelha de reprovação para Vanessa, depois segue para a cozinha.

Gustaf está preparando a mesa. Seu pai está dobrando o jornal e se levantando da mesa quando Minoo entra.

Minoo pragueja por dentro. Seria muito mais fácil se Gustaf estivesse sozinho em casa. Mas ela sorri para ele, estende a mão e se apresenta.

— Olá, eu sou Lage — diz ele.

Lage é bem velho, mas dá para imaginar que ele era tão bonito quanto Gustaf quando jovem. É alto, apumado e tem uma bela cabeleira grisalha. Seu aperto de mão é firme e caloroso.

— Já ouvi falar muito de você — diz ele, e parece que sua mão direita vai engolir Minoo quando eles se cumprimentam.

Minoo tenta pensar em uma resposta, mas o medo a deixa sem palavras. Ela apenas sorri e torce para que pareça tímida em vez de mal-educada. Lage ajeita as partes amarrotadas do jornal dobrado — um exemplar do *Engelsfors Herald* do dia — e o leva à testa, fingindo uma saudação.

— Vou deixar vocês dois em paz — diz ele. — Se precisarem de mim, estarei no porão trabalhando nos meus trilhos novos.

— “Trilhos novos”? — pergunta Minoo assim que ele some.

— Ele tem uma miniatura de ferrovia — diz Gustaf, pegando dois copos. — É bem legal. Ele construiu uma miniatura da velha Engelsfors e colocou os trilhos na mesma rota que os de verdade. Tem vários trilhos por aqui que não são usados desde que fecharam a mina e a siderúrgica.

— Parece bem... legal — diz Minoo.

Gustaf ri e serve Coca-Cola para os dois.

— É, talvez não tenha sido a melhor palavra — diz ele. — Sente-se.

Ela afunda na cadeira e Gustaf imediatamente começa a devorar seu lanche. Minoo belisca o sanduíche de atum. Fica imaginando onde Vanessa terá se posicionado na cozinha. Será que já colocou o soro na comida de Gustaf? Será que ele vai sentir o gosto? Como vai afetá-lo? Será que ele tem uma parte não humana que vai perceber e reagir? Será que já sabe o que elas planejam?

Minoo escolhe uma folha de alface. Dobra-a trabalhosamente com garfo e faca, então enfia

o garfo no pacotinho verde. Leva-a à boca e então, exatamente como ela sabia que ia acontecer, a folha de alface se abre e o vinagrete escorre por seu queixo.

Ela tem certeza de que ouviu Vanessa sufocar uma risadinha, e Gustaf sorri.

— Eu sempre faço isso — diz Mínoo.

— Eu também — diz Gustaf. — Você precisava me ver comendo tacos.

Ela se pergunta se ele está mentindo para fazê-la se sentir melhor. Nunca viu Gustaf fazer algo desajeitado.

— Mas tacos não contam — diz ela. — É um prato que já vem com humilhação embutida.

Gustaf ri.

— Rebecka dizia que você era engraçada.

E então ela vê uma pequena ondulação no refrigerante de Gustaf. Vanessa pingou o soro.

— Fiquei tão feliz quando você disse que queria me ver — diz Gustaf. — Nós dois conhecíamos Rebecka melhor do que ninguém. Por algum motivo, parece importante que a gente mantenha contato. Entende o que eu quero dizer?

— Entendo — responde Mínoo.

Ela tem que se forçar para não ficar olhando para o copo de Gustaf.

— Ela falava muito de você — comenta ele.

Ele leva o copo à boca e toma alguns goles. Mínoo se esforça para tomar um pouco também. Não olhe, pensa ela. Não se entregue.

— Você sentiu um gosto estranho nessa Coca-Cola? — pergunta Gustaf.

Lá vem. Lá vem.

— Não — responde Mínoo, negando com a cabeça e tomando mais alguns goles para garantir.

— Eu acabei de abrir — diz ele, pensativo. Então dá de ombros. — Espero que não seja gripe. Tudo fica com gosto estranho quando eu estou para ficar doente.

Ele então vira todo o copo.

Putá merda!, quase berra Mínoo. É como se ela estivesse paralisada, esperando que Gustaf vá cair da cadeira, com as mãos na garganta.

— Estou me sentindo meio tonto — diz ele.

Mínoo engole em seco.

— Podemos ir para o seu quarto.

Gustaf faz uma expressão confusa.

— Para você deitar um pouco — explica ela.

— É, pode ser.

Sua voz é apática, mas ele se levanta.

Meu Deus, pensa Mínoo. Ida não ficou assim. E se tivermos dado soro demais para ele?

Ela ouve passos subindo do porão, fortes e rápidos. A cabeça de Mínoo está a mil. Onde Gustaf guarda seu *doppelgänger* o dia todo? E que lugar melhor para colocar um *doppelgänger* do que no porão? Talvez o pai dele esteja envolvido, talvez seja a pessoa por trás de tudo. Ou

talvez seja tudo um grande engano, e tanto Gustaf quanto o pai sejam inocentes mas Mínoo tenha dado uma dose fatal da poção mágica a Gustaf.

Mínoo se levanta correndo de sua cadeira e põe o braço em volta de Gustaf, que parece prestes a desmaiar.

A porta do porão se abre e Lage entra.

— Eu ia perguntar se sobrou alguma coisa para mim... — começa Lage, mas então percebe o estado do filho. — Você está bem, Gurra? Parece meio pálido.

— Estou tonto, mas tudo bem.

Lage se aproxima e encosta a mão na testa do filho.

— Não está quente.

— Mínoo acha que eu devia me deitar um pouco — diz Gustaf.

— Talvez ele tenha exagerado no treino — diz Mínoo, e então se volta para Gustaf: — Venha, vamos para o seu quarto.

Lage olha preocupado para Gustaf.

— Me chame se ele piorar. Vou ficar aqui.

— Sim, claro que vai ficar aqui — diz Gustaf.

— Minha mãe é médica — justifica-se Mínoo. — Essa gripe que anda circulando por aí é bem forte. Vem do nada, e de repente destrói você.

Mínoo pega o braço de Gustaf e o deixa mostrar o caminho até seu quarto no segundo andar.

— Você poderia acender a luz? — pergunta ela, enquanto eles entram no quarto escuro.

— Poderia — responde ele, e desaba na cama com um baque pesado.

Mínoo leva um segundo para entender — é igual a quando criancinhas tentam fazer graça e respondem exatamente o que você pergunta, e nada mais.

— Onde fica o interruptor? — pergunta Mínoo.

— À direita da porta.

Ela acende a luz do teto. A cama em que Gustaf deita não foi feita, mas o resto do quarto está arrumado.

Na parede ao lado da cama há uma foto de Rebecka e Gustaf. Os rostos dos dois preenchem a foto toda, de forma que é impossível dizer quando foi tirada. Pode-se dizer apenas que, pela luz, foi tirada fora de casa. Eles parecem contentes. Naquele centésimo de segundo em que a câmera capturou sua imagem, eles não tinham ideia do que o destino lhes reservava.

Talvez Gustaf soubesse, lembra ela a si mesma. Em vez de retratar um casal feliz, pode ser um assassino e sua vítima.

Ela sente um leve empurrão. Não é difícil de interpretar. Vanessa acha que Mínoo deve ir em frente — e tem razão. O efeito do soro pode acabar logo. Uma gota durou por volta de um minuto com Ida. Mínoo calculou que elas devem ter por volta de dez minutos, mas já perderam algum tempo. E Gustaf é maior que Ida.

Mínoo se senta na beira da cama. A lista de perguntas que preparou está no bolso de sua calça. Ela a deixa lá.

— Você amava Rebecka?

— Amava — responde Gustaf, sem hesitar. — Mais do que tudo no mundo.

— Quando estava diante do túmulo dela, você pediu perdão.

Gustaf assente, e uma lágrima escorre do canto de seu olho, contorna a têmpora e some no seu cabelo louro. Ele está deitado, completamente imóvel, olhando para Minoos com expressão assustada.

— Você teve algo a ver com a morte dela?

— Tive — responde ele.

Minoos sente o sangue gelar.

— Me conte — diz ela, fazendo força para as palavras saírem.

— Foi culpa minha. Todo mundo dizia que Rebecka tinha um distúrbio alimentar, mas eu era covarde demais para perguntar. Eu não queria magoá-la, e não queria que ela achasse que eu era um chato. Nunca percebi como era sério. Eu devia ter conversado com ela.

Ele continua a olhar para Minoos com os olhos arregalados, assustado.

— Você acha que Rebecka se matou, não acha? — pergunta ela.

A pergunta parece confundi-lo.

— Acho — afirma ele. — Ela pulou do telhado do colégio. Foi culpa minha. Se eu tivesse sido um namorado melhor, isso não teria acontecido.

Minoos olha a foto e se pergunta se Rebecka pode vê-los. Espera que não, pois tem vergonha do que está fazendo.

— Você estava no telhado com ela? — pergunta Minoos.

— Eu estava esperando lá embaixo. Ela foi conversar com a diretora.

Ele coloca a mão no braço de Minoos. Seus dedos estão gelados.

— Eu torcia para que a diretora falasse com ela sobre o distúrbio alimentar. Quem sabe isso a faria se abrir, para que não tivesse que ser eu. Fui tão covarde.

— Você fez algo de especial neste outono? Entrou em contato com alguém?

— Como assim?

Minoos sente outro empurrão impaciente, o lembrete de que o tempo está correndo.

— Você esteve em contato com demônios?

Ele parece confuso. Como uma criança a quem se pergunta alguma coisa de adultos.

— Você esteve envolvido em atividades sobrenaturais? — prossegue Minoos.

— Não.

Fica claro que ele não tem nem ideia do que ela está falando.

— Pode ser que você nem saiba. Pense um pouco. Algo de estranho aconteceu?

Ele balança a cabeça, negando.

— Você alguma vez ouviu uma voz em sua cabeça dizendo para você fazer coisas?

Ele nega de novo.

— Qual é a primeira coisa que lhe vem à mente quando eu digo “lua vermelho-sangue”?

— Exame de sangue.

— Você tem um *doppelgänger*?

— Não — diz ele debilmente. — Acho que não.

— Não consigo aguentar isso — diz Vanessa.

Minoo entende como ela se sente. Ver Gustaf com tanto medo, tão vulnerável, está quase além de seus próprios limites. Isso está parecendo a inquisição espanhola. Mas Minoo tem outra pergunta, e ela só pode torcer para que Gustaf não diga nada sobre o beijo porque, ao contrário dele, Vanessa não vai se esquecer de tudo depois.

— Você me seguiu pela cidade e me encontrou no viaduto?

— Não.

— Eu o encontrei lá e a gente... conversou. Não se lembra disso?

— Não.

— Mas você esteve no cemitério. Foi quando você visitou o túmulo de Rebecka pela primeira vez. Você esteve em dois lugares ao mesmo tempo. Como isso é possível?

Gustaf balança a cabeça.

— Eu não entendo — diz ele. — Suas perguntas são muito estranhas.

Minoo não aguenta mais. Ela tenta tirar os dedos dele de seu braço, mas ele a aperta com muita força. Ela faz carinho na mão de Gustaf, torcendo para que consiga acalmá-lo.

Funciona. Sua mão se solta e ela se levanta.

— Desculpe — diz ela.

— Você está pedindo desculpas pelo quê?

— Por tudo.

— Eu gosto de você, Minoo — diz ele.

— Eu também gosto de você — diz ela, e percebe que está falando sério. — Eu queria contar a você como Rebecka morreu. Não foi culpa sua.

— Minoo, o que você está fazendo? — sussurra Vanessa.

Mas Minoo a ignora. É fácil ignorar uma pessoa invisível.

— Quero pedir que você se lembre de uma coisa — diz Minoo. — Tente lembrar, bem no fundo. Promete que vai tentar?

— Prometo que vou tentar — diz Gustaf.

— Não foi culpa sua. Rebecka amava você.

Novas lágrimas brotam dos olhos de Gustaf; Minoo assente, tentando gravar aquilo no inconsciente dele.

— Ela nunca deixaria você por vontade própria — completa.

Gustaf sorri, ainda desconfiado.

— Estou cansado.

— Você devia dormir um pouco.

Gustaf fecha os olhos, e Minoo e Vanessa ficam no quarto até ele cair no sono. Então saem sorrateiramente, tomando cuidado para não acordá-lo.

Apesar de ter tomado um banho demorado, Vanessa ainda não se sente limpa. Antes de irem cada uma para sua casa, ela e Minoos combinaram que nunca revelariam a ninguém o que Gustaf disse. Enviaram mensagens às outras garantindo que Gustaf não era o assassino, e que ele não sabia de seu *doppelgänger*. Nada mais. O resto não interessa a ninguém. Nem a elas. Por isso ela se sente tão suja. Vanessa nunca mais quer remexer os pensamentos mais profundos de outra pessoa.

Agora ela está quase inalando o ensopado de salsicha que Sirpa preparou para o jantar. Já está no segundo prato, mas a fome não dá sinais de diminuir. Como sempre acontece depois que ela passa um tempo invisível, seu corpo anseia por alimento. E muito.

— Calma, Nessa — diz Wille, que faz força para não rir.

— Cuide de sua vida — rebate ela, com a boca cheia de arroz encharcado de molho de tomate.

— Você vai acabar pesando uma tonelada se continuar assim.

— E ainda assim seria mais bonita que você — diz ela, enchendo novamente o copo de leite e tomando tudo em três goles.

Sirpa observa os dois com nervosismo.

— Desculpe comer desse jeito — diz Vanessa. — É que está delicioso. Como sempre.

— Que bom — responde Sirpa.

Ela parece estar falando sério, mas Vanessa sabe que deve ser difícil para ela ter outra boca a alimentar. Ainda mais uma tão anormalmente voraz. Vanessa dá a Sirpa metade de seu crédito estudantil todo mês, mas isso não ajuda muito.

— Muito obrigada pelo jantar — agradece enquanto engole o último pedaço de salsicha.

Vanessa começa a tirar a mesa. Está muito inquieta para ficar parada. Quando Sirpa se levanta, a garota diz para ela ir ver tevê. Sirpa dá um sorriso de gratidão e vai para a sala de estar. Wille fica no mesmo lugar, se balançando na cadeira e enrolando um cigarro.

Ela empilha os pratos sujos no balcão e enche a pia de água. Então começa a lavar os pratos com a esponja. A água está tão quente que gotículas de suor brotam de sua testa. Faz bem se concentrar em algo tão prosaico.

De repente ela sente alguém abraçá-la pela cintura.

— Sabia — diz Wille, beijando-a no pescoço — que eu vi o anúncio de uma viagem barata para a Tailândia daqui a algumas semanas?

— Eu tenho aula.

Tailândia, Tailândia, Tailândia. Há meses ele só fala da Tailândia.

— Fodam-se as aulas — resmunga Wille. — Vamos lá. Eu acho que consigo uma grana com Jonte.

Ela desvia para o lado para escapar do abraço. Mas ele insiste, e ela se remexe para se soltar, desta vez com mais firmeza.

— O que foi? — pergunta Wille.

— Pode me deixar em paz por um segundo?

— Por que você está sendo tão ranzinza?

— E por que você fica o tempo todo grudado em mim que nem chiclete, cacete?

Ele continua atrás dela. Vanessa sente a irritação irradiando dele.

— Eu só quero um pouco de carinho — diz ele.

— E eu quero ficar sozinha. É tão difícil de entender?

— Por que você está sempre tão irritada? — pergunta ele, voltando à mesa da cozinha.

Vanessa seca os pratos enquanto o espera falar de novo. Ela sabe que ele não consegue ficar muito tempo em silêncio.

— Dei uma olhada nos links que você me mandou — diz ele, finalmente.

Ela se vira com um copo na mão e a toalha na outra.

— Não combinam comigo — prossegue ele.

Vanessa aperta o copo com tanta força que não sabe como não quebra.

— Você não achou nada que seja do seu gosto, ou o quê?

— Eu não quero ser um merda de um atendente de telemarketing, Nessa.

— Então *o que* diabos você quer, Wille?

Ele dá uma risada fraca, parecendo não reparar na fúria dela.

— Eu sei lá... Acho que as coisas estão boas assim para mim. Para nós.

— E depois?

— Como assim?

Vanessa sabe que o fim do mundo está chegando, mas é Wille quem tem dificuldade em pensar no futuro.

— Se você quer um emprego decente, vai ter que voltar a estudar — diz ela.

— Ah, que se dane. Eu nunca fui bom no colégio.

— Tem a escola técnica.

— Eu sei, mas... Sei lá.

— Então você está satisfeito com o jeito como estão as coisas? É isso que você quer dizer?

— Bom, claro que seria legal a gente ter a nossa casa. Quem sabe você dá um jeito quando começar a trabalhar? — diz Wille em tom de brincadeira.

Ela percebe que ele acha isso engraçado. Mais do que tudo, sua vontade é jogar aquele copo na parede. E provavelmente ela jogaria se o copo não fosse de Sirpa, assim como tudo ao redor. Além do mais, Vanessa não quer estourar: ela não tem ideia do que pode acontecer.

Ela deixa o copo no balcão e coloca a toalha na mesa em frente a Wille.

— Se vire aí com isso — diz ela.

— Nessa, eu só estava brincando! Sei que a gente não pode viver assim para sempre, mas não tenho a mínima ideia do que fazer.

— Eu sei que você só estava brincando. Mas tenho que dar uma saída. E, se você quer que a gente continue junto, sugiro que cale a boca.



Vanessa caminha pela cidade sem saber aonde ir. As ideias giram em sua mente como um carrossel nauseante. Existem Vanessas demais, e ela não sabe qual é a verdadeira. A Vanessa que ela é quando está com Michelle e Evelina é diferente, por exemplo, da Vanessa que tenta salvar o mundo. E há também a Vanessa que ela tem que ser quando está com Wille, e a Vanessa que tenta não ser um fardo para Sirpa, mais a Vanessa que quer terminar o colégio com notas pelo menos medianas nas provas finais... Ela já se perdeu em suas várias personas.

Vanessa olha para os prédios altos que a cercam. Acabou indo parar perto da casa de Linnéa. Ouve a música que vem de alguns apartamentos a seu redor. Nem tinha reparado que é sábado à noite. Quando foi que sua vida ficou tão chata que ela nem tem mais planos para a noite de sábado? Quem sabe ficar bêbada ajude. Evelina e Michelle falaram de uma festa, lembra ela.

Ela hesita. Não quer ficar sozinha, mas também não quer vê-las. Michelle vai estar obcecada por Mehmet, com quem começou a sair recentemente, e Evelina vai reclamar que nunca vai conseguir arrumar um namorado, mesmo que todas saibam que ela é a mais bonita das três.

Quando foi a última vez que ela sentiu vontade de ver Evelina e Michelle? Aconteceu tanta coisa em sua vida desde o verão passado. E há tanta coisa que Vanessa não pode comentar com elas.

Teria sido mais fácil voltar a ser a Vanessa de antigamente. Meu Deus, como ela gostaria que isso acontecesse.

Ela olha de novo para os prédios. Talvez não tenha vindo até aqui por acaso.

Vanessa vai até a entrada do prédio de Linnéa, pega o elevador até o andar dela e toca a campainha. Ninguém vem abrir a porta, e ela sente uma pontada de decepção. É o que a faz perceber o quanto quer ver Linnéa.

Toca a campainha de novo e ouve a descarga do banheiro. Quando Linnéa abre a porta, está com a mesma camiseta da banda Dir En Grey que usou naquela noite com Jonte.

— Oi — diz Vanessa.

— E aí? — responde Linnéa.

— O que você está fazendo?

— Nada.

— Hoje é sábado — diz Vanessa. — Você não devia estar se divertindo?

— E quem disse que eu não estou me divertindo? — responde Linnéa, fazendo uma cara tão feia que Vanessa começa a rir.

Linnéa fica olhando para ela por meio segundo. Então também ri. Aquilo se transforma em

um acesso histérico, daqueles em que a gente não consegue respirar nem parar de rir. Vanessa nem se lembra da última vez que teve um desses. Elas riem até quase engasgarem, então cometem o erro de olhar uma para a outra de novo, o que faz tudo recomeçar.



Elas se sentam de lados opostos do sofá e conversam. Uma sequência de meninos e meninas melancólicos com guitarras toca no computador de Linnéa, mas isso estranhamente não deprime Vanessa. A música, combinada àquela fraca iluminação vermelha, a deixa com uma sensação doce, calorosa.

A conversa flui naturalmente. Linnéa conta o que o *Livro dos padrões* revelou sobre as magias de proteção. Vanessa conta como colocou o soro no refrigerante de Gustaf, mas deixa de fora os detalhes do que ele falou.

— Sabia que Gustaf e eu já namoramos? — diz ela.

E ri quando percebe a cara de chocada de Linnéa.

— Durante uma tarde inteira no primeiro ano do fundamental. Eu fazia esse tipo de coisa naquela época... Qualquer um que conseguisse sincronizar comigo no balanço, durante o recreio, podia passar o restante do dia ao meu lado.

— Então você já era bem fácil naqueles tempos, hein? — comenta Linnéa, rindo muito.

— Ah, se agora fosse simples assim decidir com quem ficar — diz Vanessa, também aos risos.

Elas riem ao se lembrar de quando Ida foi forçada a confessar que tinha uma paixonite secreta por Gustaf. Relembrem as cinco ou seis meninas que rodeavam a casa dele de bicicleta, torcendo para que ele as visse pela janela. Fosse ou não por magia, Gustaf sempre enfeitiçou as meninas.

Então elas falam de Mino e se ela é lésbica ou não. Vanessa está convencida de que sim. Linnéa diz que certamente não.

— Acho que gosto dela, mas não a entendo. Não consigo saber quando ela está irritada e quando está só sendo ela mesma — fala Vanessa.

Linnéa ri e assente.

— Talvez ela tenha ficado meio irritada comigo — diz ela.

— Por quê?

— Um mal-entendido — diz Linnéa sem explicar.

— Nós, as Escolhidas, somos um grupinho bem estranho.

— Somos mesmo, né? Olhe só nós duas — diz Linnéa, e sorri.

— Quem diria que eu e você estaríamos sentadas aqui, desse jeito? Eu sempre meio que odiei você. Na verdade, tinha ciúmes de você com Wille.

Por que estou contando isso?, pergunta-se Vanessa. Mas a sensação é boa. Ela quase tinha esquecido como é ficar tão tranquila. E percebe que precisa falar sobre Wille. Linnéa vai entender.

— Eu não quero terminar com ele, mas estou ficando maluca — diz Vanessa.

— Vocês têm mesmo que morar juntos?

— É complicado — diz Vanessa.

Ela não tem vontade de explicar por que não mora mais em casa. É muito patético quando se imagina a história da perspectiva de Linnéa. Linnéa, que nem mãe tem. Linnéa, cujo pai dança bêbado no Parque Storvalls.

— Não entendo como pude me apaixonar por alguém que me deixa tão irritada — diz Vanessa. — Ou por que estou sempre irritada com o garoto que amo.

— Nem me pergunte — diz Linnéa, recostando-se no sofá.

— Por que não?

— Nunca se deve dar conselhos sobre os relacionamentos dos outros.

— Mas no Café Monique você disse que...

— Aquilo foi um erro.

Linnéa se senta de pernas cruzadas e encara Vanessa.

— Você ainda não entendeu? — pergunta ela. — Você merece alguém melhor que Wille. Mas se eu digo isso e você termina com ele, vai ficar irritada comigo e acabar se arrependendo. E se decidir continuar com ele, vai saber o que eu acho e me odiar por isso.

— Mas eu não... — contesta Vanessa.

— Só não quero ser a garota em quem você vai botar toda a culpa depois — interrompe-a Linnéa.

Vanessa não sabe o que dizer. Ela sente que acaba de receber um elogio que é ao mesmo tempo muito legal e muito estranho.

— E ele não me liga mais — completa Linnéa.

Vanessa afunda um pouco mais no sofá, e tem um flashback de Jonte e Linnéa se agarrando neste mesmo sofá naquela noite. Parece que faz anos.

— Você e Jonte ainda estão saindo?

— Não. Eu alego que aquilo tudo foi insanidade temporária.

Vanessa dá risadinhas e muda de posição, de forma que agora seus pés encostem nas pernas de Linnéa.

Tudo vai dar certo. De algum jeito, vai.

Mínoo está na floresta próxima ao Kärgruvan. É primavera, e as folhas das árvores estão de um verde viçoso. Quase dói olhar. Ela ouve o som de água corrente e olha para baixo. Um córrego passa por seus pés. Reflexos de luz dançam na superfície da água. A corrente traz duas penas negras. É estranho que ela saiba que aquilo é um sonho mesmo sem acordar.

Mínoo.

É Rebecka quem a chama.

Mínoo.

Mínoo de repente tem pressa. Ela começa a correr pela água. Tem que encontrar Rebecka. Mas seus pés não param de afundar na lama do rio. Ela afunda um pouco mais a cada passo.

Mínoo!

Ela fica presa.

E então enxerga Rebecka na água: está deitada de costas, com sua camisola branca. O longo cabelo louro-avermelhado flutua na frente do rosto pálido. Os olhos estão voltados para o céu, a boca aberta como se em êxtase. Em uma das mãos ela traz uma guirlanda de flores. As cores são estranhamente vividas em meio à água negra.

Ela é Ofélia afogada.

— Você não é Rebecka — diz Mínoo, irritada e decepcionada.

Rebecka olha para ela. É o rosto de Rebecka, o corpo de Rebecka. A voz de Rebecka. Mas ao mesmo tempo não é Rebecka.

O córrego remoinha e ondula em volta de seu corpo, mas ela flutua imóvel no meio da corrente. Ela fala, mas sua boca não se mexe.

A mulher que posou para esta pintura foi Elizabeth Siddal. Logo depois, ela ficou gravemente doente. A banheira onde ela esteve tinha várias lâmpadas para que a água não ficasse gelada. Mas um dia elas se apagaram. O artista não reparou. Estava absorto na pintura. E a pequena Lizzie não disse nada. Apenas sofreu em silêncio. Tudo para que ele pudesse realizar sua visão. Ser reduzida a uma imagem custa caro.

Em algum lugar do mundo real a campainha toca, mas Mínoo se agarra a seu sonho.

— Do que você está falando?

Pensei que sua mente fosse seu superpoder, Mínoo. Você tem que acordar agora. Tem que encontrar a coragem de se ver como os outros a veem. E tem que liberar.

O sonho se desfaz e ela acorda. A campainha toca mais uma vez.



O pai de Mínoo está com a barba por fazer e olheiras. Anna-Karin sente o cheiro de café em seu hálito quando ele diz não saber se Mínoo já está acordada. Talvez devesse ter esperado mais algumas horas antes de vir. Mas ela precisava vir, antes que perdesse a coragem.

Ele a leva ao vestíbulo e grita para o teto que Mínoo tem visita.

— Já vou! — responde a voz de Mínoo.

Anna-Karin tira o casaco e o acompanha à sala de estar.

— Aceita alguma coisa? — pergunta ele. — Café? Chá? Leite? Água?

— Não, obrigada — murmura Anna-Karin, e olha em volta para a sala grande e iluminada.

Os móveis parecem caros. Há quatro estantes cheias de livros com um espaço embutido para tevê em uma das paredes. Tem obras de arte de verdade — não pôsteres ou penduricalhos com algum provérbio, do tipo de que a mãe de Anna-Karin tanto gosta. “Um centavo guardado é um centavo ganho”, “Não há lugar como o lar”, “O coração alegre aformoseia o rosto”. Estão por toda a casa. Como se ela estivesse tentando se convencer. Anna-Karin sente vergonha só de imaginar o que o pai de Mínoo pensaria dessa decoração.

Dali ela vê a ampla cozinha, com portas de armário brancas e o assoalho de madeira escura. A porta do escritório está entreaberta: há um laptop novinho em folha sobre uma mesa, ao lado de uma xícara de café fumegante. E mais estantes, com mais livros.

Quantos livros se pode ter em uma casa?, pensa Anna-Karin. Como eles acham tempo para ler tudo? Será que leem?

Seu olhar recai em uma pintura que não representa nada, apenas cores e formas. A mãe zombaria daquilo, dizendo que uma criança de cinco anos faria igual. Mas Anna-Karin gosta.

— Meu nome é Erik Falk — apresenta-se o pai de Mínoo, estendendo a mão.

Anna-Karin percebe que estava parada ali que nem boba, distraída. Ela aperta a mão do pai de Mínoo e o encara por um breve instante.

— Anna-Karin Nieminen — diz ela baixinho. É estranho se apresentar com o sobrenome. — Eu e Mínoo somos da mesma turma. Estamos fazendo um trabalho juntas.

— É a peça?

Anna-Karin não tem ideia do que ele está falando. Ela abre e fecha a boca como um peixe fora d'água. É assim que se sente nesta casa.

— Mínoo disse alguma coisa sobre ensaios aos sábados.

— Isso mesmo — mente Anna-Karin. Ela estava a um passo de estragar o álibi de Mínoo para as reuniões no parque de diversões. — Mas hoje nós vamos estudar química — diz, torcendo para que o pai de Mínoo não faça mais perguntas.

Ela ouve, enfim, passos na escada, e Mínoo aparece na porta. O cabelo negro está amarrado em um rabo de cavalo, e os olhos ainda estão meio inchados de sono.

— Oi... — diz ela, sem conseguir esconder a surpresa.

— Vamos começar o trabalho de química? — pergunta Anna-Karin.

Mínoo entende na hora.

— Claro. Vamos para o meu quarto.

Anna-Karin percebe como o andar de Mínoo é natural, como se não houvesse nada de especial em viver cercada de coisas bonitas.

Elas percorrem um longo patamar. Ela olha para o banheiro, que tem um antigo mapa de Engelsfors na parede. A banheira tem patas de leão. Mínoo foi atacada ali.

Mínoo leva Anna-Karin até seu quarto e fecha a porta.

O papel de parede tem listras amarelas e brancas, e destaca os tons quentes do chão de madeira envernizada. Uma coberta vermelha está jogada de qualquer jeito por cima da cama, e há um grande livro de arte na mesa de cabeceira. Os livros na prateleira estão bem alinhados, certamente em ordem alfabética.

O caos no quarto de Mínoo está restrito a uma mesa em frente à janela. A mesa transborda de livros do colégio e cadernos que ameaçam engolir o laptop fechado.

— Então não foi Gustaf — diz Anna-Karin.

— Não o de verdade — confirma Mínoo. — Quer dizer... ele não sabe se tem um *doppelgänger* do mal.

Anna-Karin vai até a cama e se senta.

— Fico feliz que não tenha sido Gustaf — diz ela. — Mesmo que ainda não saibamos quem foi.

Mínoo se senta ao lado dela. E espera.

Anna-Karin não sabe por onde começar. Acaba respirando fundo e começa pelo que acredita ser mais importante.

— Desculpe — diz ela. — Desculpe ter sumido.

Ela olha de relance para Mínoo, cujos olhos negros a observam atentamente.

Anna-Karin sempre teve certo medo de Mínoo. Ela sempre parece tão nervosa, quase com raiva. Quando Mínoo está impaciente, quando acha que você está sendo burra, infantil ou fazendo algo de errado, dá para sentir no corpo todo. Sem falar naquele olhar cortante.

— Sabe o acidente, quando o celeiro lá de casa pegou fogo? — começa Anna-Karin. — Não foi acidente.

Ela não conta tudo, como fez com Nicolaus. Começa pelo incêndio, mas deixa de fora Jari e a mãe. Ainda é difícil de confessar, principalmente pelo fato de que de início ela não resistiu e quase aceitou a morte.

Quando chega à parte com vovô, ela começa a chorar. Limpa as lágrimas com as costas da mão. Não quer que Mínoo pense que está tentando fazê-la sentir pena dela.

— Por que você não contou? — pergunta Mínoo.

Ela está furiosa. Bem como Anna-Karin imaginou. A coragem some.

— Fiquei com vergonha. Eu não devia ter entrado sozinha no celeiro.

— Quando você resistiu... você viu alguma coisa? — pergunta Mínoo.

Anna-Karin não entende bem o que ela quer dizer.

— Eu não vi quem foi — responde ela.

— Não, mas você viu outra coisa? Alguma coisa no ar, quem sabe?

— Não. Por quê?

Mínoo balança a cabeça.

— Esquece — diz ela.

Não parece mais irritada.

Anna-Karin fica tão aliviada que volta a chorar. Talvez exista esperança de que elas a perdoem.

— Eu não devia ter usado meus poderes no colégio. Todo mundo disse para eu não usar — balbucia ela, engasgando-se com o choro.

Mínoo franze a testa.

— O que isso tem a ver com o ataque?

— Quem quer que tenha me atacado deve ter percebido que eu estava usando magia, que nem você me avisou que podia acontecer. Bate com o que sabemos de magia de proteção também. Nicolaus me disse. Se você está vulnerável agora, é porque eu ainda devo estar protegida. Mas talvez quem me atacou tenha percebido que eu era uma Escolhida... — diz Anna-Karin, fazendo uma pausa para recobrar o fôlego. — Tenho pensado em outra coisa. Quem está tentando nos matar é do mesmo elemento que eu. Uma bruxa ou bruxo da terra. Talvez tenha sido por isso que eu consegui resistir. E talvez seja por isso que a pessoa não tenha tentado de novo. Porque eu era forte demais.

— A voz — diz Mínoo, pensativa. — É assim que *você* faz as pessoas fazerem o que você quer?

Anna-Karin fica corada.

— Mais ou menos. Só que eu nunca controlei o corpo de uma pessoa daquele jeito.

Mínoo assente devagar.

— Você acha que conseguiria fazer uma pessoa ver alguém que não está lá? — pergunta ela.

— Não sei — responde Anna-Karin. — Talvez. Nunca tentei.

— Se uma bruxa da terra consegue, isso pode explicar por que Rebecka viu Gustaf no telhado. Se Gustaf era uma ilusão, e outra pessoa estivesse realmente lá... Mas não faz sentido... — diz, encarando Anna-Karin. — Tem certeza de que o incêndio foi causado por magia?

— Começou tão de repente e veio de tantos lugares ao mesmo tempo. E aí eu tive uma sensação...

— Mas bruxas da terra não deviam ser capazes de fazer magia com fogo.

— Não — concorda Anna-Karin.

A expressão de Mínoo parece vazia mas ao mesmo tempo concentrada.

— Mas Rebecka conseguiria — diz ela, quase para si mesma. — E ela conseguiria fazer a porta do celeiro se fechar.

— Rebecka?

Mínoo abre a gaveta da mesa de cabeceira. Pega o bloquinho que sempre leva consigo e começa a folhear.

— Quando você e Ida tiveram a experiência da morte de Rebecka, vocês disseram que

aconteceu algo logo antes de ela morrer. Como se ela tivesse sido incinerada por dentro.

Anna-Karin assente. Não é algo que ela goste de lembrar.

— E se o assassino tiver roubado o poder dela? — prossegue Mínoo.

— Sim — diz Anna-Karin, sem fôlego. — Parecia que ele tinha tirado tudo dela.

— Até a alma?

Anna-Karin assente de novo. Ela não sabe se acredita em almas, mas é a melhor palavra para descrever aquilo.

Mínoo faz anotações, absorta. Anna-Karin não quer atrapalhar. Ela olha em volta, observa o quarto. Passa os dedos pela coberta vermelha. Nota de novo o livrão na mesa de cabeceira. A capa mostra a pintura de um casal prestes a se beijar. Anna-Karin limpa as mãos na calça antes de ousar tocá-lo.

O livro é pesado. Ele se abre em uma página do meio, como se Mínoo a lesse com frequência. Há alguns livros como este na casa de Anna-Karin. Livrinhos baratos sobre pessoas da Idade da Pedra que sempre se abrem nas páginas em que eles fazem sexo na caverna, vestindo peles de bicho.

Anna-Karin olha para a imagem impressa no papel grosso e brilhoso: o retrato de uma mulher de cabelo negro usando um vestido azul. Ela segura uma romã em uma das mãos e parece triste. Também parece familiar.

— Acho que agora entendi — diz Mínoo.

Anna-Karin olha para ela.

Mínoo abaixa o bloquinho.

— Se o assassino é um bruxo da terra, ele pode ter usado os poderes para obrigar Elias a cometer suicídio. Quando Elias morreu, ficou com o poder dele. A diretora disse que bruxos da madeira podem “controlar e mudar de forma vários tipos de matéria viva”. Ou seja, pode ser que bruxas da madeira mudem de aparência, como um disfarce mágico.

— Então, depois que Elias foi assassinado... o assassino podia se passar por qualquer pessoa?

— Ainda não temos certeza — diz Mínoo —, mas ele podia pelo menos se parecer com Gustaf.

— E aí ele pegou os poderes de Rebecka...

— Telecinesia e fogo. Foram os poderes que ele usou no celeiro.

Mínoo se levanta e começa a caminhar de um lado para o outro. Faz Anna-Karin se lembrar da diretora.

— Temos que fazer um resumo do que já sabemos — diz Mínoo. Ela solta o cabelo e deixa o elástico no pulso. — O assassino é um bruxo da terra. Quando ele nos mata, ele pode ficar com nossas almas e com nossa magia. Agora ele tem madeira e fogo. Ele não conseguiu matar nem a mim nem a você. Por quê?

— Porque eu sou uma bruxa da terra — sugere Anna-Karin mais uma vez —, e talvez porque ele fique mais fraco fora do colégio.

Mínoo para e a observa com admiração.

— Exatamente o que eu estava pensando. Porque o colégio é um lugar maligno e tal.

— Mas por que ele não matou você?

— Porque descobriu que eu não tenho poderes?

— Acho que não — diz Anna-Karin. — Você ainda é uma Escolhida.

A expressão impassível mas focada retorna ao rosto de Mínoo.

Ela fica quase de perfil, e a luz da janela ilumina seu cabelo.

Anna-Karin olha para a mulher de vestido azul. Depois para Mínoo.

— Por falar em *doppelgängers* — diz ela —, a mulher desta pintura é idêntica a você.

Ela segura a imagem ao lado de Mínoo.

— Não é, não — diz Mínoo.

— É, sim — insiste Anna-Karin. — Talvez não se fizer uma comparação exata das feições, mas, no todo, ela é muito parecida com você.

Mínoo fica olhando para a pintura como se fosse um poema em chinês que Anna-Karin pediu para ela recitar.

— Mas ela é linda — diz Mínoo.

Anna-Karin abaixa o livro. Mínoo não fala da forma que Julia ou Felicia falaria, como se estivesse pedindo um elogio. É sincera.

— Você também é — diz ela.

Mínoo dá uma risada incrédula.

— Não precisa mentir.

— Não estou mentindo.

Mínoo parece incomodada.

— Em primeiro lugar, eu tenho total cara de chokito, caso não tenha notado.

— Eu também tenho espinhas — rebate Anna-Karin.

— Não que nem eu.

Agora é a vez de Anna-Karin se irritar.

— Talvez não tantas, mas tem gente que tem mais. E você é bonita. Podia ser a reencarnação dela — diz Anna-Karin, apontando para a imagem.

Mínoo fica subitamente pálida. Parece que ela está prestes a desmaiar.

— Você está bem? — pergunta Anna-Karin.

Agora ela se sente uma imbecil. Que coisa ridícula para se discutir: se Mínoo é ou não é bonita.

— Não estou me sentindo bem — balbucia Mínoo. — Desculpe, preciso me deitar mais um pouco. Obrigada por me contar.

Anna-Karin fecha o livro e se levanta. Mínoo tenta sorrir para ela.

— Eu vou indo — diz Anna-Karin.

Ela se detém por um instante, mas Mínoo não diz mais nada; Anna-Karin lhe dá um tapinha meio desajeitado no ombro, desejando melhoras.

Quando ela chega ao andar de baixo, o pai de Mínoo está na cozinha lendo jornal. Não

levanta os olhos do papel, e Anna-Karin não diz nada. Ela veste o casaco e sai pela porta da frente, sorradeira como Pimenta.

Mínoo tem um tempo vago na escola. Ela vai até o último andar do colégio e segue pelo corredor que leva à porta do sótão. Os banheiros acabaram de ser desinterditados. A porta coberta de pichações foi substituída no recesso de Natal, mas já está cheia de mensagens novas. Algumas sobre Elias e Rebecka, mas há também sobre outras pessoas, outras vidas.

Mínoo gira a maçaneta e entra. Para um banheiro de colégio, é incrivelmente limpo. Mesmo que escrevam na porta, as pessoas quase nunca entram. Tem algo que as faz manter distância.

Os azulejos brancos cintilam ao redor de Mínoo. Ela está de volta a onde tudo começou.

Vai até a cabine onde Elias morreu. Claro que não há vestígios. Ela esperava o quê?

Mínoo olha para as pias. Os espelhos foram retirados. Talvez tenham medo de que alguém fique com vontade de imitar Elias.

Mas Mínoo está feliz por não ver seu reflexo. Ela já estudou bastante o próprio rosto, demoradamente, e sempre odiou o que viu.

Quando Anna-Karin disse que ela parecia a linda mulher na pintura, de início ela não conseguiu acreditar. Mas, quando Anna-Karin usou a palavra “reencarnação”, todas as peças se encaixaram.

Você tem que acordar agora.

Tem que encontrar a coragem de se ver como os outros a veem.

“Reencarnação.” A mesma palavra que Max usou.

Eu amo você, Mínoo. Desde o primeiro dia em que a vi.

Não foi a primeira vez que ele a viu.

Mínoo parece a mulher da pintura. A mulher na pintura se parece com Alice. O grande amor dele. Por isso ele não conseguiu matar Mínoo. Seria como ver Alice morrer de novo.

Eu não vou fazer. Não vou lhe dar ouvidos!

Max é o assassino. Ele matou Elias. Ele matou Rebecka. Ele tentou matar Mínoo e Anna-Karin.

Faz todo sentido, mas ela ainda não consegue acreditar.

Ela pega a garrafinha marrom do bolso do casaco de lã.

Precisa ter certeza disso.



— Se você vai voltar para casa, precisamos estabelecer algumas regras.

Vanessa e a mãe são as únicas pessoas no Café Monique. Foi sugestão de Vanessa que se

encontrassem ali, em território neutro. Agora ela se arrepende. Queria um lugar onde pudesse gritar com a mãe sem inibições. Quem sabe também bater uma ou mais portas.

— Regras? — repete ela, e ergue uma sobrancelha.

A mãe gira a colher de chá que tem na mão. Mal tocou no café, nem nas bolachinhas.

— Bom, não tem como voltarmos ao que era antes.

— Concordo — diz Vanessa, embora tenha certeza de que elas estão falando de coisas diferentes.

— Eu não fui rigorosa o suficiente. Você teve permissão para ir às festas e para sair com meninos muito cedo.

— Tal mãe, tal filha?

A colher para de girar. A mãe a encara.

— Isso — diz ela. — Pode ser.

— Mas agora acabou? É hora de ser mãe de verdade?

Por que eu faço isso?, pergunta-se Vanessa. Por que eu já começo estragando tudo?

— Se você vai agir assim... — diz a mãe, fazendo menção de se levantar.

— Desculpe — diz Vanessa.

A palavra deixa um gosto amargo na boca. Mas a mãe volta a se sentar. Isso é o que importa.

— Você também precisa ver o meu lado — prossegue Vanessa.

— Acha que eu não tento?

Vanessa toma um gole de café para não gritar “Não!”.

— Não sei — diz ela. — Parece que você não liga. Você nem tentou falar comigo. Nem no Natal. — Ela fala rápido, para a voz não fraquejar.

— Claro que eu me importo! — diz a mãe.

Vanessa ainda não confia na própria voz, então dá de ombros.

— Pedi a Sirpa para não dizer nada, mas conversamos pelo menos uma vez por semana — diz a mãe. — Achei que seria melhor você vir até mim quando estivesse pronta.

A mãe faz menção de tocá-la, mas Vanessa se afasta.

— Mas por que você quer voltar para casa? — pergunta a mãe. — As coisas entre você e Wille não estão dando certo?

— Está tudo ótimo — mente Vanessa, e sente o próprio tom de provocação, deixando a mentira óbvia. Resolve olhar pela janela. — É que não é justo com Sirpa.

— Esse é o único motivo? — pergunta a mãe.

Vanessa olha para as próprias mãos. Só agora ela percebe que também está girando a colher. Ela sabe o que quer dizer. Por que é tão difícil?

— Eu sinto saudade... de você e de Melvin.

— E nós de você. Muita.

A voz da mãe parece embargada, e Vanessa não ousa olhar para ela. Tem medo de começar a chorar.

— Eu quero que dê certo — diz a mãe, com um suspiro. — Quero que nós sejamos uma

família.

— Eu também — diz Vanessa. — Mas tem uma coisa que eu preciso saber: você não acha que, em certo nível, um pouquinho que seja, o comportamento de Nicke às vezes seja impróprio? Que talvez nem sempre seja minha culpa as coisas não darem certo?

— Eu nunca falei que a culpa era só sua — diz a mãe, com a voz de mártir que Vanessa odeia.

Ela aperta o punho e deixa as unhas fazerem meias-luas vermelhas na palma da mão.

— Você estava falando em regras.

— Você pode ficar até tarde na rua somente aos fins de semana — diz a mãe.

Vanessa não contesta. É especialista em sair e entrar sem que a mãe perceba.

— Não vou tentar impedir você de ver Wille — diz a mãe. — Só tenho um pedido. Por favor, Vanessa, tenha cuidado. Não deixe que a arrastem para o que você não quer. Promete para mim?

— Eu não sei do que você está falando, mas tudo bem.

— E talvez não seja boa ideia Wille ir à nossa casa.

A mãe olha para o lado, e Vanessa percebe na hora que é uma condição imposta por Nicke.

— Eu acho que ele também não vai querer — diz ela. — Ainda mais depois do jeito como foi tratado da última vez.

— Eu entendo.

Pode não parecer muito, mas é o mais próximo que a mãe já chegou de admitir que Nicke estava errado.

— Consertamos o encanamento do chuveiro, a propósito — prossegue a mãe, com um prenúncio de sorriso —, e você não vai mais ser escaldada de manhã.

— Nicke conseguiu...?

— Não. Tivemos que chamar um encanador. Eles tiraram tudo o que Nicke havia feito e refizeram do zero. Acabou saindo duas vezes mais caro do que teria sido se a gente tivesse feito com eles desde o início.

Agora Vanessa percebe um sorriso inegável nos cantos da boca da mãe. Talvez ainda haja esperança.



A última aula é de física, e os alunos trabalham em duplas. Mínoo deixa seu colega Levan construir a rampa na qual vão soltar um carrinho, que vai descer para mostrar que... sabe-se lá o quê. Ela não consegue se concentrar no problema. Não consegue pensar. Evita olhar para Max. Evita olhar para Anna-Karin. Usa toda a sua concentração para evitar ter taquicardia. Levan constrói e faz as medições. A mão de Mínoo faz anotações no automático.

Ela enfia a outra mão no bolso e sente a garrafinha de vidro. Olha para a caneca de café na mesa de Max. Faltam cinco minutos para o fim da aula. Max está nos fundos do laboratório, de costas para ela, ajudando Kevin Månsson.

— Vou só ali assoar o nariz — diz ela a Levan.

Ela vai até a frente da sala. As toalhas de papel ficam na parede, atrás da mesa do professor.

Ela olha na direção de Max. Ele ainda está debruçado perto de Kevin, explicando alguma coisa. Ela queria ouvir o que eles dizem para saber se estão no meio de uma conversa ou prestes a terminar. Ironicamente, a sobrevivência das Escolhidas e o futuro do planeta dependem de Kevin — e se ele é burrinho o suficiente para precisar da ajuda de Max tempo o bastante para Mínoo fazer o que precisa.

Ela tira a garrafa de soro da verdade do bolso do casaco. Seus dedos estão úmidos; a garrafa escorrega, mas ela não a deixa cair.

Ela tira a tampa. A caneca está na mesa, com um restinho de café preto no fundo. Ele sempre termina de beber ao fim da aula.

Mínoo lança um olhar nervoso por cima do ombro. Todo mundo na sala parece concentrado em suas rampas. Max ainda está com Kevin. É agora ou nunca.

Vá, pensa ela.

Ela estica a mão, aperta a ponta de borracha do conta-gotas e puxa de volta, sem saber se algo saiu. Só restam algumas gotas na garrafa. Seu coração bate forte.

Max já deixou Kevin e agora está vagando pela sala com as mãos para trás.

Será que ele viu? Ela não tem ideia.

O rosto dele está impassível. Normal.

Ela finge que está assoando o nariz e volta à sua mesa. Primeiro passo cumprido.

Toca o sinal. Levan já montou o equipamento deles e lhe lança um olhar azedo. Teve que fazer tudo sozinho.

— Desculpe, hoje eu estou cansada — diz ela para se redimir.

— Tudo bem — diz ele, irritado, e arruma a mochila.

Ela guarda os livros na mochila o mais devagar que pode, enquanto os outros alunos começam a sair. Por que são tão lentos? Tem vontade de gritar para irem logo.

Enfim, ela e Max ficam sozinhos na sala. Ele está levantando a xícara de café. Já bebeu? Ela tenta ler o rosto dele.

— Tudo bem? — pergunta ele.

Ela força um sorriso trêmulo.

— Claro. Por que pergunta?

— Dá para ver que tem algo errado — diz ele.

Ela caminha até a mesa dele e o encara. Seus belos olhos castanho-esverdeados. Os olhos de um assassino.

Ele a observa enquanto toma o último gole de café. Seu pomo de adão se mexe quando ele engole.

Max limpa a garganta. Bebe de novo.

— Não está meio... abafado aqui dentro? — pergunta ele.

É quando ela percebe que está funcionando.

— Foi você? — sussurra ela. — Foi você que matou Elias e Rebecka?

Esperar a resposta a faz se sentir em queda livre, mais rápida a cada milissegundo.

— Sim — diz Max.

E aí está a resposta. A resposta que muda tudo.

O amor que ela sentia por ele, o amor que parecia tão grande e eterno, de repente evapora.

Ela nunca imaginou que pudesse deixar de amar alguém de forma tão repentina. Mas o Max que ela amava não existe. Nunca existiu.

— Você se disfarçou de Gustaf no viaduto? — pergunta ela.

— Sim. Eu queria ficar perto de você.

— Por que Gustaf?

— Você parece gostar dele. Todo mundo gosta de Gustaf. Rebecka confiava nele.

— Você sabe quem são as Escolhidas?

— Só sei de você e de Anna-Karin. Há mais três.

Então Vanessa, Linnéa e Ida não correm perigo imediato. É um alívio. Então lhe ocorre um pensamento terrível. Algo que Anna-Karin sugeriu ontem e a que ela não deu a devida atenção. *O assassino podia se passar por qualquer pessoa...*

— Você já assumiu a forma de outra pessoa além de Gustaf? A minha ou a de Anna-Karin?

— Eu tentei — diz ele. — Mas por algum motivo só posso virar outros homens. Me disseram que algumas pessoas têm essa limitação.

— “Disseram”?

— Aqueles que me abençoaram — responde Max, sem piscar. — Eles me falaram de você.

E do que eu tenho que fazer.

— Você os viu?

— Não. No começo eram apenas vozes em meus sonhos. Mas eu os vejo quando acordo.

E estão sempre comigo. Neste momento estão dizendo para eu me calar, mas não consigo.

— Por quê? — pergunta ela. — Por que você está nos matando?

— Fiz um pacto com eles. Mas agora mudou — diz ele, olhando para Mínoo com uma expressão vidrada e sorrindo. — Não precisa se preocupar, Mínoo. Eles têm outro plano para você.

Os pelos da nuca de Mínoo se arrepiam.

— Plano?

— Eles ainda não me contaram os detalhes. O importante é que eles aceitaram mantê-la viva. É só o que me importa.

— Mas você não vê problema em matar aquelas com quem não se importa?

— Eu não gosto, mas é necessário.

— Necessário?

Max fecha os olhos. O soro parou de funcionar. Ele volta a olhá-la como se acabasse de perceber que ela está ali parada.

— Do que estávamos falando? — pergunta ele.

Mínoo abre a boca, mas não consegue falar. Parece que suas mentiras se esgotaram.

E Max percebe.

Ou são os demônios lhe dizendo o que aconteceu? Eles não são afetados pelo soro. Os olhos de Max endurecem.

Ela tenta ir até a porta, mas ele a pega pelo pulso com força e a puxa para si.

— Me solte! — diz ela, a voz tão fraca, como naqueles sonhos em que não se consegue gritar, apenas sussurrar.

— O que você fez?

— Nada.

— O que você fez? — repete ele.

— Não sei do que você está falando — sussurra ela. — Tenho que ir embora.

Max a solta.

— Eu não vou machucá-la, Mínoo — diz ele, em tom suplicante.

Ela tem vontade de vomitar quando lembra que o beijou.

Como ela pode tê-lo beijado duas vezes sem perceber que era o assassino? E como vai contar às outras?

— Não sei do que você está falando — repete ela, e sai correndo da sala de aula.

Elas estão apinhadas em volta da mesa da cozinha de Nicolaus. Nicolaus está atrás do balcão, acariciando Gato distraidamente.

Os ombros tensos de Mínoo estão tão erguidos que quase chegam às suas orelhas. Ela se inclina para a frente com as mãos sobre o tampo da mesa. Agora tem que ser forte. Vai contar às outras o que aconteceu. Olha nos olhos de Anna-Karin, do outro lado da mesa. Anna-Karin também foi obrigada a revelar seus segredos às outras.

Mínoo já ensaiou mentalmente o que vai dizer, várias e várias vezes. Ela tenta reunir coragem, ignorar a vergonha que, de certa forma, sabe que não precisa sentir — mas de que adianta saber disso quando ela sente uma vergonha tão forte?

Agora todas estão olhando para ela.

— É Max — conta ela. — Max é o assassino.

Não era assim que ela queria começar.

— Max? — pergunta Anna-Karin.

— Que Max? — pergunta Vanessa.

— Ele é nosso professor orientador — diz Anna-Karin. — De matemática e de física.

— O bonitão? — pergunta Ida.

— Por que você acha que é ele? — completa Anna-Karin.

E Mínoo conta tudo, sem fazer contato visual com nenhuma delas: sobre Max, Alice e a mulher na pintura, sobre a noite em que ela esteve na casa dele, sobre o beijo embaixo do viaduto, sobre o *doppelgänger* de Gustaf, que era Max, sobre tudo o que Max confessou a ela na sala de aula.

Só não conta sobre o plano que Max mencionou, o que os demônios têm em mente para ela. É assustador demais.

— Como você pôde ser tão burra, cacete? — diz Vanessa.

— Eu só soube ontem — gagueja Mínoo.

— Não é disso que estou falando — diz Vanessa. — Estou falando do soro da verdade! Podia ter dado tudo errado! Como você foi usá-lo enquanto estava sozinha com ele?

— Eu tinha que usar.

Linnéa, que estava sentada em silêncio, observando Mínoo, agora se inclina para a frente e dá um sorriso glacial.

— E se Max tivesse matado você, o que ia acontecer? Aí a gente nunca teria descoberto quem é o assassino.

— Eu queria ter certeza de que era ele — diz Mínoo.

— Exatamente. Para que você não precisasse contar seu segredinho sujo.

Mínoo não sabe como responder.

— E você beijou Gustaf quando a gente pensava que ele era o assassino — prossegue Linnéa.

— Essa foi de lascar, hein.

— Ele me beijou, mas eu o empurrei.

— Mas por um segundinho você gostou — diz Linnéa. — Mesmo achando que Gustaf era o assassino, você gostou.

— Eu não falei isso.

— Nem precisava.

Linnéa a está dissecando viva, pensa Mínoo, destrinchando-a pedacinho por pedacinho para mostrar como ela é nojenta e perturbada.

— Já chega — diz Vanessa a Linnéa. — Jonte vendia drogas para Elias, e olhe o que você estava fazendo com ele!

Mínoo não sabe de quem elas estão falando, mas pela cara de Linnéa fica claro que ela entendeu. Ela faz silêncio e afunda na cadeira.

— Todas vocês têm uma parcela de culpa — diz Nicolaus. — Devemos seguir em frente.

— Mas fazer o quê? — pergunta Ida.

— O que quer que seja, é bom que a gente faça logo — diz Anna-Karin. — Agora que Max sabe que Mínoo sabe.

O peso das palavras de Anna-Karin aos poucos é assimilado.

Elas passaram o outono e o inverno aguardando este momento. Treinaram e se prepararam. Agora a espera acabou. Quando Mínoo olha para as outras, fica se perguntando se estão prontas para enfrentar Max, que já matou duas pessoas.

— Sabe o que eu acho? — começa Linnéa. — Gente que nem ele não devia poder viver. Ele fez a escolha dele.

— Concordo — diz Ida.

— Ele é um ser humano — diz Nicolaus.

— Exatamente — diz Linnéa. — Ele é só um ser humano. Não deve ser impossível de matar, mesmo que tenha sido abençoado por demônios.

— “Não matarás” — lembra Nicolaus.

— “Olho por olho, dente por dente” — retruca Linnéa.

— Podemos parar com as citações bíblicas, por favor? Não podemos matá-lo — diz Mínoo.

— Sua opinião não conta — diz Linnéa. — Você gosta dele.

Mínoo está prestes a protestar quando Anna-Karin se levanta e encara Linnéa.

— Eu nunca vou concordar em matar uma pessoa — diz ela. — Não podemos chegar tão longe.

— Duas a favor, duas contra — diz Linnéa. — Você desempata, Vanessa.

É um absurdo, pensa Mínoo. Estamos votando se devemos ou não matar uma pessoa.

— Concordo com Anna-Karin — diz Vanessa.

Linnéa fica olhando para a mesa.

— Então é isso. Assunto encerrado.

— Ah, que bom que somos todas amiguinhas de novo — diz Ida com sarcasmo. — Será que eu sou a única que ainda não aceitou isso de Mínoo pegar o professor?

De repente Gato dá um longo miado e se lança na sala de estar como um morcego saído do inferno.

A cabeça de Ida cai para a frente, como estivesse tentando ver algo interessante no próprio estômago.

Uma sensação forte percorre o corpo de Mínoo. Ela a reconhece da noite no parque de diversões. A noite em que todas elas ficaram sabendo de seus destinos.

A cadeira de Ida desliza lentamente, fazendo um som de algo sendo arrastado. Os pés da cadeira deixam marcas no assoalho de madeira.

O silêncio é mortal. Todas olham para Ida.

A cadeira para abruptamente. O hálito de Ida é uma nuvem de fumaça quase imperceptível. E então ela começa a ficar... mais alta?

Não, percebe Mínoo. A cadeira está levitando.

— Ela voltou — diz Nicolaus baixinho.

A cabeça de Ida se ergue e ela as observa com pupilas extremamente dilatadas. Uma fina baba de ectoplasma escorre pelo canto da boca.

— Minhas filhas, fico contente em vê-las — diz ela, com a voz carinhosa e gentil que não é a de Ida. — Mas vocês ainda não confiam umas nas outras. Se quiserem vencer, devem confiar.

Ela olha para uma de cada vez, e Mínoo percebe que o olhar dela se demora em Linnéa.

— Vocês devem encarar o inimigo juntas. Devem ficar unidas. Só assim poderão derrotá-lo. O Círculo é a resposta. O Círculo é a arma.

— Você precisa nos contar mais! — diz Nicolaus.

Ele vai até Ida. Sua mão se estende como se quisesse tocá-la mas não se atrevesse.

Ida o encara.

— É tudo o que posso dizer. E é tudo de que vocês precisam saber.

— Quem é você? — pergunta Mínoo. — A bruxa do século XVII?

Ida olha para ela.

— Sim. Mas agora não há tempo para perguntas — responde ela, e sua voz segue na mente de Mínoo: *Libere*.

Ida olha com suas pupilas imensas nos olhos de Mínoo.

É a chave de tudo, Mínoo. Libere.

Um leve cheiro de fumaça paira na cozinha.

A cama ao lado da de vovô no quarto de hospital agora está vazia e bem-arrumada. Eles estão sós: Anna-Karin, a mãe e vovô.

Minha família, pensa Anna-Karin.

Os dedos da mãe tamborilam na armação de metal da cama. Fica óbvio que ela quer sair para fumar. Já reclamou que não há salas para fumantes no hospital. Nem mesmo uma sacada. E ainda pedem que você vá até a entrada para só então acender o cigarro.

Anna-Karin fica olhando para os dedos curtos e atarracados que ainda têm marcas de queimadura. De repente os dedos ficam imóveis.

Por um instante Anna-Karin acha que forçou a mãe a parar sem querer. Olha para o rosto dela, que parece normal. Anna-Karin não consegue tirar os olhos dela. Pode ser a última vez que elas se veem. Há grandes chances de Anna-Karin não sobreviver a esta noite.

A mãe se remexe, impaciente.

— O que você tem? — pergunta ela.

— Nada.

— Bom, eu vou fumar — diz a mãe, e se levanta.

Assim que ela sai, vovô abre os olhos. Sorri para Anna-Karin.

— Gerda? É você? — pergunta ele.

Uma lágrima escorre pelo rosto dela, pois vovô Gerda morreu há anos.

— Não, vovô. Sou eu. Anna-Karin. Sua neta.

Parece que ele não a escuta. Faz gestos débeis para que ela chegue mais perto. Ela se debruça sobre ele. Vovô a observa com atenção.

— Chegou a hora, não é? — diz ele. — Chegou a guerra?

Anna-Karin faz que sim. Chegou.

Foi Minoos que armou o plano, assim que a bruxa do século XVII abandonou o corpo de Ida, plano este em que Anna-Karin terá o papel mais importante. Um plano no qual nenhuma delas acredita, ela sabe, mas elas têm que deter Max.

Vovô pisca por conta da claridade. Ele pede água, e Anna-Karin lhe entrega o copo azul com bico, colocando-o com cuidado ao lado da boca. É como ajudar uma criança.

— Queria ser jovem e forte para vestir a farda — diz vovô, em tom sonhador, quando termina de beber. — Eu era tão pequeno quando meu pai foi para a guerra.

— Não pense nisso — diz Anna-Karin. — Concentre-se em melhorar para podermos levá-lo para casa.

— Eu não sou de apoiar guerras, Gerda, você sabe — diz ele —, mas também não sou pacifista. Há guerras necessárias. Há coisas pelas quais vale a pena lutar. Você tem que estar disposto a abrir mão da própria vida para fazer o que é certo.

— Eu sei — diz ela.

— Mas o urso é mais perigoso quando encurralado. Lembre-se disso — diz vovô.

— Vou lembrar.

Parece que ele já disse o que precisava dizer. Seu corpo relaxa e ele fecha os olhos de novo. Anna-Karin pega suas mãos e as segura até ele adormecer.

— Adeus, vovô — sussurra ela. — Eu amo você.



Pelo retrovisor, eles veem o Lago Dammsjön congelado. Wille estacionou o carro à beira d'água. É um dia ameno, quente demais para os patinadores se aventurarem no gelo.

Vanessa vê o próprio rosto no espelho retrovisor. Ela envelheceu — não ganhou rugas nem nada: só parece ter mais idade. Está mais adulta. Há uma expressão em seus olhos que ela nunca viu.

Ela abaixa um pouco a janela e inspira o cheiro úmido e suave que é sinal claro de que a primavera está para chegar. Tudo está estático. Apenas o vento murmura no topo das árvores.

— Já estou com saudade — diz Wille.

— Mas eu estou aqui.

— Você entendeu.

Assim que voltou ao apartamento de Sirpa, na noite passada, ela contou aos dois que ia voltar para casa. Sirpa pareceu aliviada, mas tentou esconder.

Wille acaba de ajudar Vanessa a voltar a Törnrosvägen com todos os seus pertences. Ela sabe que ele tem medo que eles terminem. Mas não tem ideia de que pode ser o último dia na vida dela.

Você ainda está com nGéadal pairando sobre você.

Vanessa olha pela janela. É o lugar onde ela e Wille acampavam no verão e construíam fogueiras. Nesta época do ano, o pequeno bosque onde fica seu esconderijo secreto consiste em árvores baixas com galhos nus. Tanta coisa aconteceu desde a última vez deles aqui, na noite da lua vermelho-sangue. E amanhã de manhã estará tudo acabado. Esta noite elas vão atrás de Max. Não importa como acabar, será o fim.

Wille interrompe os pensamentos dela quando a pega pela mão, apertando-a com força.

— No que você está pensando? — pergunta ele.

— Nada em especial.

Como ela poderia responder que está pensando se algum dia verá este lugar de novo?

— Você sabe que eu não tenho jeito — diz ele —, mas estou me esforçando. Só tenho que descobrir o que eu quero fazer. Talvez as coisas fossem mais fáceis para mim quando não havia tanta opção. Sabe, quando era só trabalhar nas minas e tal, pelo resto da vida.

Vanessa se vira para ele e lhe aperta a mão com força.

— Tenho certeza de que seria ótimo viver naquela época — diz ela. — Eu provavelmente ia morrer no fogão fervendo nabos e dando à luz o nosso décimo sétimo filho.

Ela tenta rir, mas Wille apenas a encara.

— Eu não ia querer viver sem você — diz ele.

Ela chega mais perto e os dois se abraçam. Ela o beija com carinho, o que apaga todos os outros pensamentos. Não há passado nem futuro.

Então ela o puxa para mais perto, agarra-se nele com um desespero que não lhe é comum.

Ela quer chegar o mais perto possível, e não é fácil quando há um câmbio entre os dois.

— Venha cá — diz ela, e passa para o banco de trás. Então se deita e tira o casaco.



Mínoo fecha o envelope e o deixa na gaveta da mesa de cabeceira.

“Queridos papai e mamãe”, começa a carta.

É claro que ela não mencionou o que elas farão esta noite. Mas conta uma verdade importante: que os ama. Que se alguma coisa acontecer com ela e eles encontrarem essa carta, nunca devem pensar que a culpa foi deles.

Se elas não conseguirem neutralizar Max hoje à noite, é provável que seus corpos sejam encontrados pela manhã. Cinco jovens que tomaram as próprias vidas em uma magnânima celebração final do infame pacto suicida.

Mínoo se levanta, vai até o patamar da escada e desce ao térreo. O pai e a mãe, pelo menos uma vez na vida, estão juntos. Na sala de estar, lendo, com uma suave música clássica ao fundo: Ravel.

Ela se sente estranhamente tranquila, embora devesse estar aterrorizada. Pela primeira vez desde o início de tudo, ela tem uma meta clara. Elas sabem quem é o assassino e vão detê-lo.

Libere. É a chave de tudo, Mínoo. Libere.

Essas palavras viraram parte dela. Não sabe o que significam, mas algo dentro dela entende.

Foi como quando elaborou o plano. Na cozinha de Nicolaus, depois que a cadeira de Ida parou de flutuar e ela voltou a ser ela mesma, o plano estava lá, claríssimo.

Anna-Karin tem que obrigar Max a desfazer o pacto com os demônios. Ela vai obrigá-lo a ir à polícia e confessar o assassinato de Rebecka e de Elias.

Em outras palavras, Anna-Karin vai comandar o ataque, mas todas têm que estar lá.

O Círculo é a resposta.

Mínoo se lembra de quando elas arrombaram a casa da diretora, como ela e Vanessa não conseguiram se mexer até darem as mãos. Foi só quando Ida e Anna-Karin fizeram o mesmo, na Festa de Santa Luzia, que elas compartilharam a visão de Ida. E Vanessa, Ida e Mínoo

ficaram de mãos dadas durante o ritual em que criaram o soro da verdade.

Todo o falatório sobre elas terem que ficar juntas e serem ligadas não era pura falácia: era fato. Juntas elas são mais fortes. Quando unem suas energias, o efeito combinado é maior do que os individuais.

Elas irão juntas à casa de Max e vão tocar a campainha.

Anna-Karin talvez consiga executar o primeiro ataque com a ajuda de Vanessa, que estará invisível.

Elas vão obrigar Max a entrar em casa. Então Linnéa, Ida e Mínoo vão atrás deles para deixar Anna-Karin enfrentá-lo usando as energias delas.

O Círculo é a arma.

Mínoo fica um instante parada na porta da sala, olhando para os pais, repassando tudo o que escreveu na carta e torcendo para que seja suficiente para eles entenderem o quanto ela os ama.

A mãe ergue o olhar do livro e Mínoo entra na sala. Ela se senta no sofá entre os pais.

— Está se sentindo melhor? — pergunta a mãe.

— Estou. Acho que não era gripe — diz Mínoo.

Hoje ela faltou à aula pela primeira vez na vida.

— Faz um tempão que a gente não senta aqui, só nós três — comenta a mãe, e envolve Mínoo com um braço, acariciando seu cabelo um pouco distraída.

— Aham — responde Mínoo, e se encosta nela.

— Você não disse se quer algo de especial de aniversário. Não falta muito, certo? Está quase em cima, se precisar encomendar.

— Já estou feliz com o que eu tenho — responde Mínoo, e é verdade.

O pai tira os olhos de seu livro. Estava completamente absorto. É assim que tem que ser, pensa ela. Uma noite perfeitamente normal de terça-feira. Mínoo só quer ficar ali sentada, ouvindo a música do piano e o sussurrar de páginas sendo viradas.

Vanessa está atrasada.

Foi difícil sair de casa. Ela jantou com a mãe e Melvin. A mãe estava muito empolgada porque tinha marcado hora com um tatuador para fazer uma cobra mordendo o próprio rabo. Parece que é um símbolo do carma. Frasse ficou peidando embaixo da mesa da cozinha e respirando fundo para sentir o cheiro. Então bocejou e caiu no sono. Melvin brincou no chão com seu pinguim e alguns utensílios de cozinha, vez por outra batendo na perna de Vanessa com um batedor de claras para chamar atenção.

A caminho da casa de Nicolaus, Vanessa tenta guardar aquela sensação calorosa e tranquila que sente por dentro. O sol começa a se pôr e o céu está rosa--claro. Ela evita as poças d'água e os traiçoeiros trechos congelados.

Seu celular toca; ela o puxa do bolso da jaqueta.

É Mínoo.

— Cadê você? — pergunta ela, soando tensa.

— Estou quase chegando.

— Linnéa está com você?

— Não.

— Tentei ligar para ela, mas caiu na caixa-postal.

Vanessa se detém e dá uma olhada no estacionamento vazio atrás do shopping. Um alcoólatra solitário está sentado em um banco, chutando um pombo que ousou chegar perto. Primeiro ela acha que é o pai de Linnéa, mas, quando olha de novo, percebe que não.

— Eu vou até a casa dela dar uma olhada — diz ela. — Me ligue se ela aparecer.



O céu do anoitecer está refletido nas janelas do conjunto habitacional de concreto cinza-sujo, transformando-as em quadrados vermelhos e dourados.

Vanessa caminha apressada rumo à entrada. Percebe que há algo de errado. Muito errado. Tenta pensar em explicações possíveis para o que aconteceu. Linnéa pode ter deixado o celular cair. Ou o esqueceu em casa. Deve estar a caminho da casa de Nicolaus — a qualquer momento Mínoo vai ligar para dizer que ela chegou. Pois Linnéa não iria decepcioná-las. Não agora, logo quando estão prestes a capturar o assassino de Elias.

Enquanto o elevador sobe se arrastando até o andar de Linnéa, Vanessa tenta não pensar no que pode ter acontecido com ela. Que Max pode tê-la descoberto. Seria fácil convencer todo

mundo de que Linnéa se matou. Mãe falecida, o melhor amigo um suicida, pai alcoólatra... Só o fato de ela usar roupas estranhas já a torna candidata natural ao suicídio aos olhos de Engelsfors.

O elevador para e Vanessa desce. Ela fica lá em silêncio, os ouvidos atentos. Está tão silencioso. Ela fica se perguntando se mais alguém além de Linnéa mora no andar. As duas portas mais próximas não têm nomes.

Ela tenta repetir o que fizeram quando estavam ensaiando na casa de Nicolaus e sentir se Linnéa está no apartamento, mas não há como saber. São muitos vestígios de Linnéa — o ar está tomado por sua energia.

Vanessa olha para o chão. O assoalho de concreto verde tem respingos de tinta preta e branca.

Pegadas úmidas levam à porta de Linnéa.

São pegadas grandes. Claramente de um homem.

Vanessa odeia as meninas burras dos filmes que sempre fazem exatamente o que ela está prestes a fazer. As que não ligam para as amigas nem esperam os reforços, as que vão direto para a casa desconhecida onde o serial killer provavelmente está aguardando pela próxima vítima.

Mas é Linnéa. Não há tempo a perder. Vanessa se concentra e fica invisível.

Bem devagar, gira a maçaneta da porta.

Está destrancada. Vanessa adentra o apartamento de Linnéa e fecha a porta.

Há alguém de pé na sala de estar. A silhueta é delineada pela luz que entra pelas janelas, e ela leva um tempo para perceber quem é.

Jonte.

Ele usa uma jaqueta azul-escura que ela já viu algumas vezes em Linnéa. Ele está olhando para a entrada, bem onde Vanessa está.

Ela fica imóvel. Será que ele consegue vê-la?

Ele franze a testa e entra no quarto de Linnéa. Vanessa o ouve abrir o guarda-roupa, remexer as roupas dela, depois as gavetas. É claro que ele está procurando alguma coisa e que está com pressa.

Vanessa hesita. Jonte não devia estar aqui. Ou será que Linnéa mentiu quando disse que eles não estavam mais juntos? Será que ele sabe onde ela está?

Mínoo ainda não ligou. Então Linnéa não chegou à casa de Nicolaus.

Vanessa se torna visível e entra na sala. Jonte ouve os passos e sai do quarto.

— O que você está fazendo aqui, porra? — pergunta ele.

Seu olhar está alerta, o que é incomum.

— O que *você* está fazendo aqui? — responde ela. — E onde está Linnéa?

— Sei lá. A porta estava aberta quando cheguei.

Agora Vanessa está com medo. Não é típico de Linnéa deixar a porta destrancada.

— Achei que vocês tivessem parado de se ver — diz ela.

— Eu também. Mas hoje ela apareceu lá em casa... — diz ele, mas se interrompe. Lança um

olhar desconfiado para Vanessa. — Vocês viraram amiguinhas de repente ou o quê?

— Coisa do tipo — responde Vanessa, ríspida.

Jonte lhe dirige um olhar mais sério.

— Ela fez uma merda das grandes. Eu preciso achá-la. Se você souber onde...

— O que ela fez? — interrompe Vanessa.

Jonte ignora a pergunta.

— Se você a encontrar, me ligue. Eu vou procurar na cidade.

Ele vai na direção da porta, mas Vanessa chega antes e bloqueia seu caminho. Jonte lhe lança um olhar ameaçador, mas ele nunca a assustou. E ela já está assustada demais com outras coisas.

— Saia da minha frente — diz ele.

— Me conte o que ela fez! — Ela percebe que ele está vacilando, e faz uma nova tentativa:

— Se você não me contar, eu não tenho como ajudar.

Jonte suspira.

— Você vai ter que prometer que não vai contar nada para Wille.

— Prometo.

Jonte assente.

— Ela estava muito nervosa quando chegou lá em casa. Só ficou um pouquinho. Levou algumas horas para eu entender o que ela havia feito.

— Por que não desembucha logo? — quase grita Vanessa.

— Eu tinha uma arma no porão — diz Jonte lentamente. — Ela pegou.



Mínoo não consegue ficar sentada. Está andando de um lado para o outro na sala de Nicolaus, com o celular na mão. Anna-Karin e Ida estão sentadas em cadeiras de palha. Tensas. Faz dez minutos que ninguém diz uma palavra.

Quando o telefone de Mínoo toca, todas pulam.

— É Vanessa — avisa ela às outras.

Ela ouve e tenta absorver o que Vanessa lhe conta. Toda a conversa de Linnéa sobre vingança não era da boca para fora. Ela nunca teve intenção de acompanhá-las esta noite. Queria resolver tudo sozinha, a seu modo.

Ela quer atirar em Max.

— Estou indo para a casa dele agora mesmo — diz Vanessa.

— Não! — diz Mínoo. — É muito perigoso!

Nicolaus vem da cozinha, seguido por Gato.

— Eu preciso detê-la — diz Vanessa.

Fica claro que não há como convencê-la a não fazer aquilo. O cérebro de Mínoo está trabalhando a toda, procurando argumentos para impedir que Vanessa corra direto para as garras de Max. Não há nem espaço em sua mente para ficar brava com Linnéa. A situação é crítica. Está tudo vindo abaixo.

— Por favor, Vanessa, espere. Você não vai resolver nada correndo até lá. A gente nem sabe se Linnéa está lá.

— Se alguma coisa acontecer com ela...

O olhar de Mínoo recai no mapa emoldurado da cidade, pendurado junto a uma cruz de prata.

— Nos dê dez minutos — diz ela. — Vamos tentar encontrá-la primeiro.

— A gente não pode esperar! — berra Vanessa.

— Cinco minutos, então. Só cinco minutos. Tive uma ideia. Por favor.

Vanessa fica em silêncio por um segundo.

— Está bem — diz ela.

Mínoo desliga.

— O que aconteceu? — pergunta Nicolaus.

Ela conta o mais rápido que pode e continua falando mesmo quando Ida e Nicolaus tentam interrompê-la com perguntas.

— Temos que encontrar Linnéa — diz ela, enfim.

— Pobre criança — diz Nicolaus. — Nunca achei que ela... Achei que aquele falatório sobre vingança não passasse de uma ameaça.

— Eu também achei — diz Mínoo, e tira o mapa da cidade da parede. — Ida, você vai ter que encontrá-la com o pêndulo.

Mínoo coloca o mapa na mesa enquanto Ida tira o colar e se aproxima.

— É uma região tão grande — diz ela, perscrutando o mapa. — Não sei se vai funcionar.

Anna-Karin se levanta e vai até ela.

— Segure minha mão — diz ela.

Ida hesita. Então pega a mão direita de Anna-Karin. Anna-Karin estica a outra para Mínoo, que a aperta.

Ida começa a balançar o pêndulo sobre o ponto que marca a casa de Max. Os segundos passam. Os olhos de todas estão fixos no coraçãozinho de prata.

— Ela não está lá — diz Ida, e Mínoo sente um grande alívio.

Ida continua a balançar o pêndulo sobre Engelsfors, sobre a região onde Max mora, depois em direção ao centro da cidade.

— Tente o colégio — sugere Anna-Karin de supetão.

Ida movimenta o pêndulo de novo. Ele balança instantaneamente, fazendo um grande círculo em sentido horário.

— Ela está lá.

— Max está com ela? — pergunta Nicolaus.

— Não sei se consigo captar a energia dele.

— Tente — pede Mínoo.

— Talvez ajude se você pensar nele. Você o conhece melhor do que todas nós — diz Ida, sarcástica.

— Eu também vou pensar nele — diz Anna-Karin.

Mínoo fecha os olhos bem apertados e pensa em Max. Tenta fingir que ele está à sua frente. Vê seu rosto, que tinha um significado tão diferente até poucos dias atrás. Ele era a luz de sua vida. Agora é as trevas.

Você o conhece melhor do que todas nós.

Não, pensa Mínoo. Era exatamente o contrário. Eu não o conhecia.

— Achei — diz Ida, e Mínoo abre os olhos.

O rosto de Ida está brilhando de suor. Ela abaixa o colar.

— Ele também está no colégio.

Nicolaus para no estacionamento dos fundos do colégio e desliga o motor. O aquecedor que estava vibrando aos pés de Mínoo cai no silêncio, e os limpadores de para-brisa também são desligados.

Voltou a nevar. Flocos derretidos caem lentamente lá fora.

Mínoo olha em direção à Engelsfors High School, que se ergue na escuridão adiante. Alguns postes lançam um brilho amarelo sobre o pátio. As janelas são quadrados negros. É impossível ver o interior. Mas alguém no lado de dentro não teria dificuldade de enxergar lá fora.

Elas precisam atravessar o estacionamento bem-iluminado. É isso ou abrir caminho pelo pátio igualmente bem-iluminado, em frente à entrada principal. Não há onde se esconder no caminho para entrar no colégio.

Alguém bate na janela lateral ao lado de Mínoo, dando-lhe um susto.

É Vanessa.

Ela abre a porta, e uma golfada de ar frio entra no carro.

— Linnéa está no refeitório — diz ela. — Senti sua energia. Ela está viva.

Enquanto fala, ela olha nervosamente na direção do colégio.

Nicolaus pega seu molho de chaves e o entrega a Vanessa.

— Esta aqui leva à entrada da cozinha pelo portão de entregas. Há um corredor que vai direto até a cozinha.

— Max está com ela? — pergunta Mínoo.

— Não sei. Não consegui sentir.

— Com licença, mas alguém aqui cogitou que isso pode ser uma armadilha? — pergunta Ida.

Mínoo olha para ela pelo retrovisor. Que imbecil. Aquela ideia nem passou por sua cabeça.

Elas estão muito preocupadas em salvar Linnéa.

— Como o que houve com o avô de Anna-Karin no celeiro — prossegue Ida.

— Talvez seja — diz Anna-Karin. — Mas que opção nós temos? Precisamos correr o risco.

Ida claramente não fica feliz com isso, mas não discute.

— Ainda seguimos com o plano? — pergunta Vanessa.

— Sim — responde Mínoo.

Ela se volta para Anna-Karin, que assente.



Há tantas coisas que Anna-Karin gostaria de dizer a Nicolaus, e agradecer a ele, mas não há

tempo.

Mínoo desce do carro e puxa o assento do carona para a frente. Ida desce, mas Anna-Karin para e encara Nicolaus.

— Eu queria poder ir com vocês — diz ele.

— Precisamos também de alguém para nos esperar — responde ela.

— Vou rezar por vocês.

Elas correm pelo estacionamento. O colégio se ergue sob o céu noturno. É como se estivesse crescendo diante dos olhos de Anna-Karin. Ela tenta não pensar em como estão expostas nesta área aberta.

Elas vão até o portão de entregas, onde uma grande porta de metal conduz ao colégio.

Vanessa puxa o molho de chaves.

— Esperem um minuto — pede Ida.

Ela para com as mãos enfiadas nos bolsos, olhando para as próprias botas.

— Se eu morrer e vocês sobreviverem... tem um cavalo no estábulo. Troja. Alguma de vocês poderia ficar responsável por ele?

— Eu cuido dele — responde Anna-Karin.

Ida assente.

— Está bem — diz Vanessa, e fica invisível. — Vamos entrar.



Vanessa empurra a porta. É incrivelmente fácil, a porta se abre silenciosamente. Há uma rampa à frente delas que leva para baixo, em direção à escuridão.

Anna-Karin pega seu celular e acende a lanterna.

— Desligue isso — sussurra Mínoo. — Não sabemos o que tem aí.

Vanessa segura a mão de Anna-Karin, e elas formam uma corrente, com Vanessa na frente e Ida por último.

Ida fecha a porta. As trevas que as envolvem são as mais densas em que Vanessa já se viu.

As quatro ficam imóveis, com os ouvidos atentos.

Só conseguem ouvir a própria respiração e o leve zumbido do sistema de ventilação.

Com cautela, Vanessa segue em frente, segurando a mão de Anna-Karin. Com a outra mão, vai tateando a parede áspera.

Não ousa tentar sentir se Linnéa ainda está viva. Concentra-se em manter a invisibilidade. E em não sair correndo em pânico.

É como estar cega, caminhando com olhos arregalados mas sem enxergar nada. É impossível dizer até onde ela chegou ou o que a aguarda logo a sua frente. Seu corpo todo se encontra em estado hiperativo, pronto para reagir ao mínimo barulho. Depois de um tempo,

Vanessa não sabe se é o silêncio ou a ventilação que zumba em seus ouvidos. Então começa a ouvir sussurros.

Vanessa...

A voz fica mais clara. E ela sabe, apesar de não conseguir explicar, que é de Linnéa.

Vanessa...

A voz é de medo, de desamparo, mas ela está viva. Linnéa está viva. Vanessa apressa o passo. Sente que Anna-Karin e as outras quase não conseguem acompanhá-la. Azar o delas.

Quanto mais ela adentra o colégio, mais difícil é manter a invisibilidade. Há uma estranha resistência, que fica mais aterrorizante quando ela considera como ficou fácil controlar o próprio poder.

A mão de Vanessa encontra uma esquina, e ela para. Seus dedos tocam uma superfície macia. Uma porta? Ela encontra a maçaneta. Gira com cuidado. É claro que está trancada. Ela sussurra para Anna-Karin, pedindo para ela acender a lanterna de seu celular. Elas têm que tentar.

Vanessa pega as chaves e testa uma por uma à luz do celular de Anna-Karin. As chaves fazem um barulho ensurdecedor naquele espaço claustrofóbico e apertado.

Por favor... por favor... me ajude...

A voz é de desespero, carregada de dor. A mão de Vanessa treme quando acha a chave que entra na fechadura. A porta se abre com um clique. Anna-Karin desliga a lanterna antes de Vanessa abrir a porta.



Anna-Karin entra agachada na cozinha atrás de Vanessa, que está invisível.

Do lado direito há uma grande abertura retangular que dá para a área do refeitório. É ali que os estudantes pegam a comida das bandejas de aço inoxidável que ficam na lateral da cozinha. Uma luz fraca vinda do refeitório incide pela abertura, reluzindo nos balcões e nas paredes de azulejo. Prateleiras de plástico coloridas ficam ao lado do lava-louça. A máquina cheira a detergente, comida, vapor e metal.

Anna-Karin está engatinhando pelo chão. À esquerda da abertura, portas vaivém levam ao refeitório. Linnéa está por ali, em algum lugar.

Ela para ao lado das portas, que se abrem com uma lentidão dolorosa quando Vanessa passa para verificar o que há adiante.

Anna-Karin vira a cabeça para olhar para Mino e Ida, que estão encolhidas no chão atrás dela. As duas assentem. É hora de começar. Anna-Karin fecha os olhos. Concentra sua mente. Aos poucos liberta seu poder, com medo de que ele venha à tona como uma enchente e a afogue. Mas, em vez disso, ele preenche seu corpo aos poucos. E então para.

Ela nunca sentiu algo assim. O poder está ali, mas, onde antes havia uma torrente incontrolável, agora é há quase uma gota.

O medo toma conta dela.

Anna-Karin talvez conseguisse derrotar Max na fazenda, mas agora está nos domínios dele.

O colégio é um lugar maligno.



Assim que Vanessa pisa no refeitório, para e observa o recinto.

As cadeiras estão viradas sobre as mesas, com as pernas para cima. A única luz que entra ali vem do salão lateral, onde almoçam os alunos mais populares.

Seu coração bate forte, *tum-tum-tum*, a cada passo que ela dá.

Quando chega mais perto, ela ouve uma voz falando rápido e baixinho. A princípio acha que é Linnéa, mas então percebe que é de um homem.

Ele parece jovem. Mais jovem do que Max.

Tem algo errado.

Vanessa se esgueira junto à parede. Não quer correr riscos desnecessários. Nunca esteve tão insegura quanto a seu poder, se ele vai aguentar.

— Vamos — diz a estranha voz. — Conte. Acredite, eu não queria fazer isso.

O coração de Vanessa agora bate ainda mais rápido. Ela está quase na entrada da sala lateral. Põe-se de joelhos e engatinha pelo último trecho. O ar está carregado de magia. Ao adentrar o campo de força, cada vez mais próxima de sua fonte, ela tem que usar quase toda a sua energia para se manter invisível.

Do canto, ela espia a sala. As mesas foram empurradas para o lado, abrindo um espaço no centro.

Linnéa está sentada em uma cadeira. Seus tornozelos estão amarrados às pernas da cadeira com fita adesiva. Suas mãos estão amarradas às costas. A maquiagem escorreu pelo rosto e ela parece exausta.

— Não faça isso consigo mesma — pede o menino de capuz negro, abaixando-se diante dela. — É só me dizer quem são.

Vanessa não consegue ver o rosto dele, mas tem certeza de que não é Max.

Linnéa fecha os olhos. Choraminga.

Vanessa.

É a voz em sua mente de novo. E, por um momento aterrorizante, Vanessa vislumbra o que se passa dentro de Linnéa.

Ela está lutando para sobreviver. Uma presença externa está tentando entrar em sua consciência, mas ela resiste. E é muito forte. Mesmo que o poder intruso esteja insistindo, ela

consegue mantê-lo à distância. Mas está ficando cansada. Não vai resistir por muito tempo.

Vanessa sente isso com clareza.

Então o menino se levanta. E Vanessa vê quem é.

Elias.

O choque é tão intenso que ela quase perde a invisibilidade. Elias está ali, em carne e osso.

— Você se lembra de quando a gente costumava andar pela eclusa? — pergunta ele a Linnéa, a voz tomada de nostalgia. — A gente sentava lá para fumar e conversar. Você dizia que se eu caísse, iria atrás de mim. Lembra?

— Não tem... não tem como você saber disso — diz Linnéa, arfando.

— Você contou para os meus pais quando eu pulei de verdade. Foi culpa sua eu parar na clínica psiquiátrica. No início odiei você, mas depois percebi que você tinha feito aquilo por amor. Sei que você me ama, Linnéa. Sou seu irmão. Você é minha irmã em tudo, menos no sangue.

— Pare... — pede Linnéa com um gemido.

— Olhe para mim — diz Elias carinhosamente, e olha para ela com atenção.

Linnéa aperta as pálpebras e em seguida as abre novamente.

— Eu sei que você não é o Elias.

Vanessa avista a arma na mesa. Ela foi contra matar Max, mas agora não hesitaria em atirar nele para salvar Linnéa.

— Não faz diferença quem sou — diz ele delicadamente. — Elias está esperando você, Linnéa. Vocês podem ficar juntos de novo. Pare de resistir.

Linnéa balança a cabeça. Vanessa começa a engatinhar em direção à mesa.

— Vamos lá — implora Elias. — Só preciso de mais dois nomes. Diga quem são e tudo estará terminado. — Ele se curva até seu rosto ficar a apenas alguns centímetros do de Linnéa. Ele fixa o olhar nela. — Vamos, me conte — sussurra.

E Vanessa sente como a magia que flui dele fica mais forte. Com os olhos vidrados na arma, ela engatinha rumo à mesa. Sequer ousa respirar. Só mais alguns metros. Uma vez ela convenceu Nicke a lhe mostrar como se usa uma arma. Agora tenta lembrar o que ele disse.

Onde fica a trava?

Linnéa se contorce na cadeira.

— Mínoo... — diz ela.

— Essa eu já sabia — diz Elias, paciente. — Anna-Karin... Mais uma. Diga apenas mais uma que já fico satisfeito.

— Não!



A voz sofrida de Linnéa ecoa pelo refeitório. É fisicamente doloroso para Minoov ouvir.

Vanessa já deveria ter voltado.

— Não podemos esperar mais — sussurra ela para Anna-Karin. — Você consegue influenciá-lo daqui?

Anna-Karin faz cara de pânico e balança a cabeça em negativa.

— Não — sussurra ela. — Talvez se eu conseguir enxergar... mas não tenho certeza.

— Então a gente tem que ir até lá — diz Minoov, se voltando para Ida. — Nós três.



Vanessa está quase chegando à mesa. Uma mão e um joelho de cada vez.

Elias está em frente a Linnéa, os braços caídos, frouxos, de lado. Seu rosto está estranhamente rígido, como se fosse feito de plástico.

Plástico que de repente derrete e se transforma em outro rosto. O corpo se preenche de músculos e fica mais alto.

Max.

Ele ergue a mão até a testa e a aperta com as pontas dos dedos.

— Você disse que ia ficar mais fácil! — diz ele para o nada. — Não quero mais isso!

Vanessa fica de joelhos e tenta alcançar a arma. Se ao menos ela conseguir pegá-la, tudo estará encerrado. Nem Max pode sobreviver a uma bala.

Quando está prestes a alcançá-la, Max pega a arma. As mãos deles não se tocam por um triz.

— Não quero machucar você — diz ele, apontando a arma para Linnéa. — Mas se não falar os nomes, vou matá-la.

— E acha que eu me importo? — pergunta Linnéa com a voz rouca, e olha nos olhos dele. — Acha que eu teria ido até sua casa se me importasse?

Max enfia a arma na cintura. Olha para Linnéa. Então ergue a mão e dá um tapa tão forte nela que a cadeira cai para trás.

Vanessa abafa um grito.

E Max se vira. Um sorriso surpreso se abre em seu rosto ao vê-la.

— Ai está você — diz ele com suavidade.

Vanessa não pensa, apenas se levanta e corre na direção dele.

Max faz um movimento com o braço.



Anna-Karin está no meio do refeitório quando Vanessa passa voando, lançada por uma força

invisível, e desaba em uma mesa. As cadeiras caem no chão. Vanessa é erguida um metro no ar, depois atirada em outra mesa, onde fica presa. Ela grita de dor.

Minoo segura a mão de Anna-Karin e a aperta com força. Ida pega a outra. Anna-Karin sente a energia delas fluindo para si. E também seu próprio poder. Mas nem de longe é tão forte como quando ela o usava rotineiramente no colégio.

Max sai do salão lateral e entra na área central. Olha atentamente para Vanessa enquanto ela se contorce na mesa. Anna-Karin percebe que elas só terão uma chance de fazer isso, e é agora: o momento logo antes de ele vê-las.

Solte Vanessa, ordena ela. Deixe-a em paz.

Max se vira.



Minoo viu a fumaça negra rodear Vanessa quando a garota passou voando pela sala. Agora a fumaça se assentou sobre seu corpo na mesa, como uma bruma densa, oleosa.

Sai mais fumaça de Max. Segue em direção a Anna-Karin. No instante seguinte, a mão dela é arrancada da de Minoo.

Anna-Karin é arremessada com violência para cima, batendo forte no teto, onde fica alguns segundos presa contra os azulejos brancos. Então a fumaça a arrasta pelo teto até ela bater na parede oposta. Ela desliza até o chão e fica ali, desacordada.

A outra mão de Minoo também não segura nada.

Ida a soltou. Está correndo de volta à cozinha.

Mas não vai longe. A fumaça, rápida e silenciosa, chega até ela.

Ela cai no chão. Um círculo de fogo se forma a seu redor. Minoo consegue ver a expressão de pavor de Ida por trás das chamas de um metro de altura que a mantêm prisioneira. Um leve odor de linóleo chamuscado se espalha pelo salão.

Minoo se volta para Max. A fumaça negra ainda rodopia a sua volta, dançando, criando formas no ar, enquanto ele vai em direção a ela. Parece um organismo vivo. Quase chega a ser belo. Sedutor.

— Minoo — diz ele, sorrindo.

Aquilo é o pior. Que ele pareça feliz em vê-la. Como se nada do que ele tivesse acabado de fazer importasse.

— Sei que você não tem como entender agora — começa ele —, mas só quero... a única coisa que sempre quis... foi que ficássemos juntos. Nós dois pertencemos um ao outro.

A ira ferve no sangue de Minoo.

— Mas eu não quero — diz ela, e fica surpresa por sua voz soar tão forte e confiante.

Max para. Parece magoado. A fumaça negra se contorce em volta dele, enviando longos

tentáculos que chegam perto de Minoo, mas recuam no último instante.

Minoo fica onde está. Seu corpo está tomado por sensações desconhecidas. Algo gira no ar em volta dela, flui a sua frente, intoxicando-a com seu poder.

— Minoo — diz Max, debilitado —, o que está fazendo?

— Estou liberando.

A fumaça negra entre os dois se adensa.

Mas não vem só de Max. Está fluindo de Minoo, girando e se agitando com longos tentáculos negros.

Ela é poderosa. Ela é um exército inteiro. Está conectada a algo assustadoramente mais poderoso do que ela. Elas são muitas. Elas são uma. Juntas vão na direção de Max.

Ele a observa, em pânico. Não consegue se mexer. Conforme se aproxima, a fumaça o envolve, impedindo-o de sair correndo. Ela engole a si mesma e a ele em um turbilhão negro.

— Por favor, Minoo — pede Max, caindo de joelhos aos pés dela. — Eu amo você.

As palavras não a comovem. Ela sabe o que tem que fazer. Minoo toca a testa dele. Fecha os olhos e vê: a bênção do demônio.

É como uma aura negra e brilhante que cerca Max. A magia do demônio. A fumaça negra que flui de Minoo sufoca tal magia.

A aura desaparece. No fim, não sobra nada. A bênção se desfaz.

Ela sente a força vital de Max deixar o corpo dele, sugada por sua mão, preenchendo e tornando Minoo ainda mais forte e mais poderosa.

Há algo preso dentro de Max, algo que luta para vir à tona. Ela o ajuda a sair.

É como um peso que de repente se solta.

E os olhos de Minoo se enchem de lágrimas, pois agora ela sente tudo claramente.

Rebecka. É ela que está presa dentro de Max. Mas agora sua alma se irradia por Minoo, enchendo-a de luz. Tudo o que fazia parte dela agora está dentro de Minoo — e então se esvai. Enfim, livre.

Logo depois vem Elias. Minoo o reconhece como se o conhecesse a vida inteira, e muito antes disso. A alma dele a atravessa e some.

Minoo segura a testa de Max, seus dedos passam por entre seus cabelos. O corpo dele cede, e ela fica de joelhos junto a ele enquanto ele cai de lado.

Ela está tomada por ele. Todas as impressões, pensamentos e sentimentos, tudo o que ele já viveu. Tudo o que ele é flui pelo corpo de Minoo, como se captado por um sentido até então desconhecido.

Lembranças.

Max arrastando Linnéa de seu carro até o pátio. As mãos e os pés dela estão amarrados, mas ela tenta resistir.

Ele abre a porta de casa e encontra uma menina desconhecida, de franjas compridas e negras, parada do lado de fora. Ela saca uma arma e diz que ele vai morrer pelo que fez a Elias. Mas ele percebe por sua hesitação que ela não vai atirar. Não é uma assassina. E ele sabe que a

garota é uma Escolhida. Que vai ajudá-lo a encontrar as outras. Um grande presente.

Ele lembra, como se de um sonho, e vê Mínoo a sua frente na sala de aula. *Eles* sussurram que ele se expôs. Ficam furiosos, mas ele sente medo. Medo de que ela não entenda, de que ela não perceba que ele nunca mais vai feri-la, que eles pertencem um ao outro.

O celeiro queima e as vacas urram de pânico. Ele sai correndo com as vozes estridentes *Deles* na cabeça. *Eles* ameaçam não cumprir a promessa. Não vão deixar que Mínoo viva.

Mínoo pergunta se ele pode esperar por ela. Ele pode esperar para sempre.

Está na sala de aula olhando para Anna-Karin: ela mudou tanto ao longo do semestre. Ele sabe como essas coisas acontecem. Por que não percebeu antes?

Mínoo está tão linda quando ele a vê, perto do viaduto. Ele sabe que não deveria, mas a beija mesmo assim. Fez um novo pacto com *Eles*: vão deixar que ela viva.

Aquele momento terrível no banheiro quando *Os* desafiou pela primeira vez.

O primeiro beijo.

De repente ela está em frente à casa dele, que se pergunta se está sonhando quando a vê.

Descobre que Mínoo é quem ele deve matar.

Arranca a alma de Rebecka do corpo enquanto lhe implora perdão.

Ela cai.

Rebecka se vira e vê seu rosto, o rosto de Gustaf.

Rebecka no shopping.

Ele testa o poder de Elias pela primeira vez. Vê a si mesmo no espelho transformado em Gustaf, aquele em quem Rebecka confia, que pode se aproximar dela se necessário.

Vê Rebecka correndo, sabendo que será sua próxima vítima. *Eles* sussurram que ela é mais forte do que o primeiro. Que ele deve se preparar com mais cuidado.

A profecia estava errada, dizem as vozes. Os Escolhidos são sete. Restam seis.

Ele está diante da janela de Mínoo, desejando que não tivesse sido ela a encontrar Elias. Fica se perguntando como ela é, desejando poder consolá-la.

Ele observa a maca com o corpo de Elias ser retirada do colégio e sente alívio. Acabou.

Ouve o espelho se estilhaçar pela porta fechada do banheiro.

Entra na sala de aula e vê Mínoo pela primeira vez. Alice está viva novamente.



Mínoo descobre mais um peso dentro de Max. Como uma âncora que se arrasta pelo fundo e aos poucos é içada à superfície.

A alma dele.

As lembranças vêm cada vez mais depressa.



Ele pendura o pôster de Perséfone, tão parecida com Alice que dói olhar. Uma tortura autoimposta porém prazerosa.

Passa tantas noites acordado, pensando nas coisas terríveis que se comprometeu a cumprir. Lembra a si mesmo que valem a pena. Alice vale a pena.

Ele odeia Engelsfors desde o primeiro instante. A cidade é parecida com aquela em que cresceu.

Os anos lecionando, as mulheres que vêm e vão, amigos que ele odeia em segredo. Aqueles que pensam que o mundo é só o que se enxerga a olho nu.

Eles prometeram trazer Alice de volta. Um recomeço.

Os anos de culpa.



E tudo desacelera mais uma vez.



O funeral é como um transe. Ninguém sabia que ela era tão infeliz.

A ligação da polícia pela manhã. Acharam o corpo no penhasco abaixo da casa.

A festa está acontecendo, a música ressoa. Ele treme de adrenalina. O “amigo” que ele escolheu está ali. “Se alguém perguntar, passei a noite toda com você”, diz Max, pois de repente percebeu algo novo em si. Ainda assim, se surpreende ao ver os olhos vidrados do amigo. Max está sorridente com o primeiro gostinho de magia. Fazer os outros lhe obedecerem.

Deseja que ela morra. Se ele não pode ficar com ela, ninguém pode. Se ela simplesmente se matasse... Ele deseja aquilo de todo o coração. E é então que ela se levanta e sobe no peitoril da janela. Ele sabe que a está obrigando a isso. Eles se olham, chocados. Apenas por um instante. E ela sucumbe ao desejo dele e se deixa cair.

As janelas estão escancaradas para deixar o ar quente do verão entrar, e ela se empoleira no peitoril, a testa apoiada nos joelhos. Diz: “Max, por favor, vá embora.” Ele tenta convencer que a ama, que foram feitos um para o outro. “Não ouviu o que eu disse? Não quero ver você nunca mais”, conclui ela.

Alice, aquela que ele tanto ama, que lhe apresentou a pintura de Perséfone. Eles riem juntos de como as duas são parecidas.

Alice, a primeira vez que ele a vê. Sabe que ela vai fazê-lo feliz.



A alma de Max está prestes a vir à tona. Minoos começa a sentir um grito cada vez mais alto preenchendo sua mente. É Max que grita de dor. É ela que inflige a dor.

Ela sente a infância sombria dele e sabe que, se não soltá-lo agora, vai fazer o mesmo que Max fez com Rebecka e Elias. Vai arrancar sua alma, tomar tudo dele.

Libere.

E Minoos delicadamente libere. Sente o peso afundar mais uma vez nas profundezas. O grito some. Tudo cai no silêncio.

Minoos abre os olhos.

A fumaça negra se foi.

Ela se ajoelha no chão. A testa de Max está vermelha bem no ponto onde sua mão tocou. Os olhos estão fechados. O peito se mexe devagar.

Acabou.

Junho refresca depois da chuva, como se alguém houvesse escancarado as janelas e arejado o mundo. O chão ainda está escorregadio e lamacento em alguns pontos, o que torna difícil para Anna-Karin empurrar a cadeira de rodas de vovô pelo pátio da fazenda, em direção à casa principal. Nicolaus se oferece para ajudar, mas ela recusa: precisa fazer isso sozinha.

Vovô olha para a frente, em silêncio. Anna-Karin não sabe ao certo se ele a reconhece, mas não quer perguntar. Seus momentos de lucidez agora são mais frequentes, e ela sabe que vovô se sente humilhado quando alguém tem que cuidar dele.

Ele está se recuperando, mas a mãe dela se recusa a admitir isso. Quando Anna-Karin sugeriu que o levassem para ver a fazenda uma última vez, ela simplesmente disse que não havia por quê.

“Não seja ridícula. Isso só ia deixá-lo chateado. Isso se ele entendesse onde está.”

Nicolaus a ajuda a subir com a cadeira de rodas os degraus da frente.

— Vou ficar esperando aqui — diz ele. — Leve o tempo que quiser.

Anna-Karin olha para ele, grata, e abre a porta. Por sorte, é larga o suficiente para a cadeira de rodas.

Eles entram na casa vazia. Seguem pela cozinha. Pela sala de estar. Pela sala da frente, a que deixaram de usar depois que vovô morreu.

Nada esconde os defeitos da casa. O papel de parede descolou, lascas de tinta caem nos rodapés e há manchas amareladas no teto, bem acima do lugar onde a mãe costumava sentar para fumar.

Os cômodos sempre parecem menores quando estão vazios. Não deveria ser o contrário?

Já foram cheios de vida, mas agora estão vazios. Essa é a diferença, pensa Anna-Karin.

Antes era um lar. Agora é só uma casa.

Vovô ainda não disse uma palavra, mas ele se estica e dá um tapinha na mão de Anna-Karin quando eles saem da casa. Nicolaus a ajuda a descer os degraus. Ela tem medo de virar a cadeira de rodas sem querer e que vovô caia e se machuque. Não quer nem imaginar o que sua mãe diria se algo assim acontecesse. Ela nem tem ideia de que eles vieram aqui — sequer sabe que Anna-Karin ainda tem a chave.

Anna-Karin empurra a cadeira de rodas à sua frente em direção à cabana de vovô. Ela segue o olhar dele até a nova construção que se ergue no lugar onde ficava o celeiro. O pai de Jari, que comprou a fazenda, decidiu criar porcos.

— Não parece a mesma coisa — diz vovô.

— Não — concorda Anna-Karin. — Não parece.

A cabana não tem mais cheiro de café. Quando Anna-Karin empurra a cadeira de rodas até a cozinha vazia, fica se perguntando se fez a coisa certa ao trazê-lo aqui. A cozinha, o quartinho e

o banheiro encardido são tão sombrios, tão desolados. Anna-Karin olha para vovô. Ele parece pensativo. Ela o empurra até a janela junto à qual ele costumava se sentar.

Ela se agacha ao lado dele e olha para fora. Os dois observam a casa principal, os prados onde não há mais nenhuma vaca pastando. O crepúsculo deste início de verão reluz sobre a copa das árvores.

Este lugar é lindo, pensa Anna-Karin. Ela entende por que vovô e vovó escolheram esta fazenda em especial, neste local, quando Engelsfors era uma cidade promissora.

— Anna-Karin — chama vovô.

Ela olha para ele.

— Staffan não era um homem malvado — prossegue ele. — Seu pai. Ele tinha medo, mas não era mau.

Anna-Karin fica muda. É difícil fazer as palavras saírem, mas ela pergunta:

— Então por que ele sumiu?

— Não sei. Isso é entre ele e sua mãe. Mas ele amava você, Anna-Karin. Amava. Do jeito dele.

— Não o bastante — resmunga ela, e lágrimas quentes escorrem por seu rosto.

Vovô as seca.

— Ele errou em ter ido embora, mas, para começar, acho que ele não tinha muito amor dentro de si. Mía tinha uma queda por esse tipo de rapaz. Os que não tinham muito a oferecer. Mas todo o amor que tinha, ele deu a você. O pouco que tinha a dar era seu, Anna-Karin. Não estou dizendo que era o bastante, mas quero que saiba disso.

Anna-Karin pega a mão de vovô. Sua pele está mais macia do que nunca. Parece que ficou mais fina.

— Trabalhei minha vida inteira — prossegue vovô. — Trabalhava, comia e dormia, depois fazia tudo de novo. Mas ultimamente tenho pensado... não tenho sido justo com você, Anna-Karin.

Ela faz que não com a cabeça.

— Não diga isso, vovô...

— Estou velho e posso dizer o que quiser. E estou falando que cometi um erro. Fechei os olhos para sua situação. Quando aqueles delinquentes do colégio estavam atazanando você, Mía sempre me dizia para não me meter, que ela também havia sofrido *bullying* e sobrevivido. Falava que eu só ia piorar as coisas se me envolvesse. Mas eu deveria ter me envolvido mesmo assim.

Vovô aperta a mão de Anna-Karin, e ela sente que ele recuperou parte da força. Uma força que ela também vê em seus olhos quando ele a observa.

— Você me perdoa, querida?

— Sou eu quem deveria pedir desculpas. O incêndio foi culpa minha.

— Responda minha pergunta. Ou eu nunca terei paz.

Anna-Karin respira, chorosa, e assente.

— Você só estava tentando reaver um pouco do que os outros haviam tomado de você durante toda a vida — diz ele. — Você foi longe demais, mas isso também foi culpa minha. Deveria ter sido sincero com você. Deveria ter dito que você precisava cuidar de seu poder, e não abusar dele.

Anna-Karin sequer se surpreende.

— Você sabia desde o início, não é?

— Só o tanto que minha mente conseguia entender, o que não é muito — responde vovô. — Agora quero sair para o ar fresco.

Eles saem para o jardim. Nicolaus está sentado no carro, acenando para os dois quando eles passam.

Anna-Karin empurra vovô pelo caminho de terra que corta os campos. A mente dele volta a ficar confusa, mas ele continua falando, alternando sueco e finlandês.

Às vezes ele a chama de Gerda, às vezes de Mia, às vezes de Anna-Karin. Conta sobre a família de raposas que morava em uma toca à beira da floresta. Alerta quanto aos falsos profetas. Conta dos refugiados noruegueses que o proprietário anterior da fazenda acolheu durante a Segunda Guerra Mundial. Descreve as noites em que jogava cartas com os pais de Anna-Karin, enquanto vovô Gerda assava pão ázimo e cantava junto com os discos antigos. Anna-Karin fica se perguntando se eram as mesmas canções que a mãe cantava no outono.

Ele acaba caindo no silêncio. Anna-Karin vira a cadeira de rodas e a empurra em direção ao carro. Vovô vai voltar à casa de repouso em Solbacken. Apenas temporariamente, diz sua mãe, enquanto ela e Anna-Karin se ajeitam em um apartamento alugado no centro da cidade.

Mas Anna-Karin sabe. Há um quarto no apartamento que podia ser de vovô, mas sua mãe não colocou nada dele lá. Decidiu deixá-lo em Solbacken.

A lua cheia é como uma sombra branca no céu matinal. Mínoo acompanha o pequeno córrego. Seus pés e suas pernas nuas estão úmidos de andar pela grama alta e encharcada da chuva.

Duas penas negras passam flutuando pela água. Então ela sente um sopro de fumaça.

Mínoo.

Ela ergue o olhar. Rebecka está do outro lado do córrego. Parece tanto a Rebecka real que dói.

Seu rosto voltou a ter cor. Seus olhos estão vivos.

— Sei que você não é Rebecka. Por que não aparece como realmente é? — pergunta Mínoo.

Você sabe quem eu sou?

— Você é aquela que fala através de Ida. Aquela com quem sonhei. A bruxa do passado.

Rebecka não responde. De repente Mínoo não sabe ao certo se está sonhando ou acordada.

— O que você quer? — pergunta ela.

Estou preocupada com você, Mínoo. Você não pode suportar isso sozinha.

— O que quer dizer?

Você sabe o que quero dizer.

Mínoo olha para Rebecka, que está tremeluzindo contra o fundo escuro da floresta.

Precisa contar a elas.

— É tudo o que você tem a dizer?

Sim.

— Tem certeza? Nada além disso? Tipo, que elemento eu sou? E por que meu poder é tomar a alma das pessoas? Sou como Max? É por isso que os demônios têm um plano para mim? E por que não fizeram nada agora que sabem que somos as Escolhidas?

Você precisa da ajuda das outras.

— Vá para o inferno — diz Mínoo, e acorda.



Mínoo se esqueceu de fechar as cortinas à noite, e agora o sol invade o quarto. No jardim, os passarinhos chilreiam de forma ensurdecadora. Há algo de quase desesperado na música do gorjeio: “Olhe eu aqui! Olhe eu aqui!”

É a primeira vez em pelo menos três meses que ela consegue se lembrar de um sonho.

Geralmente não se lembra nem de pesadelos, mas acorda se sentindo enrijecida, dolorida, como se houvesse travado uma batalha durante o sono.

Ela abre o guarda-roupa e avista um vestido azul-celeste de algodão que usou quando passou para o nono ano. Observa-o com desprezo. Agora parece patético ela ter ido até Borlänge com a mãe para comprar um vestido que só usou por algumas horas. E ela achou aquelas horas tão importantes.

Minoo põe o vestido e penteia o cabelo com os dedos.

A mãe e o pai saíram para o trabalho. Há um buquê de lírios-do-vale em um vaso na mesa da cozinha, com um envelope encostado. Minoo o abre e tira um cartão com a foto de um prado no verão. *Um ótimo verão para você! Abraços e beijos do papai e da mamãe* está escrito no verso. O envelope também tem um vale-presente para uma livraria virtual.

Minoo ergue o cartão, passando o dedo indicador sobre a caligrafia elegante da mãe.

Que bom que os pais não estão em casa, pensa ela. É tão difícil fingir que tudo está normal. Ela não sabe como vai aguentar as longas férias de verão.

É como se uma grossa janela de vidro a separasse do resto do mundo. Nada que acontece do outro lado a afeta. Por dentro ela está calada. Às vezes isso a assusta, esta sensação de entorpecimento. Mas é melhor do que o que ela estava sentindo antes: desespero, medo, tristeza.

Ela deixa o envelope na mesa da cozinha, olha para o relógio e percebe que devia ter saído há quinze minutos. Pega a bolsa e um par de sandálias surrado. Não tem a menor intenção de se apressar.



— Onde ela está? — pergunta Adriana Lopez.

Vanessa, Linnéa, Ida e Anna-Karin estão sentadas no palco do coreto com suas roupas de festa. No caso de Anna-Karin, não é exatamente uma roupa de comemoração, mas a que ela está usando para a comemoração — calça jeans e um casaco velho.

Ida, por outro lado, está de vestido branco, sentada sobre as mãos para não se sujar.

Linnéa está de pernas cruzadas ao lado de Vanessa, roendo as unhas, que hoje estão cor-de-rosa. Usa um vestido que terminou de costurar ontem, de xadrez preto e branco com vários laços pretos e uma saínia de tule. Prendeu um laço grande no vestido cor-de-rosa de Vanessa, logo abaixo do decote. Ontem parecia uma boa ideia. Hoje Vanessa se pergunta se não está parecendo um presente embrulhado.

A diretora anda para lá e para cá. Alguns botões da blusa estão abertos. Vanessa tenta não olhar para a pele queimada sob a roupa.

— Ela está chegando — diz Ida. — Agora estou sentindo.

Alguns minutos depois, Minoo aparece. Usa um vestido azul-claro que Vanessa reconhece do último dia do nono ano. Seu cabelo se destaca como uma nuvem negra em torno da cabeça.

— Desculpem o atraso — diz ela, na voz apática que tem usado ultimamente.

A diretora assente.

— Sente-se — ordena ela em tom de impaciência.

Mínoo sobe no palco e se senta ao lado de Vanessa.

— Sei que vocês estão ansiosas para chegar à comemoração do fim de semestre, mas antes precisamos conversar. Tenho algumas notícias boas — diz a diretora. — O Conselho decidiu que vocês poderão treinar magias defensivas neste outono. Começaremos em agosto.

Se não fosse patético, Vanessa teria soltado uma gargalhada. Só agora, um ano depois da morte de Elias, o Conselho acha que elas devem aprender a se proteger.

A diretora havia “deixado as sessões de treinamento temporariamente na geladeira” desde abril. Até ela devia ter perdido o interesse, dado que elas nunca conseguiam encontrar nada no *Livro dos padrões*. Perto do final, elas nem tinham mais que mentir para ela. Desde que derrotaram Max, o livro se tornou uma pedra de tanto silêncio. Não aparecem mais rituais, exercícios nem conselhos incompreensíveis. A velha rabugenta está mais rabugenta do que nunca.

As Escolhidas têm se encontrado regularmente na casa de Nicolaus para dar prosseguimento ao treinamento mágico. Mínoo participa apenas passivamente, e as outras não se opõem.

Elas não sabem nada do poder de Mínoo. A teoria de Nicolaus é de que, quando derrotou Max, ela deu um jeito de fazer a magia de Max se voltar contra ele. Ninguém sabe o que há dentro de Mínoo, o que ela pode mesmo fazer. E, embora nenhuma diga, todas estão com medo dela.

— Então, quer dizer que o Conselho acha que estamos prontas para aprender defesa pessoal? — pergunta Linnéa.

— A situação exige — responde a diretora. — As coisas andam tranquilas desde o Natal, mas quem quer que tenha atacado Mínoo ainda pode estar à espreita, esperando o momento oportuno.

A única coisa que a diretora sabe de Max é o que todo o resto sabe: nada. Elas foram cuidadosas em escolher as pistas que deixariam para a polícia.

Foi Nicke quem encontrou Max caído, inconsciente, no refeitório. Havia também uma arma sem registro, com as digitais dele. Os jornais chegaram a especular que o incidente podia ter algo a ver com o pacto suicida, mas o interesse pelo assunto logo desapareceu. A matéria não era tão empolgante quando se tratava de um professor de matemática em coma em vez de um cadáver ensanguentado.

— Pode parecer que está tudo acabado — prossegue a diretora —, mas a batalha apenas começou. Isso pelo que vocês passaram até agora não se compara ao que está por vir. — Ela faz uma pausa. — Sei que vocês têm grandes poderes. Amadureceram ao longo deste ano e fizeram muitas conquistas.

Ah, se ela soubesse, pensa Vanessa consigo mesma.

— Quero muito continuar a trabalhar com vocês no outono. Agora é melhor vocês irem, se desejam chegar a tempo da diversão — diz a diretora. Então dá um sorriso carinhoso, o que surpreende Vanessa. — Tenham um ótimo verão, meninas. Vocês merecem mesmo umas

férias.

Anna-Karin está sentada nos fundos, olhando para o auditório lotado. Ida, Julia e Felicia estão no coral no palco. Estão radiantes.

Jari não está. Viajou com outros formandos faz alguns dias e hoje a maioria dos alunos ficou em casa. Anna-Karin ainda sente vergonha quando o vê, e provavelmente sentirá pelo resto da vida.

Erik, Kevin e Robin estão sentados em uma fileira do meio. Estão esparramados, conversando alto, ignorando as tentativas de Ove Post de pedir silêncio. Erik acena para Ida, tenta fazê-la perder a concentração. Anna-Karin ouviu boatos de que eles estão ficando. Ela estremece ao imaginar como seriam os filhos deles.

Ela se lembra das palavras de vovô: *Quando aqueles delinquentes do colégio estavam atazanando você, Mia sempre me dizia para não me meter, que ela também havia sofrido bullying e sobrevivido.* A mãe dela quase nunca lhe falou da infância. Ela também foi vítima de *bullying* no colégio? Por isso que ela ficou assim? Ela uma vez já foi uma Anna-Karin? Eles a torturaram até algo se quebrar e não ter mais conserto?

Mia tinha uma queda por esse tipo de rapaz. Os que não tinham muito a oferecer.

Talvez pensasse que não merecia coisa melhor.

Anna-Karin fica pensando o quanto ela própria se magoou. Se algum dia ficará livre do ódio. E, se não conseguir, será que vai acabar como a mãe?

Porque o ódio ainda está dentro dela. Às vezes borbulha, ameaçando inundá-la. Nesses momentos fica difícil não usar magia. Mas ela tem resistido. Não por conta do Conselho nem da investigação, seja lá em que pé ande isso. Não, ela tem resistido pelo bem das outras.

Faz isso por Vanessa, que divide uma garrafa de refrigerante com Michelle e Evelina. Dá para sentir o cheiro de álcool de longe.

Faz isso por Linnéa, que está sentada com o pessoal alternativo, encostada no ombro de uma menina de cabelo azul e vez por outra olhando para Vanessa.

Faz isso por Mínoo, que estava sozinha até Gustaf Åhlander se sentar a seu lado. Anna-Karin tem tentado falar com ela. Sabe, é claro, como é sentir medo dos próprios poderes, medo do que é capaz de fazer, mas Mínoo se recusa a se abrir para ela. Mínoo se fechou para o mundo inteiro.

Faz isso inclusive por Ida. Ida, que é apaixonada por Gustaf desde o quarto ano. Ida, que ama o cavalo Troja. Estes são dois vestígios sutis de humanidade em Ida, e é a isso que Anna-Karin tem que se ater.

Assim como irmãos não se escolhem, as Escolhidas também não se escolheram. E, assim como irmãs, elas têm que aprender a viver juntas.



Evelina e Michelle dão gritinhos de bêbadas nos ouvidos de Vanessa, uma de cada lado, como se fossem fones de ouvido gigantes em forma de Evelina e Michelle.

— Venha com a gente! — zurram elas.

— Mas eu não preciso fazer xixi! — diz Vanessa, rindo.

— Venha assim mesmo! Hoje é nosso dia! — responde Evelina, e dá um gole na garrafa de sidra.

Vanessa ri de novo.

— Vou ficar esperando aqui — conclui, e as empurra na direção dos arbustos mais embaixo do morro Olsson.

Está montada em Wille. Mehmet, Lucky, Jonte e alguns outros também estão lá. A música ressoa em uma caixa de som portátil. Ela beija Wille e ele retribui, e tudo o que ela precisa saber sobre eles está naquele beijo. Tudo vai dar certo.

— Olhem só a velhota — diz Lucky.

Vanessa relutantemente se desgruda dos lábios de Wille e olha para cima.

Mona Raio de Luar está na ponte, fumando um cigarro. Hoje veste uma jaqueta de camurça com franjas. Calça botas, que têm até esporas.

E Mona Raio de Luar está olhando diretamente para Vanessa. Há um leve sorriso em seus lábios. Parece um desafio. Vanessa se levanta sobre seus saltos pouco firmes e ajusta o laço no decote.

— O que você vai fazer? — pergunta Wille.

Ela dá uma risadinha quando sente a cabeça girar.

— Volto em um minuto — diz ela, que vai até Mona e para um pouco perto demais dela.

Mona dá um passo para trás. — Me vê um cigarro? — pede Vanessa.

Mona acende outro e o entrega a ela. As duas trocam olhares enquanto dão tragadas. Os cigarros de Mona são fortes. Cheiram a meia velha.

— Quer alguma coisa? — pergunta Vanessa.

Ela ouve Evelina e Michelle explodirem de rir nos arbustos.

— Faz um tempinho que não nos vemos — comenta Mona.

— Talvez a gente não esteja mais precisando das suas coisas.

— Mas vão precisar. Ainda nem imaginam como seus inimigos são poderosos.

Mas isso não assusta Vanessa, que, neste dia específico, decidiu não dar a mínima para a coisa toda, nem para as responsabilidades, nem para o apocalipse, nem para Nickie nem nada de maligno neste mundo. São as férias de verão.

— Não vai me dizer nada sobre como vou morrer também? — pergunta Vanessa. Ela fica incomodada ao perceber que está arrastando as palavras. Isso estraga o efeito. — Talvez devesse

voltar para a escola de videntes, hein? Porque, como você pode perceber, eu estou bem vivinha, não? — acrescenta.

Mona dá um riso abafado.

— Posso não ter contado *toda* a verdade a respeito daquele símbolo.

— Ah, é? Por que não me surpreende que você reinterprete suas adivinhações quando elas não acontecem?

— *nGéadal* realmente quer dizer morte — diz Mona. — Mas morte também pode simbolizar transformação, mudança. Deixar seu eu para trás e começar de novo. Renascer, por assim dizer. Sua vida inteira vira de cabeça para baixo a ponto de você ter que reavaliar *tudo*.

Mona se inclina para mais perto, os lábios no ouvido de Vanessa. O cheiro de cigarro e incenso faz Vanessa se sentir levemente enjoada.

— No seu caso, *nGéadal* está muito próximo de *muin*. Amor. — Mona volta para onde estava e solta uma baforada no rosto de Vanessa. — Bom verão — diz ela, e se afasta.

Vanessa fica parada na nuvem de fumaça.

— Que porra foi essa? — grita Wille.

Vanessa observa Mona ir embora. Quase se sente sóbria. Joga o cigarro de Mona no chão e pisa nele.

O canal brilha à luz do sol. A igreja fica do outro lado. O cemitério. Ela sabe o que precisa fazer.

— Nessa! — berra Michelle dos arbustos.

Mas Vanessa já seguiu seu rumo.



Mínoo caminha pelo cemitério. O envelope com seu boletim está dobrado duas vezes em suas mãos. Notas máximas em tudo exceto educação física, como sempre. Mas ela não tem a habitual sensação de alívio. É mais uma vaga lembrança da sensação de alívio.

Quando todo mundo começou a se abraçar e a se despedir para o verão, ela saiu sorrateiramente da sala de aula. Então caminhou até o córrego com o qual havia sonhado na noite anterior. Mesmo sabendo que era impossível, torcia para que Rebecka estivesse lá, esperando por ela.

Não estava.

Desde que Mínoo sentiu a alma de Rebecka, ela se agarra à esperança infantil de que a amiga retornará do lugar onde está agora...

Quando o túmulo de Rebecka surge em sua visão, Mínoo percebe que já tem alguém por lá. Não, não no túmulo de Rebecka. No de Elias.

É Linnéa.

Mínoo pondera se deve ficar ou ir embora. Mas então Linnéa se vira e a vê.

— Oi — grita.

— Oi — responde Mínoo, e vai até ela.

Linnéa segura um grande buquê de rosas vermelhas. Ainda com o embrulho de plástico.

— Eu roubei — diz Linnéa. — É meio que tradição. Elias roubava flores para mim. Uma vez ele veio com uma jardineira inteira do Café Monique.

Mínoo sorri. Sente como se não fizesse isso há um bom tempo. Como se houvesse esquecido como se faz.

Linnéa se senta no chão entre Elias e Rebecka.

— A diretora sabe — diz ela. — Ela sabe que foi Max e que fomos nós que o colocamos onde ele está. Também sabe que a gente treina na casa de Nicolaus.

Mínoo leva um instante para absorver o que Linnéa acaba de dizer. É típico dela soltar uma revelação bombástica sem avisar.

Mínoo está prestes a retrucar quando percebe que o que Linnéa disse explica tudo.

Aquele olhar estranho que a diretora lançou a Mínoo no parque de diversões, no último inverno. Agora entende que foi um olhar de incentivo. A diretora fora obrigada a repassar ordens do Conselho. Foi por isso que disse para elas não irem atrás de Gustaf. Mas durante este tempo todo soube o que elas faziam e permitiu. Comprou os subterfúgios e as mentiras delas. Deve ter percebido que elas estavam treinando sozinhas. E, quando Max acabou em coma, não deve ter sido difícil adivinhar o resto.

— Quando você notou isso? — pergunta Mínoo.

— Faz um tempo que eu sei — diz Linnéa, arrancando um tufo de grama com o sapato. — Estou tão feliz que você tenha vindo aqui. Queria falar uma coisa com você, mas não sabia como... O que aconteceu no refeitório. Você não pode deixar isso reprimido aí dentro. Vai matar você. Você já está morrendo.

— Como assim? — sussurra Mínoo.

— Você amava Max. Ele era um assassino. Mas você o amava. Não é uma coisa que dá para superar de uma hora para a outra.

— Assim que descobri que era ele...

— Eu sei. Mas aí você já sentia muita coisa por ele. E deve ter sido arrasador descobrir o que ele fez. Eu me odiaria se descobrisse que sou apaixonada pelo assassino do Elias.

— Eu superei — diz Mínoo.

— Está bem. Justo — responde Linnéa. — Mas a fumaça negra você não superou.

Mínoo olha para ela. Linnéa sabe de coisas que Mínoo não contou a ninguém.

— Entendo que isso assusta — diz Linnéa —, mas não ajuda ficar em silêncio. Talvez juntas a gente descubra por que sua magia e a de Max pareciam iguais e por que ninguém mais notou isso.

— Como sabe disso tudo? — pergunta Mínoo.

Ela sente que devia saber. Que devia ter percebido há tempos.

— Lembra quando Vanessa disse que conseguia ouvir minha voz na cabeça dela aquela noite? Foi uma coisa nova. Eu nem sabia que estava fazendo aquilo. Mas... — Ela hesita. Suas mãos parecem brigar entre si. — Começou no verão passado.

— Está bem — diz Minoo, com o tom mais neutro que consegue.

— A princípio não entendi o que era. Quer dizer, era muito... impossível. No começo só acontecia de vez em quando. Eu meio que captava as coisas.

Ela não pode dizer, percebe Minoo. Quer que eu diga.

E naquele momento Minoo percebe como tudo se encaixa. De uma só vez, mil momentos de estranheza se explicam.

— Você lê mentes — diz Minoo. — É seu poder. E tem isso há muito tempo.

A princípio parece que Linnéa vai negar, retirar tudo o que disse. Mas então afunda e assente.

— Quando nos conhecemos, ainda era uma coisa nova — explica ela. — Logo antes de encontrarmos Elias. Eu sabia que você ia entrar no banheiro porque geralmente se escondia lá nos intervalos. Simplesmente apareceu em minha cabeça.

Minoo não sabe o que dizer. Reflete sobre tudo o que pensou sobre Linnéa desde então, e sobre tudo o que pensou quando Linnéa estava por perto. E então se dá conta de que Linnéa pode estar lendo seus pensamentos neste exato momento.

— Por que não nos contou? — pergunta ela.

— Olhe só quem fala! Fiquei quieta porque sabia que todo mundo ia reagir da mesma forma que você está reagindo agora. Não preciso ler sua mente para saber que você está com um medo absurdo do que a ouvi pensando.

Linnéa parece à beira das lágrimas.

— Você não sabe como era no início — prossegue. — Às vezes parecia que todo mundo que eu conhecia começava a gritar em minha cabeça. Foi por isso que escrevi no diário que você me dava dor de cabeça. Você pensa *demais*. Mas Anna-Karin foi a pior. Ela não parava de pensar em controlar os outros, parecia um berro do cacete entrando em meu ouvido — diz Linnéa, fazendo cara de suplicio para Minoo. — Mas já aprendi a controlar. Quase tudo. Só ouço coisas de vez em quando. E estou ficando cada vez melhor em desligar.

— Mas foi você que atacou a diretora por ela não dizer a verdade. E ficou sentada lá esse tempo todo e...

— Essa era a jogada! Eu estava tentando dizer para vocês que a diretora sabia menos do que dizia.

— Mas a gente podia ter usado isso desde o início! Talvez até descoberto Max mais cedo!

— Eu tentei — diz Linnéa. — Tentei ouvir todos os suspeitos. Ouvi Gustaf, e ele se sentia tão culpado toda vez que pensava em Rebecka... Achei mesmo que era ele. Nunca cogitei Max porque mal sabia quem ele era até você contar.

— Alguém mais sabe? — pergunta Minoo.

— Sim. A diretora.

Minoo nem se surpreende mais.

— Como? — pergunta ela.

— Eu li os pensamentos dela quando ela mostrou as cicatrizes. Ela pensou no homem que amava e no que o Conselho havia feito com ele. Fiquei chocada. E ela viu minha reação. Foi aí que percebeu. Ou já sabia. Ler mentes é uma coisa comum entre as bruxas. Pelo menos de acordo com o livro.

Mínoo passa um longo instante em silêncio. Deveria estar brava com Linnéa. Mas Linnéa tem razão. Ela mesma guarda um grande segredo. Um segredo que não sabe se está pronta para dividir com as outras.

Mas um dia terei que dividir, percebe ela. Nisso, Linnéa tem razão.

— Você me odeia? — pergunta Linnéa.

— Não — responde Mínoo. — Mas você tem que contar para as outras.

Linnéa assente e solta um suspiro profundo.

— Não vou contar nada — diz Mínoo. — Mas você não pode esperar demais.

— Nem você — acrescenta Linnéa, e percebe alguma coisa.

Ela se levanta devagar. Mínoo se vira.

Vanessa vem na direção delas, com seu vestido cor-de-rosa justo. Um de seus saltos prende na grama, e ela tropeça. Elas a ouvem xingar.

Linnéa toca no braço de Mínoo e aponta. Anna-Karin dá passos pesados com as mãos nos bolsos do casaco, o cabelo comprido balançando em frente ao rosto.

As lágrimas ardem nos olhos de Mínoo. Ela olha ao redor e, é claro, Ida aparece da direção oposta. Empurrando a bicicleta por entre as lápides.

Mínoo se sente completamente calma.

Todas se reúnem em torno dos túmulos de Elias e de Rebecka. Trocam olhares, mas nenhuma diz nada. Ninguém precisa explicar por que estão aqui.

Elas são o Círculo. Lutaram juntas pelas próprias vidas. E lutarão de novo.

Linnéa pega o buquê de rosas e o divide em dois. Parte fica no túmulo de Elias. A outra, no de Rebecka.

Mínoo pensa nas almas de Elias e de Rebecka. Em como eles se sentiram vivos quando ela os libertou.

— Vocês acham que eles estão aqui agora? — pergunta Anna-Karin.

Mínoo balança a cabeça. Não consegue explicar por quê, mas de repente tem certeza.

— Não — responde ela. — Estão onde devem estar. — Segura a mão de Linnéa e acrescenta: — E nós também.



TERRA



FOGO



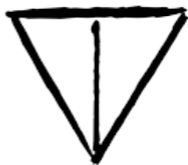
AR



ÁGUA



METAL



MADEIRA

Agradecimentos

Obrigado a nossa fantástica editora Marie Augustsson, que sentiu a magia desde o princípio e que nunca duvidou de nossa capacidade — ou pelo menos escondeu bem. Obrigado também a nossa editora Sofia Hahr, que acenou com novas perspectivas quando já estávamos cegos de tanto olhar. Balões, tortas e meninas fazendo estrelinhas com pompons para Eva Ehrnström, Karin Rowland e a incrível equipe da Rabén & Sjögren/Norstedts, que deram ao nosso bebê a chance de crescer neste vasto mundo.

Obrigado também a Lena, Maria, Lotta e Peter, da Grand Agency. Vocês nos guiaram e sempre fizeram com que nos sentíssemos os escolhidos.

Obrigado a Kim W. Andersson, que conseguiu traduzir nossas vontades bem vagas em três ilustrações de capa que ficaram mais bonitas do que poderíamos imaginar.

Obrigado a Pär Åhlander, que conseguiu encontrar um formato que resumia tudo o que queríamos transmitir e que não descansou até chegarmos à perfeição.

Obrigado a Catharina Wrååk, que leu o primeiro capítulo ainda em estado bem preliminar e nos deu conselhos que pouparam muito trabalho.

Obrigado a Tommy e a Stefan Runarsson, que nos ensinaram como era a vida de Anna-Karin na fazenda, e a Anna Bonnier, que nos ajudou a preencher lacunas na vida de Linnéa. Obrigado também a Maria Sadeghzadeh e sua família, Elisabeth Östnäs e Camille Tuutti.

Mats gostaria de agradecer a Margareta, que permitiu que montássemos nosso acampamento de escritores em sua linda casa, e também por ter criado uma filha tão esplêndida. Sara gostaria de agradecer à mãe por sempre ler, apoiar, desafiar e estar por perto para discutir livros, a escrita e a vida em geral. Obrigada por tantas histórias!

Sara também gostaria de agradecer a Margit e a Micko Strandberg, pela recepção calorosa durante nossa viagem de pesquisa a Bergslagen, e também, é óbvio, por criar um filho tão lindo e tão talentoso. Mats gostaria de expressar sua gratidão aos pais, que sempre o deixaram chegar em casa, trancar-se no quartinho e só dar as caras lá embaixo na hora do jantar. Amo vocês mais do que qualquer pessoa no mundo.

Mats gostaria de agradecer a Micke — quando duas pessoas trabalham juntas, vez ou outra as coisas podem ficar malucas, então obrigado por permitir que eu sequestrasse a mente de sua esposa todo esse tempo. Sua paciência com minha presença não tem limites... “não é?” Sara gostaria de fazer um agradecimento de dez páginas a Micke pelo apoio, pelo entusiasmo, pelo humor, pela paciência, pela amizade e pelo amor incondicionais. Às vezes as palavras não bastam.

Sara também gostaria de agradecer à irmã Sofia — pelo entusiasmo, pelos conselhos e por Frasse. E agradecimentos ao pai, Claes, pelos comentários valiosos, e a LucasArts Games, por ensiná-la a se virar no teclado.

Um grande agradecimento àqueles que leram o manuscrito em várias etapas e que deram conselho e incentivo de grande valor. Alguns de vocês: Elin Borowski, Elisabeth Jensen Haverling, Siska Humlesjö, Viktoria Aponte Persson, Mathilda Elfgren Schwartz, Johanna Paues Darlington, Rickard Darlington, Minna Frydén Bonnier, Anton Bonnier, Hans-Jörgen Riis Jensen, Anna Andersson, Emelie Thorén, Johan Ehn, Lina Neidestam, Pär Åhlander e Levan Akin.

Obrigado a todos os amigos e colegas pelo apoio e por suportarem toda vez que sumíamos em Engelsfors — e aguentarem o fato de que, quando finalmente voltávamos a visitar o mundo real, éramos uma bizarra criatura de duas cabeças.

E um obrigado honorário especial à Maria Tifoide literária de cognome Helena Dahlgren, que nos uniu porque achou que íamos gostar um do outro. Você nem sabia o quanto tinha razão — e olhe só o monstro que acabou criando.



Mats Strandberg é autor e jornalista, premiado em 2004 com o título de Colunista do Ano pela Sveriges Tidskrifter, a Associação Sueca de Editores de Revistas. Nasceu em 1976 na cidade de Fagersta e mudou-se para Estocolmo em 1992, onde mora até hoje.

Sara Bergmark Elfgren é formada em cinema e começou a carreira como roteirista. Nasceu em 1980, em Estocolmo, onde vive com o marido. *Círculo* é seu romance de estreia, e atualmente ela está trabalhando no roteiro da adaptação cinematográfica do livro.